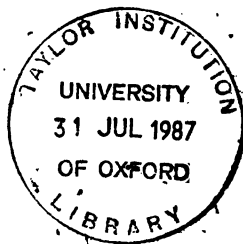
# OBSERVAÇÕES
SOBRE
AS PRINCIPAES CAUSAS DA DECADENCIA
DOS
# PORTUGUEZES NA ASIA,
ESCRITAS
POR DIOGO DO COUTO,
EM FÓRMA DE DIALOGO,
COM O TITULO
DE
# SOLDADO PRATICO,
PUBLICADAS DE ORDEM
DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DE LISBOA,

POR ANTONIO CAETANO DO AMARAL,
SOCIO EFFECTIVO DA MESMA.

LISBOA
NA OFFIC. DA ACAD. REAL DAS SCIENCIAS.
ANNO M. DCCXC.
*Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

# INTRODUCÇÃO.

PRocurando a Real Academia das Sciencias, por todos os meios que lhe saõ possiveis, promover a Litteratura Portugueza, e ganhar os bens que o adiantamento della traz á Naçaõ; e tendo começado a applicar, como hum destes meios, o de fazer imprimir as Obras ineditas, que ou pela belleza do estylo, ou pela importancia da materia, possaõ servir ao seu intento; me fez a honra de commetter-me o cuidado da ediçaõ de huma Obra, em que parecia concorrerem ambas aquellas razões de merecimento.

Era hum Manuscrito adquirido pela Academia, que continha dous Dialogos com este titulo: *Dialogo do Soldado prático, que trata dos enganos, e desenganos da India; feito por Diogo do Couto, Chronista, e Guarda mór da Torre do Tombo da India.* Bastava o nome do Author para recommendar a Obra: e com effeito naõ era pouco desejada de todos os que tinhaõ a noticia de que ella se escrevêra. Sabia-se que Diogo do Couto, movído do zelo do bem público, compuzera hum livro, a que intitulára: *O Soldado Prático*, no qual tratava dos abusos, e males, que de seu tempo se haviaõ já introduzido no governo do Estado da India: que antes de aperfeiçoar esta Obra, lhe fôra furtado o original della, e trazido sem nome de Author a este Reino, onde fôra trasladado por varias mãos; as quaes cópias (como diz Severim) eraõ tidas em grande estima: que sendo disto avisado o Author, muitos annos depois reformára a dita Obra, ou quasi a fizera de novo.

Esta noticia excitava o pezar de que hum tal Escrito estivesse até agora escondido, e roubado ao pro-

proveito, que delle se pudera por ventura haver tirado. Via-se a grande falta, que entre nós ha de Escritos deste genero, contentando-se os Escritores, a que devemos a memoria das nossas Conquistas, com a relação das façanhas militares; e conhecia-se por outra parte, que ninguem houve, que como Diogo do Couto unisse aos dotes naturaes mais meios dos que eraõ necessarios para desempenhar semelhante assumpto.

Mas para justamente avaliarmos o merecimento desta Obra, e entrarmos no seu espirito, he preciso que nos ponhamos no ponto de vista, do qual Diogo do Couto olhava para a nossa Conquista, e para o estado della. Naõ o figuremos hum Filosofo, que livre de toda a preoccupaçaõ, e paixaõ, toma o lugar de Censor da justiça com que se procedeo no negocio da Conquista, e da pureza de espirito dos mesmos Conquistadores: ou que entre no exame politico dos bens, e males que ao systema da Monarquia Europea fariaõ aquellas remotissimas Colonias: ou que finalmente desenhando hum ajustado systema do commercio Asiatico, e combinando com elle os passos que os Portuguezes até o seu tempo haviaõ dado, note o em que se desviáraõ do caminho, ou o erráraõ. Naõ consentia o tempo, em que Couto vivia, semelhantes idéas.

Foraõ os Portuguezes desde o seu nascimento homens de guerra: della fizeraõ o seu aturado exercicio; e della se lhes formou por consequencia a sua particular natureza. Apenas se achaõ pacificos possuidores do Terreno, que de principio demarcáraõ para assento da Monarquia, impacientes do ocio, vaõ além dos mares buscar novo Terreno, em cuja acquisiçaõ sevem a sua fome de guerra. A navegaçaõ, meio necessario para esta nova Conquista, dá occasiaõ a se descubrirem terras, e Gentes até ahi desconhecidas; e accresce logo ao enthusiasmo de

con-

conquiſtar o de fazer novas deſcubertas. A barbaridade, e os erros em que vivem eſſas Gentes, que vaõ deſcubrindo, lhes dá no ſeu entender, o direito de os matar, ou cativar; e parecem leões raivoſos, que naõ conhecem neſſes homens os ſeus ſemelhantes.

Formado neſta eſcola o noſſo Couto, naõ ſó bebeo desde os primeiros annos aquellas idéas; mas até nutrio em ſi a inclinaçaõ, e eſpirito guerreiro, ao qual ſatisfez logo que a morte de ſeu pai, e de ſeu amo o Infante D. Luiz, deſmanchou outros projectos, que a favor delle tinhaõ: aliſtou-ſe na milicia Indiana, que entaõ era o alvo de todo o Portuguez que queria pelas armas ganhar nome glorioſo.

E aqui encontramos já o ponto de viſta, em que elle ſe achava a reſpeito do Eſtado da India. Tem por huma empreza juſta, e legitima tirarem os Portuguezes das producções da Aſia hum fundo de riqueza para o Eſtado á força de armas. Neſta hypotheſe naõ póde ter por vicio qualquer das violencias, com que ſe procure ſuſtentar aquella primeira violencia: ſe neſte, ou naquelle projecto militar houve temeridade, com tanto que foſſe bem ſuccedido, paſſa por deſpejo, e valentia; ſe no calor da acçaõ houve ſobeja crueza, naõ ſe repreſenta tal aos olhos de hum guerreiro. Naõ ſaõ pois eſtes vicios os que Couto ha de notar como deſtructivos da feliz ſorte da India.

Ao contrario a principal virtude, ou o meio mais certo para conſervar florente a India, conſiſte, na ſua idéa, em naõ largarmos as armas: e tanto deve conſiderar eſte meio pelo mais eſſencial, quanto he mais bem fundado o receio de que Póvos que naõ conheciaõ ſujeiçaõ, em quanto naõ conhecêraõ os Portuguezes, naõ aturem quietos debaixo do jugo, á primeira eſperança que lhes apontar de o poderem ſacudir. Sim leva o Author ſempre

pre diante dos olhos o fim ultimo da Conquista; que era o augmento da riqueza do Reino; e por isso principalmente intenta nesta Obra notar o vicio, que mais diametralmente se lhe oppõe; isto he, o de preferir cada particular o seu interesse ao público. Mas como assenta que o meio indispensavel de conseguir aquelle fim he o da guerra; a immediata, e mais prejudicial consequencia, que se lhe appresenta, da ambiçaõ dos particulares, he o enervar-se-lhes o esforço, e quebrantar-se-lhes o espirito marcial, de cujo quebrantamento tem por effeito certo a ruina do commercio naquella Conquista.

Ora bem se vê quanto era mais difficil sustentar o interesse do Patrimonio público pelo meio das armas, que pelos meios naturaes de estabelecer, e augmentar o commercio. Se os homens obrigados a trabalhar no interesse commum da Sociedade, mal podem aturar, se lhes tarda o divisarem, ao menos ao longe, a parte que dalli resulta ao seu particular interesse; como aturaráõ quando em vez deste interesse naõ vem mais que trabalho, fadiga, e continuado risco de vida? Quem póde pretender que hum estado taõ violento á humanidade, como o da guerra, faltando-lhe o calor da imaginaçaõ, ou de alguma paixaõ, de que só póde alimentar-se, ainda fique durando? Diga-o o constante fado dos Póvos os mais belicosos: conserváraõ-se armados em quanto se lhes naõ offerecêraõ objectos, que lhes lisongeassem o commodo, e os appetites: apenas estes attractivos se lhes appresentáraõ a certa distancia, lhes arrebatáraõ a alma toda; e logo deixaõ cahir as armas, como hum pezo insupportavel.

Nenhuns outros homens o supportariaõ tanto tempo como os Portuguezes, a quem o maior enthusiasmo de gloria, que já mais houve, fortificado com o hábito da guerra, tinha formado huma

in-

indole brava, e ferina: mas em fim ſendo eſte eſtado como empreſtado, e contrafeito no homem, á medida que lhe faltaſſe o fomento havia de ir infallivelmente deſcahindo. Nos principios da noſſa Conquiſta tudo excitava os homens á peleija; o appetite da nova empreza, a neceſſidade de ganhar terreno, as diſtincções, e privilegios liſongeiros do amor da gloria.

Paſſado eſte primeiro impeto, e neceſſidade, era preciſo para ſe ſuſtentar aquella difficil obra, que o homem que preſidiſſe a ella foſſe hum homem inteiramente dominado do bem público do Eſtado, e eſquecido de ſi, e dos ſeus intereſſes; hum homem perito da politica, e da guerra; bravo, e intrepido, mas ao meſmo tempo ſagaz para prevenir, e prudente para naõ converter em damno as meſmas virtudes militares; juſtiçoſo ſem fereza, liberal ſem deſconcerto: que ſoubeſſe influir eſtas virtudes nos ſubalternos; e manter os ſoldados no tezaõ da honra militar, ſem inſolencia, nem deſordem. Succedeo a Diogo do Couto cahir-lhe o tempo do ſeu ſerviço da India no de Vice-Reis, em que obſervou aquellas qualidades, e os bens que ellas produziaõ no governo do Eſtado: alcançou ainda parte do governo de Franciſco Barreto; ſervio em todo o tempo do grande D. Conſtantino de Bragança, e do Conde de Redondo D. Franciſco Coutinho.

Eſte prático conhecimento do bom Eſtado da India lhe fez ſentir ainda mais a differença que depois obſervou, quando, obtido o deſpacho dos ſeus ſerviços neſte Reino, foi viver para a Capital daquelle Eſtado, donde, como de alta atalaya, melhor deſcortinava todo o bem, e mal delle. Obſervou, que huma vez que ſe interrompeo o furor da guerra, e houve tempo para cada hum começar a provar das commodidades da paz, logo

foi

foi desapparecendo a cubiça da gloria, e do nome, que dantes era o movel de todas as acções dos Portuguezes na India, e entrou no lugar della a ambiçaõ do lucro: e de principio taõ differente, que differentes naõ seriaõ as consequencias?

Vio que começando o lugar de Viso-Rey a se considerar como hum meio seguro de enriquecer; aos mais ambiciosos, e vãos, he que a intriga adquiria aquelle grande posto: que hum homem possuido deste espirito vendo-se encerrado no estreito limite de tres annos, dentro dos quaes necessitava de grangear a fortuna, e de a pôr em salvo, mal podia empregar os seus pensamentos, e diligencias em outra cousa, que na sua propria causa; que este mesmo espirito insensivelmente se hia diffundindo pelos subalternos, a quem o dinheiro abria o caminho para a privança do Vice-Rey. Accresciaõ ás vezes a isto defeitos particulares de alguns Commandantes, avareza, emulaçaõ, crueza.

Tudo logo de mãos dadas conspira para a ruina da disciplina militar, e do bem do Estado. Os soldados naõ tendo superiores que os exercitem na milicia, e accendaõ para a guerra, se deixaõ levar da commodidade do ocio, e dos entretenimentos que o costumaõ acompanhar; faltando ao mesmo passo as recompensas honrosas, outro estímulo para a guerra, as quaes só eraõ dadas aos que sabiaõ lisongear as paixões dos Governadores, cuidava cada húm sómente em lançar mão dos meios, que no Reyno lhe facilitassem o despacho, ou de ganhar assàs de fazenda, que lho supprisse; ou de armar huma soffrivel passagem na India, onde se casavaõ, e estabeleciaõ, tornando-se de soldados mercadores: e a que extorsões, e roubos naõ abria isto caminho? Com elles hiaõ exasperando cada vez mais aos Indios, ao mesmo tempo que com a sua molleza, e ocio os deixavaõ fortificar; e assim con-

cor-

corria tudo para estes se pôrem em estado de recobrar a sua antiga liberdade, e frustrar tantos trabalhos, e tanto sangue dos nossos Conquistadores.

Todos os males que destas primeiras fontes rebentavaõ, e alagavaõ a India, he que Diogo do Couto descreveo exactamente no primeiro Dialogo, o qual compoz no tempo, que ainda reinava o Senhor Rei D. Sebastiaõ, como do mesmo Dialogo se vê: no qual introduz por Interlocutores hum Vice-Rey novamente eleito, e hum Soldado velho da India, que andava na Côrte em seus requerimentos, com o qual se pretende informar, e aconselhar sobre as cousas que lhe importavaõ para a jornada, e o mais que tocava ao manejo da Fazenda Real, e da milicia daquelle Estado.

Correo o tempo. Vio Diogo do Couto ainda Governadores, que fizeraõ alguns esforços por ter mão na torrente das desordens, e suscitar huma imagem dos bons tempos da India: mas, exceptuando esses pequenos intervallos, vio crescerem, e multiplicarem os males. Foraõ-se-lhe tambem multiplicando os meios de os descubrir, e observar, sendo provído no emprego de Guarda-Mór da Torre do Tombo, logo que Filippe II. mandou pelo Vice-Rei Mathias de Albuquerque ordenar aquelle Archivo para nelle se recolherem todos os Tratados de pazes, Provisões, Regiltos de Chancelleria, e mais papéis de importancia, que até ahi costumáraõ estar em poder do Secretario, e de outras pessoas.

Estimulado com estas causas o seu zelo; e naõ fazendo conta com a primeira Obra, que dava por perdida, ou muito viciada, péga segunda vez da penna, e compõe outra no mesmo genero Dialogico, na qual, por querer comprehender mais materia que na primeira, e notar naõ só os erros, e desordens da India, mas os que se commettiaõ no Reino em respeito a ella; introduz a fallar, além de

de hum Governador, que tinha ſido da India, e hum Soldado prático della, hum Deſpachador, em cuja caſa ſe encontraõ. Entra Diogo do Couto neſte ſegundo Eſcrito mais miudamente nas differentes traças, que a ambiçaõ dos particulares havia inventado para tirar lucro do Eſtado da India, á cuſta do Eſtado; deſcobre até os mais pequenos ramos que brotavaõ da raiz da inſolencia, e da injuſtiça: obſerva como das meſmas ſábias providencias dadas nos primeiros tempos para a conſervaçaõ, e bem daquelle Eſtado, humas eraõ illudidas, outras pela mudança das couſas já incompetentes, outras finalmente convertidas pela malicia dos homens em occaſiaõ, e pretexto para abuſos: e deſtas obſervações combinadas com o eſtado preſente da India, deduz os remedios que ſe deviaõ applicar para a cura de taõ graves enfermidades, e para que aquelle Eſtado pudeſſe ainda recobrar o ſeu primeiro vigor.

Eſte ſegundo Dialogo (o qual com tudo vai impreſſo primeiro que o outro, do modo que ſe achava no manuſcrito, por ſer o que o Author quiz que ſe tivéſſe pela ſua verdadeira Obra) eſte Dialogo, digo, naõ he eſcrito com tanta ſimplicidade, e preciſaõ, como o primeiro: naõ ſuſtenta com tanto decoro o caracter do Soldado, levado o Eſcritor do goſto, que já entaõ reinava de carregar os eſcritos naõ ſó Moraes, mas ainda Hiſtoricos, de demaziada erudiçaõ. O meſmo titulo da Obra naõ tem aquella ſingeleza, que ſe reduz a dar a conhecer ſimples, e claramente o aſſumpto della. Até a diviſaõ ſabe á meſma affectaçaõ, feita em vez de Capitulos por Scenas. E poſto que eſte frontiſpicio ſeja aleivoſo á Obra inculcando-a de máo goſto; naõ nos atrevemos a lho mudar por conſervarmos intacta, e darmos fielmente á luz a compoſiçaõ de hum Eſcritor taõ reſpeitavel; e em cuja liçaõ achará logo

quem

quem a queira fazer, o bem que o titulo lhe naõ promettia: achará além da materia o estylo proprio deste genero de escrito; achará por entre os factos singelamente referidos, que interessaõ a curiosidade, reflexões judiciosas, que instruem: e em todo elle huma certa graça que desterra o fastio.

A mesma fidelidade que se teve no titulo, e divizaõ dos Dialogos, se guardou em tudo o mais, que se podia conhecer ser do Author; quanto o deixava conhecer a Copia, que unicamente se poude descobrir, cheia de erros, e que naõ tinha de bom mais que hum caracter assaz intelligivel, que ao menos mostrava claramente o que escrevêra o Copista, mas que deixava em infinitos lugares bem ás escuras o que o Author quizera que elle escrevesse. Donde vem que esta primeira ediçaõ, que parecerá defeituoza, ou de pouco trabalho a quem sómente lê a obra depois de impressa, seria bem diversamente avaliada por quem a cotejasse com o manuscripto, do qual se se continuassem a tirar copias por pessoas taõ pouco intelligentes como à que transcreveo esta, em pouco tempo naõ haveria nem o esqueleto da Composiçaõ de Diogo do Couto.

Vendo-me pois ligado por huma parte com a fidelidade que devia guardar ao A., a qual me tolhia a liberdade de dar as minhas conjecturas pelos seus pensamentos, ou as palavras, e frazes da nossa idade pelas da sua; e por outra com a obrigaçaõ de o livrar dos aleives, que o Copista lhe levantára, procedi nesta maneira.

Emendei, ou para melhor dizer, restitui todas as palavras, em que evidentemente se conhecia haver erro do Copista, como em nomes proprios, ou em erros de igual evidencia.

Onde o sentido estava obscuro; se era quasi palpavel o erro, e que com huma pequena alteraçaõ se remediava, se fez esta no texto, advertindo-a

do-a em nota. Onde porem a emenda pareceria de mais liberdade, conſervei o texto, e apontei em nota o que me pareceo que deveria eſtar eſcrito. Onde finalmente ſe via falta, ou vicio maior, cuja emenda ſeria muito arbitraria, me contentei com notar que o lugar ſe conſervava fielmente conforme ao manuſcripto; para que ſe ſoubeſſe que o erro procede deſte, e naõ da falta do Editor, ou do Impreſſor.

Eſtas foraõ as leys, a que entendi eſtar ſugeito quem publíca huma obra até alli inedita: o qual depois de procurar ter os ſubſidios neceſſarios para conhecer o genio do Author, a linguagem do ſeu tempo, e a materia de que trata, deve conſervar quanto conhece que he do Author; e com advertencias poſtas em os lugares que recêa naõ ſerem fieis, deixar caminho aberto a que pelo tempo adiante deſcobrindo-ſe manuſcritos mais correctos, e combinando-ſe com eſtes o impreſſo, ſe poſſa ir nas ſeguintes edições emendando, e tornando-ſe genuina a compoſiçaõ do Author, que ſe procura immortalizar por meio da impreſſaõ.

CAR-

# CARTA
## DE
# DIOGO DO COUTO
## AO
# CONDE DE SALLINAS, E RIBADEO,
### Duque de Villa-Franca, do Conselho Supremo do Estado de S. Magestade.

AQuelle famoso, e eloquente Capitão Alcibiades Atheniense, parece que por querer responder, e vituperar os jogos Silenos, que representavaõ as figuras torpes de Baccho, ordenou outros jogos, a que chamáraõ depois *Silenos de Alcibiades*, nos quaes, debaixo de figuras grosseiras, e pouco polidas, se encerravaõ outras obras de muito artificio, doutrina, e invençaõ; cousa que era muito estimada entre os Gregos. Assim este pobre Soldado, ou Sileno, que se vai lançar aos pés de V. Excellencia em figura taõ rústica, mal ordenada, e que parece aborrecerá quem o ver a cara, ou V. Excellencia sem o julgar pelo trajo, achará debaixo daquella rustiquidade muita doutrina politica, moral, muitos exemplos, muitas verdades, e muitas cousas, que se se remediarem, faraõ huma República, como esta de que trata, taõ próspera, e taõ felice, como foi aquella de Athenas, que com este artificio a foi o seu Alcibiades reformando, e ordenando, até a pôr em sua perfeiçaõ. Tudo o que V. Excellencia quizer saber delle, ouça o que elle dirá sem importunaçaõ, sem adulaçaõ, e sem paixaõ: e eu fico que se satisfaça delle, porque ouvirá cousas, que póde ser naõ ouvisse da bocca de outro Soldado; e naõ quer outra satisfa-

çaõ

çaõ mayor do trabalho, que leva nesta jornada, que ser ouvido de V. Excellencia, porque entaõ cuidará que podem ter remedio os males de que se queixa. Deos guarde, &c. Goa 20 de Dezembro de 1611.

*Diogo do Couto.*

DIA-

# DIALOGO DO SOLDADO PRATICO,

## QUE TRATA DOS ENGANOS, E DESENGANOS DA INDIA.

### ARGUMENTO.

*Estando hum Fidalgo, que fora Governador da India por successaõ, em casa de hum Despachador de Portugal, entrou hum Soldado velho da India, que hia a dar sua petiçaõ, e papeis; e entre todos tres se passou o Dialogo seguinte.*

### SCENA I.

*Soldado.*  Já agora meus negocios naõ podem deixar de ter muito bom fim, pois tiveraõ tam bom principio, como este, de achar a Vossa Mercê neste tempo em esta casa, de quem como de testemunha de meus serviços, me espero agora valer para ser conhecido do senhor Secretario, porque sou tam só neste Reyno, que naõ tenho cousa a que me possa arrimar senaõ a estes papeis, que aqui trago dos muitos annos, e muitos serviços que nas partes da India tenho feito, ornamentados e esmaltados muitas vezes com o sangue deste corpo, que espargi pela Lei e pelo Rey, de que me naõ tenho arrependido, porque quando aqui me faltar o galardaõ de minhas obras, em cima está aquel-

le ; que com maõ liberalissima satisfaz tudo melhor que os Reis da terra.

*Fidalgo.* Fólgo de vos ver neste Reyno, e tirado daquella confusaõ de Babel, e sei de certo que sereis muito bem respondido e despachado por vossa idade, e serviços, sem outra adherencia, e favor, porque depois que ElRey nosso Senhor elegeo a Sua Mercê para Juiz destas satisfações, naõ tendes necessidade de mais que de apresentar vossos papéis, e serviços, porque o tempo em que se despachava por favores, e adherencias, he passado: porque como o coraçaõ dos Reis está nas maõs de Deos, ordenou elle agora para remedio dos desamparados, fazerem tam boa eleiçaõ, como foi esta, com que nem méus favores saõ necessarios, nem vossos serviços deixaráõ de ser mui bem satisfeitos: mas que viestes a este tempo, sentai-vos; sereis testimunha das cousas que da India tratavamos, da qual vós pelos muitos annos, que della tendes conhecimento dos homens, e do tempo, bem sei que podereis dar muito boa razaõ de tudo com aquella liberdade, e desengano de Soldado Veterano, que nem recêa mal pelo que disser, nem espera bens pelo que lisongear.

*Sold.* Bejo as maós a V. M. por tamanha honra, e pela opiniaõ que tem de mim: já agora hey por bem empregados todos trabalhos da viagem, e dos annos da minha perigrinaçaõ, pois merecí ser admittido a esta conversaçaõ.

*Despachador.* Até agora estive callado por nam interromper S. M., e por nam tirar os olhos de vós, em cujas cans, idade, e mais cousas que pela phisionomia em vós estive notando, me parecestes differente de muitos outros Soldados que diante de my trazem requerimentos, tam outros da vossa quietaçaõ, e maneira, que lhes parece, que a hora que se lhes tarda em acudir em seus negocios, já lhes roubaõ sua honra, e merecimentos; e assim representaõ suas cousas com aquelle impeto, e furor, como se estiveraõ peleijando com os inimigos: e eu em vez de os ouvir, e responder; estou com os olhos buscando algum lugar onde me esconda de suas coleras.

*Sold.* Nunca vi cousa mais para se lhes poder relevar; que essa (quando elles saõ chêos de merecimentos digo), porque andáraõ até agora taõ desfavorecidos do tem-

tempo, e atropelados, que se naõ sabiam determinar; porque assàz de bem remediado parte hum Soldado da India, que póde sustentar-se nesta Corte de humas Náos a outras, para se poder tornar: e se vir que lhe respondem devagar, naõ sente mór desesperaçaõ que lembrar-lhe, que está em terra onde naõ tem remedio; e o que ajuntou por seus amigos para vir requerer, parte se lhe foi na Casa da India, pelos excessos dos Contratadores, que atê das camisas que leva vestidas lhe tomam direitos; sendo tantos annos isto taõ favoravel aos Soldados, que nunca lhes buliraõ em seus caixões, em que traziam hum quintal de cravo, dous de canella, e outras pouquidades; e parte gastou em seu requerimento, e que naõ vê donde se possa valer; e que ou será forçado morrer de fome neste Reyno, ou deixar tudo, e tornar-se para a India, sem ser respondido: o que se tem por tamanha infamia, que o pobre a que isto acontece, nam ousa de apparecer ante aquelles do seu tempo, porque ou haõ que o tiveram para pouco, ou que lhe nam acháram merecimentos para o despacharem; o que tudo fica á conta do Despachador que lhe dilatou seu negocio, do que entendo deve dar larga conta a Deos, assim de naõ dar o seu a seu dono a tempo, como da honra que lhe roubou, na infamia em que incorreo em se tornar afrontado, e sem despacho; e naõ digo isto para os desculpar do modo com que se haõ, senaõ pelas miserias, e desaventuras que a muitos delles vi passar.

*Despach.* Fólgo muito de vos ouvir fallar neste negocio; e V. M. tenha ponto no que tratavamos, que eu determino desculpar os homens, que atê agora estiveraõ neste lugar; e pois entramos nesta materia, folgaria de discorrermos por ella hum pouco, porque me servirá o que se tratar de aviso para muitas cousas, e sayam-se os moços para fóra, porque como muitas destas hey de apontar em Conselho, nam he bem que ande primeiro pelas boccas dos rapazes.

*Sold.* Nunca cousa me cahio mais a pelo, que essa, porque toda esta noite estive cuidando no pouco segredo, que na India se tem; assim o digo nos Conselhos arduos da guerra, como nos da justiça, e fazenda, porque quasi se naõ acabam de resumir, quando já an-

da pelas praças o segredo delles, que nam sinto cousa na vida em que mais vá; e ainda o feito está em casa do Juiz por publicar, já se sabe quem tem a sentença: e ainda digo mais, que naõ sahe da Relaçaõ, quando ha Desembargador, que dá sinal ao seu moço para ir pedir alviçaras á parte, o que ouvi algumas vezes, e o tenho pelo maior modo da injustiça da vida.

*Despach.* Valha-me Deos! sabeis quanto nisso vai; que vai tudo, principalmente nas cousas da guerra, porque naõ queria o inimigo mais que saber o desenho do seu inimigo, porque só nisso está a victoria; onde isso ha, naõ póde haver cousa boa.

*Sold.* Inda mal porque he tanto assim! e porque o Samorim, Idalcaõ, Melique, e outros sabem logo o que se determina no Conselho e o Regimento que leva a Armada que vai ao Malabar, e a outras partes, tem disso resultado infinitos males; e porque em Dabul, e Surrate se sabe logo da Armada que vai esperar as Náos, assim á sahida como á entrada, que vem e vaõ para Meca: porque se logo as podem lançar fóra o fazem, e se naõ recolhem-nas, e envasam-nas, e nós ficamos com os gastos feitos, e com o credito perdido, e o que he muito gracioso, he que alguns Fidalgos do Conselho tomam por passatempo zombarem huns dos outros: fuam disse bem, mas disse mal: fuam embaraça-se: o outro que sempre se vai pelo parecer do que votou diante delle: de sorte que se trazem ao termo os defeitos dos homens, naõ lhe lembrando quanto maior he descobrir o que se ali passa. Leam-se os Philosophos antigos, veraõ em quanto estimavam o segredo, que a mór pena que os Athenienses tinham em suas leis era a que se dava ao que descobria o segredo; e em tanto se guardava, que tendo hum tempo guerra com Philippe de Macedonia, tomáraõ acaso humas cartas, que elle mandava a sua mulher Olympia, e lhas tornáraõ a mandar cerradas, e sem tocar nellas, podendo pela ventura achar dentro alguns avisos de que se pudessem aproveitar; mas tinham em muito mais a guarda do segredo, que a mesma victoria. Diodoro Siculo escreve, que entre os Egypcios era causa crime descobrir o segredo, e traz por exemplo hum Sacerdote que vio outro com

hu-

huma Virgem no Templo de Isis, que logo o descobrio, tendo-se fiado delle, e prezos todos, os concubinarios morrêraõ pela lei, e o que descobrio o segredo foi desterrado para sempre. Anaxilo Capitaõ Atheniense sendo cativo dos Lacedemonios (a) foi mettido a tormento para que dissesse o que ElRey Agesilao tinha determinado, ao que respondeo, que bem o podiaõ fazer em pedaços, mas que os segredos do seu Rey nunca descobriria. Na guarda dos segredos eraõ os Atheniensses tam puros, que conta Plutarco no Livro *de Exilio*, que passando hum Egypcio por huma rua de Athenas, nam sei com que debaixo da capa, lhe perguntára hum Atheniense, que era o que levava? ao que lhe respondeo: E's Atheniense, e perguntas isso? nam vês tu que por isso o levo coberto pelo naõ saberes? Grande zelador deste segredo foi Demosthenes, ao qual perguntando-lhe hum seu amigo, porque lhe cheirava mal o bafo? Respondeo; que porque no estomago lhe apodrecêram grande quantidade de segredos. O Philosopho Pitagoras, os primeiros dous annos ensinava a seus discipulos a ter silencio por se acostumarem a guardar segredo, e affirmava nam haver mais alta Philosophia, que a bondade do silencio, e guarda dos segredos. Conta-se, que chegando o divino Platam á porta de Dionysio Syracusano, perguntára a Brias seu Camareiro, que era o que fazia? e elle respondêra, que estava pintando. Soube-o ElRey, mandou-lhe logo cortar a cabeça, por quanto descobrio o segredo do que fazia. O Philosopho Philippides quando se determinou a servir a ElRey Lysimaco foi com condiçaõ que lhe naõ descobriria segredo algum, porque entendia quanto hia na guarda delle pelo haver por cousa divina: e assim o he tanto, que importa todo o nosso remedio, porque no segredo da Confissaõ poz Deos nosso Senhor todos os thesouros, e riquezas da gloria, e só por este segredo podemos subir a ver aquelles outros mayores, que vio o glorioso Paulo, que nem os olhos viraõ, nem orelhas ouviraõ, nem nos coraçoẽs dos homens se imagináraõ.

Já

(a) Naõ he este o unico lugar, em que se achará pouca exacçaõ em ponto de Historia Antiga: mas assentou-se naõ se dever emendar mais que os erros da escrita, que se podia entender serem dos copistas, e naõ os do Author.

Já agora na India, nem ainda neste vosso Portugal, ha discipulos de Pitagoras, que guardem silencio, porque tudo o que se faz he ao som de campas tangidas; os segredos dos conselhos pelas praças ao som de trombetas, e assim as mais cousas: e o que he peyor, que até as maldades, adulterios, torpezas, infamias, e malicias, os mesmos que as commettem saõ seus proprios pregoeiros, porque o Capitam, Fidalgo, e naõ sei se Viso-Rey acabando de deshonrar a casada, logo se gaba disso a todo o mundo; como houveraõ a moça donzella, e pela ventura com capa de casar com ella, logo o pelourinho o sabe; o que enganou a viuva rica com a mesma côr, e o casado nescio com promessas de lhe casar a filha; as pessas que lhe dam logo as andam mostrando pelas ruas: de modo que de seus proprios segredos, e maldades elles só saõ os pregoeiros, porque cuido, que tem estas cousas por honra, e cavallaria; e a virtude, e continencia por fraqueza. Ora vejam Vv. Mm. como ha de Deos fazer mercê á terra, onde esta moeda corre. E já que estou com isto entre as maõs, haõ de me dar licença para acabar esta materia de pouco segredo com outras cousas que de novo me lembráraõ agora, que saõ mui prejudiciaes ao serviço delRey, e á República; e dem-me attençaõ.

Manda ElRey nosso Senhor devassar na India dos Officiaes da justiça, Desembargadores, e Capitáes das Fortalezas, e que lhe mandem as devassas muxtradas (*a*), e no mór segredo que puder ser. Em se começando a tirar esta devassa, logo os que se temem della sabem os que vaõ a testimunhar, e ainda o que disseraõ as testimunhas, e eylos vaõ com suspeições ás pessoas que testemunharaõ nos casos de que se temiam, as quaes provaõ ás suas vontades; porque tudo o que na India ficar em prova, subejaõ as testimunhas pelos telhados, e assim fazem as devassas nullas, e naquelles casos particulares só aquellas testemunhas suspeitas o sabem, e tirando-se-lhe outra devassa naõ se lhe achaõ culpas, e ficaõ absoltos, e os homens que testemunháraõ odiados com as partes, que todas as vezes que se podem satisfazer, nam deixaõ passar occasiaõ. Acaba hum Viso-Rey; vai-se para

ra

(*a*) Palavra usada na India, que significa o mesmo que *sellada*

ra o Reyno; manda-lhe ElRey tirar sua residencia por huma pessoa de confiança; se na India se tem segredo nella, o que acontece poucas vezes, cá neste vosso Portugal, onde isto nam he mais puro, logo descobre o segredo, e por peitas dam vista das devassas: e assim houve Viso-Reis que se vingáraõ de homens que testemunháraõ contra elles. Eu conheci alguns; e o que he peyor, que houve senhor destes, que escreveo á India a seus amigos: fuam testemunhou tal cousa; e fuam tal e tal, mas elles me cahiráõ nas maõs. Esta he a razaõ, porque muito poucos homens querem ir ás devassas: ao menos eu sempre fugi disso, porque de duas cousas sempre me guardei muito; de praguejar de Viso-Rey em público, e de testemunhar contra elles, porque me arrimei sempre áquella regra de viver em paz: *A teu Rey nunca offendas, nem sejas testemunha, nem parte.* Em fim quero concluir com huma cousa que eu aconselhára, se para isso tivera authoridade, que por duas razões nam houvera ElRey de mandar tirar estas devassas, e residencias, huma por evitar estes males, e odios, e outra porque nunca se procede contra os criminosos, e sempre se livraõ, e Deos sabe o como.

*Despach.* Muito folguei de vos ouvir essa materia, que naõ he de taõ pouca substancia que naõ vá nella muito, mas naõ tenho a isso que dizer, senam, que esses senhores Viso-Reys, Desembargadores, Capitáes, e mais Officiaes, que bem o pagaõ, deixemos lá na outra vida, mas ainda nesta vemos, que a muito poucos vimos lograr o que tiraõ de suas governanças, e Capitanías, porque se pozerem os olhos por este Reyno naõ acharáõ dous de cento que de lá vieraõ, terem que comer, nem fazerem Morgados, nem sei por onde se vaõ os tantos centos de mil cruzados, como alguns trouxeraõ de suas governanças, e Capitanías; parece que lhes leva o diabo tudo, porque huns morrem sem os lograr, e outros vivem para lhes faltar.

*Fid.* Isso que dizeis he santo: parece que este dinheiro da India he excommungado, porque nam luz a nenhum de nós: quero-me metter nesta conta, porque tambem naõ sei por onde se foi o que tirei da minha Fortaleza, e desse pouco tempo da minha gover-

nan-

nança. He dinheiro de encantamento, que se converte em carvões, o mais delle vai por onde veio, *donde o diabo traz a lebre lá lhe leva a pelle*, e veio por canos infernaes, e pelos mesmos se torna a ir, o mais delle he de sangue de innocentes, e assim como o dinheiro, por que foi vendido o Filho de Deos, se naõ comprou com elle mais que hum pedaço de chaõ infructuoso, que naõ servia de mais que para sepultura de mortos, e para cama dos bichos; assim a estes outros nunca lhes vereis Morgados feitos com o seu dinheiro, tudo vai a parar n'hum campo de mortos, em bichos, e çugidades em que por derradeiro vem a parar.

*Despach.* Deixemos isso; lá se avenham; nisso naõ ha emenda; e aonde a naõ ha, melhor he callar.

*Sold.* Sabe V. M., quanto a nam ha? que estando eu hum dia em hum Convento de Religiosos, veyo hum Fidalgo que hia entrar em huma das melhores Fortalezas da India, a despedir-se delles, e na conversaçaõ em que eu me achei lhe disse hum Religioso daquelles estas palavras: » Senhor, lembre-vos que ides » entrar na mercê que ElRey vos fez por vossos servi» ços, e que nella podeis ganhar o Ceo, como eu nes» te hábito; com estas cousas, contentai-vos com o que » he vosso, e deixai viver os pobres, e fazei justiça. » Ao que lhe respondeo: » Padre meu, eu hei de fazer » o que os outros Capitães fizeraõ; se elles foraõ ao » inferno, lá lhe hei de ir ser companheiro; porque eu » naõ vou á minha Fortaleza, senaõ para vir rico. » Houve o Padre que era escusado repetir-lhe mais: e posto elle dissesse a modo de cortezania, fêllo como o disse; e assim lhe levou o diabo tudo em breves dias.

*Despach.* Valha-me Deos! saõ muito ruins galanterias essas; com as cousas da alma naõ podemos galantear, que custaõ muito.

*Fid.* Deixemos nós a alma; cuido que tinha muita razaõ em desejar muito dinheiro, porque vir hum Fidalgo a este Reyno cheirando a pobreza, naõ ha quem lhe naõ vire o rosto; o bom he vir rico, porque entaõ vos bailaõ as tripeças, como lá dizem, tudo achais facil, rogam-vos para tudo, e vós naõ rogais para nada, e ainda para aquillo que desejais vos chamaõ; que esta calidade tem o dinheiro com outras muitas cousas que callo: em fim bom he vir rico.

*Sold.*

*Sold.* Naõ está nisso a riqueza; em ter muito dinheiro: nos feitos, e obras heroicas, e de virtude, ahi sim; e estes saõ os que se haviam de buscar para tudo.

*Despach.* Muito nos somos divertindo da materia que começámos a tratar ácerca dos despachos, e requerimentos dos homens: por isso, senhor Soldado, por amor de mim, que tornemos a ella, e que tudo o que houverdes de tratar o façais com tanta liberdade, e isençaõ, como se naõ fallareis diante de mim: porque como todos naõ podemos tudo, nem ha homem taõ perfeito, que naõ erre; dos avisos dos bons juizos, e dos conselhos dos experimentados se vem as mais das vezes a cahir no conhecimento das cousas, que os que estam neste lugar deixam de alcançar, tanto pelas naõ verem, como pelas naõ ouvirem praticar.

*Sold.* Assim he, senhor, e dahi vem os Reys naõ serem sabedores de muitas cousas importantes ao bom governo de seus Reynos, assim pelas nam verem, porque naõ póde ser, verem tudo, como pelas naõ praticarem com quem as tratou, vio, e apalpou, porque o que falta aos Reys he quem lhes falle verdade nestas cousas: e se lhes a elles acontece aquillo delRey Antioco, quando huma noite foi perdido e desconhecido a casa de hum lavrador, vindo a fallar em ElRey, lhe disse quantos defeitos delle se diziaõ, e vindo outro dia os seus, querendo-lhe pôr as insignias de Rey, as nam quiz, dizendo: que tanto que se desconhecêra, logo achára quem lhe fallára verdade, porque quasi sempre, ou a authoridade Real está pondo receyo â hum homem lhe poder dizer quanto entende, ou tambem se teme, que fique tido por igual; porque verdades em Corte aborrecem e he seu costume, que quem lhe naõ falla á vontade, lhe naõ responde elle tambem á sua.

*Fid.* Tudo assim he: e sabeis de que isso vem? De quererem os homens já agora viver mais para si, que para outrem.

*Sold.* A culpa ponho aos Reys porque vieraõ a gostar mais de lisonjeiros, que de Philosophos, e sabedores, porque se assim nam fora, viramos cada dia fazer a muitos privados, o que fez o grande Alexandre a hum Philosopho que havia muito trazia comsigo, o qual como nunca o reprehendesse de cousa algu-

guma, lhe disse: » Eu sou homem, e como tal devo
» de errar em muitas cousas, e tu sendo Philosopho
» nam me reprehendes, nem avisas de nada: ou he que
» naõ entendes meus erros, ou se os entendes naõ és
» meu amigo, pois mos dissimulas, e naõ reprehen-
» des; por isso vai-te embora, que me naõ quero servir
» de ti. »

*Despach.* Se os Reys isso fizerem, de quem se serviraõ?

*Sold.* De muitos que lhes fallem verdades; porque entaõ quando o privado vir o aborrecimento que o Rey tem a lisonjeiros, mudará a pelle, e far-se-ha da cór da condiçaõ do Rey; porque sempre, ou as mais das vezes folgam, e se affeiçoam aos homens que em alguma cousa se lhes querem parecer; como o Imperador Aureliano, que sendo affeiçoado a beber vinho tinto, hum Torcato naõ só naõ bebia outro vinho senaõ este, mas ainda todas as vinhas que mandava plantar, eram de uvas pretas, o que satisfez tanto a ElRey, que o fez .... em Roma, e Guarda da porta Salaria: por onde nam está em mais fallar-se verdade aos Reys; que sentirem os privados que elle he affeiçoado a ella, e que por isso lhe faraõ o que o Imperador a Torcato.

*Fid.* Estais nesse negocio hum pouco enganado, porque os Reys por sua dignidade saõ mui grandes amadores da verdade, e sempre folgam de lha fallarem; mas isso que quereis dizer he outra cousa que eu entendo, e me naõ convem dizer.

*Sold.* Digo minha culpa, se minha tençaõ foi culpavel á pessoa Real neste negocio; e mais, que em lhe naõ aborrecerem lisonjeiros, he descuidarem-se nesta parte da alteza da sua dignidade; porque os Athenienses, segundo Plutarco na vida de Theseo chamaõ aos Reys *Anactes*, como aquelles de cuja prudencia, e vigilancia pendem muitos negocios muito importantes; e assim saõ obrigados os ministrar com tanta moderaçaõ, e prudencia, que os bons e virtuosos tenhaõ differentes lugares dos máos: outros dizem que naõ vem por esta via a derivaçaõ do vocabulo de Rey, senaõ que he huma similhança tomada da sublimidade, e altura das Estrellas, que sobem conforme ao ordenado curso da natureza até chegar á suprema al-

gu-

tura do Ceo; e porque em Lingua Attica esta distancia do lugar sublime, e excelso se chama *anekas*, e *anekathen*, se diz ao que de alto procede; dando a entender por esta appellaçaõ, que o Rey por ordenaçaõ Divina está collocado na altura do estado humano, naõ deve inclinar seu pensamento a cousas baixas e abatidas, senaõ que se lembre está naquelle lugar sublime como huma excelsa atalaya da virtude, e da verdade, para que seja exemplo de toda a honestidade, religiaõ e mais virtudes a todo o povo, que nelle, como em hum espelho clarissimo, tem posto os olhos, cuja claridade com nenhuma cousa se ha de escurecer: lembrando-lhe tambem, que quanto he mais sublime o lugar que tem de todo o mais povo, tanto com mayor vigilancia ha de procurar que naõ diga, nem falle cousa que naõ seja digna do Ceo; pois o lugar tam alto em que está collocado, lhe mostra ser tanto mais perto do Ceo sua dignidade, que a baixeza da gente vulgar. Isto naõ he meu, que he de muitos e abalizados Philosophos que disto tratam, por onde torno-me a declarar no que tinha dito em dizer que a culpa era dos Reys, que lhes ainda agora ponho, em naõ verem e vigiarem os que tratað mais fallar á vontade que verdades, como tem obrigaçaõ de leaes vassallos; porque áquelles que elles póe neste lugar, e sobre os quaes deixaõ todo o pezo do governo, e negocios do Reino lhes fica a mesma obrigaçaõ que á pessoa Real por sua dignidade como já tratei; por isso vejaõ os despachadores o em que se mettem, que naquelles negocios saõ obrigados a tratallos com aquella verdade, e amor que o mesmo Rey tem por obrigaçaõ a seus vassallos, tam arriscados tantas vezes por elles á bocca da bombarda, á setta, ao pelouro, á fome, frio, e a trezentas outras desaventuras em que se vem cada dia por seu serviço. Este exemplo lhes deixou Christo nosso Senhor quando subio ao Padre, que deo o cargo do despacho dos homens a seus Discipulos, os quaes assim se houveraõ com elles, como o mesmo Deos, dando vida a mortos, vista a cegos, falla a mudos, e obrando todas as mais maravilhas de seu Mestre; e assim ficavaõ sendo Deoses: o que isso mesmo fica obrigado a fazer o Despachador, que ha de despachar como Rey, e fa-

e fazendo-o como tal conforme a sua obrigação; fa-
lo como Deos, porque os Reys o lugar de Deos tem
na terra, e assim ficarão seus Ministros fazendo o of-
ficio de Deoses.

*Despach.* Esta profissaõ he já mais que de puro Solda-
do, como vós dixestes que ereis; porque vejo, que
vos ides mostrando Philosopho, Humanista, e ainda
Theologo; para o que se requere mais quietaçaõ que
de Soldado, que naõ póde trazer a espingarda ás
costas, e os livros da outra parte; porque sem-
pre, ou as mais das vezes, huma cousa impede a
outra.

*Sold.* Nunca a penna embotou a lança: Soldado, e Ca-
pitam era Cesar, e conquistando a Gallia, de dia pe-
leijava, e de noite escrevia nos seus Commentarios.
Alexandre conquistando o mundo sempre communica-
va com Philosophos, e trazia a Iliada de Homero á
cabeceira. Epaminondas Lacedemonio trazia no exer-
cicio sempre a sua Livraria, e naõ se determinava
de qual tinha mais se de esforçado, se de sabedor;
e trezentos outros Capitães a quem as armas naõ es-
cusáraõ o engenho; e nam digo isto, porque haja
em mim o que Vossa Mercê diz, porque somente o
amor das letras me ficou daquella primeira idade, em
que gastei alguns annos nas Artes Liberaes, de que só
me ficou a inclinaçaõ dos livros com que communi-
co as horas que me restam, porque o natural do ho-
mem he desejar saber, como affirma Aristoteles no
primeiro da Metaphysica.

## SCENA II.

*Do modo que correm os despachos das cousas da In-
dia no Reyno; em que se tocam muitas cousas
sobre algumas desordens que nisso ha.*

*Despach.* TOrnemos á materia de primeiro; que era
irdes culpando os homens que até agora
estiveraõ neste cargo, porque eu como sou homem
está certo o errar, e ficarei sabendo o de que me hey
de emendar. Quanto ao que dixestes que se podia re-
le-

levar aos Soldados aquelle seu brio, e isençaõ, ou quasi soberba com que requerem seus merecimentos, por andarem atropellados dos despachadores passados; por certo que se soubessem o modo de como correm os negocios, que se naõ escandalizassem tanto, porque como os Reys tenham suprema dignidade sobre todos os homens, hum isento senhorio, huma vontade, que se naõ contradiz, com outras muitas cousas, que deixo de dizer, nam parece razaõ que estejam a todo o tempo preparados para todos os negocios que os homens delles quizerem; porque como tem repartidos os tempos para elles, sc. tantos mezes para os de Africa, outros para os da India, e outros para aquellas cousas para que os applicáraõ, nam parece razaõ, que quando se tratarem os negocios de Africa, ou da Fazenda, e Justiça, que vá hum Despachador apresentar papéis do Soldado da India fóra do tempo, e conjuncçaõ, porque assim em vez de lhe fazer bem, lhe póde muitas vezes fazer mal; entam se lhe nam tomais a sua petiçaõ, a qualquer tempo que vo-la der, já parece que lhe roubam a sua justiça, e arrebentam com seus despachos, para o que ha mister huma paciencia de Job para os ouvir, e soffrer.

*Sold.* Inda mal, porque assim he tudo! e porque os Reys tem tempos repartidos por esse modo, porque para dar o seu a seu dono, nam he necessario guardar tempo, que toda hora o he, e o menos que o bom Christaõ Rey ha de ter, he tempo para si. Cousa leio de Principes Gentios que tomára achar em alguns dos havidos por Catholicos: qual destes teve o que Dario Rey da Persia? que tinha hum Camareiro deputado para todos os dias em amanhecendo entrar livremente na sua Camara, e lhe dizer: Levanta-te Rey, e vai curar dos negocios que Deos quiz que curasses. E do Evangelho temos, que a Christo nosso Senhor nunca se lhe offereceo requerimento, que naõ despachasse, porque como veyo ao mundo todo para os homens, naõ tratou mais que o que a elles lhes cumpria; porque á borda da agua despachou a S. Pedro e S. Philippe; e estando comendo á Magdalena; no caminho a Zacheo; á entrada da Cidade ao filho da viuva; bebendo á Samaritana; e ainda á hora da morte ao Ladraõ; de modo que toda a hora, e lugar des-

despachava petições, dava cargos, e officios; o que houvera de ficar por exemplo dos Reys da terra para o imitarem; pois naquelle lugar os poz elle mais para os homens que para si.

*Despach.* Vedes vós, isso he como dizeis; mas os Reys da terra nam podem tanto, saõ de carne, e ham de ter seus dias de passatempo: tambem saõ sujeitos a paixões, e enfermidades, pelo que naõ póde ser estarem todo o tempo na praça, como lá dizem: o arco se lhe nam afrouxam a corda facilmente quebra: tudo seu tempo tem, como diz o Sabio; baste ter dado o mais delle para os negocios, o menos lhes fica para seus desenfados; que se naõ escusaõ.

*Sold.* Naõ sinto eu para as enfermidades mór antidoto; nem melhor mézinha, que despachar nellas a viuva pobre, o Soldado desamparado, o Cavalleiro velho e de merecimentos, porque estes saõ os que rogam a Deos pela vida do Rey, e isso he o que lhe dá saude; que as mézinhas saõ hervas, e raizes, que nunca a dam perfeita: e o glorioso Rey de França Luiz dizia, que os pobres que despachava eram cães com que caçava os Ceos; que esta he a verdadeira caça que os Reys haõ de desejar.

*Despach.* Por essa, e por toda a outra via caçaõ os Reys como dizeis o Ceo: mas tornando aos negocios da India, como o tempo que lhes tem dado naõ saõ mais que tres mezes, e elles sejaõ muitos, e os requerentes acodem todos, muitas vezes por falta de tempo, e segundo os negocios se vaõ encapellando, e as materias que se trataõ ser de muito conselho; como se se offerecem novas de gallés, e outras cousas desta calidade, pelas quaes cessaõ essas outras, que saõ de menos importancia; e que succeda por isso mandar ElRey sobrestar os Regimentos para o anno que ha de mandar Viso-Rey; ou que outro negocio de fóra, e de outra qualidade gaste o tempo, e fiquem os homens sem responder: que culpa dareis ao Despachador senaõ foi em sua maõ mais, nem as cousas deraõ outro lugar?

*Sold.* Já que Vossa Mercê me tem dado licença para responder livremente a tudo, ha de me ouvir hum pouco. Digo, senhor, que estava isso muito bem, se nesse tempo nam sahisse despachado o creado do Mordomo mór,

mór, que nunca servio a ElRey, o do Veador da Fazenda, o do Secretario, o do Conselheiro, e o apaniguado de Vossa Mercê, e outros muitos desta estofa, que com as maõs na cinta, e a perna alçada, comendo os miraolhos e figos brejaçotes levaõ o melhor da India, senaõ; quanto a estes; lhes serve a minha petiçaõ que está em poder do Despachador, de alvitre para pedirem o que nella tenho apontado, e quasi sempre acontece, respondendo a hum destes que digo, ou a hum Soldado como eu envelhecido na guerra huma mesma cousa, ficar elle posto diante, e o pobre que passou pelos medos dos Estreitos, pelos frios e chuvas na enseada de Cambaya, pelos pelouros, e settas dos Malabares, Achens, e Turcos, que se vá estar esperando que acabe seu tempo o que pela ventura naõ fez outra cousa que passear as calçadas de Lisboa, e servir a seu Amo de muitas cousas que callo.

*Despach.* Alguma razaõ tendes nisso, mas saõ cousas essas que se naõ podem escusar, porque como lá dizem, *faço-te a barba porque me faças o cabello.* Meu amigo, já que fallais verdades, eu as naõ hei de negar: succede isso assim porque o Despachador que está neste lugar tem necessidade dos homens; huns porque se começam a medrar, os vam favorecendo; outros se tem subido já a sua valia, os sustentaõ nella, e assim naõ se faz nada sem nada.

*Sold.* Por essa conta rogarei muito más Paschoas a meu pay que na mocidade me trouxe no Paço, servindo a ElRey de tocha, e prato, e dormindo pelas caixas de sua guarda-roupa, e depois de homem me mandou á India, como todos vem a fazer, havendo que com alguns annos de serviço poderia vir a ter remedio, e ser bem despachado; igual fora que me dera a hum desses validos da Corte; pudera muito bem ser que já nesta idade em que venho requerer tivera colhido o fructo em tempo, que me pudera lograr alguns annos delle, do que já agora desconfio, porque sou velho; o com que me podem responder, Deos sabe para quando será, e póde ser que venha a morrer pelos hospitaes da India, sem me entrar o pobre cargo que me derem; e assim fica gastada a vida toda sem lograr aquillo que estes outros que digo, á perna alçada, em quin-

quintas compradas com o suor de meus trabalhos; estaõ ha muitos annos logrando; e o que peyor he, que a estes a tempo de entrarem em seus cargos fazem os Governadores da India dobrados favores, e mercês que ao pobre Soldado que elle vio na guerra matar muitos Mouros, só por terem grangeados os Amos por cujos respeitos foram despachados, ainda que seja muito á custa da Fazenda do Rey.

*Fid.* A isso digo minha culpa, fólgo que falleis verdades tam claras; isso passou tambem por mim: mas que ha hum Governador de fazer se naõ póde viver taõ puro, que nam haja mister homens, e lhe he necessario telos grangeados para seus negocios?

*Sold.* Fólgo de ouvir isso a Vossa Mercê, porque assim o tive sempre para mim no modo com que vi aos Governadores tratar a fazenda delRey, naõ como Ministros senaõ como inimigos, sem lhes lembrar quando a daõ por este modo, que ficaõ em restituiçaõ della, porque por essas desordens succedem infinitas necessidades ao Estado que se remedêa com esse dinheiro, pelas quaes se deixam de prover as Armadas, e Fortalezas como he necessario, e Vossa Mercê ha de ter paciencia, porque eu hei de fallar nisto muito largo.

## SCENA III.

*De como os maiores inimigos que a Fazenda do Rey tem saõ os Ministros; de como na India se cumprem mal os Regimentos, e Mandados delRey; e trata de outras materias.*

*Sold.* ENtrando hum dia a mulher de Dario na tenda de Alexandre Magno, depois de ter sujeito toda a Persia, estava junto delle o seu grande amigo Efestion a quem ella fez sua humilhaçaõ, cuidando ser ElRey, e depois que soube qual era, teve com Alexandre suas desculpas do erro em que cahíra, ao que elle respondeo estas palavras: » Nam errastes em » nada, que meu amigo he outro eu ». Donde se vê claro, que os Amigos do Rey, seus Viso-Reys, e Governadores e mais Ministros ham de ser outro elle, ham de administrar, governar, e despender como o mesmo Rey o fizera, que isto he ser verdadeiro Amigo;

go : mas quando a cousa vai por outro rumo, que o Governador e Ministro naõ pretende mais que governar para si, e para os seus, entam naõ sinto eu maior inimigo do Rey que este, porque entam poderá elle dizer pelo tal Governador: este que aqui está he outro si, e outro para si: em toda a parte isto tem lugar; mas deixemos os Ministros deste Reyno, vamos-nos á India, dai-me hum Viso-Rey que deixe perder pelo serviço do seu Rey hum cruzado da sua fazenda para lhe acrescentar outro: isto he cousa que se naõ costuma: antes acrescentar em sua fazenda com muita perda da do Rey, e Deos sabe porque meyos; isso sim. Vereis hum Governador, ou Viso-Rey chegar áquelle Estado tam zeloso do serviço delRey, e do proveito da sua Fazenda, que parece a todos, que vem remir a India, e que tomará as capas aos homens para lhe acrescentar em sua Fazenda; mas dahi a quatro dias se muda isto, porque a má natureza da terra, e infernal inclinaçaõ dos homens muda-o de feiçaõ, que se lhes toma as capas assi a ElRey como aos homens, he para si, e para os seus. Muitos exemplos pudera dar disto, mui vistos e apalpados, mas trarei dous. Quer hum Governador pagar-se de seus ordenados, que sempre andam adiantados, e nunca vereis ficarem-lhe devendo em seu titulo cousa alguma, e, se a algum se lhe fica, tira disso certidões: eu o hey por grande engano, no que agora me naõ metterei por nam sahir da materia. Esta paga naõ se faz em qualquer moeda em que se aproveite a Fazenda do Rey, senaõ logo lhe daõ por alvitre que cobre os pagamentos para Ormuz, onde a moeda he mais grossa, e por xerafins pagam patacões, que vem a montar muito contra a Fazenda delRey, que este he o proveito que lhe fazem. Outro exemplo he: ordena-se mandarem hum Embaixador a Balagate, ou ao Mogor, estes ham de levar seus presentes, como he costume, fazem rol do que ha de ser, entraõ nelle quatro, ou seis, ou dez cavallos, estes vende-os o Viso-Rey da sua estrebaria a ElRey a preços exorbitantes, cavallo que val duzentos por seiscentos, e mais; e carrega-se em nome de outrem em Receita, e tiraõ conhecimentos para a parte requerer seu pagamento, o qual ha de Vossa Mercê entender, que se faz de ante-maõ,

e em moedas em que ganha; e ainda aqui entra outra injustiça, que he que vindo as Náos de Ormuz com estes cavallos, mandaõ os Governadores tomar pelas estrebarias e casas dos homens os que melhor lhes parecem, e o pôr do préço sempre he á vontade dos Governadores; o que tem escandalizado a India toda. Ora passemos avante, para vermos o como aproveitaõ a Fazenda do Rey com detrimento da sua. Na despeza della nam entra Veedor da Fazenda, que he sacrilegio tocar no dinheiro, nem o Thesoureiro tello em seu poder, elle o tem, e ás vezes entrega a seus creados, e as despezas delle saõ á sua vontade, e os papéis dellas se entregam ao Feitor, e Thesoureiro, e ás vezes mal correntes, o que depois lhe dá trabalho, e Deos sabe por onde se foi este dinheiro, e por onde se consumio, porque sempre a maior parte delle vai em dividas velhas, de que adiante tratarei, e estas repartidas por maõs dos seus apaniguados, e creados, que todos ficam com ellas bem untadas; e se naõ vede o seu apaniguado que levou cincoenta mil cruzados, o pagem da campainha outra pancada, e outro creado seu quinhaõ; o que tudo sahe da bolça delRey, que paga até os serviços dos creados dos Governadores.

*Fid.* A isso tinha muito que dizer; bem sabeis vós, que tanto que dei a homenagem da India, assim por isso, como pelo Regimento que ElRey me dá, tenho licença para fazer tudo o que bem me parecer, no que dá consentimento a tudo o que os Governadores quizerem fazer: com o que, e com os muitos biscatos que a India dá de si, posso fazer os meus ricos, porque me servem, e com elles represento a dignidade do meu cargo.

*Sold.* Vossa Mercê he que levanta a lebre para eu a correr, que bem desejo eu passar por algumas cousas, que tem bem escandalizado o mundo, e essa que Vossa Mercê tocou, mais que todas. Vós sabeis, senhor, o que jura hum Viso-Rey, ou Governador nas maõs delRey quando lhe dá essa homenagem: por certo que se isso trouxessem na memoria, que naõ comeriaõ, nem beberiaõ, porque cuido que os mais delles perjurām gravissimamente. Fallo deste modo, porque Vossa Mercê me tem dado liberdade para tudo. Dizei-me, senhor,

nhor, qual he o Viso-Rey, ou Governador taõ puro (naõ digo que naõ haja alguns), que na homenagem que dá, naõ se arrisque a mil perjurios? Primeiramente juram, que naõ solicitáraõ aquelle cargo por si nem por outro, nem deraõ, peitáraõ, ou por outra alguma via o pertendêram, sendo taõ sabido de muitos os modos com que o solicitáram. Vamos mais aos juramentos que fazem de guardar Regimentos, fazer justiça ás partes e outras cousas que deixo, o que muito poucos cumprem, porque Regimentos naõ se executaõ senaõ nos pobres; Leis, e prizões naõ se guardam, senaõ contra os desamparados: em fim por naõ me cançar, muito poucos Governadores cumprem o que lhes ElRey manda sendo contra seu proveito e appetite: por onde affirmo que em nenhuma parte he o Rey obedecido menos que na India; porque cousas que faz hum Governador, o mesmo Rey naõ houvera de fazer: e o que mais escandaliza he, que sempre acha Letrados em todas as Faculdades, que daõ entendimentos ás Leis, e Regimentos para poder fazer alguma cousa que pretende, ainda que seja huma injustiça exorbitante, como eu o vi em hum caso que importava huma das Fortalezas da India, em que quiz persuadir hum Letrado, naõ digo, (a) a hum Desembargador que podia votar naquelle caso pelo que o Governador queria, porque a Ley lhe dava lugar para isso, e que elle lhe daria hum escrito seu que o podia fazer; mas como o Desembargador temia a Deos, naõ o pôde levar, nem o Governador conseguio o que esperava, porque por aquelle voto ficavaõ vencidos os da sua parte. Pois que vos direi dos perjurios que commette hum Governador contra o que jura quando lhe entregaõ a governança da India? que com as maõs sobre o Missal promette de guardar os privilegios da Cidade, e na primeira cousa que lhe cahe nas maõs, põe os pés por cima de tudo, e naõ guarda senaõ o que lhe releva; e acham Letrados, que tambem lhe dizem, que aquelle privilegio se entende de tal maneira; que por hum exemplo me declararei melhor. Prendêraõ a hum Fidalgo velho honrado, casado em Goa



(a) Estas duas palavras „ naõ digo „ naõ parece ajustarem neste lugar: talvez ha erro no manuscrito.

dentro no Tronco por huma grande quantidade de dinheiro, que devia a ElRey, a quem sempre os Governadores tem o olho; e certo que cuido se fôra pela morte de hum homem, que nam houvera de ter prizaõ taõ estreita. E primeiro que conte o caso, direi o que sobre isto ouvi a hum homem bem avisado tratando-se sobre outras materias desta essencia. Estando actualmente alguns homens prezos por dividas, succedêraõ alguns crimes na Cidade de Goa de mortes de homens, a que se naõ acudio taõ depressa como era razaõ, ao que disse hum homem: » Naõ deva ninguem » a ElRey dinheiro neste tempo, e mate quantos ho- » mens quizer, e passêe livremente, que eu seguro que » naõ entendaõ com elle. » E tornando ao exemplo que hia dizendo; prezo o Fidalgo, acudio a Cidade com os seus privilegios, nos quaes manda ElRey, que nenhum Cidadaõ de Goa possa ser prezo em ferros, senaõ por caso que haja de morrer, nem por dividas ainda que sejaõ suas; e como pertendiaõ haver o dinheiro á maõ, que era o crime que tinhaõ contra elle, sahio por despacho da Relaçaõ; que nam fosse prezo em ferros, como o privilegio dizia, mas que ficasse no Tronco sem grilhões, onde esteve alguns tempos sem lhe valer privilegio nenhum. Ora vede, senhores, se o demonio podia dar este entendimento á Provisaõ delRey? e que quer dizer ser prezo em ferros senaõ em Troncos onde tudo saõ ferros? que somma de exemplos vos pudera trazer destes que puderam fazer engulhos de vomitar? Ora quanto ao que Vossa mercê diz, que ElRey lhe dá poderes para tudo na particula, que lhe póe no cabo do Regimento: » Que sobre tudo façais o que vos parecer mais meu ser- » viço »; he mal entendido de muitos, porque antes com isso vos amarra as maõs, e limita o poder; porque as cousas que ElRey ha por seu serviço, primeiro que tudo, he fazer justiça, e dar a cada hum o seu; e fazerdes armadas para onde se vos offerecer occasiaõ, e proverdes nas cousas da guerra como for mais necessario; e cumprir mais á reputaçaõ do Estado, e defensaõ dos vassallos: porque ElRey naõ póde adivinhar os casos futuros contingentes para mandar prover nelles, e entaõ o deixa ao juizo do Governador, com os do seu Conselho; mas no despender da sua Fazenda naõ ha

de ser senaõ para estas mesmas cousas, e para outras ordinarias, porque para o mais vos dá tantos mil cruzados para poderdes fazer mercês, e ainda aos homens benemeritos que andam no serviço, dos quaes a maior parte levaõ vossos creados, que lho naõ podeis dar, porque a tençaõ do Rey he repartirem com os que o servirem, e destes haõ de ser primeiro Fidalgos, e Moradores da sua Casa, a quem tem mais obrigações que aos outros; e ainda nisso se usa outra injustiça muito grande, que he fazerem mercês deste dinheiro a homens fantasticos que nunca houve, e os Governadores, ou os seus apaniguados engollirem-no, ao que naõ posso pôr nome, senaõ furto. Pois nos despachos vos digo eu que ides por melhor caminho. Quem vos disse que na Provisaõ que ElRey vos passou para Despachador na India, certos homens de officios, de Feitorias para baixo, que os podeis dar a vossos creados, quando a Provisaõ expressamente o nam declara, porque a tençaõ delRey he que se repartaõ com homens benemeritos e de serviços? e sabeis quanto he isto assi, que se naõ sou mal lembrado, na Meza da Consciencia deste Reyno se deo huma sentença, que naõ devia ElRey satisfaçaõ de serviço, senaõ aos Moradores de sua Casa; e que aos que naõ viviaõ com elle lhes satisfazia pagando o soldo que se concertou, tanto por mez, e assim este soldo se lhes deve, e se lhes ha de pagar, sem se lhes dever nada: mas aos pobres cumpre-se-lhes taõ mal isto, que de quatro quarteis que lhes devem cada anno lhes pagaõ dous, hum de veraõ, e outro de inverno, sem ficar disso escrupulo nenhum ao Governador, ou Viso-Rey, que se eu fora seu Confessor, houvera de o obrigar a lho pagar, porque o que lhe disser que o Estado o nam tem, engana a Deos, que bem sabe que o ha; porque muito dinheiro delRey que se despende em outras cousas desnecessarias, pudera supprir isto: por onde concluo em affirmar, que os Governadores, e Viso-Reys naõ tem purellos, nem biscatos na India, como senhor dixestes, para poderem fazer ricos aos seus creados, como muitos o fazem á custa da Fazenda do Rey, que se tira da boca da viuva, do orfaõ, do casado pobre, e do soldado a que naõ pagaõ o que se lhe deve por naõ haver dinheiro, sobejando para os seus: chega isto a

tan-

tanta desordem, que por huma e outra parte em necessidades, que se offerecem por estas cousas e outras, andaõ pedindo o dinheiro emprestado para armadas e soccorros, e desse mesmo se passaõ muitas Provisões de mercês a seus parentes e creados, sem entrar nisto temor de Deos, nem pejo dos homens que o emprestaõ.

*Despach.* Isso passa dessa maneira? por certo que estou espantado de quanta cousa lá vai, sem cá se saber, nem se temerem os Governadores, que poderá isso alguma hora chegar ás orelhas delRey.

*Sold.* Disso lhes dá a elles ora nada; que chama Vossa Mercê ElRey? elles saõ os Reys, e os Deoses, como lá estaõ, e para isso lhes passa o mesmo Rey muitas Provisões; principalmente huma que levaõ todos, pela qual manda, que naõ sejaõ citados, nem demandados na India por cousa alguma. Por certo, senhor, que cuido, que o Rey naõ vê a tal Provisaõ quando assina, nem sabe della; porque se a vira naõ cuido eu, que haja Rey que queira que se faça tamanha injustiça; e que pelo mesmo caso que hum Viso-Rey lhe pedir tal provisaõ, o póde logo remover, e eleger outro, de maneira que huma ha de levar salvo conducto para me tomarem o meu navio, o meu cavallo, e a minha fazenda, sem o eu poder requerer: isso he huma cousa que só se póde esperar entre os Tyrannos de Sicilia, e naõ entre Principes taõ Catholicos Christaõs, que sempre querem que se faça justiça até de si; porque na Chronica delRey D. Joaõ o segundo lemos de algumas sentenças, que se deraõ contra o mesmo Rey, que sobre isso fez mercê aos Juizes que as deraõ; que esta he a verdadeira Christandade. Ora vede quam mal entendido he isto, e como ElRey naõ sabe de tal Provisaõ; se elle cada dia passa tantas a quem quer que possa citar o Procurador de sua Fazenda, como cada dia succede neste Reyno, e ainda na India, e as partes haõ sentença contra elles, e executam á Fazenda delRey por ellas; como ha de mandar, nem querer que se naõ cite, nem demande o seu Governador, ou Viso-Rey? naõ creio tal; e creia Vossa Mercê que sobre isto me hei de fazer doudo neste Reyno até chegar ás orelhas delRey, porque mais justo he, e mais imitará a Christo o Viso-Rey, ou Governador depois que acabar seu tempo,

po estar a juizo com as partes e satisfazer a todas o que lhe dever, que esse outro: mas como elles nas mais destas cousas cuidam que enganam a Deos, e ao Rey, andam taõ ensayados em certas cousas com que cuidam que o fazem, que pasmo de como naõ cahem nisso, mas cuidam que cobrem o Ceo com huma joeira, como dizem as velhas.

*Despach.* Que manhas e ardis saõ esses, e que enganos?

*Sold.* Dilo-hei a Vossa Mercê: depois de o Viso Rey, ou Governador acabar o seu tempo, como está com aquella Provisaõ no seio, ninguem o demanda, e entaõ quatro ou seis dias, antes do embarque, mandam pôr grandes escriptos pelas partes da Cidade e Igrejas que toda a pessoa a quem deverem alguma cousa a requeira, que lhe pagarám; e como isto he já com o pé no estribo, ninguem lhe sahe, e entaõ lhe passam os Escriváes mil certidões dos taes escriptos, com as quaes vaõ tapar os olhos aos cegos, ficando toda a India escandalizada, e por pagar delles, e de seus creados.

*Fid.* Já me tenho arrependido da licença e liberdade, que vos dei, porque naõ cuidei, que fallasseis tanta verdade taõ livremente, porque isso naõ saõ cousas, que chegam a Soldados que naõ trazem mais pensamento, que nas suas armas, e nas suas pagas. Cruzo-me a tudo, porque nas mais dessas cousas me sinto culpado: e certo que podeis servir de rol da confissaõ para hum Viso-Rey, e algumas cousas me lembrastes, que me esqueciam; mas já que estamos com esta materia entre as maõs, deixando as outras cousas a que vos naõ sei dar desculpa, quero acudir pela honra dos Governadores no que dam a seus creados, que naõ saya tudo da Fazenda delRey como vós dizeis, mas a maior parte do que com elles se parte, saõ alvitres, que cada dia succede, que já que se haõ de dar aos estranhos, parece mais razaõ que se dê aos seus.

*Sold.* A isso me naõ posso ter, já que Vossa Mercê até dos alvitres se dá, a que naõ descubra o segredo delles que pela ventura nunca chega ao Rey nem aos Despachadores para mandarem prover em huma cousa tam injusta, e tanto contra a Fazenda do mesmo Rey.

Des-

*Despach.* Folgarei muito de ouvir este negocio, porque isso he lá outro mundo, e cá naõ se pratica nas cousas que relevam a ElRey, senaõ nas que relevam aos homens.

*Sold.* Em toda a parte isso he: e posto que esta materia seja mui comprida, eu a encurtarei o mais que puder por naõ enfadar a Vossa Mercê.

## SCENA IV.

*Dos modos que ha de alvitres na India, e do damno, e prejuizo que fazem.*

*Sold.* NA India de alguns tempos para cá se costumaõ quatro maneiras de alvitres; primeiro contra o Rey, segundo contra os homens, terceiro contra Deos, quarto contra todos: o primeiro, que he contra o Rey, e com que os Governadores enriquecem seus creados, he de muitos modos; a saber, morreo o homem abintestado, nam tem herdeiros, pertence sua fazenda á Coroa, esta logo he repartida, e levada pelos ares, sem o Rey della ver hum tostaõ: a fazenda do Mouro, ou do Gentio que se houve por alevantado, e que se confiscou para a Camara Real, a sentença foi hoje assinada, á manhã já o seu palmar anda em leilaõ, que o manda vender o Camareiro, a quem se tinha dado de ante-maõ: queimou-se o Judeo, ou Negro; pertence a fazenda ao Fisco Real, tambem logo se queimou; porque hum creado leva mil cruzados, outro leva as casas, outro a horta, de modo que deo o fogo na fazenda, como no dono, e nem cinza se acha: deo o Feitor, ou Almoxarife conta, ficou devendo quatro mil cruzados á Fazenda delRey; primeiro que a conta se encerre, já o Camareiro tem o alvitre, e a Provisaõ delles que os leva pelos ares; morreo o Feitor sem dar conta, lançam-lhe maõ de sua fazenda, primeiro que saiba se a deve ao Rey, deo a tormenta nella; para huma parte vai o dinheiro que se acha, para outra os bens de raiz, para outra os escravos, e as joyas, de sorte que a pobre da mulher fica posta na rua, e seu marido se lhe tomarem conta, naõ deve nada, e depois se a dá, deve-lha ElRey,

e o creado do Governador tem-na engollido, e ella anda quebrando as eſcadas e as orelhas do Governador ſem lhe dar o ſeu, até que ſe concerta com que lhe faça pagar a quarta parte; e aſſim torna ElRey a vomitar o que o creado do Governador engollio: o Rendeiro da Alfandega, qu[illegible] cabo do ſeu arrendamento ficou devendo dez m[illegible]uzados, ſam ſeus fiadores levados pelos ares, porque de huma banda lhe affuzilla o ſobrinho do Governador huma Proviſaõ de mercê de tres mil, e da outra o Camareiro com dous mil, e da outra por outra via outros tantos; e aſſim em dous dias naõ fica pedra ſobre pedra dos pobres fiadores; e ſe dep[illegible] Rendeiro põe na Relaçaõ ſuas couſas, e prov[illegible]ue as perdas que houve foraõ por cauſa da guerra, [illegible] infortunios, ou de lhe quebrarem os ſeus contratos, [illegible]r onde ſe lhe mande tornar a ſua fazenda; como ella he já levada em papos d'abutres, paſſam-lhe Proviſaõ para ſe pagar em outro arrendamento novo, que a eſſa conta ſe faz; e aſſim fica ElRey dando ſua fazenda aos creados do Governador, porque por derradeiro elle he o que paga tudo. Ficou o caſado por fiador do parente de mil cruzados d'ir cumprir o degredo em que ficou condemnado para Maluco; fugio no caminho; ao outro dia lhe ſam as caſas no leilaõ, e vai engollindo o dinheiro, como todo o outro; e outras cem mil couſas por eſte modo, nas quaes ſe o Rey quizeſſe prover, e ataſſe as maõs a ſeus Governadores para as dar, e ſe carregaſſem ſobre o Theſoureiro, e ſe metteſſem no cofre, eu fico que monte a S. Alteza paſſante de trinta mil cruzados cada anno, que ſeraõ melhores para ſe dar no inverno quatro mezadas aos Soldados, que ſe recolhem das Armadas, que naõ aos creados dos Viſo-Reys ſem nenhum merecimento.

*Fid.* Pois com que hei de pagar aos meus os ſerviços que me fizeraõ de meninos, ſenaõ com os fazer ricos, em quanto tiver a governança?

*Sold.* Iſſo he logo governardes voſſa fazenda, e a de voſſos creados, e desgovernar a delRey, que a fia de vós cuidando que lha aproveitareis, aſſim por obrigaçaõ de bom vaſſallo, como pela de voſſo cargo, e juramento; porque ſe, como diz Mauricio Sabino grande Juriſconſulto, eſtamos obrigados a favorecer ſobre to-

todas as cousas a tres, primeira aos orfaõs, que se nos encommendam, aos hospedes que se vam curar a vossa casa, e aos homens, que vos encommendam suas fazendas; quanto mayor obrigaçaõ he logo a do Governador de olhar muito pela do Rey, assim por estas razões, como por [illegible]as as mais, e nam desbaratar-lha? que lhe pagu[illegible] senhor, do vosso, que por isso vos dá muitos ordenados, e vos dá grossas Commendas, e outras mercês com que podeis repartir com vossas obrigações, e deixar a Fazenda do Rey para suas necessidades, que sam muitas.

*Fid.* Isso será vir eu logo á India para os meus, e naõ para mim, se lhes hei de d[illegible]do que ElRey me dá: e deixando isso, ahi ha [illegible]s muitos alvitres com que possa enriquecer os me[illegible], que naõ saõ dos que vós apontastes.

*Sold.* Nesses naõ queria eu fallar por honra dos Governadores; mas já que Vossa Mercê me pica, eu hei de gritar, se toda-via o senhor Secretario me der licença, e naõ estiver já enfadado de me ouvir, ou lhe occuparmos o tempo, porque terá negocios mais importantes para que o haja mister.

*Despach.* Muitos dias ha que me naõ veyo ás maõs cousa mais importante a meu cargo que esta; porque o que vos vou ouvindo saõ materias a nós cá muito escondidas, e pela ventura que por falta de se ellas naõ praticarem, como agora, deixa ElRey de prover muitas cousas que lhe importam; e do que vos vou ouvindo faço na memoria huns breves apontamentos, que bem sei que haõ de ser de muito serviço del-Rey: por isso, senhor, ide com a prática por diante, porque em quanto ella for desta maneira, naõ posso dizer que me gasta o tempo, senaõ que mo aproveita.

*Sold.* Estas cousas todas, que Vossa Mercê me ouve, saõ tosças, mas verdadeiras, e registradas por hum Soldado idiota, que tirado de sua espingarda, naõ sabe mais que verdades chans. E se isto que digo fôra dito por outro entendimento, e estilo differente do meu, entaõ vira Vossa Mercê melhor as cousas em que El-Rey he bem enganado; donde, e porque razaõ o Estado da India padece faltas, tendo rendimento para naõ passar nenhuma; e isto sei eu muito melhor entender que praticar.

Desp.

*Despach.* Essas saõ as verdadeiras verdades, que as outras ornamentadas de Rhetoricas, muitas vezes por afermosentar as palavras virá huma pessoa embicar nellas: por isso, senhor Soldado, procedei no que começastes, que póde muito bem ser, que vos seja essa isenção melhor que as certidões que trazeis.

*Sold.* As verdades falladas por interesses já o naõ saõ, e eu pelas fallar naõ quero nenhum galardaõ; porque o maior da vida he dizellas: mas já que Vossa Mercê mo manda, irei proseguindo no começado.

## SCENA V.

*Do segundo alvitre, que he contra os homens; e das desordens, que se nelle commettem.*

*Sold.* OS famosos Tyrannos Phalaris Agrigentino, Dionysio Syracusano, Jugurta Numidiano, e outros muitos desta sorte, que sustentáraõ seus Reynos, naõ foi com virtudes que tivessem, porque eraõ crueis, e deshumanos, mas foi com liberalidades que em suas tyrannias usavaõ com seus naturaes naõ lhes tomando o seu, porque entendiaõ, que se tyrannizassem vassallos proprios, ou os naõ consentiriaõ por Reys, ou se lhes degradariaõ, e ficariaõ sendo senhores das Cidades, e Villas despovoadas; porque a obrigaçaõ de bom Rey he trabalhar por enriquecer vassallos, porque naõ ha Rey de vassallos pobres, que se possa chamar rico: e esta foi a causa, por que o grande Alexandre mandou castigar hum hortalaõ, porque de hum jardim seu arrancava hortaliça, e hervas com raizes, dando nisso a entender, que os Reys naõ haviaõ de estruir seus vassallos tanto que viessem por isso perder seus Reynos, e que assim como o hortalaõ sabio naõ havia de arrancar as raizes, porque por tempo tornassem a brotar; nem o pastor prudente havia de tosquiar tanto suas ovelhas, que as esfollasse: assim o Rey sabio, e prudente naõ havia de tyrannizar tanto seus póvos e vassallos, que viessem a estancar: e entendendo isto os nossos primeiros Reys de Portugal, achamos que até o tempo delRey D. Diniz, que foi o que nisto mais se aballizou, emprestavam dinheiro a seus

seus vassallos para tratarem, porque assim os enriqueciam, e suas Alfandegas engrossavam. E posto que os de agora isto naõ façam, toda-via querem que tratem bem seus vassallos, e que se naõ aperte tanto com elles com costumes, e imposições novas, como alguns Governadores fazem; porque por derradeiro nas grandes necessidades, nunca faltaraõ os verdadeiros Portuguezes, antes quanto mais aggravados, entaõ se apura mais sua fidelidade: pelo que digo, que essoutros alvitres que saõ contra os homens, em que Vossa Mercê disse que naõ sayam da Fazenda do Rey, esses tenho eu por mais prejudiciaes a essa mesma Fazenda, que os primeiros. E Vossa Mercê perdoe-me, que ainda que governou o Estado da India, eu hey de dizer o que entendo. Depois que passáraõ os Governadores Christaõs, por cuja maõ, e orelha passavam os negocios dos vassallos delRey, e que se punham determinadamente a ouvir a viuva pobre, o casado necessitado, o prezo atribulado, e o Soldado aleijado, aos quaes davaõ breves despachos no joelho (porque estes saõ os verdadeiros e bons despachos), introduzio depois o diabo de alguns annos para cá fecharem-se os Governadores, e Viso-Reys; que para justiça, e razaõ haviaõ de ser como Livio Druso Tribuno do povo Romaõ, do qual se conta, que vivendo em humas casas na praça mui devassadas de todas as partes, se lhe offereceo hum grande Architecto para lhas mudar de sorte, que ficasse mais recolhido; ao que lhe respondeo: » Que antes lhe faria mais amizade se lhas fizes-» se mais devassas, porque o Ministro havia de estar » em lugar público, e verem todos como vivia, e acha-» rem-lhe a toda a hora as portas abertas. » E estes haviaõ de ser os Viso-Reys da India, e Officiaes da Fazenda, e de Justiça, e tambem os do Reyno, que naõ haviaõ de ter portas, nem janellas fechadas, para que fossem vistos de todos, e para a toda a hora lhes requererem justiça: mas agora por gravidade, a que eu quizera pôr outro nome, se fecham os Governadores a cinco portas, por furtarem o corpo aos negocios alheios, para entenderem só nos seus, e se acertam alguma hora darem dous dias no mez audiencia ás partes, ainda assim he por amor do damno delles; porque naõ sei qual foi o primeiro infernal, que remetteo a petiçaõ

do

do negocio, que dantes se despachava no joelho, á Meza da Relaçaõ, onde alguns Desembargadores por se mostrarem grandes Juristas, lá lhe sahem com dúvidas, que do negocio que naõ he nada o fazem mui grande, e duvidoso: e quando o pobre requerênte espera pelo seu despacho, que o acha taõ differentê, e embaraçado, remette-se ao mais certo; vai ter ao apaniguado do Governador, ou Viso-Rey, e lá o satisfaz de feiçaõ, que outro dia lhe dá a petiçaõ despachada como queria, sem as dúvidas de Bartholo lhe fazerem nojo, porque o dar tira as dúvidas, e aplaina os caminhos, faz as leis claras, e as vontades certas. Mais: quer o Feitor, ou Juiz da Alfandega, e todos os mais Officiaes ir entrar em seus cargos, haõ mister do Governador as Provisões, que se concedêraõ aos mais, gastam muitos dias, e muitos mezes por casa do Governador, e do Secretario sem ser respondido, porque o que naõ sabe a pancada ao vinte, nem a moeda que corre, quer-se negociar ordinariamente apresentando sua petiçaõ, que he logo remettida ao Secretario, a qual como lá cahe, he como alma perdida; porque como os Governadores, e Viso-Reys deraõ nesta estocada, e por aqui determináraõ enriquecer os seus furtando; tambem a Goa (*a*) ao Secretario, e quando vai com seus papéis, naõ lhe fallaõ a proposito ás petições das partes; e vendo os homens a dilaçaõ, e sendo aconselhados do caso, fazem novos apontamentos guarnecidos de alcatifas, colchas finas, cadêas de ouro, e outras cousas desta sorte, com que vaõ ao Camareiro, e Privado, que os festeja, e lhe diz, que em tudo pede a justiça: e assim ao outro dia lhe dá os apontamentos despachados como elle quer, e os mais delles em prejuizo da Fazenda do Rey; porque as peças que deraõ haõ de trabalhar depois pelas forrar; porque ainda que metta a maõ na Fazenda do Rey tudo o que quizer, tem entendido que como chegar com as maõs pezadas, que se lhe haõ de despejar as portas. Esta estocada entra mais na Fazenda do Rey, quando se despacha hum Capitaõ para ir entrar em sua Fortaleza, e assim tambem lhe custa mais, porque lhe monta mais; levam duas resmas de papel em Provisões, humas contra

(*a*) Bem se vê que neste lugar havia erro no manuscrito.

tra ElRey, muitas contra o povo; e assim as desórdens, tyrannias, e oppressões que com elles usam, só entre barbaros se acharáõ, das quaes adiante melhor trataremos. As Provisões que lhe passam saõ que lhe fazem ainda tres, ou quatro mil cruzados nos direitos de suas fazendas, á volta dos quaes furtam dez, ou doze mil. Fazem contratos de cousas que ha na terra para onde vam, e no preço delles levam outros tantos mil pardáos delRey, que elles logo tomam, e o que compram para ElRey sempre he o peyor: pedem que ninguem possa mandar Não, ou Navio para tal Porto, senaõ elles, como se o mar, e navegaçaõ naõ fosse commum a todos; com o que impede o commercio dos moradores que sustentam as Fortalezas: em fim naõ sei para que me canço; passam-lhes, senhores, Provisões para tyrannizarem o proprio Rey, e a seus vassallos, que nunca vi outros mais aperfeados, que os que vivem pelas Fortalezas, porque até de suas proprias mulheres naõ usam sem licença do seu Capitaõ, porque alguns querem só usar de algumas; e eu me achei em huma Fortaleza, onde me affirmáraõ, que porque hum morador se queixava que hum Capitaõ lhe tomava sua mulher por força, o mandou elle chamar a sua casa, e com huma canna lhe dera muitas pancadas, porque o infamava do que estava na praça. Ora por aqui poderá Vossa Mercê julgar o que será tudo o mais.

*Fid.* Naõ vos posso negar tudo o que dizeis: mas como quereis vós que negue eu a hum Fidalgo com que me criei, e que tem servido o Rey muitos annos com despeza de sua fazenda, as mais dessas cousas que apontastes? pois vejo que he razaõ, que no colher do fructo de seus trabalhos, hum Governador os favoreça, ainda que seja hum pouco contra a Fazenda do Rey; porque naõ he elle taõ enganado que naõ saiba tudo isso, nem será taõ pouco amigo de seus vassallos, que naõ folgue de os enriquecer em suas Fortalezas, pois vê que muitas vezes tornam a gastar muita parte em seu serviço, pelo que dissimula com tudo; porque por derradeiro saõ Fidalgos, a que elle tem obrigaçaõ.

*Sold.* A tudo hei de responder a Vossa Mercê: quanto ao que diz, que naõ póde negar o que apontei ao Fidalgo, que servio muitos annos com despeza de sua fazenda, está isso muito bem quando elles em Portu-

gal

gal vendèraõ muitas quintas, e mayores (a) de renda para vir gastar nesse serviço; mas os mais delles, vem de Portugal sem hum cruzado, e ainda sem huma capa, e logo começaõ a puxar pela mercê do Governador, pelo emprestimo do casado, que foi da obrigaçaõ de seu pay, ou pelo outro que pretende de lhe casar com a filha, a cuja conta lhe gasta toda a fazenda, naõ em sustentar Soldados, nem ter casas de armas, senaõ em passear por Goa em cavallos gordos a mayor parte do anno, porque quatro mezes que andam ao Malavar lhe dam logo huma fusta com ordinaria, e mercês, que lhe sobejam; por onde póde Vossa Mercê dizer, que o Rey he o que gastou, e o casado nescio, que lhe deo o seu á conta de lhe casar com sua filha, que fica com ella infamada, e sem dinheiro; e o que peyor he, que cuidam estes senhores como põem os pés na India, que o mundo he só para elles, e que tudo he seu, e que o emprestimo que os outros lhe fizeraõ lho deviaõ por Fidalgo. E succede aqui huma cousa muito graciosa, que alguns destes saõ bastardos filhos de algum Fidalgo criado lá na Beira, que nunca vio o Rey, nem lhe souberaõ o nome, os quaes elle toma por via de algum parente por Fidalgo; e tirado da casa de hum villaõ lavrador donde se criou, vem cá em quatro dias monarchiar: e eu que tive muito melhor criaçaõ que elle, em que passei a mocidade pelas caixas da guarda-roupa delRey, que me soube muito bem o nome, se me despacham de huma Feitoria, de huma Fortaleza, em que elle he hum ladraõ desaforado, que pelo menor insulto que commette merece mil mortes onde houver justiça, porque nunca paga direitos de suas fazendas, e vende a ElRey o arroz, o salitre, a madeira, e todas as mais cousas desta sorte por preços excessivos, sem serem comprados por seu dinheiro, porque as mais destas cousas às toma por força aos moradores que vaõ ás suas Fortalezas pelo preço que elle quer, e tudo o que vem a seu porto, alèm de naõ poder comprar senaõ elle, quer sem haver temor de Deos, nem do Rey, com outras infinitas tyrannias, que eu direi á orelha, se me perguntarem; e o pobre do Feitor se cuspio na Igreja, o tem por excommungado, e naõ querem que



(a) Assim estava no manuscrito.

o Sol que nasce para todos o aquente senaõ a elle, nem que beba a agua da fonte commua o que pela ventura lhe ajudou a ganhar a Fortaleza, com muitas feridas, e com ser o primeiro que se lançou na Galeota dos Malavares; e o Fidalgo de abrigo ficou saõ, que naõ quer Deos que se derrame o sangue destes senhores. E tanto vai isto em crescimento, que haõ de vir os homens a naõ acceitarem Feitorias, porque he acceitar infamias, deshonras, e afrontas de hum Capitaõ, que eu depois naõ posso matar, naõ porque me falte para isso o animo, senaõ porque acabo meu cargo, vou dar minha conta, hum se vai para França, outro para Alemanha, vaõ-se gastando os annos, fazendo-me velho, e esquecendo-me tudo por viver. Isto baste quanto a esta materia, pela qual se algum dia me perguntarem, direi o que agora calo por certos respeitos.

Ora quanto a Vossa Mercê dizer, que o Rey naõ he enganado nas mercês desordenadas, que fazem os Viso-Reys aos Fidalgos, que vaõ entrar em suas Fortalezas, e que pois o consente o ha por bem; a isso respondo, que em nenhuma cousa o he elle mais; porque se vós me dissereis, que era tanto o cabedal da India, que abrangia para tudo, entaõ poderia isso ser; mas quando elle he taõ estreito, que muitas vezes por estes desmanchos vem a padecer tantas necessidades, que muitas vezes vi deixar de fazer armadas muito importantes por falta de dinheiro, pelo que entaõ se soccorre aos casados pobres, e desbaratados, a tirar emprestimos, e tomar mantimentos do Terreiro sem se pagarem; a que tudo se póde mais chamar tyrannia, que necessidade; entaõ fôra muito bom, que se achára no cofre os dez mil cruzados que se deraõ de alvitre ao Capitaõ de Ormuz, outros tantos ao de Malaca, e outros a outros das mais Fortalezas, porque esses naõ fazem aos Fidalgos ricos, e ao Estado muito pobre: donde nasce que por estas faltas se soccorrem os Governadores a novos tributos, e imposições, e deixando as cousas da guerra á ventura, fazem grandes armadas á custa dos homens, em que alguns delles se embarcam naõ a fazer Fortaleza em Challe, ou em Calecut, nem a tomar Surrate, mas a escalar as Fo.talezas do Norte, xanquear os vassallos do Rey, pôr-lhe mais direitos em suas fazendas,

acref-

acrescentar-lhe imposições novas no arroz, e bate das Aldêas, que pagam o foro.; e assim por huma parte tiram do sangue do povo vinte mil cruzados, que cada anno accrescentam á renda do Rey, e por outra despendem na armada em que vaõ destruir Christãos cem mil cruzados, e o que peyor he que desacreditam o Estado, porque melhor sabem os inimigos estas cousas, que nós proprios; e assim naõ fazem já mais conta de hum Viso-Rey, que de hum páo: differente fôra, o dinheiro que se despendeo nesta armada, estar no cofre do thesouro; porque as taes jornadas nem Deos as consente, nem o Rey as quer, antes estranhará muito sabendo as necessidades de seu povo, porque a obrigaçaõ de honra he alliviar os vassallos de tributos, e imposições. Gentio era Dario Rey da Persia, e constituindo certos tributos a seus póvos, chamando os principaes lhes perguntou, se eraõ grandes? e respondendo-lhe, que eraõ honestos, lhe mandou ainda tirar ametade; porque era tal sua bondade, que aquillo que a seus vassallos parecia moderado, lhe parecia a elle muito: pois este Reyno mui ricos tinha, em que podia pôr largos tributos; mas entendeo a grande obrigaçaõ que os Reys tem de sustentar seus vassallos, como temos da Escritura em huma falla, que Achab Rey de Samaria fez aos Israelitas, na qual lhes disse; naõ havia cousa mais conveniente para o Rey, que sustentar, e defender seus vassallos e povo, ainda que fosse á custa de seu proprio sangue; e assim por este amor, e bondade lhe aconteceo, que estando cercado delRey Adad da Syria, e de Damasco com muitos grandes exercitos; e posto em grandes desconfianças; que sentidas por seus vassallos, querendo arriscar a vida para salvar o seu Rey, sahiraõ trinta esforçados mancebos a vigiar ao arrayal dos inimigos, e sentindo-os dormindo, deraõ nelles com tanto esforço, que com morte de muitos os pozeraõ em tamanho desbarato, que quando ElRey Achab sahio, já os inimigos eraõ todos perdidos: que desta maneira se arriscam os vassallos favorecidos! De que pudera dar outros muitos exemplos, que deixo por naõ enfadar. E concluindo na materia dos alvitres, contra os homens, digo, que quem quer ser despachado de alguma cousa falle com a bolça; e chegou isto a tanto,

to, que por hum *cumpra-se* em huma Patente a hum homem meu parente para ir entrar em hum cargo, de que era provido, nunca o pôde alcançar senaõ com dar huma colcha a hum privado de hum Governador, sendo obrigaçaõ sua pôr aquelle *cumpra-se* na Patente delRey a todo o tempo que lha apresentarem.

*Despach.* Estou pasmado de ouvir tanta cousa, de que cá estamos bem innocentes! Peço-vos por mercê, que vades por diante por vos naõ interromperdes do discurso que levaveis.

## SCENA VI.

*Do terceiro alvitre, que he contra Deos, e de muitas cousas outras, em que os Governadores saõ dissolutos.*

*Sold.* AGora me cabe o terceiro alvitre, que he contra Deos, porque em muitas cousas encontra sua Divina bondade, e justiça: no qual me deterei o menos que puder, porque em outros lugares, se tiver tempo, tratarei do que agora me faltar.

Primeiramente, tanto que hum Viso-Rey chega; ainda que começam a correr os alvitres a seus apaniguados, os primeiros saõ os Ouvidores das Fortalezas, que acodem logo muito devotos, e lá se mettem com quem os póde negociar, e preço apreçado, conforme para onde se requerem ser despachados, de modo que estas varas rendaõ ao Camareiro, ou apaniguado tres, quatro, ou cinco mil cruzados; senaõ quanto me affirmáraõ, que houve vara que montou mais de dous (*a*) mil, afora peças, e brincos. Com tantas facilidades vaõ estes julgar, sem o Chanceller os examinar, como se tiveraõ cursado muitos annos o direito, e alguns pela ventura que naõ sabem ler, e escrever; e coitada da justiça, em que poder se vê! porque o que compra a vara ha de tirar a limpo o que deo por ella, e o com que se ha de sustentar tres annos, e ainda ha de ajuntar para quando vier outro Viso-Rey acudir áquella galhofa; porque ha alguns negociadores disto, que ficam estas varas tendo de juro, e correm todas as Fortalezas, como quem vai a vindimar as suas vinhas: e a qual-

(*a*) Assim se acha no Manuscrito. Talvez deveria ser *dez*, ou *doze*.

qualquer que chegam com a vara na maõ, saõ os compradores tantos, os emprestimos para China, as peças, e presentes, que naõ cabem em casa; e mâl pelo que naõ tem que dar, que esse he o que vem pagar o fato. Dissemos as desordens, e injustiças que aqui succedem, que he que nunca nesta têa de aranha se prendem senaõ os mosquitos; porque o Baneane, que ourinou em cocoras, he logo condemnado; o Gentio que pelejou com outro, e lhe disse huma ruindade, he logo mettido em ferros: e o compadre, e o rico, que quebráraõ os bofes a esse Gentio, e lhe tomáraõ sua fazenda por força, e o tiveraõ prezo em casa, dizemlhe cousa leve, póde-o fazer, que tem licença para tudo: o Mouro, que no seu mosafo jurou falso, que seja prezo, e que pague para as obras da justiça; e o compadre, ou quem lhe fez emprestimo, que perjurou no Juizo nos Santos Evangelhos, que naõ pague huma tanga do que devia a quem o demandou: o feito do Mouro Necoda, ou Capitaõ da sua Náo, que está para ir para Ormuz, e que por ventura nam tem justiça contra o Mercador sobre os fretes, ou outros contratos que entre elles ha, com duas alcatifas que lhe dá, com lhe levar alguma fazenda forra de fretes; assim lhe subeja a justiça pelos telhados, e isto ainda em feitos de muita importancia; a que o paciente naõ póde fallar; e vai com sua appellaçaõ á maior alçada gastar sua fazenda, onde pela ventura, e sem ella lhe fazem pouca justiça, ou ao menos vagarosa, de maneira, que o que demandava dous mil cruzados, que lhe deviaõ, quando por fim vem haver a sentença, e faz conta com a bolça, naõ lhe ficáraõ quinhentos liquidos, que a demazia lá se foi em gastos, e em peitas. Mais: nas inquiriçóes, e devassas do amigo, que matou o homem, ou em que foi adultero, como o Ouvidor, e o Enquiredor em lugar que a testemunha diz *vi*, dizem elles *ouvi*; onde ha de dizer *sim*, diz *naõ*; e na defeza lhe recebe todos os artigos della, os quaes se provaõ como elle quer; e quem morreo, morreo, e o matador passêa logo; e o que he peyor, se dizeis a hum destes, que olhe o que faz, e lhe perguntais como deo aquella sentença taõ injusta? responde-vos muito desgastado: Lá estaõ os Desembargadores, que a faraõ, que eu naõ entendi mais. E naõ

se lembra o infernal, que todas as perdas que deo ás partes, e todas as despezas que lhes fez fazer nas appellações, que lhas deve sobpena de se ir ao inferno. Basta que este he o maior sinal que eu tenho da India naõ prevalecer, venderem os Governadores os cargos da justiça a quem a ha de vender taõ claramente; porque nunca o Imperio Romano começou a declinar, senaõ depois que o Imperador Commodo Antonino XIX., que succedeo a Marco Aurelio, cento e oitenta annos depois da vinda de Christo, começou a vender os Magistrados, e officios públicos por dinheiro, que foi o primeiro que ensinou este caminho para seus Reynos se perderem.

*Fid.* Isso naõ póde ser menos; porque na India naõ ha tantos Desembargadores, ou Letrados Juristas, que possaõ servir tantas Fortalezas: e já que haõ de dar essas varas a Pedro, que naõ he Letrado, que montá mais dar-se a Joaõ? que essas injustiças que dizeis, o Governador naõ lhas manda fazer, nem elle quer que se metta ninguem no inferno: e quanto ao que se dá ao meu Camareiro, e ao meu criado, que saõ duas colchas, outras tantas alcatifas de bofetás, e outros brincos de ouro, ou de prata, isso he nada, póde-os levar; que eu tenho Theologos, que me aconselhaõ, e dizem, que he vender privança, e naõ cargos. Mas he naõ haver outros homens mais sufficientes que os sirvaõ; que quando os houvera, ainda isso tinha alguma razaõ.

*Sold.* Oh de quantos privados desses, e de quantos Theologos, que isso aconselhaõ (se assim he, o que eu naõ cuido) está o inferno cheio! Que quer dizer vender privanças? Em que Lei divina, ou humana, se achará, que por me fazerem pagar a minha Náo, que me compraõ para ElRey por cinco mil pardáos, que hei de dar ao privado tres mil? Isso he infamar os Theologos, e fazellos authores dos roubos. Façaõ os Governadores embora suas injustiças, e naõ dem por authores os Religiosos, que he outro peccado sobre si; e assim ficaõ fazendo dous de mui grande restituiçaõ, hum do dinheiro., e outro da fama. Ora quanto a dizerdes que se repartem essas varas por esse modo, por naõ haver outros homens mais sufficientes; a isso respondo, que ha muitos annos que se naõ costumaõ buscar

car homens para os cargos, senaõ cargos para os homens; e quem os quizer buscar, achallos-ha; mas naõ se achaõ pelo que se perdem os privados dos Viso-Reys em se elles acharem; porque esses naõ haõ de peitar, mas haõ de rogar, e fazer muitas mercês, porque a necessidade lhes naõ seja occasiaõ de commetterem em seus cargos huma desordem. O que entendendo bem os Carthaginenses, ordenáraõ, que todos a que se dessem os Magistrados fossem ricos; porque sendo pobres, naõ poderiaõ fazer verdadeira justiça; porque pela ventura, forçados da necessidade, naõ fizessem algum desatino. Busque o Governador homens ricos, que os ha desinteressados; faça-lhes honras, e mercês, e achará quem administre justiça aos pobres, que estes saõ aos que ella falta, e em que o Rey ha de ter mais o olho, prover, administrar, e defender: porque os pobres, e pequenos saõ os falcões, e açores, com que os Reys cassaõ, e roubaõ os Ceos. Conta Raphael Volaterrano, de Amadeo Duque de Saboya, casado com huma filha de Carlos VII. Rey de França, que foi Principe que mais olhou, e sustentou pobres, que todos os do seu tempo, e com elles gastava a mayor parte da sua fazenda, que perguntando-lhe hum dia hum Embaixador pelas aves, e cães com que cassava, porque em Saboya havia grandes montarias, e volatarias; que levantando-se com elle a huma janella, lhe mostrára muitos pobres, a quem seus Esmoleres andavam repartindo esmolas, e lhe dissera, que aquellas eraõ as aves, e cães, com que esperava de cassar os Ceos: palavras de Christaõ, e de Principe justiçoso! porque para os pequenos, ha de estar o Rey, e Governador sempre apparelhado para os favorecer, e lhes fazer justiça; que os poderosos, e soberbos todo o mundo he seu, e naõ tem porque haverem mister quem olhe por elles, nem quem lhes faça justiça; que a estes costumaõ fazer tanta, que ficaõ sendo injustiças contra os pobres. Vamos a algum exemplo de Reys favorecedores de pobres. Flavio Suintilla, filho de Recaredo Rey dos Godos, foi taõ favorecedor de pobres, taõ caritativo, e humano com elles, que naõ teve outro nome, senaõ Pay de pobres: nome mais alto, e grandioso, que o de Rey, e de mais Magestade, que de Imperador; que saõ titu-

tulos que homens da terra inventárað; mas Pay de pobres, titulo do Ceo, appellido de Deos, a quem só chamamos Pay, ao qual nome se ellê move mais da misericordia que a todos! Pois a este Rey Pay, de quem himos tratando, fez Deos nosso Senhor tantas mercês, que lhe deo victoria contra os Rucones, venceo, desbaratou os Romanos, e os deitou fóra de toda a Hespanha, por onde mereceu ser senhor de toda ella, até do Reyno de Portugal; e assim viveo neste Imperio muitos annos em paz, e concordia, porque desta maneira paga Deos a quem o agasalha, e favorece em seus pobres. Succedeo-lhe seu filho Richimiro máo, perverso, descaritativo para com os pobres; pelo que veyo logo a perder os Reynos, que Sisnando com o favor dos Francezes lhe tomou. Ora zombai com desfavorecer os pobres! E póde muito bem ser, que por isso castiga Deos nosso Senhor o Estado da India pelo pouco caso que os Governadores fazem delles; de maneira, que pelas devacidões, e injustiças que contei, parece que abre Deos nosso Senhor sua maõ daquelle Estado pela soltura com que vejo viver a todos; porque assim vivem todos á sua vontade, tanto me dá Mouro, como Gentio, ou Judeo, que se lhes naõ dá de commetterem culpas; porque sabem que logo se remiráõ dellas com dinheiro; e por outras injustiças, e devacidões como estas, esteve o Reyno de Castella quasi perdido em tempo del Rey D. Henrique, quando aquelle excellente Philosopho, e insigne Poeta Fernaõ de Pulgar fez aquellas graves, e sentenciosas trovas, chamadas *Mingo Rebulgo*, que por ver ir tudo perdido, e viverem todos á sua vontade, sem temor de Deos, nem obediencia da Lei, de que o Rey tinha toda a culpa, o reprehende naquella trova, que diz assim:

Moderado con el sueño
No locura de almagrar,
Como quien no espera dar
Cuenta dello a ningun dueño,
Quanto yo no amoldaria
Lo de Christoval Mexia
Ni del moço Moro agudo,
Ni de outro Tartamudo,
Todo va por una via.

Em lhe chamar moderado ao Rey, dá bem a entender, que o Rey que naõ cura de seu povo, e que lhe naõ faz administrar, que está dormindo hum somno de descuido, e com phrenesis de doudo, porque natural he de doudo romper-se, e estragar-se: assim o Rey, ou Governador, que deixa estragar-se, e desbaratar o seu povo, está doudo, e frenetico; porque se os Reys houveram de dar conta a alguem de seus descuidos, naõ houvera tantas desordens; ou se castigassem hum Governador pelas que faz na India, esperáram os homens haver alguma emenda. Querendo os Lacedemonios prover nas desordens dos Reys para que governassem com medo dos homens, quando o naõ tivessem de Deos, ordenáraõ aquelles Ephoros, que eraõ huns Magistrados novos, como Dictadores de Roma, que tinhaõ inteiro dominio, e potestade sobre todos os outros Principes, e Governadores, os quaes serviaõ de desaggravar os pequenos, e acudirem ás injustiças que os Reys fizessem a seu povo. E o primeiro que teve este cargo foi Elato, cento e trinta annos depois de Licurgo, sendo Rey de Lacedemonia Theopompo, o qual era taõ bem moderado, que consentio este novo Magistrado, tendo mais o olho ao bem, e quietaçaõ de seus vassallos, que a seu particular gosto, e interesse: e sendo reprehendido de sua mulher, porque consentia em seu Reyno outrem que mandasse mais que elle; que sería causa de o deixar abatido a seu filho; respondeo, que antes lhe ficaria mais seguro, e duravel, quanto fosse mais confirmado em boas leis, e seus vassallos menos vexados. Estes eraõ os Reys, que se podiaõ chamar pays do povo; e naõ menos de louvar saõ os nossos Christianissimos Reys de Portugal, que, com o mesmo zelo de Pays, ordenáraõ tambem Juizes de sua Consciencia para desaggravarem seus vassallos, que tambem respondem aos Ephoros dos Lacedemonios: e em quanto este bom santo costume durou, tinhaõ os vassallos sempre aquelle ultimo remedio, ao menos na India, aonde he mais necessario, que no Reyno: e em quanto nella houve esta Meza de Consciencia, que he suprema aos Viso-Reys, e Governadores, estavaõ elles alguma cousa enfreados, e naõ viviaõ taõ livres. E tornando á trova de Fernaõ do Pulgar, dava a entender andar naquelle tempo tudo

taõ

taõ confuso; que se naõ atrevia a differençar os Christaõs, a que elle chama Christoval Mexia já vindo, nem os de outro Tartamudo pelos Judeos, que entendeo por Moysés, que era tartamudo, nem do moço Mouro, e agudo, pelos Mouros que seguem Mafamede, que he venerado na casa de Meca; diz, que se naõ differençavaõ huns dos outros, porque todos andavaõ, e viviaõ a seu gosto. Ora tornemos ás injustiças dos Governadores: direi outra que hey por mayor, que todas as que fazem contra Deos. Morreo o Cidadaõ rico, e honrado; deixou a filha com doze, ou quinze, ou vinte mil cruzados; faz o creado do Governador disto alvitre; pede-lhe que o case com ella, o que elle faz com muitas forças que usa com as grandes promessas que faz ao Juiz dos Orfaõs, e ao tutor; senaõ quanto houve hum, que prometteo o cargo ao Juiz por outros tres annos, e lá teve modo com que o metteo na eleiçaõ, e o fez sahir nos pelouros contra os privilegios, e liberdades da Cidade: e assim a moça filha do Cavalleiro muito honrado, que pudera casar com outro rico, e remediado, fica casada com hum creado seu lá do matto, sem partes, nem calidades: e muitas vezes por esta causa vem a fazer mil desmanchos. Mais: fica outra orphá rica em poder do tutor com outra pancada de dinheiro; vem outro creado a pedilla; e tanto anda o Governador sobre esse negocio, que entra em partido com o tutor, que de quinze mil pardáos que a moça tem, lhe dará dous mil; e por aqui a leva: e nunca até agora vi nenhum Viso-Rey tomar a filha do Cavalleiro honrado muito pobre (que ha muitas na India sem remedio), e casalla com o seu creado rico. E o mesmo que digo destas, digo tambem da viuva rica, que lhe ficáraõ Aldêas de dous mil pardáos de renda, a qual o Governador casa com o creado, e lhe abate no foro, e tira a obrigaçaõ do cavallo: e além da offensa que commette contra Deos em usar de força, faz furto contra o Rey, no que lhe abateo no seu foro; de maneira, que nestes casamentos naõ ha livre alvedrio, que até delle saõ os Governadores senhores absolutos.

*Despach.* Muito me contastes; graves cousas vos ouvi: naõ sei como Deos nosso Senhor dissimula tanto, e com tanta torpeza! E assim corre isso? digo-vos, que

fico taõ escandalizado dessas cousas, que a primeira vez que dellas posso fazer lembranças a ElRey, naõ deixarei de o persuadir a que rijamente castigue tamanhas dissoluções, principalmente nesta cousa dos casamentos; porque naõ he justiça que a filha do Cavalleiro mui honrado com muito dinheiro case dessa sorte com creados pobres, e tanto além dellas: realmente, que naõ sei como os naõ remorde a consciencia.

*Sold.* Perdoe-me Sua Mercê: assim como os Poetas contam, que os que passam aquelle rio Lethe perdem a memoria; assim os mais dos Viso-Reys em passando o Cabo da Boa-Esperança a perdem de tudo, e naõ sei se diga que o temer a Deos, e ao Rey.

*Fid.* Fólgo que para nenhuma dessas cousas que tratastes tive tempo; porque nesses poucos mezes que governei, naõ me veio nada disso ter ás maõs; e que me viera, nisso que dizeis dos casamentos, tambem o fizera; porque eu sou obrigado a honrar os meus, e fazellos ricos.

*Sold.* Isso he verdade: mas honrallos com deshonrar o proximo, naõ póde Vossa Mercê fazer; porque assás de afronta se faz ao homem, ainda que já morto, em lhe tomar a sua filha, e a dar a quem a elle naõ houvera dar, se fôra vivo, com a fazenda que elle adquirio com tanta lançada, e com tanto infortunio e trabalho, para dar sua filha, e a seu gosto casalla com quem se honre. E se aquella Lei, que fez Solon, como Plutarco em sua vida conta, defende com tanta rigoridade, que nenhum vivo seja ousado dizer mal de nenhum morto; quanto mayor pena terá logo, naõ o o que diz delle mal, senaõ o que lhe faz mal na honra, e na fazenda? Deixemos a offensa que faz contra Deos, que he o principal; pois vai contra os santos Concilios, principalmente o Tridentino, que defende, que se naõ use de força, nem poder em nenhum casamento; porque ha de ser com consentimento de ambas as partes; e muitas vezes nem a orphã tem a idade para consentir nelle, nem lhe daõ lugar para isso. E porque cuido tenho já enfadado, deixarei a materia do quarto alvitre para outro dia, porque tambem terei tempo de correr algumas cousas pela memoria.

Des-

*Despach.* Naõ saõ as cousas que tratais para enfadar, senaõ para chorar; por isso por amor de mim que vades por diante com o que tratais: segundo o gosto, e proveito que tenho de vos ouvir, parece que me vai fugindo o tempo.

*Sold.* Pela bocca dos pequenos descobre Deos muitas vezes grandes segredos, que encobrio aos grandes, e sabedores: ahi naõ ha mais alta philosophia, que a verdade: esta dita pela bocca de hum taõ pequeno, como eu, faz os mesmos effeitos, que houvera de fazer sendo pronunciada pelos sabedores da terra; e neste negocio naõ me fundo mais, que na verdade, que ella he a que dá falla a mudos, e ensina aos ignorantes; e por isso irei com as materias por diante.

## SCENA VII.

*Do quarto alvitre, que he contra todos; e que cousa saõ dividas velhas.*

*Sold.* QUando tratei dos alvitres contra os homens, toquei das necessarias idas dos Governadores ao Norte, e da grande oppressaõ, que com isso daõ aos póvos, e das injustiças que se usam, de que algumas deixei para esta parte, em que determinava tratar dos alvitres que saõ geralmente contra todos; convem a saber: contra Deos, contra o Rey, e contra os homens. Que lhe parece a Vossa Mercê? que torpezas, e fealdades se commettem nas miseras Cidades que elles vaõ visitar? Em se o Goverdador apofentando em qualquer dellas, senaõ for muito continente, naõ faltam curiosos que lhe dem para alvitre, que fuaõ tem huma filha fermosa; e que fuá traz requerimentos com elle, que he cortezá, e bem disposta; que outra, que tem o seu marido prezo, que he muito bem parecida: e estes alvitres naõ os traz por ahi qualquer coitado; mas acontece algumas vezes ser pessoa taõ grave, e de tal hábito, e estado, que por temor de Deos me callo. A mim me affirmáraõ, que houve Governador, ou Viso-Rey, que pedio de rosto a hum homem pobre, que lhe pedia hum officio, huma filha sua que tinha mui bem assombrada; a que lhe respondeo o pobre;

bre: » Que minha filha naõ tem outra cousa de seu » mais que ser honrada; e nunca Deos tal queira que » eu faça. » Ora vêde que boferada esta para hum Governador? e para se naõ metter logo capucho, ou ao menos dar hum bom casamento para tal filha de tal pay? Naõ me lembra o que nisso passou; que eu naõ me achei naquella Cidade, e assim ouvi contar a pessoas graves: naõ quero ficar em restituiçaõ de nada. E se o Governador, ou Viso-Rey da India naõ tiver tanto resguardo em si como Alexandre, que naõ quiz ver as filhas de Dario, segundo a maldade he grande, ficará rendido, e desbaratada a razaõ; e o entendimento ficará prostrado aos pés de seus appetites, que he o mais abatido estado que póde ser; porque mayor gloria he vencer hum homem a si proprio, que tomar grandes, e poderosas Cidades: e se os soldados virem que o seu Capitaõ se deixa vencer da moça de Capua, como o seu Anibal, tambem se deixaráõ esquecer de sua obrigaçaõ. Tanto resguardo tinham nisto os antigos Capitães, quanto trabalhavaõ por desviar os seus soldados destas torpezas; que aquelles bens que se ganhavaõ de boa guerra lhe chamavaõ *Castrenses*, que em Latim se diz *Castrum*; porque os soldados (segundo Vegecio escreve) haviam de ser taõ castos, como se foraõ castrados: e de verdade que foi bom aviso este, e destes antigos guerreadores; porque mais diminue as forças hum acto de luxuria, que a falta de hum membro, como vemos que muito mais somenos se acaba a virtude de huma arvore com hum muito pequeno damno da raiz, que com lhe cortarem toda a rama. E pelos obrigar a estas obras, e a outras grandes virtudes, costumavaõ os Antigos a dar aos seus soldados escudos brancos, para que, fazendo façanhas taõ notaveis, que merecessem ficar na memoria dos homens, as pudessem pintar nelles, porque naõ imaginassem que lhes bastava a gloria dos seus antepassados; porque, segundo Ovidio, nem a linhagem, nem as façanhas dos avós eraõ bastantes para os ennobrecer, se elles por si naõ eraõ virtuosos, e esforçados. Este costume de escudos brancos para se nelles pintarem as façanhas, significou Virgilio no seu Livro IX., fallando de Heleno, onde diz: que morreo com o seu escudo branco sem gloria,

por-

porque o matárão tão mancebo, que não teve tempo para ganhar por sua pessoa alguma cousa que nelle pintasse. A este escudo branco chama *Persio* na quinta Satyra *Candidus umbo*, dizendo que já sahe da sujeição do aio o escudeiro que recebêra escudo branco. E pois tanto trabalhavão naquelles tempos os Capitães de trazerem seus soldados ao caminho da virtude, que parece que haviam elles de obrar tambem de feição que lhes fossem exemplo dellas; porque, segundo muitos Philosophos, o mais certo caminho para os grandes fazerem ir os pequenos ás virtudes, he pôr exemplos mais, que preceitos: e por dar de si este heroico exemplo aquelle continente, e valeroso Capitão Scipião Africano, sendo-lhe no cerco de Carthago presentada huma moça cativa, muito fermosa, natural Numidiana, á não quiz ver, e a libertou, e casou: a qual victoria de si mesmo engrandecem mais os Escritores Romaõs, que vencer Numidia, libertar a patria, e destruir Carthago, com todos os illustres feitos que mais fez. Pelo qual, querendo os Poetas engrandecer isto muito, fingem que Minos, que he no inferno Juiz da ordem dos Cavalleiros, e Inquisidor dos delictos, contendendo diante delle Scipião, Alexandre, Anibal, e sobre quem levaria o primeiro carro, deo sentença por Scipião; porque mais valeo com elle sua clemencia, que a potencia de Alexandre, nem as forças de Anibal; visto como Scipião conquistára toda Africa juntamente com a lingua, e com a lança: e nunca commettêra guerra, que não fosse justificada; nem mostrára aos inimigos a potencia dos Romaõs, sem os convidar primeiro com a clemencia; e nunca derramou sangue no campo, que primeiro não derramasse lagrimas de piedade; e que não sómente venceo os inimigos, mas a si mesmo com a razão na moça de Carthagena: e que posto que Alexandre fôra humano, e esforçado, e não quizera ver as filhas de Dario por não cahir em concupiscencia, todavia foi vencido da colera, e do vinho, de tal maneira, que matára seus mayores amigos: o que tudo em Anibal se nota; porque ainda que suas façanhas forão mais valiosas, todavia cheirárão a crueldade, e a tyrannia, e com isso fôra vencido em Capua de Morfisia sua cativa; e por fim se matára, por não ver os rosto aos

Ro-

Romaõs. Antiócho o IIIº, estando em Epheso, veio huma Sacerdotisa de Diana muito fermosa; e por entender de si que folgára de a ver, se foi logo daquella Cidade; porque antes quiz cortar por seus appetites, e deixar muitos negocios importantes em aberto, que chegar a fazer huma cousa injusta, e deshonesta. ElRey Agesiláo, estranhando-lhe hum seu privado por que naõ quizera ver a Megabuço filha de Antipater, que estava cativa, lhe respondeo: » Que mais queria » vencer a si, e ser superior em semelhantes cousas, » que ganhar por força de armas huma poderosa Ci» dade; porque mais he de estimar em hum Capitaõ » conservar em si sua propria liberdade, que tiralla a » outros. » Gentios eraõ estes todos, que trabalháraõ tanto por conservar a pureza, sem preceitos que a isso os obrigasse mais que os da razaõ. Confusaõ grande para hum Governador Christaõ, estragado em seus appetites! porque naõ sómente offende a sua honra e obrigaçaõ, mas offende gravissimamente a Deos, e ao marido da mulher que deshonra, e afronta ao pay, e irmaõs, e ao mundo todo que o sabe. E naõ só elle cahio em tamanhos peccados; mas foi occasiaõ de seus creados cahirem em outros muitos: porque por apresentarem a petiçaõ da viuva pobre, e da orphá desamparada, para que lhe abatam no foro, ou lhe paguem o que deviaõ a seu marido, e ao pay; e da casada, que tem o marido prezo por caso crime, ou porque deve o quartel; lá o fazem por termos taõ infames, e diabolicos, que me pasma; e o que peyor he, que naõ sei se se prézaõ destas cousas.

*Despach.* Vós estivestes hum prégador: mas naõ me esquece que fallastes em dividas velhas: folgára de me dizerdes o que he.

*Sold.* Dilo-hei a Vossa Mercê: he dinheiro que ElRey deve a Pedro, e Joaõ, e a outras pessoas, de fazenda que lhe tomáraõ do arroz, do trigo, do breo, do cairo, da pregadura do Navio; em fim, de todas as cousas que haõ mister para as ribeiras das armadas, e armazens, das quaes ElRey naõ paga a mayor parte (ElRey naõ, que fallo mal; que elle naõ manda tomar o alheio); mas o Governador, e Viso-Rey, que lhas tomou para as necessidades, que por ventura se puderaõ escusar, porque sempre elles mesmos saõ causas

sas dellas; e depois dos pobres dos homens andarem muitos annos requerendo o seu pagamento, sem se doerem de suas miserias: tomam por derradeiro remedio venderem o papel da divida ao creado, e valido do Governador, e ao Fidalgo seu parente pela quarta parte. Mais: vai o Fidalgo entrar na sua Fortaleza: entre os favores que os Viso-Reys lhe fazem, he Provisaõ para se pagar de dez, doze, e quinze mil pardáos de papéis velhos, os quaes compra pelo mesmo preço do quarto; e chegando á sua Fortaleza, logo se paga do dinheiro por em chêo; e pelo papel de quatro mil pardáos dá mil, e perde o pobre homem tres mil, com que se podia remediar, os quaes o Capitaõ, ou o apaniguado do Governador lhe comem sem escrupulo.

*Despach.* Valha-me Deos! grande roubo, grande destruiçaõ da Fazenda delRey, e espantosa injustiça das partes! caso para se prover, e castigar rigorosamente!

*Sold.* Vê Vossa Mercê quantas Fortalezas ha na India? pois cada tres annos embebem nisto passante de cincoenta mil pardáos roubados ás partes, e tomados tambem a ElRey, e ao Estado, os quaes depois vem a faltar para cousas mui necessarias; ainda que o mais justo, e necessario fôra pagarem-se ás mesmas partes.

*Fid.* Que amizade quereis logo, que faça ao Fidalgo meu amigo? e que tem serviços, senaõ essas cousas, e outras? porque tambem naõ lhe dar nada he crueza: e eu naõ fui o primeiro que isso usou; e teraõ razaõ de se queixar do Governador, que lho negou o que se concedeo aos outros.

*Sold.* Mouro morreo meu pai, Mouro quero eu morrer: de modo que o primeiro Governador isso fez a seu parente; ficou logo em costume fazerem-no todos. Naõ tem esses Fidalgos ordenados; naõ grangeam emprestimos de vivos, mortos, e de orphaõs; naõ compram e vendem á sua vontade; naõ saõ na sua Fortaleza deoses; naõ tiram de algumas duzentos, cento e oitenta mil cruzados? pois a pezar de . . (a) os dez mil del-Rey

(a) Tinha aqui o manuscrito alguma falta.

Rey de papéis velhos, naõ se pud[illegible]õ escusar; porque quem tem cem mil, que tenha no[illegible]ta, ou cincoenta, ou quarenta, e póde viver assim como assim; e esses a ElRey por huma banda, e outros tantos pela outra supprem muitas faltas do Estado: pois porque se naõ poupa isso? Em quanto ia me dizerdes, que naõ podeis negar isso a hum Fidalgo vosso amigo, que vai entrar em sua Fortaleza; amigo muito da alma era Antipater do grande Phocion; e pedindo-lhe huma cousa como esta, lhe respondeo: » Olha cá, Antipater, » naõ podes usar comigo do amigo, e lisongeiro; » porque o amigo naõ pede a outro, senaõ o que he » justo; e o lisongeiro tudo o que quer. Assim o Fidalgo, que vê o Estado individado, e pede ao Governador, que lhe mande dar na sua Fortaleza a Fazenda delRey; mais lhe podeis chamar cruel, e inimigo, que vassallo Real: porque o bom vassallo, mais pretende o augmento e acrescentamento da honra, e fazenda do Rey, que da sua propria. Ora em que Lei, e razaõ está, que a divida do pobre homem, que vendeo ao Rey sua fazenda, que em cinco, e seis annos lha naõ paguem, por dizerem, que naõ havia dinheiro: que venham os Viso-Reys depois a pagar ao seu apaniguado, que Deos sabe se vaõ forro, se a partir, e que para iss[illegible] naõ falte o dinheiro? e praza a Deos, que o naõ tomem a huns para o pagar a outros, que tambem depois lhes fique em divida velha! Quaõ fóra estaõ estes de serem como o mesmo Phocion, de que ainda agora fallei, o qual governando Athenas, e tendo feito algumas dividas ao Estado para cousas necessarias, pedindo-lhe Lamacho algum dinheiro para certas festas, e sacrificios que se costumavam fazer de certos em certos tempos, lhe respondeo assim: » Pelos Deoses te juro, que teria vergonha se désse » dinheiro, ainda que fosse para esses, e outros sacri- » ficios, e o deixasse de dar áquelle Callide; » (apontando n'hum homem que alli estava, a quem se devia huma quantidade de dinheiro, sobre o qual andava em requerimento.) Pois este bom Governador deixava de fazer sacrificios aos Deoses, para pagar antes suas dividas: quanto mais justiça será a do Governador, que deixasse de dar ao parente, e creado, nem ainda pagar-se de seus ordenados, por pagar á pobre

viu-

viuva; á orphã a fazenda que tomáraõ ao pay; e marido para o serviço delRey? Deixo outras muitas injustiças, e destruições, que padece o povo, e fazenda do Rey com estas hidas dos Viso-Reys a visitar as Fortalezas do Norte; porque já canço, e me magôo; que bem tinha ainda que dizer das hidas dos Veedores da Fazenda, que elles fazem para hirem visitar aquellas Fortalezas; o que hey por hum dos grandes desserviços do Rey. De huma só cousa me espanto, que naõ vejo Viso-Reys curiosos de hirem visitar as Fortalezas do Canará, Malavar, até Ceilaõ, que tambem saõ delRey, senaõ só as do Norte; nem sua cubiça lhes deixa ver, que devem os homens de ter notado a razaõ disto; mas de tudo lhes dá bem pouco: e bem puderaõ elles vir de lá cheios de peças, brincos, e louça; mas tambem sei dizer, que naõ vem pobres de pragas; porque em virando as costas, as rogativas que tem de todo o povo grosso, e miudo saõ, que nunca passem o Cabo de Boa Esperança, que naõ logrem o que lhe tomáraõ; que por os hospitaes venhaõ a morrer seus filhos: e naõ sei se tem a alguns abrangido estas pragas; porque Deos naõ dorme, e sempre ouve a voz do justo, e o sangue de Abel continuo pede justiça de Caim.

*Fid.* A tudo o que tendes dito me rendo: tudo o que dissestes saõ bocados de ouro. Eu fico fóra desse jogo, porque naõ tive tempo para fazer essa jornada.

*Sold.* Se o houvera, tambem Vossa Mercê houvera de o fazer; porque seus apaniguados, que desejaõ de gastar os bofetás de Baroche, e as colchas de Dio o houveram de persuadir a isso.

*Fid.* Pela ventura que o fizera; porque mal, e peccado mais depressa imitamos, que o bem.

*Sold.* Isso estava para dizer; porque o primeiro Viso-Rey que passou ao Norte, naõ foi buscar brincos, senaõ pelouros, que achou em Dabul quando o destruhio, e na soberba armada de Mirhocem que em Dio desbaratou, com que vingou a morte do filho, e levantou, e engrandeceo tanto o nome Portuguez, que começou com isso a dilatar, e estender este Estado. Lopo Vaz de Sampayo ao Nórte foi; mas a buscar a armada de Agamamude, e peleijar com ella, como fez, destruindo-a

do-a de todo; andando com as armas ás costas, e a espada ensanguentada até a empunhadura, acrescentando a Fazenda do Rey; naõ com imposiçoes postas aos vassallos, mas com muitas prezas dos inimigos. Nuno da Cunha foi ao Norte tres vezes; mas a tomar Baçaim, a fazer Fortaleza em Dio, e a destruir o Estado de Cambaya. D. Garcia de Noronha tambem fez esta jornada; mas a reformar Dio, e a buscar a armada do Turco, que lhe foi fugindo, sem ousar ao esperar. O Viso-Rey D. Joaõ de Castro foi ao Norte duas vezes; mas a descercar Dio; a destruir o Estado de Cambaya, até se apresentar nos campos de Baroche aquelle poderoso Rey, offerecendo-lhe batalha; que elle naõ ousou acceitar; e ao recolher vir destruindo a Costa do Idalcaõ, e a pôr-lhe por terra a sua famosa Cidade de Dabul; e outras cousas como estas a que muitos foraõ, no que entaõ punham sua bemaventurança, e os soldados accezos daquelle primeiro furor, e brio Portuguez obravam cousas dignas da eterna memoria; porque tambem eraõ honrados, e favorecidos dos Viso-Reys, que se sangravam nos braços para elles: e assim naquelles tempos naõ os achayeis pelas portarias, e alpendres dos Mosteiros dos Frades, como depois vi: e tambem por isso já os naõ ha, porque desenganados do tempo, e cubiças dos Governadores, se lançáraõ a outra vida; huns pela China, e Japaõ; outros por Bengala, e Melindre: e quatro soldados que andam no serviço, já se fizeram á natureza da terra; que se naõ querem embarcar sem os Capitães lhes encherem as maõs de dinheiro, e cuido fazem bem; porque já que as mercês, que se com elles repartiam, se daõ aos creados dos Viso-Reys, e os soldos lhos naõ pagam, senaõ quando se embarcam, negocêam-se por outra via; porque elles haõ de comer, e já os Fidalgos, que lho davaõ saõ mortos, e tudo se vai acabando, e ainda mal! porém porque cada dia ha de ir isto de mal em peyor; porque já se naõ pretende, senaõ levar, e vindimar cada tres annos esta vinha: entaõ lá virá outro, que em vez de remediar a destrua mais; e o que he peyor, que lhes dá taõ pouco disso, que eu ouvi dizer a hum Viso-Rey, que naõ estava innocente: » Que bem via » que a India se perdia; e que naõ poderia durar

» muito; que onde quer que estivesse lhe dessem no-
» vas ser tudo acabado, o sentiria. »

*Despach.* Segundo isso, só Deos póde remediar essas cousas pelo modo que vaõ: que o Rey naõ póde fazer mais, que buscar Fidalgos illustres, e experimentados, que lhe parece o serviráõ mui bem, e mandallos por Viso-Reys. Se elles tem taõ má consciencia, que fazem essas cousas; e em vez de enriquecerem o Rey, e alliviar o povo, o empobrecem, e carregaõ de tributos; e em vez de acreditar o Estado, o desacreditam: de quem logo se ha de fiar? que cá na terra naõ ha Anjos; e do Ceo naõ os haõ de eleger para isso.

*Sold.* Muitos remedios ha; mas esses naõ quero eu dizer agora: e só a ElRey os dissera, e com lhe custar ainda alguma cousa; porque já que tudo o mais digo de graça, essa só lhe hey de vender muito bem.

*Despach.* Eu serei de parecer, que vo-la paguem a vosso gosto, pois tanto importa: mas ouvi-vos dizer, que os Veadores da Fazenda, que tambem vaõ ao Norte, fazem nelle injustiças, e desserviços a ElRey: folgára de saber como, e em que? porque os mais dos Viso-Reys escrevem o contrario a ElRey.

*Sold.* Naõ vi cousa mais contra seu serviço; e logo o mostrarei, se Vossas Mercês naõ estiverem já enfadados de me ouvirem.

*Desp.* Bofé, senhor Soldado; naõ estou; antes me dais vida em me allumiar nestas cousas, para dellas saber dar no Conselho melhor razaõ: por isso naõ largueis o intento que levais.

## SCENA VIII.

*De como os Veadores da Fazenda, que vaõ ás Fortalezas do Norte, saõ muito desnecessarios; e das desordens que commettem na Fazenda delRey.*

*Sold.* ORa tenham Vossas Mercês tento; porque por algumas razões hey de mostrar como estas hidas dos Veadores da Fazenda ás Fortalezas saõ contra o serviço delRey. A primeira, nenhum Veador da Fazenda destes, ou poucos, vaõ á sua missaõ, que primeiro o naõ solicitem, e o naõ peçam de mercê; e ainda naõ sei se peitam para isso grossamente a alguem. Do que se vê claramente, que já naõ vai para servir o Rey, senaõ para se servir a si. Outra razaõ: o fim, e intento das hidas destes homens ás Fortalezas, he naõ se fiarem os Governadores dos Feitores que nellas estaõ; o que parece caso de Leza-Magestade, pois se naõ fiaõ de quem ElRey fia seus cargos: pelo que o a que estes homens vaõ, he a mandar dinheiro, madeira, taboado, cifa, azeite, cotonias, arroz, trigo, Navios, e todas as mais cousas para as armadas, e almazens; e para só fazerem este serviço, lhe daõ mil cruzados de ordenado; vinte homens para os acompanharem, e lhes pagarem quarteis, e mantimentos; hum navio armado em quanto por lá andarem; cinco pardáos mais cada dia para sua meza; e provisões para todas as mais despezas que lhes forem necessarias; e para certos alvitres quinhentos pardáos de soldos velhos, e outros quinhentos nas dividas dos Feitores, se ficarem devendo no balanço que lhes derem; e outras cousas como estas. O proveito que fazem nestas hidas á Fazenda delRey, he comprar a madeira aô Capitaõ de Baçaim pelo preço que elle quer; e o trigo, e arroz, a quem lhes manda mais capões, e esquifes jaspeados, senaõ quanto se o compráraõ a cinco pardáos, e praza a Deos o naõ carreguem a seis, e a hum para elles; e por esta maneira todas as mais cousas á vontade de seus donos, porque tambem o serviraõ á sua vontade. Fazem despezas ordinarias,

e extraordinarias, cada hora frétam Náos e Navios para levarem a Goa estas cousas a gosto de seus donos, que essas saõ as suas mangas. De sorte que emprega a ElRey dez, quinze mil cruzados nestas cousas, o Veador da Fazenda que foi a isso, e faz despezas de tres, ou quatro mil pardáos; pela qual razaõ fôra de mais proveito comprar esta cousa em Goa a maior valia. O que he muito gracioso, que se entrais em casa destes Veadores da Fazenda, achar-lhes-heis a salla, e a varanda chêa de alfaiates; huns a fazer colchas de seda, e bofetás, e outros acolchoados ricos; e lá mais dentro na camara Ourives a batter, a fazer garrafas de prata, cadêas, e braceletes para as filhas, e mulheres; guarnecer cofres de tartaruga de prata, e cascas de coco das Ilhas; e em baixo nas lojas torneiros, e carpinteiros a fazer esquifes de muitas feições, escritorios marchetados, guarda-roupas de marçanaría: de maneira, que entrais em huma casa de Contratador, e naõ de Veador da Fazenda: e ha alguns taõ correntes nisto, que levaõ Provisões para devassarem dos Officiaes da Alfandega, e Capitães Móres das Náos, no que lhes untam as rodas de feiçaõ, que nenhum official por culpas graves que tenha o vedes castigado, e todos saõ soltos, e livres: e sabe Vossa Mercê quanto he isto assim, que ouvi a hum Fidalgo meu amigo, Capitaõ de huma destas Fortalezas: que no seu derradeiro anno havia de mandar pedir de alvitre ao Governador huma Provisaõ para devassar dos Officiaes da Alfandega; porque lhe havia de montar mais de tres mil dobras, pelo que sabía que os Officiaes de seu tempo deraõ a hum Veador da Fazenda, que lá foi devassar delles, ficando todos em seu cargo, havendo entre elles hum que desembarcava das Náos de Méca de noite os caixões de ouro, e prata, e em sua casa fazia os direitos que lhe ficavaõ, com o que negociou muito; e por derradeiro o diabo lhe levou tudo. E algumas vezes ouvi queixar a este Fidalgo destes Veadores da Fazenda; e cuido que assim o escreveo a ElRey, que no primeiro anno de sua Fortaleza, em que hum Governador acabou, e outro começou, tinhaõ vindo a ella tres Veadores da Fazenda, que fizeraõ de despeza á Fazenda delRey mais de doze mil pardáos. Ora o serviço que fazem nas Alfandegas, he as peças

curiosas, e ricas, que a ellas vaõ, avaliarem-nas em muito menos do que valem para as tomarem pelo preço: e desta maneira se enchem de peças baratas, que custam a ElRey bem caras. Em huma Alfandega destas succedeo huma vez este caso: hum mercador Mouro levava para Méca hum fardo pequeno de bofetás, os mais ricos que podiam ser, que os fez de encommenda em Baroche para os Bachás do Turco; e indo á avaliaçaõ, lhos puzeraõ cada hum em oito pardáos, valendo doze, ou quinze, só por lhe tomarem alguns por aquelle preço; e entendendo o Mouro o caso, começou a gritar, que os seus bofetás valiam mais de quinze pardáos, que ElRey de Portugal ficava enganado na avaliaçaõ; que elle queria pagar os direitos á sua Alfandega, por como sua fazenda valesse. Entendendo os Officiaes o caso, lhos puzeraõ em dez pardáos cada hum, e naõ lhe tomáraõ nenhum de vergonha: porque antes o Mouro quiz pagar os direitos, ainda que foraõ em dobro, que tomarem-lhe os que os Officiaes quizessem por menos muito do que valiam: com outras cem mil cousas, que deixo por haver nojo de tantos roubos; porque tudo o que os Veadores da Fazenda vaõ fazer, o faraõ os mesmos Feitores, a quem o Rey deo os cargos por seus serviços, que saõ taõ honrados como elles, e muitas vezes mais, sem esses gastos, e despezas, que seraõ melhores poupar-em-se para as necessidades.

*Fid.* Oh que isso naõ póde ser; porque esse Feitor quer ter em si o dinheiro delRey para tratar com elle; e quer-se pagar de seus ordenados o Capitaõ, e de outras dividas, que cada dia faz fantasticas; e assim naõ se fará nada, nem virá o que he necessario para a Ribeira, e almazens delRey.

*Sold.* Esse he o mayor engano da vida: bem sei que só por este respeito o fazem por naõ pagarem aos Capitães: mas nunca se elles pagam melhor, que quando levam esses Veadores da Fazenda; o porque, elles se entendem, e eu, que naõ posso fallar tudo: quanto mais que os Veadores da Fazenda já levam por lista tudo o que haõ de pagar, e comprar, as quaes cousas se puderaõ mandar aos Feitores, que sempre haõ de fazer tudo a menos custo, e mais barato: mas os Viso-Reys querem fazer essas mercês a seus apani-

gua-

guados; e darem esses cinco, seis mil pardáos por alvitre.

*Despach.* Cuido que tendes razaõ; porque os Feitores, que ElRey tinha na Mina, e em Flandes, naõ hia já nenhum Veador da Fazenda comprar-lhes as cousas que se haviam mister para os almazens do Reyno; assim aos Feitores das Fortalezas lhes podem mandar ordem, e lista do que se ha mister para o terem comprado ante-tempo, e quando valer mais barato: mas ouvi-vos fallar nos soldados velhos, e que por elles se hia muita parte do rendimento da India; folgaria de saber o como; e deve de ser isso como as dividas velhas, de que já fallastes.

*Sold.* Mas peyor. Saiba Vossa Mercê, que isso he huma lima surda, e hum cano, por onde se vasa a mayor parte da Fazenda do Rey, e o suor das partes, que o dam, como quem o dá ao diabo, por mais naõ poderem; e se o naõ dam, tomam-lho por força: e eu naõ queria descubrir mais defeitos, que os que tenho já dito.

*Despach.* Déstes-me a vida nisso; porque esse negocio da matricula muitas vezes se praticou de se desfazer, ou de se pôr algum remedio para naõ se ir a Fazenda delRey por esses soldos velhos. Agora folgarei de ouvir vosso parecer, para saber dar razaõ de mim, se se praticar neste negocio. E pois até agora fostes taõ liberal das cousas que cumprem ao serviço de S. Alteza; nesta, que naõ he de menor importancia, vos naõ mostreis escasso; que eu vos prometto, que se vos satisfaça muito bem, e que ElRey saiba os serviços que nisto lhe fazeis.

*Sold.* Naõ queria mayor galardaõ, que aproveitar alguma cousa o que disser, para se remediar; porque quem vê ir as cousas da India tanto de cabeça, como eu entendo que vaõ, assàs fóra obra de bom Christaõ se lhe puder acudir, ainda que se faça como outro Solon, o qual vendo a Ilha de Salamina (donde era natural) tomada, e possuida dos Megarenses, e porque se praguejava muito dos Athenienses consentirem possuirem-lhe os inimigos a sua Ilha, escandalisados disso os Governadores, fizeraõ huma Ley: que todo o que fallasse em se cobrar a Ilha Salamina, morresse por isso: e porque a Solon lhe doía tanto a quebra do

Es-

Estado Atheniense, e naõ ousava de fallar por medo da Lei, fingio-se doudo; e enchendo-se de carvaõ, se foi pela Cidade de Athenas cantando huns versos, que por prolixidade naõ digo, sobre a afronta que se fazia áquelle Estado, em lhe possuirem os Megarenses sua Ilha; os quaes tiveraõ tanta força, que, desfazendo-se a Ley, o elegeraõ por Capitaõ para cobrar outra vez aquella Ilha; porque a quem lhe dóe a honra do Estado, todos os meyos busca para pôr remedio em suas cousas. Mas Vossa Mercê me manda que lhe diga, que cousa saõ soldos velhos: tratarei este cano da matricula por onde todos se vasaõ; a qual pelos roubos, que os Governadores, e Capitães das Fortalezas fazem, se tratou algumas vezes de se desfazer.

## SCENA IX.

*Do que saõ soldos velhos; e do roubo que se faz a ElRey, e ás partes nelles; e do remedio que haverá para se evitarem.*

*Sold.* PRimeiramente tratando de soldos velhos; por que Vossa Mercê me pergunta; dar-lhe-hey informaçaõ delles. Soldos velhos saõ aquelles que ElRey me deve a my, a Pedro, a Joaõ, dos quaes haverá no Livro da Matricula mais de hum milhaõ de ouro; e a causa he porque todos os que passaõ de Portugal a estas partes, quer sejam soldados, quer casados, quer officiaes mecanicos, todos vem assentados em soldo, e vencem sempre onde quer que estejam, tirado Bengala, ou Melinde. E destes saõ infinitos mortos, que tem sua matricula em pé, e seu soldo corrente; e mortos de vinte annos vencem soldo, e paga-lho ElRey, naõ já a elles, mas a outros, que lho tomam por esta maneira. Vai hum Capitaõ entrar em sua Fortaleza: passa-lhe o Governador provisaõ para lhe pagarem quarteis a cincoenta creados, e a doze parentes: a estes saõ soldos grandes que paga, e aquelles recolhe para si, deitando no seu caderno o homem que já he morto; que anda pela Melinde, e Bengala; e alguns fantasticos, que depois o Governa-

dor

dor manda que se lhe levem em conta; sem embargo de se lhe naõ achar titulo; e o Escrivaõ da Feitoria, ou por medo, ou por má consciencia, lhe passa ao pé do caderno certidaõ: » Que teve todos aquelles homens » que lá estaõ lançados. » Pela mesma maneira o Feitor têm certos homens para se lhes pagarem quarteis: tem comsigo dous; todos os mais recebe, e lança em titulos alheios. Nas Fortalezas fronteiras, onde ha por Regimento trezentos, e quatrocentos homens, pagam seiscentos, e setecentos; e nellas de maravilha se achaõ duzentos, e todos os mais com praças mortas: e fazem cada dia homens novos fantasticos, e depois quando vem os cadernos á matricula para se descontarem ao Feitor os homens, que o Capitaõ pagou, naõ acham titulo á quarta parte delles; e como os Capitães lhes passam assignados de lhos fazerem levar em conta, o pagam por elles; os quaes se soccorrem ao Viso-Rey, ou Governador, que lhes passa Provisaõ para levarem em conta todos os que naõ tiverem titulo. Eu sei dous, ou tres Capitães, que lhes mandáraõ levar em conta mais de quarenta mil pardáos a cada huma destas praças mortas. Ora se cada tres annos isto ha em huma só Fortaleza; que fará em tantas? por certo que nisto se dispende a maior parte do rendimento. Mais: em huma Fortaleza, onde se armam todos os verões seis, ou sete Navios, para andarem dando guarda ás cafilas, aos quaes se manda pagar a vinte e cinco homens: cada hum destes Capitães delles recebe todo o soldo dos vinte e cinco, e naõ levam mais que doze, ou treze, e os mais repartem em tres partes; huma para o Capitaõ da Fortaleza, outra para o Feitor, e outra fica ao Capitaõ do Navio, e a esse conta os mantimentos delles; e assim andam sem gente estas armadas, e se daõ os Cossarios nelles, tomam-nos, como já aconteceo algumas vezes. Ora veja Vossa Mercê que tal anda o serviço delRey; e suas armadas como andam arriscadas. Deixo outras muitas soppas, que se molham nesta porcelana de mel da Fazenda do Rey, que saõ infinitas, em que entram os Officiaes da Matricula, e dos Contos, que sempre tem lá seus tratos, e lhe lançam certas matriculas, que elles fazem com muito gosto, porque lhes haõ de cahir nas maõs; a huns para os des-

descontos; a outros para darem suas contas: mas com estes os desculpo; porque se isto naõ fizeram, coitados delles, que lá haõ de ir pagar suas culpas; porque a Casa dos Contos he o Purgatorio dos Feitores, e Thesoureiros da India; e onde tambem ha della e della (como lá dizem); porque já na India naõ ha cousa sá; tudo está podre, e afistulado, e muito perto de herpes; se se naõ cortar hum membro, virá a enfermar todo o corpo, e a corromper-se. E tornando á materia dos soldos velhos, dá hum Feitor, ou Thesoureiro sua conta; ficou devendo dous mil cruzados; lança logo provisaõ, que pague os mil, e que os outros se lhe descontem em soldos velhos de pessoas que appresentar, e já a essa conta vem com a divida feita, e assim ajunta o soldo por amigos, e por os que o naõ saõ, a que sabem as matriculas, e saõ ausentes, e mortos, e se lhes descontam. Vai hum creado do Governador ás Fortalezas do Norte a fazer alguma diligencia de seu amo, ou quando chega de Portugal a levar recado ás Cidades da sua vinda, e da saude do Rey, o que lhe naõ monta taõ pouco, que naõ passem de duas mil dobras: com isso leva Provisaõ de trezentos, ou quatrocentos pardáos de soldos velhos para Dio, ou Ormuz; e já os leva descontados pela maneira acima, e estes se lhe pagam em mui boa moeda. Mais: pede o Fysico do Governador, ou Viso-Rey Provisaõ para lhe pagarem todo o soldo velho que lhe derem os soldados que elle curar, e elles sem visitarem nenhum, porque todos vaõ parar no Hospital, ajuntam cinco, e seis mil pardáos por matriculas alhêas: e hum Escrivaõ de matricula geral me disse, fallando nessa materia, que a hum Fysico de hum Viso-Rey descontára por esta ordem vinte, ou vinte e dous mil pardáos nos seus tres annos. E porque me naõ esqueça huma cousa que me parece injusta, naõ passarei por ella; e he, que nas Fortalezas, nas pagas que se fazem aos soldados, lançam de dez em dez, e no cabo fazem hum termo que fiquem huns por outros, senaõ tiverem dinheiro nos titulos; e se falta nelles dinheiro algum para se lhes desconntar, o fazem no titulo daquelle que está mais perto delle; e assim fica o paciente pagando dous quarteis; hum que lhe contam, porque lhe sabem na matricula,

que

que elle nunca foi a Ormuz, nem a Dio; e outro que mais lhe descontam, como fiador do que estava mais perto delle, que naõ tinha titulo: e isto me aconteceo a mim já; e por isso como magoado fallo. E por estes exemplos se veraõ todos os mais, por onde o Rey he roubado; e quando o Estado padece necessidades, naõ tem donde se valer; porque a mayor parte do rendimento de suas Alfandegas se vai por estas desordens.

*Despach.* Fólgo de ouvir essas cousas taõ claras, porque nunca mas disseraõ senaõ marchando: pelo que nos pareceres, que sobre isso se tomáraõ, nunca me soube determinar, como já agora farei; pois vós com o bom zelo de Portuguez tratais mais do que releva a vosso Rey, que a ninguem: mas já que estamos nesta materia, folgaria de me dizerdes vosso parecer sobre este negocio, e remedio que se lhe póde pôr; porque além de vossa experiencia, e bom juizo, havieis de ouvir lá praticar isto a homens avisados, e velhos na India, que dariaõ muito boa razaõ nisto.

*Sold.* Alguns ha que a podem dar muito boa em todas as materias; porque as tratáraõ, e viraõ mais annos, e melhor que os Fidalgos que saõ chamados a conselho, que muitos delles naõ tem experiencia de nada: mas he esta maldiçaõ Portugueza tal, e sua desconfiança tamanha, que o homem que naõ he Fidalgo, naõ he chamado para nada: tendo exemplo em todas as outras nações, em que se tem mais respeito á idade, e experiencia de guerra, que ao sangue, e nobreza: mas deixando esta materia, em que havia bem que dizer; peditome Vossa Mercê parecer no negocio que tratavamos; he elle tal, que era necessario para isso outro saber differente do meu, e de minha profissaõ; porque isso he para homens, que cursáraõ a fazenda, e negocios della mais: porém quem ha, que possa dar melhor informaçaõ disto que Sua Mercê, que cursou a India muitos annos de Capitaõ, Capitaõ Mór, e depois de Governador da India, diante de quem todos os negocios se tratáraõ; estes, e todos os mais lhe corrêraõ pela maõ, junto ao differente juizo, que do meu tem por sua illustre geraçaõ, e differente creaçaõ?

*Fid.* Naõ consinto isso: porque naõ he argumento bastan-

te essa creaçaõ, e geraçaõ que dizeis, para poder dar melhor razaõ que vós, e mais em cousas, que os largos annos de experiencia vos tem muito claramente mostrado o bom, e máo: por isso hide por diante, e dai-nos vosso parecer; porque o meu, direi quando Sua Alteza mo perguntar; e póde ser que me allumieis em muitas cousas, que me teraõ esquecido.

*Sold.* Melhor he obedecer, que sacrificar: eu ainda agora sou vassallo de Vossa Mercê, como quando o era sendo meu Governador: pelo que farei o que me manda; direi o que me parece pela ordem da soldadesca; que da Fazenda, eu a naõ entendo.

Primeiramente: sou de parecer, se S. Alteza pretende pagar alguma hora o que deve, que se tirem a limpo todas as dividas dos soldos que se devem a vivos em hum livro; e dos mortos em outro, os quaes fechados se mettam no cofre do Thesoureiro, ou em huma Torre do Tombo, que na India houvera de haver para todas as antiguidades, e se lançarem nella todas as Cartas delRey, de Capitães Móres de Armadas, e das Fortalezas; Cartas dos Reys vizinhos, e respostas dellas; fórmas de Embaixadas; pareceres que se tomam sobre as cousas do Estado; Canhões de Armadas que se fazem, com os nomes dos Capitães, com todas as mais cousas que podem servir para se os Chronistas aproveitarem para suas Escripturas, para de todo se naõ apagar e extinguir o nome Portuguez, taõ celebrado, e famoso por todo o Universo, de cujo descuido pudera fazer hum muito largo Capitulo; e envergonhar tantos Governadores, quantos na India houve taõ pouco curiosos, do que lhes a elles mesmos cumpre; porque nesta Torre houverem seus feitos de ficar perpétuamente em memoria. Mas tornando a nosso proposito: tiradas estas dividas em livros separados, e feita huma matricula dos Moradores da Casa, e Fidalgos que recebem continuos soldos, e moradias; todos os mais livros velhos sejam logo queimados; e naõ se use mais do modo da materia, senaõ por esta ordem. Fazerem-se na Cidade de Goa seis bandeiras de Ordenanças, nas quaes se matriculem todos os soldados da India por esta fórma. Os soldados que residirem em Goa, que se assentem nas bandeiras que quizerem, de que seraõ Capitães os mais velhos, e honrados Fidalgos

gos da India, que as ordenaráõ com ſeus Sargentos, Caporaes (a), e mais Officiaes; e terá hum Eſcrivaõ com ſeu livro, em que aſſente o ſoldado que ſe for para a ſua bandeira, nome, terra, e anno em que veyo; e paſſará o Governador que for Proviſões para todas as Cidades, e Fortalezas da India, para que os Capitáes dellas com grandes penas façam aſſentar os ſoldados todos, que na Fortaleza ao preſente ſe acharem, de que ſerá Eſcrivaõ hum dos mais honrados Vereadores da Terra; e quando ſe forem aſſentar, lhes dirá o dito Eſcrivaõ os nomes dos Capitáes das bandeiras de Goa, para que eſcolham em qual dellas ſe querem aſſentar; e tanto que nomearem a que quizerem, o aſſentaráõ n'hum livro, que para iſſo teraõ por eſte modo: *Fuaõ, filho de fuaõ, veyo em tal era, e aſſentou na Bandeira de Fuam*: e por eſte modo todos os mais; e ao aſſentar, ſe lhes notificará aos taes ſoldados, que tanto que chegarem a Goa, ſe recolham ás ſuas bandeiras: e como em todas as Fortalezas ſe cerrarem eſtas matriculas, mandaráõ o treslado dellas á India: ſc. a cada Capitaõ ſeu rol, em que lhe mande as matriculas dos ſoldados, que ſe nas ſuas bandeiras aſſentáraõ; os quaes Capitáes os aſſentaráõ logo nas matriculas dos ſoldados de ſuas bandeiras para ſaberem a gente que tem, aſſim preſente, como auſente; e depois deſtas matriculas das Fortalezas chegadas, hirá cada Capitaõ ſeu dia no mez á matricula geral, aonde haverá hum livro grande, em que aſſentem os ſoldados de ſuas bandeiras, de que faraõ matricula de cada bandeira por ſi. E ſervirá iſto do Viſo-Rey ſaber em huma hora os ſoldados que na India tem, e onde reſidem: e tanto, que ſe quizerem ir para fóra, façaõ ſabedores a ſeus Capitáes, ou ao Eſcrivaõ de ſua bandeira para lhe pôr cota; eſte Fuam foi-ſe para fóra de Armada, ou a outra couſa; e os que vierem de fóra ſe hiraõ logo apontar nas bandeiras, em que ſe matriculáraõ, aonde reſidiaõ; e ao fazer das Armadas hiraõ os ſoldados receber a matricula com os ſeus Capitáes, e no ſeu livro do ponto lhes poraõ ſeu recebimento; e aſſim o ſoldado que recebeo em Dio, ou em Damaõ, que o Feitor vem deſcontar, ſe buſcará

ho

(a) Saõ os que hoje chamamos Cabos d'eſquadra.

no mesmo ponto da bandeira em que se lá assentou, e assim se pagará aos que servirem, e naõ haverá poder o Capitaõ pagar a cincoenta homens sem os ter comsigo; nem o Feitor, e outros Officiaes aos seus: e por este modo ficam naõ havendo soldos velhos, nem os soldados podendo dar o seu a ninguem, porque o naõ tem senaõ quando recebem: mas para isto era muito necessario, que lhes pagasse S. Alteza aos que em Goa residissem, o seu mantimento, que cada mez se ha de dispender nisto; que os dos soldos velhos que se pagam cada anno a quem já disse, e os dos casados de Goa, e de todas as demais Cidades se apontaráõ n'hum livro, que os Capitáes das taes Fortalezas para isso teraõ, por suas matriculas, e os tresllados se mandaráõ ao Viso-Rey, para mandar fazer hum livro na matricula de casados, e os nomes das terras aonde residem, aos quaes se naõ pagará soldo, senaõ quando se embarcarem de Armada; porque estaõ os livros chêos de dividas de soldos destes casados, que muitos ha trinta, e quarenta annos que se naõ embarcaõ, e seus titulos estam em aberto, e vencendo soldo, e muitos que saõ mortos ha muitos annos, que vencem como vivos, e outros que se foraõ para a China, e para o Reyno, sem se descontarem que estam vencendo; e destes que digo saõ a maior parte das dividas que S. Alteza deve destes soldos. E tanto que hum soldado casar ou em Goa, ou em qualquer outra Fortaleza, será obrigado hir-se ao Escrivaõ dos soldados, e apontar-se por casado, se está escrito neste livro: mas se se casou em Chaul, e se escreveo em Dio, será obrigado ir ao Escrivaõ, que em Chaul he deputado, apontar-se de novo, e dizer: *Fuam, filho de Fuam, da Bandeira de Fuam, casou nesta Fortaleza*: e assim se apontará por casado no livro do Capitaõ; e o Escrivaõ de tal Fortaleza será obrigado a mandar a Goa certidaõ ao Capitaõ da bandeira, ou Escrivaõ della em que se certifique de como Fuam de sua bandeira se casou, para que quando for á matricula apontar a tal bandeira, faça declaraçaõ no livro da matricula, de como se casou aquelle Fuaõ, o qual logo será passado ao livro dos casados no titulo da Fortaleza em que casou. E assim se saberá sempre quaes saõ os soldados, e casados, e os

que

que saõ vivos, e mortos: e para isto seraõ obrigados os Escrivães das Misericordias de todas as Fortalezas, a tanto que nos Hospitaes entrar soldado enfermo que falecer, mandar seu nome em matricula, e de que bandeira he, para que o Escrivaõ de tal bandeira lhe ponha em seu titulo verba de morto; e assim tanto que no principio do mez se forem apontar á matricula, fará o tal Escrivaõ declaraçaõ dos que se foram para fóra, e dos que casáraõ, e morrêraõ; porque naõ haja andar morto por vivo, casado por soldado, nem ausente por presente; e com isto ficará a cousa taõ desembaraçada, que hum naõ possa receber na matricula de outro, nem o que se foi para China ter o titulo corrente, nem receber Pedro por Joaõ, nem os Capitães pagarem mais homens dos que tem, e os Viso-Reys naõ fazerem mercês de soldos velhos; no que se poupará mais de vinte mil pardáos cada anno, que se pagam pelo modo que disse. Isto que tenho dito he o que me parece sobre este negocio; no qual poderá haver outros melhores pareceres que o meu, que eu naõ desgabarei, porque naõ sou taõ affeiçoado ao meu, que qualquer outro me naõ pareça melhor; e quem quer acertar, assim o deve fazer em tudo; porque doutrina he de Plataõ no seu Timeo: que nunca vira errar homem affeiçoado ao parecer alhêo, e que muitos vira perder por seguirem o seu. S. Paulo, vaso de eleiçaõ, naõ se quiz affeiçoar a seu parecer estando determinado para ir a Roma, e seguio o de seu Discipulo Philemon: e na Escritura Divina temos, que David fôra muito mayor Profeta que Nathan, e sobre o negocio da edificaçaõ do Templo naõ se affeiçoou tanto a seu parecer, que naõ acceitasse o de Nathan. Deos nosso Senhor teve grandes queixas com Moysés sobre os Filhos de Israel serem taõ affeiçoados ao que lhes parecia, que em tudo engeitavaõ o conselho alhêo, por cuja causa andáraõ toda a sua vida perdidos, e assombrados dos cutelos dos inimigos. Assim digo, que tambem isto summetto ao parecer alhêo; e se o que dou nisto for bom, faça-se o que fizeraõ aquelles Ephoros de Lacedemonia, que estando em hum conselho, deo hum homem simples, como eu, hum muito bom parecer em hum negocio muito arduo; e quadrando a todos, lançáram a este homem do

Se-

Senado fóra, e elegêraõ outro mui grave, a quem mandáraõ dixesse aquelle mesmo parecer com as mesmas palavras, como quem de hum vaso ruim muda o licôr para outro melhor. Mas toda-via em tudo isto que tenho dito acho hum só inconveniente, que he naõ soffrer a India estas companhias; porque se os soldados se virem unidos, saquearáõ as Cidades, roubaráõ os póvos, e faraõ outras exorbitancias: por onde naõ sei qual he peyor, se antes ElRey perca o seu, que haver estas desordens.

*Despach.* Por certo que naõ sinto eu nenhum desses Athenienses, que melhor parecer pudera dar nisso que vós, como fareis em todas as cousas mais; que eu vos vou sentindo hum fervor, e espirito para outras mayores, e de mais substancia.

*Fid.* Naõ póde parecer mal isso que dixestes, e assim se rastejou já em tempo delRey D. Sebastiaõ; porque quando mandou a primeira vez á India D. Luiz de Atayde, já levava por Regimento fazer essas ordenanças, e assentar os soldados em bandeiras; o que elle usou alguns dias; porque as cousas boas nunca se vai com ellas ao cabo: e quanto ao que receais das desordens dos soldados, se elles tiverem Capitães de honra, naõ haverá nada disso; porque o dia que hum fizer hum desarranjo, o mandará passar pelas alabardas: e como o fizer a quatro, os mais se refrearáõ; e o Capitaõ que dissimular com alguma cousa destas, que o Viso-Rey o mande logo com grilhaõ ao Rey.

*Despach.* Ainda que estive muito attento a este negocio da matricula, naõ me esquece que tocastes nos Contos, como que tambem ha nessa casa mangueiras; por amor de my que, em quanto se o Sol vai pondo, trateis essa materia, que naõ ha de ser pouco importante: porque como entro novamente neste cargo, quero saber tudo, e haver lingua das cousas da India, para poder dar razaõ de todas.

*Sold.* Para isso havia mister mais tempo: e eu quando toquei esse negocio de passagem, naõ cuidei que Vossa Mercê lançasse delle maõ; mas já que me embaracei nestas cousas, irei acabando o seraõ com esta materia, pois Vossa Mercê ma dá.

SCE-

## SCENA X.

*Em que se tocam algumas cousas dos Contos de Goa; e outras differentes materias.*

*Sold.* A Casa dos Contos de Goa he a cousa mais importante para a Fazenda delRey, que ha na India; á qual concorrem todos os Feitores das Fortalezas de Armadas, Náos, e Navios, Almoxarifes, e Rendeiros de todas as rendas, que saõ muitas. Para o que era necessario que estivesse esta Casa provida de homens muito honrados, de muita verdade; e Officiaes muito bons, e de consciencia, que de tudo isto está falta: ha nesta Casa dez Contadores com seus Escriváes; dous Revedores; hum Recebedor de restos com seu Escrivaõ, que tem duzentos e dezoito mil reis; e hum Provedor dos Contos. Destes Officiaes o Provedor mór dos Contos tem de ordenado trezentos e trinta mil reis; os Contadores a cento e quarenta mil reis; e treze Escriváes, cada hum a sessenta mil reis. Alguns destes Officiaes conheci eu mui ricos, que na Casa engrossáraõ sem terem mais que o que disse; e se naõ for por meyos illicitos, naõ podem fazer mais que sustentar-se piedosamente, como faziaõ os antigos que eu conheci, que viviaõ com verdade, e faziaõ justiça: mas alguns dos de hoje tem quintas, pomares, casas curiosas, e trazem muito dinheiro ao trato; e os meyos por onde engrossam, apontarei alguns como soldado, e naõ como Official. Primeiramente: vai entrar hum Feitor em Ormuz, ou em qualquer outra Fortaleza, já fica concertado com o Contador, que lhe ha de tomar sua conta; e assim lhe manda em quanto lá está suas encommendas, peças, brincos, e muito dinheiro á conta do seu ordenado; e assim quando acaba seu tempo, que vem dar sua conta, deixa o tal Contador a que está tomando de outro Official pobre, que ha dous annos que alli anda, e que naõ teve que lhe dar, ou que roubar por isso, e toma a do outro em quatro dias, sem lhe lançar papel fóra, porque todos lhe achou correntes; e se algum tem algumas duvidas, elle lhas tira, e faz na Meza do Despacho

tudo franco: o dinheiro que lhe tem mandado lhe mette na folha; e na arrecadaçaõ dous papéis velhos da contia que tinha recebido; e seu ordenado paga-se depois por em chêo. Mais: promette hum Contador a hum Viso-Rey dá conta de hum Official tantos mil pardáos, á conta dos quaes lhe faz logo mercê; e revolvida a conta, ou dado balanço ao Official, sahem-lhe com cinco, e seis mil pardáos de dividas, que elle naõ deve, e he logo executado, e sua fazenda vendida; e depois que vai dando sua conta, em que allega os erros, e houve de justiça que foi a divida mal executada, fica ElRey devendo aquella contia, que nunca paga, e os outros logrando-se da sua casa, e do palmar, que lhe vendêraõ. E sabem Vossas Mercês quaõ prejudiciaes saõ estas execuções desta sorte, sem se dar encerramento á conta; que a esse respeito vem os Feitores das Fortalezas com muito dinheiro em punho, e vaõ dando hoje dous mil reis, e á manhã mil, e outro dia quinhentos; e assim vaõ preparando os caminhos á sua vontade, e encerrando-lhes suas contas com todas as dividas, que os papéis trazem, sem lhes perguntarem por ellas. Outra hei de dizer, que he de mais damno ao Viso-Rey taõ esquecido de sua alma, e de sua honra; que todos os restos que ficam destas contas que se haõ de carregar sobre o executor, conforme a seu Regimento, arrecadam para si, além de outras cem mil tyrannias, que se naõ castigam; porque os que as haõ de fazer andam tambem interessados naquellas materias; e puxando por dinheiro por qualquer via que for: por onde lhe naõ sei remedio mais, que o de Deos; que se cá algum pudera ter, era hum Provedor, homem livre, de honra, e verdade, e taõ inteiro, que o naõ leváraõ pareceres de Contadores interessados, o qual com seu olho veja tudo, e faça despachar os pobres, e castigar o Contador que lhe dilatar sua conta: e faça ElRey honras, e mercês aos homens que o servirem com verdade, e justiça, e achallos-ha; e naõ dê o tal negocio a quem rogue, senaõ a quem elle rogue; porque de se naõ fazer isto, nascem todas as desordens das cousas.

*Fid.* Apontastes bem nessas cousas; que eu algumas vezes que fui aos Contos vi essa Casa desbaratada, e pobre de Contadores; e desejei de prover nisso, que

naõ he de taõ pouca importancia, que naõ haja muito o Rey, e as partes, como dissestes.

*Sold.* Bem desejei de passar por muitas cousas, mas accusa-me a consciencia, porque me diz, que se as naõ manifestar a quem as póde remediar, que ficarei em restituiçaõ; e por isso me naõ posso ter: já que comecei, Vossas Mercês iestejam attentos, porque lhes importa isso. He necessar o darem conta a S. Alteza. Tomou-se naquella Casa conta a hum Feitor; sahíraõ-lhe com huma divida de doze, ou quinze mil pardáos, que o pobre do Official sabía naõ ter em si: pelo que clamou, e pedia justiça, que se lhe naõ fez: foi executada a divida na fazenda, e repartida; e o paciente veyo a morrer pobre, e desapossado de sua fazenda: vieraõ depois os herdeiros dahi a muitos annos a rebolir a conta, acháraõ-lhe o erro; e pedindo revista, o apontáraõ; e achando-o claramente, lhes passáraõ papéis para requerer a ElRey seu pagamento, que nunca houve, nem haverá. E destes exemplos ha alguns que eu pudera trazer; e escusaõ-se os Officiaes com dizer, que naõ souberaõ mais; e o Regimento os desculpa, pois lhes naõ dá nenhuma pena: por onde eu era de parecer, que o Contador que sahir com divida, que naõ seja muito averiguada, e vista pelos Revedores muitas vezes; que achando-se depois o erro, pague de sua casa assim o Contador, como o Revedor aquillo que a parte pagou mal; porque pela experiencia que tenho daquella Casa, e das malicias da India, sempre hei de cuidar que lhe quizeraõ fazer divida, ou para a darem por alvitre aos Viso-Reys, que com ella folgam muito; ou para a repartirem entre si, e os Officiaes; porque depois que os Viso-Reys despíraõ as armas, e tratáraõ da fazenda, folgáraõ de lhes vir ás maõs por todas as vias; e ha alguns que a essa conta trazem os Contadores taõ mimosos, que naõ ha quem possa com elles; pelo que tem pouco escrupulo de lhes cavarem dinheiro devido, e naõ devido de boa, e má parte, e de lhes levarem alvitres de fazendas alhêas, que naõ devem nada; e o que peyor he, que ás vezes saõ de homens mortos, que suas mulheres, e filhos pagam sem o dever; ou lho tomam sem ellas se saberem defender; porque daquellas cousas puderaõ seus maridos dar muito boa

ga-

razaõ. Tempo sei eu, segundo ouvi queixar a algumas pessoas, que das contas que dos Officiaes mortos estavaõ por tomar, tiráraõ muitos papéis, e os faziaõ de novo correntes para outros Officiaes, mudadas verbas, e tudo o mais, dos quaes se pagavaõ logo; e se os herdeiros do morto as quizeraõ acabar, acháraõ os papéis menos, que podiaõ ser de muita contia. Mais: deo outro Feitor conta de huma grande somma de dinheiro que elle tinha muito em si; lá se negociou com o Contador, que parece que lhe naõ duvidou nada, e encerrou sua conta, e lhe passou sua quitaçaõ, sem lhe sahir com divida, ficando desta bolada as maõs bem chêas a elle, e a outros Officiaes. Dahi a tempos foi revista a conta, e achou-se-lhe de erro contra ElRey huma grande somma de dinheiro, pelo qual o Official foi executado em sua fazenda; e pessoa, e os Contadores que entráraõ na bolada ficáraõ fóra comendo o que o pobre pagou. Em fim que destas quantas Vossa Mercê quizer, e de outras, em que de cançado naõ fallo.

*Despach.* Muitas cousas ouvi, de que estava bem innocente, e que he forçado acudir-lhes; mas esta dos Contos me parece a principal; e foi lembrança muito necessaria, e merecedora de satisfazer. Eu vos prometto que de todas, esta seja a primeira de que faça lembrança a S. Alteza; e espanto-me muito dos Governadores naõ escreverem sobre isso, ou de naõ proverem em cousa taõ importante.

*Sold.* Tem outras que lhes relevam mais a elles; e por isso se esquecem das que relevam ao Rey, pois estas saõ mais da sua jurisdiçaõ: saõ mais Veadores da Fazenda, que Capitães da guerra. E o que eu peyor tomo he, que a estes Contadores que tecem estas meadas, e que andam com estas emburilhadas dos alvitres, fazem elles mais mercês, e escrevem melhor delles a ElRey, dizendo-lhe, que lhes acrescentáraõ em sua fazenda tanto e mais tanto. E certo, senhores, que se me quizera deter neste negocio destas crescenças em que cada dia os mais delles enganam o Rey, desejo de lhe dizer, que mande em segredo inquirir destas crescenças; porque em aquelle mesmo anno, em que elles escrevêraõ que lhes acrescentáraõ, achará, que passou o Estado mais necessidades, e miserias, que

 nun-

nunca; e que se pedio emprestimo ao povo, e que se naõ pagou aos mercadores o arroz, o trigo, o breo, a madeira, e em fim tudo o que se compra para as Armadas. E se este tomar forçosamente aos vassallos para ElRey por este modo chamam acrescentar, posso eu chamar furtar, do que os Ministros devem dar larga conta a Deos, e de naõ mandarem saber destas cousas. Que vos hei mais de dizer? com isto só quero concluir este negocio. Sahem com dividas contra as partes, e logo as carregam sobre o executor dos restos, e tiram certidões disso, que mandaõ ao Reyno, que montaõ muito; depois livram-se as partes; naõ devem nada; e lá no Reyno cuidam que tem cá hum poço de ouro. E mais, senhores, quero-vos dizer huma verdade, e descubrir hum segredo, e Sua Mercê, que governou a India, confessará; affirmo-vos que alguns Viso-Reys houve que naõ disseraõ verdades aos Reys, e que menos credito havia elle de dar por justiça ás Cartas destes, que ás dos particulares; porque estes com medo do Rey, e amor da patria, naõ trouxeraõ nada: mas o que já naõ tem nenhum do Rey, nem sei se de Deos, que verdades lhe póde fallar? Faça ElRey huma experiencia: depois que hum destes Viso-Reys (nos puros naõ fallo) vier para este Reyno, mande ElRey huma das Cartas que lhe escreveraõ á India á maõ de hum Prelado grave, que inquira sobre aquellas cousas de pessoas honradas, e sem suspeitas; achará as mayores falsidades do mundo, entaõ se desenganará, e castigue muito rijamente quem lhe escreveo taes cartas, para ficar por exemplo aos outros, e naõ fiar-se tanto dellas, que a nada mais dá credito: e se de fóra escrevem outra cousa a ElRey, e lhe daõ outras informações, sempre se reportam ás cartas que os Viso-Reys lhe escrevem. E se naõ, vejam Vossas Mercês quantas vezes escreve a Cidade de Goa a ElRey queixas dos seus Viso-Reys lhe quebrarem seus privilegios, e liberdades; a que naõ responde mais senaõ, que lá escreve a seus Viso-Reys sobre aquelle negocio? Ora vejam que fará nelle o Viso-Rey que aggravou a Cidade, e que justiça, e emenda lhe fará! mas sabem Vossas Mercês de que isto vem? de sua Alteza naõ mandar ver as cousas da India com tempo, para nellas prover; porque es-

está já em costume guardar-se tudo para Janeiro, e Fevereiro, em que se as Náos fazem prestes, e entaõ como o tempo he curto, naõ fazem mais que responder como por de mais, e metter o jogo na maõ do Viso-Rey, que sempre faz o que quer: mas para isto naõ ser assim, houvera de haver neste Reyno hum Tribunal separado para as cousas da India de homens muito inteiros, e zelosos do bem commum, que viraõ os negocios da India todos, e respondessem a elles com tempo, dando primeiro conta a ElRey; e assim quando as Náos partirem estará tudo provido, e desaggravar-se-ha a Cidade das sem-razões que os Viso-Reys lhe fazem, e os homens particulares das injustiças que recebem; porque, senhores, para hum Estado taõ apartado do Rey, e onde os Viso-Reys, e Ministros da Justiça, e Fazenda saõ taõ livres, parece injustiça quando huma pessoa escreve aggravos do Viso-Rey, responderem-lhe: » Lá está o Viso-Rey, que vos fará » justiça. » E se elle he o que me faz as injustiças, como as emendará? O que naõ posso deixar de sentir, e fallar nisto como bom Portuguez, por certo, senhores; e olhai que vo-lo affirmo assim, que naõ teve ElRey na India mayores inimigos da sua Fazenda, e Alma, que alguns Viso-Reys: e naõ vos enganeis com mostras de virtude; porque naõ sei que tem a India, e debaixo de que Planeta está, que alli muda os pensamentos, e desejos bons, que he pasmar; e naõ quero mayor exemplo, que em Sua Mercê que ahi está, que governou aquelle Estado por successaõ, taõ amigo antes dos soldados; taõ zeloso da justiça; taõ aborrecido das desordens dos Viso-Reys, que nenhũma cousa tratava nas conversações mais, que de como naõ fazia mercês aos homens; de como se governava por creados, e partes; de como naõ deixava fazer justiça aos Ministros; e de como tomava as cousas para os Almazens, e Armadas sem as pagar. Diga elle o que fez, estando governando: eu hey de fallar verdade; e Vossa Mercê me mande por isso matar; que sou de sessenta annos, e já naõ perco nada: nunca em vosso tempo vi justiça, nem se pagou a soldado nada, nem a Mercador o que se tomasse: tudo era vendido por dinheiro pelas Praças; clamores, e prantos, sem haver quem os pudesse remediar. Aqui me

me cahe a proposito hum caso que succedeo a hum Fidalgo, o qual estando por Capitaõ em huma Fortaleza, vivia nella outro muito honrado, casado, e pobre; e estando este Capitaõ hum dia em práticas com sua mulher, lhe disse: » Por certo, que naõ sei qual » he o Governador, ou Viso-Rey de taõ má consciencia, que naõ dá de comer a este Fidalgo. » Estas queixas fazia em público. Acertou aquelle mesmo Inverno de morrer o Governador, e succeder este Capitaõ na governança; e estando já de posse della, lhe lembrou a mulher as queixas que fazia de naõ darem de comer áquelle Fidalgo, pedindo-lhe, que pois agora estava em sua maõ, que o remediasse: ao que lhe respondeo estas palavras: » Olhai cá, senhora, entaõ » fallava como fuaõ; agora hei de fazer como Gover- » nador da India. » E assim naõ lhe deo nada. Guarde-vos Deos, senhores, destes que blasonam das cousas dos Viso-Reys; que se se virem naquelle lugar, haõ de fazer muito peyor.

*Fid.* Pois naõ me perdoareis essas verdades só por estar presente?

*Sold.* Naõ, senhor; que de se ellas naõ fallarem, está o mundo no estado em que está. Sabeis de que me escandalizo, e de que os Reys haõ de dar grande conta a Deos? disso que dizeis, e de elles vos naõ terem castigado a vós, e a outros Governadores, e Viso-Reys. E se vós, senhor, quando succedestes na governança vos receareis que ElRey vos havia de castigar, naõ andareis, e governareis mais registado? por certo si: mas como sabeis que tudo passa por alto, e que o mais que vos fazem he prender-vos na vossa quinta, nada vos dá: naõ temeis ao Rey, nem a Deos... E naõ queirais que falle mais; que me farei doudo, e andarei pedindo pelas ruas justiça contra quem tem a culpa de todas estas cousas.

*Despach.* Oh prouvera a Deos, que desses doudos vira eu alguns! Mas sabéis porque o mundo está perdido? porque todos saõ sezudos, e tratam mais de si, que de ninguem, e naõ lhes dá de mais, que do que lhes releva.

*Sold.* Sabem Vossas Mercês, que eu cuido (hei de dizer esta verdade, e tenhaõ Vossas Mercês por temeridade, e custe-me o que me custar) que lhes naõ dá aos Minis-

nistros de cá, e de lá mais da India, que daquella palha que alli está. E que me parece que folgàraõ della se acabar por vos desobrigardes della; porque pelos mesmos descuidos com que a provém de cá, entendemos os de lá isto. Que quer dizer escreverem-vos hum anno as Cidades, Fidalgos, Religiões, e particulares, que a India está perdida, e que he necessario que lhe acudam; que o Viso-Rey he froxo, e pouco zelôso do bem commum; esse mesmo anno quando esperamos por hum Viso-Rey com muitas náos, dinheiro, bombardeiros, soldados, e munições, mandardes mais hum anno de governo ao Viso-Rey, de quem tivestes tantas queixas, e acudirdes á India com quatro Náos sem gente, e sem nenhuma cousa das que apontastes? Naõ he isto dizerdes, que vos naõ dá nada de nada, ou que naõ lestes as cartas que vos escrevêraõ, e se as lestes, que vos esquecêraõ os clamores que hiaõ nellas? Por certo que se naquelle Estado houvera hum Rey Christaõ, a quem os homens puderaõ ir servir, que já o houveraõ de fazer, e naõ se cançar com as cousas da India: mas lá naõ temos mais que inimigos de todas as partes que nos desejam beber o sangue, os quaes sabem taõ bem, como nós, os procedimentos dos Viso-Reys, e das queixas que delles escrevem, e quando chegaõ as Náos do Reyno, a gente, e soccorro que trazem, e o pouco que a todos deste Reyno dá daquelle Estado, e os desgostos que todos os da India temos da pouca conta que della se faz; pelo que já nos naõ estimam; e se elles puderaõ, e naõ tiveraõ as maõs atadas, entendei, senhores, que já o negocio havia de estar concluido: mas graças a Deos! que os tem enfreados com o medo do Graõ-Mogor, que deseja de lhes tomar os Estados, e por cuja vida nos convem fazer orações; porque se elle morre, e estes Barbaros se vem fóra destes receyos, tenho medo que descarreguem sua potencia contra nós, e que nos tomem ás maõs; porque o tempo do Viso-Rey D. Luiz de Attayde he acabado, que com aquella sua grande prevençaõ se sustentou contra todos: vêde que será hoje sem artelheria, sem munições, sem armadas, e ainda sem soldados, e sem Capitães, porque tudo he acabado.

*Despach.* Valha-me Deos, como tudo isso falta! e os Viso-Reys que fazem?

*Sold.* Muito gracioso he o perguntar-me Vossa Mercê isto, pois já eu lho disse muitas vezes; e pergunto eu a Vossa Mercê: que faz ElRey, que naõ manda saber o que tem na India, e como estaõ seus Almazens, e como andam suas Armadas, e o como procedem seus Capitães Móres? que os Viso-Reys tratam do que lhes releva; e o que he muito para notar, que deixam estas cousas, que saõ de tamanha obrigaçaõ sua, e mettem a fouce na messe alhêa; pelo que assim vaõ as cousas de mal em peyor.

*Despach.* Declarai-me isso, que eu naõ o entendo.

*Sold.* Sim farei: e dem-me Vossas Mercês huma pequena attençaõ. Na India primitiva quando os Portuguezes tinhaõ seu nome alevantado sobre esses signos Celestes, aquelles Cesares que a governáraõ naõ traziaõ o olho em mais, que em dilatar a santa Fé Catholica; em acrescentar o patrimonio Real, e enriquecer o Estado, e os vassallos; em fazer eleições de Capitães; em trazer as Armadas mui ordenadas, e providas; em ir buscar os Turcos a Suéz; em castigar, e opprimir o Malavar; em trazer enfreados, e sopeados os Reys vizinhos; em trazer soldados fartos, e contentes; em exercitar as bandeiras, assim de espingardas, como de artelheria; em visitar os hospitaes, e em muitas outras cousas desta sorte. Agora já se naõ costuma isto; mudou-se o vinte a outra cama: já as Armadas se fazem por cumprimento sem tempo, e sem ordem, os soldados andam clamando, as casas que em Goa havia de esgrima, tornáraõ-se em escolas de dançar, e ensinar moças barreiras; nem de huma cousa, nem de outra he officio vil; e assim naõ ha bombardeiro em toda a India que acerte á Serra de Sintra sem lhe atirar do pé della: as visitações dos hospitaes tornaraõ-se na Casa dos Contos, e da Relaçaõ: de Governadores se fizeraõ Vereadores; e de Capitães Prelados: e assim tudo o mais desta sorte.

*Despach.* Que chamais Prelados, e Vereadores? declarai-nos isso, que desejo de entender.

*Sold.* Sua Mercê o sabe mui bem; mas dillo-hei a Vossa Mercê. Fizeraõ-se os Viso-Reys Prelados, porque já agora os Frades de S. Francisco, e S. Domingos

naõ

naõ podem eleger Prelados senaõ os que elles querem; de maneira, que se mettem na jurisdicçaõ Ecclesiastica tudo o que querem; e fazendo mostra que lho naõ consitais, vereis se vos tapam as boccas, e se vos pagam vossas ordinarias; e naõ vem quanto Deos defende ao Rey tomar o officio de Prelado, e como castigou por isso alguns. E se quereis exemplos, vêde El-Rey Jeroboaõ, que querendo tomar o officio de Sacerdote, foi amoestado pelo Profeta Jadaõ (*a*) que tal naõ fizesse, que se desserviria Deos muito disso; e que se o fizesse, entendesse que hum da geraçaõ de David mataria cruelmente naquelle altar os Sacerdotes, e que queimaria os ossos delles: e assim que naõ deixou de ser esta profecia certa, e verdadeira; porque pondo a maõ sobra o Altar Jeroboaõ, se dividio logo em duas partes aquelle Altar diante de todos; e lançando o Rey maõ do Profeta para o prender, se lhe paralyticou. Asarias Rey de Jerusalem por querer tambem tomar o officio de Sacerdote, lhe foi á maõ o Pontifice Asarias com os Sacerdotes, os quaes elle ameaçou, e logo veyo hum terremoto tamanho do Ceo, que cahio hum monte dentro da Cidade, e deo hum rayo do Sol no rosto delRey, de que ficou gafo, e o obrigáraõ a se apartar do povo. Em fim que eu hey de dizer a Vossas Mercês, ainda isto he pouco; porque até nas Conservatorias dos Papas, e preferencias dos Dominicos com os Agostinhos houve Viso-Rey que se quiz entremetter; por onde eu lhe receio algum grande castigo; e quando cá naõ for, será lá, aonde as penas saõ bem differentes, e o arrependimento já naõ val: porque doutrina he dos Theologos, que se Deos nosso Senhor neste mundo castigasse todos os peccados, pareceria tirar-nos da vista dos olhos (mediante a fé christã) a Resurreiçaõ, e o ultimo dia do Juizo. O que seria claro, se aqui neste mundo se pagassem os peccados, já naõ haveria lá no outro que pagar; e assim que hum se castiga aqui porque se mostre sua providencia, e poder, e para que outros o temam; deixa o cas-

(*a*) Quasi sempre que nesta Obra se allega algum facto da Historia Sagrada, naõ he simplesmente tirado da Escriptura; mas das Antiguidades de Josepho. Veja-se sobre o facto aqui apontado o Cap. 3. do Liv. 8. das referidas Antiguidades.

o castigo para a outra vida, porque entendam que ha lá onde se pague o devido. Tudo isto que até agora disse, submetto á correiçaõ da Santa Madre Igreja; porque saõ materias em que os Soldados naõ temos licença para fallar. Isto he quanto a se fazerem os Viso-Reys Prelados: disse tambem que se faziaõ Vereadores, porque já agora nas eleições das Cidades, que saõ livres, se tem mettido tanto, que se naõ faz Vereador, nem Juiz dos Orfaõs, senaõ quem elles querem: e hum Viso-Rey houve, que estando embarcado no rio de Goa em huma gallé para ir fóra o dia, que se na Camara fazia huma eleiçaõ destas, e levando-lhe lá á gallé a pauta, a naõ houve por boa, e fez logo a eleiçaõ por si, e metteo nella quem quiz, sem os Vereadores ousarem a boquejar. E sabem Vossas Mercês de que isto vem? de quererem ter naquella Camara Vereadores suas feitorias para fazerem tudo o que quizerem, e lhes concederem quanto pedirem, como fazem, muito em prejuizo do serviço delRey, e de seus vassallos: mas tambem vos saberei dizer, que destas desordens dos Viso-Reys tem a mesma Cidade culpa, porque se tem taõ desauthorizada com o Rey, e com os Viso-Reys nos modos de suas eleições, e nos despropositos de suas escripturas, que nenhuma conta fazem della; porque como os mais dos Vereadores saõ eleitos por amigos solicitados, e por votos adquiridos, e alguns a quem nunca souberaõ pay, nem máy, antes os viraõ vir em officios baixos, os quaes trazem o olho no interesse, naõ lhes dá nada do bem commum, porque naõ tratam mais que do seu particular.

*Despach.* Isso he novo para my: e de serem Vereadores tem interesse?

*Sold.* Ora essa he boa graça, que Vossa Mercê me pergunta! E que cousa ha hoje de que os homens naõ pretendaõ têllo? E saiba Vossa Mercê quanto me affirmáraõ que diziaõ alguns, que lhes importava o anno de Vereador quinhentas dobras. Ora vêde como o naõ haõ de solicitar! e assim o fazem, que em se lhes acabando o lugar logo sahem na pauta; e assim sei que houve tempo em que andou em Goa o Governo da Cidade em cinco, ou seis homens naõ mais, e nunca outros melhor nascidos, e entendidos chegáraõ áquelle

lu-

lugar, porque o naõ solicitáraõ: e o mesmo digo da eleiçaõ da Misericordia; porque tambem de maravilha se buscam os mais virtuosos, senaõ os mais amigos, e parentes. Eu ouvi dizer a hum Cidadaõ meu parente, homem bem honrado, e entendido, que havia muitos annos era Irmaõ, e que na folha que levava dos Eleitores sempre punha os melhores da terra, e que nunca lhe sahia nenhum daquelles por Eleitor; e a razaõ era porque fazia a folha com sua consciencia, e naõ punha nella sollicitados, senaõ escolhidos; porque para isso nunca teve parentes, nem amigos. Ora, já que me cahe a proposito, naõ quero passar huma cousa desta santa Casa da Misericordia; e he, que houve tempo, em que os Fidalgos que foraõ Provedores, faziaõ daquillo governança, e tudo era emendar Compromissos, e acrescentar outros de novo com tamanhos despropositos, que he pasmar; e certo que se havia de lembrar a ElRey, que, como Protector daquella Casa, e de todas as do seu Reyno, mandasse inquirir sobre suas cousas, principalmente sobre as eleições; e que se rompessem todos os Compromissos que naõ fossem feitos na Misericordia de Lisboa, como cabeça de todas as Casas, e que nenhum Irmaõ de Meza possa ser Eleitor, porque de o serem saõ os despropositos todos; porque nella ante-tempo se forjam as eleições: e como os homens sabem que forçados della haõ de sahir, todos tem sollicitado para o que querem; e disto nascem muito grandes inconvenientes, e desserviços de Deos. E perdoem-me Vossas Mercês, que me diviro da eleiçaõ da Cidade, em que hia tratando, e do grande damno que he entremetterem-se nellas os Viso-Reys, porque dahi succedem muitas cousas, em que naõ quero fallar de vergonha: porque já privilegios dos Reys naõ guardam; pois quem naõ guarda os de Deos, tudo fará. Sinaes grandissimos para tudo se acabar! ameaçado está por Deos, que todo o Reyno em si diviso se desolaria. Que mayor divisaõ que a do Viso-Rey, ou do Governador com Deos? Vejam-se os castigos que elle deo ao povo de Israel por esta divisaõ, achar-se-ha a Escriptura Divina chêa delles; e por outra parte das muitas mercês que fez aos Reys, e Governadores conformes, e governados por seus preceitos, como lhes acrescentou seus Reynos, e destruío

seus

seus inimigos. Vejá-se Josaphat Rey de Jerusalem temente, e zeloso da honra de Deos, que vindo para o destruirem os Moabitas, Amonitas, e Arabes, naõ tendo o bom Rey com que se defender, soccorreo-se a Deos com todo o seu povo; o qual, querendo-lhe pagar seu bom zelo, metteo tal odio, e divisaõ entre seus inimigos, que vindo huns com outros á batalha junto do Lago Asphaltidem, tendo a Cidade de Engadde de cerco, foi entre elles tanta a mortandade, que quando Josaphat chegou aos desertos de Thecua, vio os arrayaes sem gente, e os roubou, e queimou, e recolheo graves, e ricos despojos; e por aquella mercê deo logo alli muitas graças ao poderoso Deos, pelo que aquelle Valle se ficou chamando *das Graças*: porque o agradecimento de suas mercês naõ ha de ficar para depois, senaõ logo depois que tendes necessidade que vos soccorra. Outro grande sinal tambem vejo na India, pelo qual receyo gravissimos castigos; e he ver os Viso Reys, e Ministros mais amigos das honras, e proveitos dos seus, que das obrigações, e encargos delles; e praza a Deos naõ abranja esta maldiçaõ tambem a este Reyno! Isto he cousa que Deos sente muito, e castiga logo: e vêde o que diz S. Paulo: E vós quereis subir ás honras, e recolher os fructos, e refusais o trabalho? pois naõ póde ser; porque a primeira cousa em que o Viso-Rey, e Ministros haõ de pôr o pensamento, quando saõ chamados para o cargo, he nas obrigações delle, que saõ tamanhas, e taõ pezadas; que muitos quizeraõ antes viver em pobreza, que chegar a tamanhas honras com tantos encargos. De Osthanes Persa temos nas suas escripturas, que por morte de Cambyses, por outro nome Assuero, ou Nabucodonosor, pondo-se em parecer sete Persas dos principaes, se seria melhor governarem-se por muitos; assentou-se: que entre todos se elegesse por sorte o que havia de governar. O que visto por Osthanes, correndo pelo pensamento os encargos do tal cargo, se lhe cahisse nelle a sorte; disse a todos, que elle queria ficar de fóra, e que entre os seis se lançassem aquellas sortes: e assim cahio em Dario, e elle ficou livre dos encargos, que o cargo representava. Em Tito Livio temos, que quando o Consul Minucio estava no seu arrayal cercado dos Sabi-

binos, e Equês, foi em Roma eleito Lucio Quincio Cincinnato por Dictador para ir chamado; e indo com suas hostes, cercou os inimigos em seus arrayaes, assim como elles o tinhaõ feito ao Consul Minucio; e por fim os venceo, e fez passar por baixo do jugo; e indo a Roma foi recebido com triunfo, e no cabo de quatorze dias renunciou a Dictadoria, podendo usar della seis mezes, e tornou-se á sua lavoura, receando os encargos de sua dignidade; porque isto succede aos Capitáes como estes, que andam buscando para os cargos, e naõ os que os sollicitam, grangêam, e ainda peitam; porque estes mais querem os fructos, que as honras, e elles lhes fazem passar mui levemente pelos encargos dellas. Quando os Romaõs mandáraõ aquelle inteiro Fabricio por Embaixador a ElRey Pirrho a resgatar os captivos, que estavaõ em seu poder daquella batalha que venceo na Cidade de Heraclea de Campania, sendo Consul Valerio Livino, commettendo-o Pirrho que ficasse com elle, que o faria Viso-Rey da terça parte do seu Reyno; que tudo lhe engeitou elle, porque via todos os encargos de tamanha obrigaçaõ; e antes queria morrer de fome (por ser muito pôbre), que tomallos sobre si. Aquelles Capitáes Romanos, que recebiam triumpho insigne de Ovaçaõ, e os mais, primeiro cumpriam com seus encargos, que chegassem áquellas honras. Deixemos muitos, que as deixáraõ muito grandes, e muitos proveitos, por naõ se atreverem com tamanha obrigaçaõ. Vamos aos que ainda engeitáraõ sua propria vida. Em Tito Livio temos, que estando o Consul Marco Regulo captivo em Carthago, sendo prezo, e desbaratado pelos Asdrubaes com morte, e destruiçaõ de trinta mil Romãos, e cinco mil captivos (*a*), depois que os Consules Paulo Emilio, e Fulvio Nobilior houveraõ tamanhas victorias

(*a*) Ha aqui mais de hum engano. Primeiramente naõ he T. Livio o Historiador, de quem sabemos este facto; pois que a parte da sua Historia, que comprehendia a primeira Guerra Punica, se perdeo. Ha tambem erro em se dizer que Regulo foi desbaratado, e prezo pelos Asdrubraes; quando se sabe que ao contrario elle foi o que os desbaratou; e depois por Xantippo Lacedemonio he que foi feito prizioneiro, mortos trinta mil Romanos, e cativos quinze mil; e naõ cinco mil, como aqui se diz.

rias dos Carthaginezes, que os obrigárao a pedir pazes ao Senado, para o qual negocio elegêrao por Embaixador ao Consul Marco Regulo, que ainda estava captivo; primeiro lhe tomárao juramento, de que depois do negocio a que hia acabado, se tornasse a Carthago. E presentando-se no Senado, e dada sua Embaixada sobre que houve differentes pareceres, foi por fim chamado o mesmo Regulo a conselho, o qual com huma falla muito grave, e elegante amoestou a todos a proseguirem na guerra, e que se nao fizessem pazes aos Carthaginezes; porque entendia delles que nunca seriao amigos verdadeiros dos Romanos; e que, segundo o estado em que estavam, os poderiam sujeitar, e destruir facilmente, e que lhes nao fosse impedimento o seu captiveiro para deixarem de proseguir na guerra, pois era hum bem tao commum. E para que passe daqui, nao quero deixar de estranhar aos Viso-Reys o grande erro que todos commettem, e fazem tantas pazes ao Samorim; estando tao entendido, que em quanto houver Mouros em seu Reyno nao póde ser nosso amigo; porque está muito averiguado, e experimentado tantas vezes, que todas as vezes que querem quebrar as pazes, roubar os vassallos, e (a) affrontar o Estado, e enxovalhar os Viso-Reys, o fazem; porque quando o negocio vem a parar em grande rompimento, he passearem-lhe por sua Costa os nossos Navios, e queimarem-lhe quatro palhaças, e outras tantas almadias com grandes Carajas, e Certidões, que disso lhe passam; e por fim do negocio, vem fazer pazes, que nao duram mais que em quanto os Mouros querem. Ora como he tao mal entendido isto neste Reyno vendo damnos tao claros, para nao mandar El-Rey sobpena do caso mayor, que nunca já mais se faça paz ao Samorim, senao toda a guerra que o Estado puder? porque se os Viso-Reys quizerem, em quatro annos porao em estado aos Naires de se alevantarem contra os Mouros, e metterem-nos a todos á espada. E se me disserao que se faziao essas pazes dissimuladamente, assim por necessidade, como para poupar, entao estava isso muito bem: mas o Estado nao tem nenhuma necessidade do Samorim; porque para a car-

(a) No manuscrito estava *apontar*.

carga das Náos em Cochim, Coulaõ, e nos rios de Canara, ha quanta pimenta se houver mister, deixando a que póde vir de Malaca, que he huma grande somma. Ora para poupar nada se faz, porque forçado, quer haja pazes, quer naõ, haõ de ir armadas a Malavar, em que se dispende muito: por onde pois isto está taõ averiguado, para que saõ pazes, nem fazer-lhe mais guerra, que passear-lhe a Costa, tomar-lhe os portos, e impedir-lhe os mantimentos, evitar-lhe os passos que saõ a roubar? Só com isto sem mais lhe darem em terra, nem arriscar gente, se consummirá todo o Malavar em quatro, ou cinco annos. Por certo que estou pasmado de como se isto naõ entende, e como lhe naõ fazemos de huma vez boa guerra, para elles tambem fazerem boa paz. Digam-me Vossas Mercês isto: porque naõ ha hum Viso-Rey taõ resoluto, que faça isto que digo? Custa a armada que vai ao Malavar sessenta mil pardáos; porque naõ tomará vinte mil, e os deposite em Cananor, e tenha alli intelligencias com os Naires, e ainda digo mais, que com o mesmo Samorim, e dar-lhe o dinheiro para lhe mandar em segredo queimar quantos Navios de Cossarios houver em todos os rios, o que se fará mui facilmente, e os Naires, e Samorim por dinheiro entregaráõ suas mulheres, e filhos; e assim, queimando-se os Navios, naõ ha para que se fazerem armadas, senaõ alguns Navios ligeiros contra outros taes? E se me disserdes, que assim ficaráõ os soldados sem terem em que se exercitarem; a isso digo, que ahi está Ceilaõ, Malaca, e outras partes, em que se repartam, e com isto ficaráõ todos os Viso-Reys para commetterem as emprezas que quizerem com se naõ dispender a fazenda Real nestas armadas. Naõ tendes Surratte, naõ tendes Baroche, naõ tendes outras trezentas partes de mais proveito para o Rey, e para os soldados? Que quer dizer paz ao Malavar este anno, para outro paz, des que a India se descubrio, e nunca se guardarem? Naõ já assim os Romaõs, que entendendo Marco Regulo, como hia dizendo, o damno, e affronta que era daquella República, fazer-se pazes a Carthago, persuadio ao Senado a guerra com entender o risco que sua vida corria; porque antes a queria perder, que desacreditar sua patria; do que a nós os Portugue-

zes dá bem pouco, e aos Viso-Reys menos, pelo que vaõ muito ricos para suas quintas, e nada lhes dá das affrontas, nem quebras do Estado; porque quando se a India perder, todos, e ainda os que mais a esfoláraõ, se haõ de jactar que naõ foi em seu tempo, e haõ de blasonar daquelle, em cuja maõ isto succeder (o que Deos naõ permitta!) só para com isso cuidarem, que acreditam tyrannias: e pela ventura, que se isto succeder, que temo que seja em tempo de hum Viso-Rey melhor, mais justiçoso, e menos cubiçoso que todos, sendo elles os que a perdêraõ, e que deraõ com ella de pernas acima. E tornando a Regulo, depois de persuadir ao Senado a naõ fazer pazes, lhe pedio licença para se tornar a seu captiveiro, do que todos ficáraõ espantados; porque querendo-o deter, naõ quiz, dizendo: que antes queria cumprir com os encargos de seu officio de Embaixador, e do juramento que fizera, que ficar em sua liberdade: e despedindo-se delles se foi a Carthago, onde logo foi morto com tormentos; porque souberaõ que elle lhes estorvára as pazes. E pois me cahe aqui a proposito, naõ deixarei de tocar o quam mal os Viso-Reys, e Governadores cumprem com os encargos dos juramentos que tomam, e homenagem que dam neste Reyno; e por certo que me tremem as carnes cada vez que cuido o juramento que dam todos nas mãos delRey, no qual juram, que naõ requerêraõ aquelle cargo por si, nem por outrem, nem o solicitáraõ; caváraõ, peitáraõ, e repeitáraõ, e ainda o mais que por honra de muitos callo. Juram mais de fazer justiça, e cumprir os Mandados delRey, de que elles estam taõ fóra, e zombam tanto, que cuidam que naõ tem quem lhe peça disso conta; e assim he que lha naõ pedem, pois chegando á India, na entrada de Goa, lhes dam hum juramento sobre hum Crucifixo, e Missal, em que promettem de guardar os privilegios da Cidade, e elles de proposito os quebram a cada passo, sem lhes ficar disso escrupulo por cousa muita pouca; porque cuidam os Viso-Reys que podem pouco senaõ puzerem os pés por cima das Ordenaçoes, e Regimentos delRey, e ainda o tem por opiniaõ; e o mesmo Rey tem a culpa, porque nos Regimentos que lhes dá, diz no cabo: » Que por cima de tudo faraõ o que lhes parecer que

he

he serviço seu: o que elles entendem taõ mal; ainda que por melhor dizer, do que elles querem usar taõ mal, que tomam o tal capitulo para capa de suas desordens, e appetites, pondo os pés por cima de tudo, e quebrando todos os Regimentos, Leys, Privilegios, e Provisões que quizerem. E tornando á materia dos encargos que hia tratando; lêmos tambem de Sthenio Governador dos Mamertinos, o que fez a todos os de seu povo, que seguissem a parte de Mario. E sendo vencidos de Pompeo; tendo determinado matar a todos, levantou-se o Sthenio, e disse: que naõ era justo, que por culpa de hum só homem padecessem tantos póvos; que elle fôra occasiaõ de todos serem da parte de Mario: pelo que, já que elle só tinha a culpa, nelle só se cumprisse a sentença. Maravilhado Pompeo de seu esforço, lhe perdoou, e o mesmo fez a todos os Mamertinos; porque vio quanto á risca cumpria seu Capitaõ os encargos de seu officio. Tito Vespasiano XI. Imperador de Roma cumpria tanto os encargos do seu officio, que lembrando-lhe huma noite, que aquelle dia se lhe passára sem fazer algum bem, e que se affastava de seus encargos, começou a bradar rijamente, dizendo, que perdêra aquelle dia. Porque bem perdidos podem os Reys, e Governadores contar todos os em que naõ fizerem algum bem, ou em que cumprirem mal com as obrigações de seus cargos. Pericles todas as vezes que era eleito por Capitaõ dos exercitos, dizia comsigo: » Olha, Pericles, » que has de mandar, e governar homens livres; Gre» gos, e Athenienses. » Chrysippo por se naõ arriscar a cumprir mal com os encargos do officio, engeitou o de Governador de sua patria, dizendo: que se o fizesse mal, descontentaria a Deos; e se bem, aos homens. Ora vejam Vossas Mercês que perigo este, em que os Viso-Reys se mettem com tanta confiança, como se foram a algumas bodas: por isso cada hum lance as barbas em remolho, que tarde, ou cedo ha de pagar os males que fizeraõ, e os juramentos que taõ facilmente quebráraõ: e por aqui cuido que tenho eu tambem cumprido com meus encargos: por isso dem-me licença, que he noite, e devo já de os ter bem enfadados.

*Despach*. Naõ cuido que aquelle homem do Danubio fallou

lou no Senado de Roma mais livre, e mais altamente, do que vós tendes feito em defensaõ do Estado da India; eu vos tenho ouvido cousas taõ estranhas, e maravilhosas, ou, para melhor dizer, taõ torpes, e fêas, que naõ sei como Deos naõ tem acudido a ellas com algum grande castigo.

*Fid.* Algumas cousas entre tanta verdade dissestes, a que eu, como homem que governei aquelle estado, pudera replicar, e mostrar que estaveis apaixonado.

*Sold.* A isso me deterei mais hum pouco, porque folgarei de Vossa Mercê me mostrar em que; porque eu pretendo defender minha verdade, e innocencia.

*Fid.* Parece, que mostrástes muita paixaõ em dizer: ElRey naõ fazia bem nos Regimentos que nos dá, em dizer no cabo, que por cima de tudo façamos o que nos bem parecer em seus serviços; porque aos homens, que ElRey elegeo para tamanha dignidade, e fia delles tamanho Estado, naõ parece licito que lhes ate as mãos; porque os casos saõ mais que as leys; e podem succeder alguns, em que seja necessario quebrarem-se todos os Regimentos, e Ordenações. Pois mais vos digo, que ha annos que se trata neste Conselho de deixar tudo no do Viso-Rey, sem embargo de aos Capitães lhes parecer outra cousa; porque os Viso-Reys tem mais obrigaçaõ que todos de saber as cousas melhor, e ter de todos os negocios melhores informações.

*Sold.* O' Vossa Mercê quer-me tirar a terreiro de novo? digo logo que sobre isso darei trezentos gritos: e he possivel que se tratasse nunca de se deixar tudo no parecer do Viso-Rey, tendo Prelados, e Capitães de conselho mui graves, e vistos em todas as materias? E se isso assim fôra; qual havia de ser o Capitaõ, que quizesse achar-se em conselho, em que por cima de seus votos fizesse o Viso-Rey o que lhe parecesse? Certo que desse descredito se poderiaõ os Capitães queixar muito a ElRey; nem me posso persuadir, que lhe entrasse nunca na imaginaçaõ hum negocio, que será de mayor prejuizo, que todos os do mundo; porque se com os Viso-Reys estarem amarrados ao Conselho Geral da India, muitas vezes por cima delles fazem o que querem, pelo que succedem tantas desordens (que fôra hum infinito querellas recitar), que seria dei-

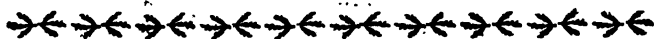
deixando tudo em só seu parecer? por certo que, segundo os mais tratam de seus particulares, que por qualquer muito pequeno dariaõ com a India de pernas acima; e quando lhes pedissem conta, tem desculpa muito de acceitar, que he dizerem, que assim o entenderaõ: e quero que por seus gostos façam huma desordem que custe toda huma Armada, e que se remediasse depois em lhe cortarem a cabeça; que consolaçaõ será isso para a viuva pobre, e para a orphã desamparada, que nella lhe mataraõ seu pay, e marido? Ora em fim, senhores, requeiro a Vossas Mercês, que assim o apresentem em Conselho, que naõ digo que o tomem os Viso-Reys só dos Capitães velhos, e experimentados, mas ainda dos Cidadãos que cursaraõ os negocios; e, se for necessario, dos soldados velhos; porque bem certo he, melhor vem quatro olhos que dous; e cento que vinte; e mais em hum governo taõ derramado como o da India de Maluco até Sofala, que nem o Viso-Rey, nem os Capitães trataraõ todas as terras para darem razaõ das cousas dellas; por onde he muito necessario que se busquem homens praticos, e vistos nellas, para darem informações, e naõ haja dizer, porque naõ saõ Fidalgos, naõ haõ de entrar em Conselho; porque Cavalleiros ha na India, que tiveraõ taõ honrados Avós, como esses Fidalgos, e se naõ foram ou por falta de adherencia, ou por outras razões; por que ficaraõ perdendo sua valia, se lhes Deos deo taõ bom, e melhor entendimento, que a muitos desses Fidalgos, e viraõ mais que elles? mas he esta nossa naçaõ taõ coitada, ou tanto para pouco, que trabalhamos por nós annihilarmos huns aos outros; sendo taõ differente nas mais, que sempre folgaraõ de engrandecer seus naturaes, que achamos por essas escripturas assim Gregas, como Romanas, alevantados grandes Capitães de homens bem baixos, porque em todas se estimaraõ sempre muito as virtudes, e o valor: só nesta nossa naõ; e deve nascer o haver isto em poucos, conforme aquelle verso do nosso grande Poeta Luiz de Camões nas suas Lusiadas, que diz: *Que quem naõ sabe a Arte naõ a estima*; quem usa das virtudes, sabe-as estimar; e porque entre nós faltam, falecem os favorecedores dellas. E porque me tenho detido muito, e a noite

vai-se chegando, Vossas Mercês me dem licença para me recolher; e se mais querem de mim, prestes estou para os satisfazer outro dia.

*Despach.* Muitas cousas quero eu de vós, que me saõ necessarias saber para meu cargo: pelo que vos peço, que á tarde d'amanhã vos venhais para my, porque tenho muitas informações que tomar de vós; e entaõ me dareis vossos papeis, que eu trabalharei por vos despachar, conforme a vossos merecimentos.

*Sold.* Sim farei, e direi o que souber; porque folgarei de aproveitar alguma cousa.

*Fid.* Eu tambem me acharei aqui, porque folgo muito de vos ouvir, ainda que tratastes muitas cousas, em que confesso me envergonhastes.

*Sold.* Sangue, e obrigaçaõ tem Vossa Mercê para favorecer as verdades; ainda que sejam contra elle. Sei dizer a Vossa Mercê, que os Viso-Reys da India saõ como os que andam embebidos em algum vicio, ou de taful, ou de amancebado; que naõ conhecem o erro, senaõ depois que sahem fóra delle: e fiquem-se Vossas Mercês embora, que á manhã nos veremos.

# DIALOGO DO SOLDADO PRATICO,

## QUE TRATA DOS ENGANOS, E DESENGANOS DA INDIA.

## SEGUNDA PARTE.

### ARGUMENTO.

*Ao outro dia se foi o Soldado para casa do Despachador, onde se achou o Fidalgo; e entre elles se passou o Dialogo seguinte.*

### SCENA I.

*Fid.* OH venhais embora; agora fallavamos nós em vossa pelle.

*Sold.* Naõ seja isso do rifaõ antigo, que diz: *fallai vós no ruim, e logo apparecerá.*

*Fid.* Naõ se póde isso dizer por vós; porque quem faz tudo taõ bem feito, nem em saber chegar a tempo, e a horas sabe faltar. Assentai-vos, e tornaremos á nossa conversaçaõ, que naõ he pouco proveitosa.

*Despach.* Ao menos para my sei dizer, que he muito necessaria; porque me tendes informado de cousas que nunca ouvi de outrem com tanta verdade, e isençaõ, como vós tendes dito todas; e já que estamos sós, e fechados, por amor de my, que me digais o vosso parecer sobre huma cousa, em que toda esta noite dei muitas voltas em cama; e he, que remedio póde S. Alteza mandar pôr a este negocio das demandas so-

ſobre os cargos; porque vejo vir de lá homens com ſentenças dadas contra elles, e muitas por couſas muito para rir; e tenho iſto por couſa muito contra o ſerviço delRey, e de Deos, porque a jornada he muito comprida, e arriſcada para virem cá buſcar o ſupprimento dos cargos.

*Sold.* Por certo, ſenhor, que Voſſa Mercê me lembrou huma couſa, que me eſquecia, e que eu trazia muito eſtudada, para ſer a primeira ſobre que gritaſſe neſte Reyno. E ſe iſſo ſe entende, e Voſſas Mercês o tem notado, e viſto; como naõ ſignificam a S. Alteza eſſas couſas para prover nellas, e acudir a ſeus vaſſallos? Porque que goſto podem ter todos de o ſervir, ſe depois de eu o fazer vinte annos, e depois de me deſpacharem, cabendo-me o cargo dahi a outros vinte, quando cuido que poſſo lograr o fructo de meus trabalhos, armarem-me hum caramilho de huma falencia na minha patente, em que o Eſcrivaõ que a fez tem a culpa, e darem ſentença contra my, que naõ tenho patente, por onde me he forçado tornar a a eſte Reyno, naõ ſó a buſcar o ſupprimento da falencia, mas ainda pedir a mercê de novo, porque pela ſentença fiquei excluido? Como, ſenhor, taõ pouco he vir da India a eſte Reyno, e taõ pouco cuſta? pois ſabei que muitos homens ſe deixam antes morrer pelos hoſpitaes, e ſuas mulheres, e filhos á eſmola da Miſericordia, que virem buſcar eſſes ſupprimentos, aſſim por a viagem ſer muito grande, e arriſcada, como por ſer de tantas deſpezas, que por darem de comer a hum homem com hum moço em hum canto de hum camarote, em que durma bem encolhido, lhe levam oitocentos pardáos; pois diſto tudo naõ ham os Miniſtros de dar larga conta a Deos, em naõ terem, em cem annos ha que a India he deſcuberta, remediado iſto? porque as Ordenações deſte Reyno, pelas quaes todos os ſeus Eſtados ſe governam, foraõ feitas muito antes que ella ſe deſcobriſſe, e os caſos de cá ſaõ muitas vezes mais que as leys, e fica meu remedio no arbitrio do Juiz o entender bem, ou mal; ou em o meu contrario ter mais valias, e poder dar o que eu naõ poſſo fazer, porque ſou pobre.

*Deſpach.* Tudo iſſo ſe tem cá ſentido, e entendido, e ha dias que ſe trata de prover neſſas couſas, e ha alguns

guns de parecer, que o negocio dos cargos se tire das máos dos Desembargadores, e que o Viso-Rey com o Arcebispo os determinem; porque assim se evitaráõ as desordens que nellas vam.

*Sold.* A' que delRey, á que delRey, quem me acudirá, que me vejo perdido! naõ sabe Vossa Mercê aquelle adagio Italiano, que diz: *Cahi da certã, e dei nas brazas*? por certo que assim será este negocio: ora em fim venho a entender, que nunca neste Reyno se acertará com a junta ao governo da India; e sem embargo de termos já praticado hontem nesta materia, eu hei de tornar a ella, porque he de muita importancia; e entaõ direi os remedios que isso poderá ter, para naõ dar tamanha oppressaõ aos vassallos; ora quanto *cuidáraõ* (*a*) que atalháraõ em arrancar os cargos das máos dos Desembargadores, e os metterem nas dos Viso-Reys? *os quaes se* (*b*) muitas vezes naõ deixam fazer justiça aos Desembargadores em negocio das entradas das Fortalezas, e cargos, quando contendem dous Fidalgos, que hum delles he seu parente, e os inquietam, sollicitam, e ainda peitam; que faraõ quando o jogo lhes ficar todo na máo? por certo que ficará o negocio bem encaminhado, e que posso affirmar, que o mayor alvitre que hoje haverá na India, será esse para elles.

*Despach.* Isso será se lhes ficar tudo em poder; mas quando o Arcebispo for ás Juntas, naõ poderaõ fazer nada.

*Sold.* Muitas vezes me quer Vossa Mercê tirar a terreiro sobre as desordens dos Viso-Reys; mas que estivera presente o Papa! ora quero-vos dar tudo cozido, pois naõ acabais de cahir nestas cousas. Vem hum feito de huma Fortaleza, sobre que contendem dous Capitães, já preparado de casa do Juiz dos Feitos, e em estado de sentença; póem-se o Viso-Rey com o Arcebispo a correr seus termos, e ver suas razões; ei-los votam; o Arcebispo está em huma opiniaõ, e o Viso-Rey em outra: que remedio? he necessario vir hum Letrado, ou dous para serem bastaõ; fica o negocio pa-

(*a*) No manuscrito estava a palavra *acudiraõ*.

(*b*) Estas palavras naõ estavaõ no manuscrito: acrescentáraõ-se por parecerem necessarias para completar o sentido.

para á manhã. Manda o Viso-Rey chamar o Letrado, ou Letrados, que ham de ser adjunctos; e só com elles na sua camara vem o feito, e o praticam, e tantas razões lhes dá o Viso-Rey, ou tantas promessas lhes faz para os affeiçoar ao que quer, que os rende. E a outro dia, juntos com o Arcebispo, discutida a materia entre todos, tornam a votar: saõ tres contra; o Arcebispo que ha de fazer, senaõ cruzar-se, e assignar a sentença, que elle sabe que vai por ahi além? Ora se ElRey tirasse os cargos das mãos dos Juizes por cuidar que faziaõ injustiças, e que recebiaõ peitas, e os mettesse nas mãos dos Viso-Reys, cuidando que ficava o negocio mais puro, por certo que se engana, porque lhes dará com isso hum ninho de guincho (como lá dizem); e o que se houvera de dar a dez, levaráõ elles só: porque os homens ham de negociar, quer tenham justiça, quer naõ, e ham de abrir a bolça; porque isto he o que corre hoje em toda a parte: e desengano-vos, que me naõ fio de nenhum Viso-Rey que chega áquelle Estado; porque ainda que vá deste Reyno puro, lá o damnam, e transtornam; e este negocio de ver perolas, e as peças ricas do Oriente he mui perigoso.

*Despach.* Naõ sei que vos diga a isso; pois que remedio póde ElRey dar a essas cousas; porque elle deseja fazer justiça a seus vassallos, e lhe naõ dá trabalho?

*Sold.* Alguns ha, e os que por ora se me offerecem, saõ estes: Que mande ElRey, que nenhuma Patente se passe neste Reyno depois das Consultas sahidas, em que se despacham todos os homens; que se mande á India por vias em todas as Náos, por que lá se lhes passem as Patentes; e entaõ naõ haverá falencias, nem será necessario supprimentos dellas: e cada homem leve na mão Certidaõ do Secretario do com que vai despachado na Consulta, para por ella requerer sua Patente: e faz nisso ElRey dous grandes bens; o primeiro, evita os damnos, e trabalhos de demandas; e o outro, acrescenta o rendimento da Chancelleria da India, que he necessario que se ajude com tudo: mas se esse for o inconveniente, e cá neste Reyno naõ quizerem perder isso, ao tempo que cá lhes derem Certidaõ do com que saõ despachados nas Consultas, hiraõ

raõ passadas pela Chancelleria, e pagaráõ nella o seu marco de prata, de que lhe passaráõ certidaõ, e entaõ na India se lhes fará declaraçaõ nas suas Patentes; ainda que melhor de tudo era ficar essa Chancellaria para a India, que tambem he Estado delRey, e tudo fica seu. Segundo remedio: he fazer S. Alteza neste Reyno hum Juiz das Patentes da India, ao qual levem todos os homens as suas para as rever; e vistas por elle, achando-lhes falencia, lhes mandará requerer supprimento, e depois da Patente pura, e sem dúvida, ponha ao pé della a vista, para que na India lhe naõ possam arguir dos defeitos della.

*Despach.* Está isso por essa via muito bem; mas se sobre essa Patente vistá eu quizera arguir hum homem que he da naçaõ; como será isso?

*Sold.* Isso acontece poucas vezes; mas para isso saiba ElRey a quem dá seus cargos, e os despachos de suas abonaçóes diante do Juiz das Patentes; porque isso na India he muito perigoso, porque toda a pessoa que quizer arguir desse defeito, lhe naõ faltaráõ testemunhas compradas a pardáo: e bem se lembra Vossa Mercê daquelle dito do grande Affonso de Albuquerque, que queixando-se já disso, dizia a alguns: » Sabeis quam » má gente he a da India, que me puzeraõ que eu » era puto, e mo provâraõ: » sendo elle hum Fidalgo taõ honrado, taõ Christaõ, e taõ honesto, que affirmáraõ que nunca creados seus lhe viraõ o pé descalço: e por evitar isto, havia S. Alteza mandar, que todo o homem que despachasse neste Reyno, fizesse sua abonaçaõ diante do Juiz das Patentes, para assi ir de tudo puro á India: e quando lhe coubesse seu cargo, naõ fazer mais que entrar nelle, e lograr o fructo de seus trabalhos com descanço. O terceiro remedio, e que me parece melhor assi para os homens, como para a consciencia delRey, he ter na India Meza da Consciencia de homens muito apurados, de que seja Presidente o Arcebispo, só para este negocio de cargos, e nella se determinarem; e se tiver falencia alguma Patente, possam supprir nella; porque a tençaõ dos Reys he lograrem seus vassallos o fructo de seus serviços, e entrarem nas Fortalezas, e cargos, que por elles lhes dam, sem tanta vexaçaõ, infamia, e despezas, como já tenho dito; e com isto

se

se segurará o Rey na consciencia, e se evitaráõ infinitas desordens.

*Despach.* Naõ apontastes mal; e prometto-vos, que nos primeiros Conselhos que houver das cousas da India, farei lembrança dellas com muita instancia, porque naõ ham de deixar de ser acceitas.

*Fid.* He isso bem feito; mas naõ se ha de fazer; e a razaõ he: porque nós os do Conselho nunca queremos que se faça cousa, que pareça prejudicial ao cargo dos Viso-Reys, porque saõ nossos parentes, e amigos; mal peccado! sempre temos nisso mais o intento, que no serviço do Rey, e bem commum.

*Sold.* Peza-me muito de ouvir dizer isso a Vossa Mercê; porque parece que sois todos favorecedores das injustiças, e desordens: e qual he o Viso-Rey Christaõ, que naõ folgue muito de o alliviarem na consciencia, e o tirarem de tamanhos encargos, como saõ os de julgar vidas, e fazendas alhêas, e ficar alliviado para entender nas cousas de guerra, que he seu proprio officio, como Capitaõ Geral? que para as mais cousas de Justiça, e Fazenda tem o Rey Ministros sobre que descarrega tudo; mas o quererem-se metter em tudo he o que tem a India no estado em que eu a deixei: e pois Vossas Mercês me tem dado licença, eu hei de tratar de vagar donde isto nasce, e que cousas foraõ a unica occasiaõ de a India desfalecer tanto.

*Fid.* Muito folgaremos de vós ouvir; e entendei que vos naõ ha de montar isso pouco.

## SCENA II.

*Sold.* DEm-me Vossas Mercês, por amor de Deos, huma grande attençaõ; porque as materias que hei de tratar saõ de muita importancia. Aquelle famoso Philosopho Seneca com outros muitos e Capitães, affirmáraõ, que com as mesmas Artes com que os Estados se conquistáraõ, com essas se haviaõ de conservar. O Estado da India se ganhou com muita verdade, fidelidade, liberalidade, valor, e esforço: ora vêde se o estado em que está naõ he pelo contrario destas cousas. Aqui me cahe a proposito hum dito muito avi-

sa-

ſado de hum Rey de Cochim, o qual vendo ir aquelle Eſtado peyorando, diſſe: logo elle começára a deſcahir, tanto que de Portugal deixáraõ de vir eſtas tres couſas, verdade, eſpadas largas, e Portuguezes de ouro. Ora quero moſtrar a Voſſas Mercês, como da falta deſtas couſas naſcêraõ todos os males da India. Vamos á primeira, que he verdade: as verdades com que eſte Eſtado ſe ganhou, foraõ Viſo-Reys embarcados, armas veſtidas, fazendo guerra aos inimigos, acreſcentando o patrimonio Real, e enriquecendo o Eſtado, e os vaſſallos: e ſe naõ vêde como eſteve a India no tempo dos que ſeguíraõ eſtas verdades, que foraõ D. Franciſco de Almeida, Affonſo de Albuquerque, e todos os mais Viſo-Reys, e Governadores até Jorge Cabral, e ainda quero dizer até D. Conſtantino; mas depois que ſe deixou de uſar deſta verdade, e que ella ſe perdeo, aconteceo aos Viſo-Reys, e Governadores aquillo que a Anibal, que em quanto andou com as armas veſtidas pelos exercitos, dormindo nos campos em hum couro de boy, que era a ſua cama mimoſa, conquiſtou toda a Heſpanha, e Italia, e ainda fôra ſenhor de Roma, e do mundo todo, ſe ſeguíra ſempre eſta verdade; mas depois que a perdeo, e ſe recolheo ás delicias de Capua, e depoz as armas, logo tornou a perder quanto em tantos annos tinha ganhado: aſſim os Viſo-Reys, e Governadores da India, em quanto ſeguíraõ eſta verdade, foi ella próſpera, e temida; mas depois que ella ſe perdeo, e que deſpíraõ as armas, e ſe deixáraõ de embarcar, e ſe recolhêraõ ás delicias da Cidade de Goa, e ſe fizeraõ Veadores da Fazenda, e Preſidentes da Relaçaõ, logo a India foi de [illegible]rnas acima, e nós todos nos acobardamos, e nos perdêraõ tanto os inimigos o reſpeito; que aquillo que nós primeiro faziamos, que era ſuſtentarmo-nos de prezas ſuas, o fazem elles agora, que ſe ſuſtentam de noſſas prezas. Naõ quero aqui paſſar pelo dito de hum Capitaõ Turco, daquelles que foraõ contra noſſa Fortaleza de Dio, ſendo Capitaõ Antonio da Silveira; no qual me quero tambem envergonhar a my, e aos ſoldados da India, porque naõ fiquem ſem ſua raçaõ. Eſte Turco, depois de paſſado aquelle eſpantoſo cerco, eſtando fallando neſſe com ElRey Sultaõ Mamude Rey de Cambaya, contando-

lhe as maravilhosas, e altas Cavallarias que víra nella fazer aos Portuguezes, depois de em seus louvores gastar muito tempo, arrematou com dizer: » E affirmo-te, poderoso Rey, que pelo que vi fazer a estes » homens, que elles só saõ merecedores de trazerem » barbas no rosto. » Ora vejam Vossas Mercês a que estado temos chegado, que aquillo que aquelle Turco notou em nós mais para louvar, e temer, isso he o menos que hoje estimamos: em quanto os Capitães, e soldados tinhaõ barbas largas, tinhaõ vergonha, que naõ sei se hoje se achará; por certo que desejo ver resuscitado aquelle bom Rey D. Manoel, e com elle hum daquelles soldados veteranos com que a India se conquistou, com huma barba pelos peitos, hum pellote pelo joelho, huns musgos cortados, huma crangia ao peito posta em hum murraõ, huma chuça ferrugenta nas mãos, ou huma bésta ás costas, e apar delle hum dos soldados deste tempo com huma capa bandada de velludo, coura, e calções do mesmo, meyas de retróz, chapeo com fittas de ouro, espada, e adaga dourada, barba rapada, ou muito tosada, topete muito alto: parece-me que tornaria aquelle bom Rey logo a morrer de nojo, e que poderia pedir conta aos Reys seus successores de se descuidarem tanto nas cousas da India, e de naõ mandarem prover, que se torne tudo áquella primeira idade, se querem que a India torne a seu ser.

Dizei-me, senhores, ha hoje no mundo terra mais fronteira, e em que sejam necessarias andarem as armas mais na maõ, que a India? por certo naõ: pois que descuido he naõ se attentar este negocio, e naõ haver hum Viso-Rey que se ponha á soldadesca para todos o seguirem, e querer parecer Capitaõ, para todos quererem parecer soldados? que esta he a segunda cousa, que aquelle Rey de Cochim dizia, que já naõ vinha do Reyno, naquella comparaçaõ das espadas largas, querendo-nos dar a entender quanto nos hia já falecendo aquelle antigo brio, e valor Portuguez, quasi alludindo áquelle dito do nosso bom Rey D. Joaõ II. quando dizia, que o bom Portuguez havia de ferir com os terços; e assim depois que nesto Estado entraraõ verdugos compridos, balonas, e trajos estrangeiros, logo tudo se perdeo; porque a guerra naõ se

faz

faz com invençóes; senaõ com fortes coraçóes; e nenhuma cousa deitou mais a perder grandes Imperios, que mudança de trajos, e de Leys. E se naõ vejam aquelle grande da China, e a famosa República Veneziana se se tem sustentado tantos milhares de annos em tamanha potencia, se he por outra cousa, senaõ por naõ consentirem nenhuma mudança destas. A terceira cousa que dizia aquelle Rey de Cochim: que já naõ vinhaõ do Reyno Portuguezes de ouro; era moeda, com que entaõ se fazia a carga de pimenta, e taõ estimada de todos os Reys da India, que della faziaõ seus thesouros; e assim depois que naquelle Estado entráraõ moedas estrangeiras, logo elle começou de definhar; porém eu cuido que aquelle Rey o naõ dizia pelos Portuguezes de ouro, senaõ porque os soldados daquelle tempo, Capitáes, e Viso-Reys eraõ todos ouro na verdade, ouro na liberalidade, ouro na fidelidade, ouro no valor, ouro no primor, ouro no esforço: em fim que daquella idade toda de ouro viemos a descahir nesta toda de ferro, em que tudo isto falta; por onde receyo que este negocio se vá concluindo; porque vejo a Justiça Divina taõ irada contra aquelle Estado, em que ha annos que vai usando do rigor do seu juizo, que foi sempre castigar geraes, e publicos peccados com geraes, e publicos peccadores; se naõ vede se vos naõ castiga por máos dos inimigos, que sempre dominámos, e subjugámos; porque até os mais cortados tem alevantado máos contra aquelle pobre Estado: por onde eu temo que se torne o seu a seu dono, se Deos nisso naõ prover, e naõ puzer os olhos de sua Misericordia em muitos virtuosos que nelle ha.

*Despach.* Tudo o que dissestes saõ puras verdades, e bem entendemos que tudo se acabára, se nosso Senhor naõ tivera postos os olhos de sua Misericordia em taõ sumptuosos Templos, e em tantos Religiosos virtuosos, e em tantos innocentes, e sobre tudo na piedade, zelo, e Christandade dos nossos Reys, que em todas as Religiões mandam encommendar seus Estados a Deos, e nem por muitas que sejam as cubiças, e peccados ha de permittir que seus Templos, em que tantas vezes de dia, e de noite seu santo Nome louvam, se convertam em nefandissimas mesquitas do torpe

pe Mafamede, onde seja outras tantas na hora vituperado; Deos he misericordioso, elle porá os olhos nisso com aquella brandura, e mansidaõ com que os pôz no Ladraõ.

*Sold.* Eu assim o confio na sua Divina bondade; mas tambem me lembra, que grande número de innocentes, Religiosos santos, Templos sumptuosissimos havia naquella infelice Constantinopla, e por todo o Imperio da Grecia; mas permittio Deos o que vimos, e elle sabe porque juizos: naõ ha na terra mayor Santuario, nem cousa de mayor veneraçaõ, que o Santo Sepulchro, e consente elle estar em poder dos torpes Mahometanos; por onde naõ podemos deixar de recear, que faça outro tanto ás Cidades, em que he taõ offendido, e em que tanta tyrannia se faz, taõ pouca justiça se guarda, tanto adulterio se commette, e em que tanta orfã se deshonra, e em que tanta onzena se consente, e em que tudo o que Vossa Mercê quizer, se verá a cada passo; porque nunca Deos deixou de castigar peccados; pois he verdade taõ sabida, que em todos se segue a pena; e assim como pelo peccado de Adaõ em pena se seguio a culpa para os descendentes; pelo que no fim daquella primeira idade castigou Deos nosso Senhor o mundo por seus peccados com a agua do diluvio universal; no fim da segunda foi menor o castigo, porque se diminuiraõ forças naturaes; pelo que se contentou com o castigo de cinco Cidades: na terceira idade, além das pragas do Egypto pela idolatria de Beelphegor, e além dos vinte mil homens, que matou a Tribu de Levi por mandado de Moysés, castigou Deos o povo com outro castigo mayor: na quarta idade castigou Deos os Israelitas no cativeiro de Jerusalem, que Jeremias nove annos antes tinha prophetizado: na quinta idade foi o castigo de menor rigor, porque o mais delle foi o temor, e afflicçaõ, em que Amaõ poz o povo dos Judeos, ainda que naõ pela culpa que Aman lhe punha, mas só pela idolatria quasi ordinaria, de que os Profetas daquella idade sempre os arguiraõ; e ainda que o peccado de idolatria he taõ grande, que absolutamente se chama peccado; porque aquella idade hia já descahindo muito nas forças naturaes, contentou-se a Divina Justiça de lhe dar castigo de temor: nesta idade em que estamos,

porque se chama tempo de Misericordia, espera Deos ao peccador que se converta; mas nesta se castigárão os tyrannos que martyrizarão os Santos; nesta se castigárão os Herejes, Scismaticos, ainda que este castigo não foi de tanto rigor, como na terceira idade se fez em Datan, e Abiron; e nesta idade castigou Deos peccados particulares, como vimos em tanto Reyno Christão Grecia, Hungria, e outros, que tão opprimidos estão com o jugo do Turco nas Alemanhas altas, e baixas: por peccados vimos castigar a Villa de Sehilstaun no Friburgo de Brisgoia quasi tres leguas de Basiléa, a qual em espaço de huma hora se queimou toda a 10 de Abril Quarta feira de Trévas: França, Flandes, e Inglaterra não deixou Deos sem castigo nas muitas, e continuas guerras, em que continuamente andam, e em mortalissimas pestes, que muitas vezes cahírão sobre ellas; e o mayor castigo foi largar Deos nosso Senhor a mão delles. Não ficou sem estes castigos a opulenta Hespanha; porque por peccados veyo a ser entregue a Mouros; nem escapou o nosso Portugal, porque, segundo se entende, por injustiças lhe mandou Deos terremotos, pestes, fomes, e desaventuras: pois os peccados da India não quereis que os castigue Deos? Sabei, senhores, que o ha de fazer, e que cuido que começa já no descuido que neste Reyno ha daquelle Estado, e nas pequenas Armadas, e provimentos que lhe mandam; porque quando tanto mal não tinha entrado naquella terra, e os Reys de Portugal a traziaõ nos olhos, parecia que nas suas ribeiras lhe nasciam Náos, no seu thesouro dinheiro, e pelas prayas Marinheiros, Mestres, Pilotos, Bombardeiros, Calafates, de que tudo hoje falece; e assim permittia Deos que se movessem os peitos daquelles Reys a mandarem tantas Armadas, e tantos provimentos, e gente, como se sabe; porque houve annos que partírão deste Reyno vinte Náos com quatro, e cinco mil homens, e todas chegavão a salvamento, porque trazia Deos nosso Senhor postos os olhos na piedade daquelles Reys, e no zelo dos seus Viso-Reys, e Governadores; e assim andava tudo tão prospero, que me lembra encontrar pelas ruas de Goa mais Capitães velhos, e Fidalgos para serem Viso-Reys do mundo, de que hoje encontrarão soldados de nome

me; e quando neste Reyno se queriaõ fazer vias para succesões de governança, havia tantos que naõ se sabiaõ determinar os Reys na escolha; e hoje se quizerem fazer quatro vias, e Vossa Mercê me der juramento para isso, eu naõ as saberei fazer; e o que peyor he, que esses que saõ, já naõ querem embarcar-se senaõ por Capitáes Móres; e como naõ ha tantas Armadas, ficam muitos sem servir, e requerem que estiveraõ em Goa, com grandes casas, e fazendo muitas despezas dos Morgados, que nestes Reynos para isso venderaõ. Em fim venho, senhores, a concluir, que hum dos mayores castigos que Deos dá aos póvos, he tirar-lhes os bons, e experimentados, como fez áquella soberba Athenas Mãi das Sciencias: e nunca Roma foi taõ próspera, como no tempo que a governavaõ velhos, sabios, e desinteressados; e tanto que estes faltáraõ, entrou a cubiça, e logo se perdeo.

*Despach.* Tudo isso que dissestes he muita verdade; mas he tanta a bondade, religiaõ, e caridade dos Reys de Portugal para seus póvos, e vassallos, que só por isso lhes ha de conservar Deos nosso Senhor o que tanto lhes custou. E quem o offender, lá está o Juizo, e o castigo guardado, de que alguns fazem bem pouca conta. Ora Deos he bom, elle remediará isso como a nós convem; porque mais cuidado tem de nós, que nós mesmos: e já que isto está taõ bem praticado, e vós tendes dado mostras de verdadeiro Portuguez em vos doerdes dessas cousas, e as descubrirdes; eu quero doerme das vossas, e despachar-vos, como vossos serviços merecem, e eu desejo, pelo que vos estou affeiçoado: dai-me vossos papéis, se os trazeis; e a primeira vez que achar S. Alteza desoccupado, eu lhos presentarei, e com isso as mais razões que tem de vos fazer mercê pelo zelo que mostrastes a seu serviço: eu fico que sejais mui bem respondido.

*Sold.* Bejo as mãos a Vossa Mercê por essa vontade: naõ quero que ponha Vossa Mercê os olhos em mais, que na minha pobreza, idade, e serviços, e conforme elles me fazer mercês. Os papéis saõ estes; as feridas que me deraõ no serviço delRey saõ estas espingardadas neste braço, e outra pelas pernas, de que

de

de ambas fiquei aleijado; além das frexadas, e outras muitas feridas; o corpo cinco vezes queimado; e ainda que isto vai nestes papéis mui justificado, mais claro, e verdadeiro está neste corpo.

*Fid.* Eu sou boa testemunha das mais dessas cousas, e naõ taõ pouco vosso amigo, que algumas vezes que vos vi desembarcar em terras de inimigos naõ desejasse de vos fazer muitas mercês; mas atalhou-me o tempo com me tirar das mãos o governo: porém agora estais em parte, e em poder de quem ha de olhar mui bem por vossa justiça, e naõ haveis de perder nada de vossa honra, e trabalhos.

*Sold.* Assim o creio eu por certo, que essa confiança me trouxe a esta casa sem para isso buscar padrinhos; e quiz minha ventura achar logo hum taõ bom, como Vossa Mercê, por cujo meyo eu sei que naõ serei mal despachado.

*Despach.* Descançai nesse negocio; mas dizei-me, que he o que pedis em vossa petiçaõ?

## SCENA III.

*Sold.* JA' agora naõ ha na India que pedir; tudo he dado por trezentos annos, e eu naõ tenho para esperar tanto: dem-me o que quizerem, tornarei para a India com huma Patente ao pescoço; se morrer, morrerei no hábito, e havereis que me naõ ficou nada por fazer. E já que me cahe à proposito, naõ posso deixar de estranhar as grandes devacidões, que houve nos despachos da India; porque sabemos delRey D. Joaõ o III., de gloriosa memoria, que trazia na sua algibeira hum canhenho de todos os cargos, e Commendas, e em vagando qualquer, a dava ao que lhe parecia que tinha mais merecimentos; e assim nunca despachava hum cargo destes senaõ para logo entrarem: e com isto folgavam os homens de servirem, e punhaõ por isso a vida, e andava isto taõ a ponto, que havia Fidalgo, que quando se fazia prestes para se vir despachar a este Reyno, lhe chegava huma Carta missiva delRey, por que lhe fazia Mercê da Fortaleza de Ormuz, ou Sofala, na qual logo hia

entrar; que estas saõ as mercês de estimar: mas hoje que tudo está taõ entupido, confesso a Vossas Mercês que naõ tem os homens gosto de servirem; e se o fazem, he porque naõ tem outro remedio; e isto succedia porque se naõ davaõ os cargos senaõ a quem os merecia, e trabalhava; e hoje dam-se a quem tem mais valias, e naõ sei se por outros meyos; porque vemos ainda muitos homens, que nunca serviraõ o Rey, nem puzeraõ pé no barco, melhor despachados que outros, como eu, que envelheci por elles, e outros alguns, que quebráraõ os braços nelles; e isto magôa tanto aos homens da minha sorte, que se naquelle Estado houvera outro Rey Christaõ a quem pudessem servir, certamente o fariaõ; porque andam os homens taõ enfadados; e se nisso naõ houver algum termo, se ham de vir a desenganar, e a naõ se embarcar nenhum para aquelle Estado, e buscar cá seu remedio.

*Despach.* Tendes nisso muita razaõ, e todos cahimos nessas culpas: mas deixemos o passado, que já naõ tem remedio; busquemo-lo no por vir; este folgaria de me dizerdes qual se póde ter neste negocio para satisfaçaõ dos homens que servem, e para os que naõ tem merecimentos se naõ lograrem do que por justiça se lhes naõ deve.

*Sold.* Muitos remedios ha; mas o principal he mandar ElRey ter maõ nos despachos alguns annos, para nelles se dar evasaõ aos providos, e suspender as trespassaçóes; e depois que se entrar no negocio dos despachos, saberem a quem se dam os cargos, que sejam a creados delRey de serviços, e entaõ poderáõ os homens esperar de entrar em seus cargos, e ainda he mais necessario que tudo, naõ passar ElRey Provisóes que passa aos Viso-Reys para poderem prover todos os cargos da India, e Feitorias para baixo; porque com ellas provê cada Viso-Rey mais de trinta cargos, e ficam com isso taõ entulhados, que nada ha poder hum homem esperar vagar-lhe o cargo de que he provido: e certo que cuido naõ lançam neste Reyno conta ás Fortalezas, e cargos da India; porque com naõ serem mais de dezeseis, ou dezoito Fortalezas, quasi cada tres annos vem dez, ou doze despachos dellas afóra os que estaõ na India, a quem se mandam os

des-

despachos: e todos os mais cargos de Feitorias; Juizes de Alfandega, Escrivães della, e das Feitorias, Capitanías pequenas, e Tanadarias naõ passam de quarenta, e vem cada tres annos mais de cincoenta homens providos; por onde naõ ha poderem nunca vagar os cargos; e ainda nestes se mettem as trespassações, como já disse, que he hum infinito: por onde venho a resumir, que quando se despacha hum homem, seja em idade de vinte annos, naõ entra no seu cargo até os sessenta: pois como esperarei eu gozar de cargo algum? naõ sou taõ nescio: venho por honra a esta Côrte a requerer sem esperança de me darem cousa em que possa entrar, por cumprir com minha obrigaçaõ; e quando morrer, levarei a Patente comigo á cova, para que saibam os soldados do meu tempo, que me naõ descuidei de minha obrigaçaõ; ou que deixáraõ de me fazer mercê por pusillanime, ou pelo naõ merecer.

*Despach.* Naõ sei que vos diga a isso! muitas vezes se tratou de se suspenderem as trespassações; naõ sei como já naõ se effeituou. Tudo o que dissestes he santo, e isso muito bem se entende; mas todos naõ o queremos acabar de executar por nossos particulares. Póde ser que em algum tempo se trate dessas verdades que dissestes; mas tornemos a vossos negocios, folgarei de haver cousa que vos arme, e caiba logo; porque essa idade naõ está para esperar: por isso vêde o que ha; que eu vos farei despachar, para vos tornardes nestas Náos.

*Sold.* Naõ sinto eu agora cousa que me possa caber logo para me dár bem de comer, senaõ Desembargador da Relaçaõ de Góa, Chanceller, Juiz dos Feitos, Provedor dos defuntos; porque com qualquer destes ficarei mui bem remediado, e assim me naõ faltaráõ vinte mil pardáos em casamento; porque naõ sei que tem estes Desembargadores, que antes os querem, que Capitães das Fortalezas.

*Despach.* Assim fôra isso de vossa profissaõ, como se vos dera; mas he necessario que quem houver de servir esses cargos, seja Letrado, e visto em ambos os Direitos.

*Sold.* Bofé, senhor, que para alguns Grammaticos, que já lá foraõ, e que eu conheci; ainda eu fico de ven-

ragem; porque estes com dous debruns de Latim foraõ feitos Desembargadores por valias; porque Latim como elles sabem, eu o sei.; o mais farei o que alguns fizeraõ; darei sentença por quem me mais der; eu naõ curarei de ver Barthol, nem Baldo; porque isso será viver plasaco, e estar amarrado ao pobre do ordenado; e eu desejo de ter logo em tres annos vinte mil cruzados.

*Despach.* Valha-me Deos! e he possivel que os homens que S. Alteza manda á India administrar justiça, para o que lhes dá grandes ordenados, enriqueçam por esse modo?

*Sold.* Desejo de me rir dessa justiça, que estes que digo lá foraõ fazer: tamanho engano ha neste Reyno, que naõ entendem que hum estudante de vinte e cinco annos, muito rosado, e bem disposto, e em huma terra taõ lasciva, e mimosa, e onde tanta delicia reina, que haja de fazer justiça mais que a seus gostos? Olhai vós os setenta annos chêos de muitas cans, e authoridade que elles lá mandáraõ em huns barbiponentes mais recamados, e encrespados que os cabellos de hum mulato, e cujas opas roçagantes (trajos daquelles Senadores antigos) saõ calças recamadas, capotes barrados, espadas douradas, e brincadas, cavallos guarnecidos de ouro, e prata, muitos lacayos adiante, e pagens detraz, e tudo isto do dia que á India chegam a hum mez, de feiçaõ, que se os encontrais pelas ruas, mais parecem Embaixadores de França, que Desembargadores da Relaçaõ! Pois isto donde veyo, ou quem lho deo, senaõ a quem elles deraõ a justiça que era de outro? e ainda mal; porque isto he tanto assim, que nunca a India foi tanto perna ácima, senaõ depois que alguns destes entráraõ nella. Até o tempo de Jorge Cabral, em que naõ houve mais de hum Ouvidor Geral, hum Provedor Mór, e Procurador da Corôa, naõ foi a era dourada? e ainda muito mais felice até o tempo do Viso-Rey D. Joaõ de Castro, em que naõ havia mais que hum Ouvidor Geral, que trazia tudo taõ direito, e bem governado, que em se fazendo hum crime era logo punido: e depois de tanto Juiz naõ vejo punir nenhum. Pois quem foi o infernal que enganou ao Rey, e lhe fez em huma terra ganhada de novo, e cercada de inimigos, em que he necessario

andar sempre com a espada na mão, metter varas em lugar de lanças; Leys em lugar de arnezes; Escriváes em lugar dos soldados? na verdade muito mais saõ elles agora que os soldados: e naõ lhe pareça a Vossa Mercê que fallo por ahi além; porque digo na verdade, e torno a affirmar, que mais gente anda de ordinario pelas Audiencias, que nas Armadas. Dizia o divino Plataõ: que nas terras onde havia muitos Medicos, havia muitas enfermidades: e pela mesma maneira podemos dizer, que onde ha muitos Ministros de justiça, ha muitas maldades. Naquellas Repúblicas antigas os graves Legisladores que as governavaõ, nunca lhes ensinaraõ esta ordem do juizo que hoje se usa: *A. Libello, Contrariedade, Réplica, Treplica, Dilações, Suspeições*, nem todos os mais termos, com o que faz hum processo, e feito, que hum homem naõ póde alevantar, tudo inventado contra a malicia humana; o que nunca Socrates ensinou aos Athenienses, nem Solon aos Gregos, nem Numa Pompilio aos Romanos, nem Prometheo aos Egypcios, nem Lycurgo aos Lacedemonios, nem todos os mais que fizeraõ, e ordenáraõ Leys para o bom governo de seus póvos, só por os affastarem de contendas, trapassas, pleitos, e demandas. Esta he a razaõ, por que aquelle famoso Lycurgo mandou, qne as Leys que fez na sua reformaçaõ da República Espartana, naõ fossem escritas, nem postas em nenhuma fórma, senaõ que se imprimissem nos animos dos homens; porque tinha por cousa muito certa, que a mayor parte da felicidade, e boa fortuna de qualquer República bem instituida, consistia principalmente em naõ estarem as Leys escritas, senaõ em se guardarem, e pôrem por obra, e terem-nas em seus animos em grande veneraçaõ; e quem ordenava isto naõ havia de consentir em seus póvos tamanhos volumes sobre nada; e assim saõ já agora mais altas as rumas dos feitos nas casas dos Escriváes, do que saõ os muros das mesmas Cidades; e o que nesta materia me escandaliza mais que tudo, he que se hum Juiz, ou Ouvidor quer sentenciar verbalmente huma causa de pouca importancia, como hum queixume, que hum homem deo de outro, que lhe disse huma ruindade, naõ querem os Escriváes diante delles, senaõ que se faça auto, e tirem testemunhas,

e que

que corra judicialmente, no que a olhos vistos roubam aos mesquinhos, sem nunca se prover nisto. Os Locrenses fizeraõ huma ley, que todo o homem que na sua República inventasse alguma ley, ou ordem nova, que em quanto se publicasse estivesse elle com huma corda amarrada ao pescoço, e junto a huma forca; porque se a ley que inventára fosse em damno do povo, morresse logo alli enforcado. Oh que ley he esta ao Estado da India para os alvitreiros, e novelleiros, que vaõ aos Viso-Reys com cousas taõ prejudiciaes ao serviço delRey, e ao bem commum, que mereciaõ trezentas forcas! e o que peyor he, que naõ ignoram os Viso-Reys aquillo; mas como he cousa que lhes dá proveito, folgam muito: porém naõ deixam de ter o que lhe vai com aquellas cousas na conta em que elle está; e certo fiz já escrupulo de consciencia em dizer algumas vezes aos Vereadores de Goa, que haviaõ de ter hum cofre do thesouro público, que se naõ gastasse em outra cousa, senaõ em mandar matar por dinheiro estes prejudiciaes, e perturbadores dos póvos. As Leys, segundo Ciceraõ no primeiro *de Oratore*, foraõ feitas para que fossem premio das virtudes, e pena dos máos: agora na India he o contrario; porque saõ premios para os máos, e pena para os bons; quem agora he inventor de huma maldade, malsim de huma mentira, esse he o que val, e esse leva as mercês; e os bons saõ abatidos, e desprezados, e a verdade naõ se conhece. Dizia hum Philosopho, que estava indeterminado a quem buscaria, se a hum rico máo, se a hum pobre virtuoso; e dizia, que elle continuamente via as portas dos ricos mui acompanhadas, e as dos pobres naõ. Ora vejam Vossas Mercês a que estado nos chegáraõ nossos peccados, que se naõ conhece a virtude, sendo ella, segundo alguns Filosophos, huma perfeita razaõ, e que tem seu assento no entendimento do homem sabio, e tem tanta força, que lhe faz aborrecer os vicios, como aquelle que he dom dado por Deos nosso Senhor, para que as cousas escuras, e cegas traga á luz; porque assim como a luz clara descobre todas as cousas, assim os máos a aborrecem, porque lhes descobre suas ignominias. A verdade, e a luz, dizia Menandro, que era amarga, sendo doce, aos máos, porque o gosto do entendimen-

to que havia de julgar eſtava gaſtado ; e para eſtes taes era como para os que tem dôr de olhos, que podiaõ ſer comparados aos morcegos, que aborrecem a luz.

*Deſpach.* Eſta materia he grave, e fólgo de vo-la ouvir: e deſſa maneira vai lá a couſa? bom ſerá prover-ſe niſſo, e mandar S. Alteza novos Officiaes velhos, e ricos, a quem honrem filhos, e netos pelo irem ſervir neſte negocio, e com ordenados, e mercês baſtantes para ſe naõ inclinarem a nada.

*Sold.* Iſſo remedio he, mas he remendar; porque alguns velhos ſe mandáraõ já lá por inteiros, que fizeraõ graviſſimos exceſſos de juſtiça. Por muito melhor remedio tinha eu mandar vir os ſeus Eſcriváes, que ſaõ os que lhes daõ as deſordens, e alvitres; e affirmo a Voſſas Mercês, que hum ſó deſtes que iſto fazem baſta que lá fique para apegar a enfermidade a todos. Os gafos degradaõ-nos de povoado por naõ contaminárem a terra: aſſim eſtes alvitreiros haviam de ſer degradados para a Ilha de Santa Elena, onde naõ poſſam pegar tamanha enfermidade. Affirma Raſis, no Livro 25 do ſeu Continente, que todas as quenturas putridas, ou mortaes pela mór parte ſe apegam aos que chegam perto; e aſſim eſta doença de que trato he tanto mais pegadiça, quanto mais mortal he que todas, pois mata a alma, que val ſobre tudo; e ſe he verdade, como he, pois o experimentamos, o que diz Galeno na ſua Technica, e Avicena no primeiro Fen, que a compleiçaõ sá póde n'hum ponto enfermar, e que em muito menos ſe póde corromper; porque a peçonha da cubiça naõ tem nenhum antidoto, logo ſe apodera do coraçaõ; mas quando iſſo que Voſſa Mercê diz houveſſe de ſer, que ſe mandaſſem eſſes Deſembargadores, advirto que ſejam taes, e levem varas taõ groſſas, que com nada ſe poſſam torcer; porque algumas vi eu já lá taõ delgadas, que com hum rubim, ou diamante ſe dobravam logo; porque já com alcatifas, colchas, e peças de ſedas, balças de louça da China, e outras couſas deſta ſorte, iſſo fallas inclinar até o chaõ; e o bem que tem, que nunca quebram por muito pezo que lhes ponhais; porque haverá deſtas que póde com hum cavallo ſellado, e enfreado, ſem fazer mais que torcer. Quebram ellas algumas vezes,

mas os focinhos aos pobres; quebram-lhes a honra, e fazenda; para o que nenhum remedio ha fenaõ levantar os olhos ao Ceo, e chamar pela Justiça de cima, que forçado ha de chegar, porque Deos naõ se descuida nestes negocios; que se dissimula, he para vir com mão mais pezada. Conta Xenophonte, que os Persas naõ tinhaõ em seus retabulos outras figuras, ou Deidades, que huma hastea grossa branca, e direita, pela qual significavaõ a justiça; na grossidaõ da hastea mostravaõ quam mociça, e segura havia de ser a justiça; pela altura, limpeza, e pureza della, e em ser direita, que se naõ havia de torcer por pay, e máy, nem por todos os thesouros da vida; e daqui se póde imaginar que ficaria este costume que se usa dos Juizes trazerem as varas por insignias das justiças. Mas o melhor de tudo era tornar a India ao primeiro estado, e naõ haver mais de hum Ouvidor Geral, Chanceller, e Juiz dos Feitos, no que se poupariaõ mais de vinte mil cruzados, que estes Desembargadores gastam cada anno da fazenda delRey, e se atalharáõ as desordens dos homens, e emendar-se-haõ de suas burlas, e trapaças, e faraõ suas compras, e vendas na praça, sem os embaraços com que hoje as fazem; e os tratos, e distratos, póde ser que se guardem quando virem hum só Juiz.

*Fid.* Dizeis bem; póde ser que com isso se recolham os homens a bom viver, e que naõ haja tanta perturbaçaõ, confusaõ, e trapaça.

*Sold.* Vossa Mercê sabe este vocabulo *pleito* donde vem? pois saiba que he Castelhano, e muito antigo, que no bom tempo queria dizer *concordia*, como parece nas Leys de Fuero jusgo, e dahi veyo a pleitesia, ou pleito, e homenagem, que os Capitáes, e Viso-Reys fazem nas mãos delRey da governança, e Capitanias, que lhes entrega: agora se mudou isto de feiçaõ, que o que era sinal de concordia he causa de inimizades, e discordias: e por entender isto muito bem o nosso Rey D. Pedro de Portugal, e ver que já naquelle tempo as confusões das demandas lhe hiaõ corrompendo o Reyno (segundo achei em huma curiosa Chronica), mandou, que todos os Juristas se sahissem do seu Reyno, ou aprendessem officios de novo, porque queria quietar seus póvos. ElRey Mathias de Ungria mandou

dou com público pergaõ, que todos os Juriſtas ſe deſappareceſſem de ſeu Reyno, como o eſcreve Vives no Livro de *Corruptis Diſciplinis*, e logo ficou o Reyno em paz: a meſma façanha tentou a Catholica Raynha Donâ Iſabel em Salamanca; mas ceſſou ſeu bom zelo, e eſpirito por conſelho de Letrados Catholicos, que naõ ſei quam bem andáraõ em eſtorvar huma obra taõ importante na Chriſtandade, e de que tanto fructo, e paz ſe ſeguiria.

*Deſpach.* Aſſim pudera iſſo ſer, como ſe fizera; mas os Reynos naõ ſe podem conſervar ſem Leys; porque fôra huma confuſaõ muito grande.

*Sold.* Leys ſaõ ſantas, e boas, mas uſamos nós mal dellas; e andamolas eſtudando para lhes dar ſentidos mui differentes do que ellas tem. E muitas couſas deixáraõ aquelles antigos Legisladores de propôr em ſuas Leys polas naõ trazer á memoria dos homens: eſſa foi a razaõ, por que Solon naõ fallou na pena que teria quem mataſſe ſeu pay, porque dizia, que naõ queria que entraſſe na imaginaçaõ dos homens tamanha maldade; o que ſe agora naõ faz, ſenaõ buſcar novos modos de malicias, e trazer á memoria dos homens novas invenções de buſcar o inferno, em que huns, e outros por ſuas vontades ſe mettem. E ſabem Voſſas Mercês quanto he iſto aſſim, que chegou a malicia da India a tanto, que ha homens que compram demandas, e auções, e outros, que todos os dias vaõ ás audiencias, e de Eſcrivaõ em Eſcrivaõ, e de Juiz em Juiz, com tanto goſto, que cuido niſſo tem poſta ſua bemaventurança; de modo, que quem vir agora a Cidade de Goa, verá huma eſcola formada deſtes Eſcriváes, pequenos, e mayores, de inqueredores, procuradores, informadores; e certo que he grande confuſaõ ver eſta infernalidade em huma terra rodeada de inimigos, que nos deſejam beber o ſangue, e na qual naõ houvera de haver ſenaõ eſcolas de armas, carreiras, ſoldadeſca a ponto; porque os inimigos trouxeſſem ſempre ante os olhos as armas Portuguezas; para que ſempre andaſſem timidos: mas elles em lugar diſto vem o que já diſſe; ſenaõ quanto os Bramenes, que ſe fazem Chriſtáos, ſe fazem burlões, e ſubtís, e ſabem melhor a ordem do juizo, que os meſmos procuradores, que iſto he o que lhes fomos lá enſinar; e os Coſſarios

rios pelo mar tomando os Navios, sem haver quem os guarde; porque as Armadas fazem-se fóra do tempo, e ainda assim faltas de soldados; e em terra as audiencias chêas de homens até ás ruas, de feiçaõ que muitas vezes desejei de haver hum Governador taõ curioso do serviço de Deos, e do Rey, que désse hum dia por estas audiencias, e tomasse toda a gente, e a mandasse embarcar em huma Armada a peleijar com os Paraos; e á fé que se hum fizesse isto huma vez, que se refreariaõ os burlões, e naõ se dariaõ tantos a esta calaçaria, embarcar-se-hiaõ nas Armadas, receberiaõ seus soldos, e naõ faltariaõ soldados nas galés, nem seriaõ entaõ necessarios tantos Juizes, e tantos volumes de livros, e feitos. Lembra-me que lí na Escriptura Divina, que os Phariseos traziaõ cozidas nos habitos compridas tiras de pergaminho, em que andavaõ escriptos os seiscentos e treze preceitos da Ley; e a estes pregaminhos chamavaõ *phylacterias*, que quer dizer *custodia amoris*; porque nelles diziaõ os Phariseos, que guardavaõ o amor de Deos, tomando este nome na significaçaõ methaphorica; porque propriamente significa *phylacterion* guarda de amor contra a peçonha: cuidavaõ que a guarda dos Mandamentos estava em trazer muitos pergaminhos, em que elles andavaõ escriptos; e por isso Christo Senhor nosso, reprehendendo-os de hypocritas, diz, que naõ faziaõ cousa do que diziaõ, e que dilatavaõ, e ensachavaõ suas phylacterias, como quem diz seus enganos. Assim desta maneira alguns dos Letrados Juristas da India tem a guarda das Leys nos muitos; e grandes volumes que lhe vêdes em casa, como os pergaminhos; no coraçaõ Deos sabe o que vai: ainda que naõ nego a Vossas Mercês, que ha alguns Desembargadores honrados, e inteiros na justiça, e que houvera mais se os Viso-Reys os naõ perturbáraõ; e sempre naquella Meza da Relaçaõ houve quem desejou de fazer justiça; mas ouvi dizer a hum delles, bem honrado, e livre, que naõ bastava isso, porque tinhaõ os Viso-Reys sempre na Meza tres bombardas assestadas com que venciaõ, e derrubavaõ tudo: pelo que alguns que eu conheci se tiráraõ do Desembargo, por quietarem a sua consciencia.

*Despach.* Nunca cuidei tanto de hum Soldado; mas pa-

re-

rece que falla hum Anjo em vós, para que neste Reyno se saibam cousas taõ novas a nós, das quaes eu farei huma grande reflexaõ a ElRey para mandar prover nisso: mas tornemos a vós, porque desejo de vos despachar a vosso gosto: dai-me de palavra relaçaõ de vossos serviços, para estar informado de vós quando tratar do vosso despacho.

*Sold.* Fui duas vezes ao Estreito de Méca esperar as Náos sem cartazes em Galeões; outra em fustas a esperar as galés; andei tres annos continuos na guerra de Ceilaõ, e achei-me naquelle grande cerco da Costa; andei dous annos no Malavar, aonde ajudei tomar muitos Paraos, de que sahi ferido algumas vezes; invernei todos os invernos em Fortalezas fronteiras; afóra outras miudezas, que ahi vaõ por papéis, de maneira que gastei doze annos continuos no serviço delRey naquellas partes, depois que nesta Corte em sua Guardaroupa servi cinco; e depois de me acrescentar tres nas Armadas do Reyno.

*Fid.* Merecimentos tendes bastantes para vos despacharem muito bem. Folguei de vos ouvir, porque desejava de vos perguntar a razaõ, por que já naõ vaõ ao Estreito as Armadas de Galleões, como em nosso tempo?

*Sold.* Isso pergunte Vossa Mercê ao senhor Secretario que ahi está, que deve saber se o defende ElRey, e a causa porque; que o que eu poderei dizer será o grande serviço que era dos Reys de Portugal, e proveito do Estado da India, irem todos os annos Armadas áquelle Estreito; para o que peço a Vossas Mercês, que me queiram ouvir hum pouco.

## SCENA IV.

*Sold.* ANtes que tivessemos na India Fortalezas, nas primeiras Armadas que os Reys de Portugal mandáraõ á India, traziaõ seus Capitães Móres por Regimento, que dessem huma vista ao Estreito de Méca; assim para saber o Soldaõ de Babylonia que lhe podiaõ nossas Armadas impedir aquelle commercio, e romagem da nefanda Casa de Méca (que em tudo ti-

tinhaõ os noſſos Reys o primeiro intento ſempre na honra de Deos, noſſo Senhor), como para fazer prezas nas Náos dos Mouros, que elles tratavaõ mandar extinguir da India, para com mais facilidade mandar plantar por ella a Ley do Evangelho; e para iſſo mandou depois Armadas deputadas para andarem naquelles Eſtreitos, de que em huma dellas veyo por Capitaõ Mór o grande Affonſo de Albuquerque, que começou a fazer guerra a ambos aquelles Eſtreitos, e ao Reyno de Ormuz mais de tres annos continuos, ſuſtentando ſua Armada toda das prezas que fazia nas Náos dos Mouros. E depois que ElRey D. Manoel tratou de mandar fazer aſſento na India, que tomáraõ os noſſos pé nella, e começáraõ a fundar Fortalezas, naõ tinha o Viſo-Rey, que a iſſo veyo, mais rendimento, que as prezas do Eſtreito de Méca, aonde todos os annos hiaõ noſſos Galleões: e depois ElRey D. Joaõ de glorioſa memoria mandou a ſeus Governadores, que continuaſſem eſta guarda do Eſtreito do Mar-Roxo; tanto em vituperio, e affronta da Ley de Mafamede, quanto para proveito, e rendimento do Eſtado da India, que ſempre (até que ſe perdeo eſte bom coſtume) ſuſtentou ſuas Armadas deſtas prezas, porque a India naõ tinha outro rendimento; e aſſim além diſto outros muitos proveitos, que eraõ haver ſempre no Eſtado Galleões para iſſo, andarem os ſoldados contentes, e fartos com as prezas que de lá traziaõ, recearem-ſe as galés dos Turcos de ſáhirem fóra do Eſtreito; e aſſim algumas vezes que o fizeraõ, Armadas noſſas as tomáraõ logo: o commercio do grande Reyno da Ethiopia, e de todo aquelle Reyno Chriſtaõ correo taõ liberalmente, que todos os annos hiaõ Navios noſſos a ſeus portos, e levavaõ Biſpos, Patriarcas, e Religioſos para os doutrinarem, o que depois veyo a ſe impedir de todo por falta deſtas Armadas: os Reys vizinhos andavaõ aſſombrados com a potencia dos noſſos Galleões, e Caravellas; e tudo iſto taõ a ponto, que nunca Armada Caſtelhana paſſou ás partes de Maluco, quando o Imperador Carlos V. contendia com os noſſos Reys ſobre o ſenhorio daquellas Ilhas, que naõ acudiſſem lá noſſas Armadas, e os naõ trouxeſſem á Cidade de Goa por força: as Fortalezas de Ormuz, Malaca, Dio, Baçaim, e outras naõ ſe con-

quiſ-

quistáraõ senaõ com os nossos Galleões, de maneira, que podiamos dizer, que em cada Galleaõ tinhamos huma Fortaleza no mar com que assombravamos o mundo todo. E em tempo de Francisco Barreto, sendo Governador da India, se queimáraõ de huma vez quatorze Galleões, e dentro em hum anno fez outros de novo, que eu com os meus olhos vi entregar ao Viso-Rey D. Constantino, providos de todo o necessario; pois tudo isto se fazia com as ajudas das prezas do Estreito de Méca; porque o Estado naõ rendia mais que seiscentos mil xerafins: e hoje que rende hum milhaõ e quatrocentos mil cruzados, naõ ha nada disto, nem ha Armada para os Estreitos, nem hum Galleaõ para huma necessidade, se a houver; porque as nossas fustasinhas naõ saõ mais, que para dous cossarios da Costa; e se naquelle Estado houver hum aperto, naõ temos a que nos apegar senaõ aos cabellos.

*Despach.* Jesus me valha! e donde vem isso? que eu vejo as cartas que os Viso-Reys escrevem a S. Alteza, e nas Certidões que de lá trazem, que deixam no Estado tantos Galleões, gallés, fustas, e tantas pipas de polvora, e tantos outros provimentos, que cuida ElRey que tem a India segura para muitos annos.

*Sold.* Depois que os Viso-Reys tratáraõ mais de si, que do serviço de Deos, e delRey, logo começáraõ a usar desses ardis para se acreditarem; porque que razaõ ham de dar elles de se descuidarem das Armadas, e naõ fazerem Galleões? Vossas Mercês senaõ imaginem que o Imperio Romaõ naõ se começou a perder (como já disse) senaõ depois que se começáraõ a vender os Magistrados; e assim eu dou a India por acabada; porque hoje naõ se dá nella nada por merecimentos, senaõ por dinheiro: e sabeis, senhores, que até as Capitanías das galés, fustas, e estancias, se daõ com preço apreçado; e a mim me contáraõ, que hum Fidalgo muito moço, que naõ tinha idade para ser Capitaõ de huma fusta, lhe deraõ huma galé para Malavár por hum serviço de máos, e saleiro de prata de bastiáes; e assim me disse hum homem bem baixo da Costa, que tinha hum irmaõ em hum officio muito vil, o qual andava no serviço, que aquelle veraõ havia de ir por Capitaõ de hum Navio ao Malavar; e perguntando-lhe eu quem lho havia de dar, respondeo-me: que

que largaria a hum privado do Viſo-Rey às ordinarias; que ſaõ duzentos pardáos. Ora vejam Voſſas Mercês a que miſeravel eſtado chegou a India, por onde, ſenhor Secretario, vos requero da parte de Deos, e delRey, que lhe ſignifiqueis iſto, e que mande ter tento neſte negocio; porque nem todos os que ſervem ElRey lhe deve a ſatisfaçaõ, e naõ he razaõ que ſe dê a hum mechanico, ou filho delle, o cargo que me ham de dar a mim, que ſou hum Cavalheiro muito honrado de trezentos annos para cá, que ſempre ſervi com a lança na maõ aos Reys.

*Deſpach.* Iſſo que diſſeſtes he muito ſanto; e certo que eſtou paſmado de ver em quantas couſas o diabo engana a eſſes homens!

*Sold.* Pois que cuida Voſſa Mercê? o diabo he menino? tem mil modos de enganar os homens; e o que he peyor, que todos ſabemos que nos engana, e deixamo-nos ir apôs aquella golodice, que nos repreſenta com eſta negra cubiça; e certo que eſtive já cuidando, que cubiça deve ſer nome do mais feyo demonio que ha no inferno, e do mais neſcio! ainda que digo mal; que neſcios ſaõ os que elle engana com couſa taõ vil, e prejudicial á alma. De huma couſa eſtou paſmado, que he ver muitos Viſo-Reys embaraçados com a Fazenda do Rey, e dos vaſſallos, e tomar os cargos a huns para os dar a outros, e naõ ví até hoje huma reſtituiçaõ, e embaraçarem-ſe taõ leves na conſciencia, que paſmo; mas tambem aqui entra a aſtucia do demonio cubiça, que faz muito facil tomar a Fortaleza a hum para a dar a outro com a fazenda, e todas as mais couſas, como ſe aquillo fôra huma nada. Ora em fim, ſenhores, reſumo-me, que ſe naõ crêra taõ firmemente na Fé de Chriſto, e nos Mandamentos da ſua Ley, que pudera embaraçar-me com o que vejo fazer a homens, que profeſſam o nome de Chriſtáos com tanta facilidade, como ſe fizeraõ hum grande ſerviço a Deos. Elle eſtá nos Ceos, e naõ dorme; medo tenho que venhamos a pagar todos, e que os que andarmos naquelle Eſtado nos vejamos ainda com a agua pela barba, ſem nos podermos valer; e já vou titubeando de paixaõ, e naõ atino com o que digo; por iſſo dem-me Voſſas Mercês licença, porque me quero recolher.

*Deſ-*

*Despach.* Tornai-vos a assentar, que quero saber de vós outras cousas, e a primeira he as partes que ha de ter o Viso-Rey, que S. Alteza quer agora eleger para a India este anno, e que cousas lhe saõ necessarias para lá.

*Sold.* Já que Vossa Mercê quer incitar-me, naõ posso eu fugir a isso, mas he necessario ser hum pouco comprido; e se for enfadonho, ponham Vossas Mercês a culpa a si, ou me mandem alevantar a qualquer hora que os enfadar.

*Despach.* Isso me naõ fareis vós nunca pelo gosto, e proveito que tenho de vos ouvir: por isso tratai essa materia quam de vagar quizerdes; porque me releva estar nella resoluto para quando se tratar desta eleiçaõ.

*Sold.* Já hei de obedecer a tudo, e Vossas Mercês me estejam hum pouco attentos, porque eu trabalharei por breviar.

O Viso-Rey que se ha de eleger para o Estado da India, quanto á eleiçaõ, ha de ser a que fazem os Reys da China para as suas Provincias, nas quaes este costume seguem: Nunca elegem Viso-Rey, ou Governador para huma Provincia, senaõ aquella pessoa, que naquella parte para onde he eleito naõ tem nenhum parente em nenhum gráo, para assim mais desimpedidamente administrarem justiça; porque as mais das desordens que os Viso-Reys da India tem commettido, foraõ por causa de seus parentes, e assim por darem a alguns delles as Armadas que naõ merecem, como por tomarem as Fortalezas a outros para lhas dar a elles. O Viso-Rey, ou Governador, que o Rey da China elege para qualquer das Provincias, chega a ella só sem nenhuma Mageftade; e tanto que appresenta sua Patente, assim he servido, e venerado de todos, como o mesmo Rey, e os Chinas o servem de tudo abundantemente; e quando o mandam tirar, assim se torna a sahir, como qualquer particular; e primeiro tiram devassa da sua vida, se fez injustiça; e se ficou devendo alguma cousa, he logo punido com a derradeira pena: o que naõ ha nos nossos Viso-Reys, que tanto que saõ eleitos, logo se lhes ajunta hum exercito de parentes, e criados, que nem tres Estados da India bastam para elles, e todos

saõ

saõ accommodados por fas, ou nefas, e os annos que governam fazem as cousas que tenho relatado em toda esta prática; e quando se tornam para este Reyno, todas as Náos da carreira naõ bastam para lhes recolherem suas fazendas, e dos criados, e parentes; e das injustiças, e insultos que commettêraõ, e dividas que deixáraõ, naõ houve quem lhes perguntasse por isso; e huma das mayores tyrannias, que estes homens usam em seu governo, he que a nenhum delles fica ElRey devendo nada em seu titulo, porque todos se pagam de ante-maõ, e a viuva pobre, e o homem aleijado, e orphã desamparada, ficam por pagar de suas tenças de quasi todo o seu tempo. E se ahi houve algum que levou certidaõ, que lhe ficou ElRey devendo dinheiro, por outras partes que quiz deixar o titulo em aberto para allegar depois que se naõ pagou, elle repagou-se. Que assim como na provisaõ dos Reynos quando se deferem por eleiçaõ dos homens, se tem mais respeito ao bem dos póvos, para bem dos quaes sómente se instruíraõ, e naõ ao proveito dos mesmos Reys, como bem notáraõ muitos Doutores; assim nem mais, nem menos o Viso-Rey que se ha de eleger ha de ser homem, que claramente se saiba delle, que terá na sua eleiçaõ mais respeito ao serviço do seu Rey, e bem daquelles Estados, que a seu particular, pois que a sollicitada, ou inculcada por respeitos, será total destruiçaõ daquelle Estado. Ora eis-aqui quanto á parte da eleiçaõ: e quanto ás partes que o eleito ha de ter, saõ aquellas tres, que o grã Capitaõ Gonçallo Fernandes de Cordova dizia, que havia de ter o bom Capitaõ, que saõ ser clemente, ter maõ larga, e bocca prudente: e destas tres tratarei o que se me offerecer, e começarei pela primeira, que he ser Capitaõ clemente, a qual virtude se lhe poz primeiro, como mais necessaria que todas. Enéas muitas virtudes teve para se lhe poderem louvar, mas de nenhuma fez Virgilio caso, nem engrandece, senaõ a clemencia, e piedade, porque nesta se encerram todas as mais virtudes, as quaes traz a si até os proprios inimigos, como lhe aconteceo com Achemenides Capitaõ Grego, e companheiro de Ulysses, que em Sicilia estava perdido, e embrenhado pelo naõ matar o giganre Polyphemo, como fez a seus com-

companheiros; e aportando alli Enéas com a sua Galé, sabendo-o o affligido Achemenides, fez comsigo este discurso: » Se fico neste matto, morrerei de fome; » se appareço, matar-me-ha Polyphemo; se vou para » Enéas, pela ventura se quererá vingar de mim do » mal que eu, e todos os Gregos fizemos a Troya. » que farei? todavia generoso deve ser o filho de Ve» nus, e Anchises: nenhum taõ grande Capitaõ deve » acanhar o acanhado, nem affligir o affligido. » E determinando-se, sahio do matto; e presentando-se a Enéas, lhe deo conta de seus infortunios; o qual o recebeo, e tratou humanamente, trazendo-o sempre por companheiro; e por estas, e por outras obras como estas, alcançou o nome *Piedoso*; e pelo contrario quando os Escriptores querem vituperar a ElRey Cina, lhe chamaõ cruel, e assim sua crueldade foi causa de morrer ás mãos de seus soldados. O Imperador Antonino *Pio* com que ganhou tamanho, e taõ heroico sobrenome, senaõ por esta parte de Capitaõ taõ louvado em todos? E nenhuma outra cousa fez o grande Cesar subir á Monarquia do mundo, senaõ tanto que chorou sobre a cabeça de Pompeo; sendo o mayor inimigo que tinha; e esta foi a causa, por que em Roma coroáraõ o grande Fabio com coroa de grama do prado, a qual se concedia aos Capitães clementissimos, e que depois das guerras acabadas traziaõ os seus soldados a salvamento, e satisfeitos. O grande Capitaõ Milciades naõ foi taõ famoso no mundo, senaõ por sua clemencia, e affabilidade, a qual foi tanta, que se escreve delle, que naõ havia homem, por baixo que fosse, que o naõ ouvisse taõ de vagar, e humanamente, como se fôra hum dos grande do Reyno; porque esta he a principal cousa, que faz a hum povo honrar muito ao seu Principe. ElRey Philippe de Macedonia era taõ notado desta grandeza, que refusava tomar huma Cidade por força de armas, se entendia, que se podiaõ arriscar seus soldados: e isto mesmo he o que fez a Scipiaõ taõ illustre, que muitas vezes dizia, que mais queria conservar hum soldado, que destruir mil inimigos. Que materia esta para os Capitães da India, que assim aventuram os seus em cousas de muito pouca importancia, como se foraõ ovelhas, e assim se recolhem contentes, deixando trezen-

tos, e quatrocentos Portuguezes degollados, como se alcançáraõ huma grande victoria! e o que mais me escandaliza he, que nas certidões que passam aos soldados da jornada em que se acháraõ, todas saõ de gabos seus, e que destruiraõ, e queimáraõ, sem declararem os soldados que perdêraõ; e se lho estranhais, respondem-vos: que morrêraõ patifões, naõ lhes lembrando, que esses saõ os com que a India se conquistou, e os que com elles ganháraõ suas Fortalezas: e nestas jornadas assi arriscadas, de maravilha se matam Fidalgos, como já em outra parte disse. E tornando a nosso fio; Pompeo, dignamente merecedor de sobrenome de Magno, por sua clemencia chegou a triumphar quando veyo de Africa, sem haver sido Senador; e porque Silla, que primeiro que todos lhe chamou Magno, foi o que o quiz estorvar, virando-se Pompeo a elle, lhe disse: » Naõ sabes, Silla, que muitos mais » adoram o Sol ao nascer, que ao pôr? quero dizer, » que tanto se ha de ter o homem que começa a cres- » cer em virtudes, como o que vai acabando. » E visto por Silla sua brandura, e clemencia, começou a gritar: *Triumphe, triumphe*; mas Servio Senador o naõ quiz consentir, sem primeiro lhe naõ dar algumas peitas, ao que lhe respondeo Pompeo, que tal naõ faria; porque honras compradas, ficam sendo vituperios. Oh como me cahe aqui a proposito o como isto está já recebido neste Reyno, e no Estado da India! e a quam poucos Capitães lhes lembra isto de Pompeo; porque hoje mais tratam de honras compradas, que ganhadas; e mais tratam de Fortalezas trespassadas, que merecidas! e naõ sei ainda se diga o mesmo das governanças: mas sabem Vossas Mercês de que isto vem? do barato que se fez dos despachos da India, de que já atraz tratei; o que naõ aconteceo a Pompeo, que antes se quiz arriscar a naõ triumphar, que a dizerem que o comprava. O Consul Marco Fabio, concedendo-lhe o Senado triumpho mayor pela victoria que alcançou contra os Veios, e Etruscos, o engeitou; porque na batalha foraõ mortos os Consules Manlio, e Quinto Fabio seus companheiros (*a*); porque naõ havia por merece-

do-

(*a*) Manlio era o Consul Collega de M. Fabio; porém Q. Fabio era irmão do mesmo M. Fabio, e naõ Collega no Consulado. V. T. Liv. Histor. lib. 2. cap. 47.

dora de honras a victoria, que tanto sangue dos seus lhe custára. Naõ he bem que passe pela facilidade com que os Capitáes da India entram em Goa triumphando, esbombardeando, cheyos de plumas, e pontas de ouro, deixando muitos companheiros descabeçados pelas prayas de Calecut, e por outras partes, que he huma cousa muito escandalosa, e que se havia de prover. Mas tornando a nosso fio da clemencia dos Capitáes, por esta parte ser mais necessaria que todas: Quando Plutarco na vida de Romulo põe aquellas tres virtudes, com que os Reynos, e Imperios se acrescentam, que saõ clemencia, moderaçaõ, e verdade; põe a clemencia primeiro, como mais necessaria; e esta foi a causa, por que Marco Marcello edificou o templo da Virtude diante do da Honra, por mostrar, que naõ se póde passar ao da Honra, senaõ pelo caminho da Virtude, pela qual se entende a clemencia; a qual tendo-a hum Capitaõ perfeita, e em grão consummado, terá todas as mais; porque as virtudes em graos remissos se acham humas sem outras; mas em gráos consummados, como disse, estaõ humas com as outras travadas de feiçaõ, que naõ póde hum ter justiça, sem logo estarem com elle a temperança, a fortaleza, e prudencia, e o mesmo he nas virtudes Theologaes, que naõ póde hum ter fé em grão perfeito, que naõ tenha tambem a esperança, e caridade. A esta virtude da clemencia, de que vou tratando, chamavaõ os Gregos *Philanthropia*, que quer dizer affabilidade humana; e assim os mesmos quando queriaõ engrandecer os seus Deoses, e seus Reys, lhes chamavaõ *Meillichioi*, que he tanto, como chamar-lhes mansos, e amorosos, o que nos Reys ha de resplandecer muito; porque os homens querem ser levados por amor em todas as cousas: e por ser esta virtude muito necessaria, mandava Deos que os Reys fossem ungidos com oleo, pelo qual significava a brandura, e humanidade; porque assim como o oleo tem virtude de abrandar, assim queria que os Reys fossem brandos para seus subditos: e desta parte tenho dito o que baste.

*Despach.* Dissestes tudo quanto hum muito douto podia dizer; mas naõ canceis, ide com a materia por diante, porque he de muita doutrina.

## SCENA V.

*Sold.* A Segunda parte que o Capitaõ ha de ter, he mão larga, a qual he taõ necessaria ao Capitaõ, que antes haveria por menos mal faltarem-lhe todas as mais partes; porque o Capitaõ que com mão fechada quer conquistar Provincias, he ir buscar pela ribeira acima o que lhe cahio no pégo: e se os Juristas pöem por obrigaçaõ ás partes que querem correr com suas demandas, que haõ de ter bocca fechada, e bolça aberta, e pés de ferro, quanto mais necessaria será esta virtude ao Capitaõ que ha de conquistar Provincias, que naõ ás partes, que o naõ ham de fazer mais que a tres, ou quatro pessoas, sc. Juiz, Escrivaõ, Procurador, Enquiridor, e Sollicitador. Nunca até o dia de hoje lêmos, que Capitaõ com mão fechada vencesse inimigos; e cada dia vemos o Capitaõ liberal render gravissimas Fortalezas, e sujeitar indomesticas, e barbaras Naçöes. Liberalidade naõ he outra cousa, que usar moderadamente das riquezas, como se dissessemos, que dellas naõ se havia de dar taõ pouco que fique em escaceza, nem tambem dar tanto que venha a ser prodigo; mas he hum meyo entre hum, e outro, que compöe estes dous extremos, e o que ensina o quanto, e quando, e a quem se ha de dar: e pelo contrario a avaréza he hum appetite desordenado, huma cubiça insaciavel, e huma enfermidade que abrange a todas as partes do corpo; e crescendo cada dia mais, faz o homem affeminado, de maneira, que, segundo os Platonicos, para serem ricos he necessario cortar os appetites que tem os avaros, e naõ consentir que se accumulem thesouros, e riquezas para se guardarem. Muitos Reys vemos perder os Reynos por avaros, e naõ consentirem largueza, e outros ganharem os alhêos por liberaes. ElRey Achêo de Lydia foi taõ avaro com seus soldados, que de o naõ poderem soffrer, o matáraõ, e o lançáraõ no rio Pactolo, pelo que diziaõ criar arêas de ouro, para que alli matasse sua sêde. Em Cresso isso mesmo foi causa de sua morte; porque sua avareza o levou a mor-

morrer a mãos de Parthos. Lepido, hum dos triumviros, estando apoderado de Sicilia, depois que desbaratou Plinio, Capitaõ de Sexto Pompeo, que he o que o fez durar taõ pouco em seu Principado senaõ a taquanheza? porque indo Octaviano com exercito sobre elle, se lhe passáraõ todos os soldados de Lepido a elle, fugindo de sua avareza, e assim se lhe entregou, e elle o mandou a Roma sem cargo, nem officio, senaõ o de Pontifice Maximo, que tinha adquirido. Em quanto esta infernal peste da avareza naõ entrou em Roma, foi sempre senhora do mundo; mas depois de Commodo Antonino, successor no Imperio, que começou a vender os Magistrados, e que entregou o coraçaõ todo nas mãos da avareza, logo começou a descahir da sua grandeza. Como tambem aconteceo ao Estado da India, que em quanto foi governado por Viso-Reys, e Governadores tementes ás Leys de Deos, e do Rey, amigos, e cubiçosos de honra, teve sempre os inimigos debaixo dos pés, e se sustentou de prezas que faziaõ nossas Armadas; mas depois que esta infernal peste entrou nelles, logo começou a descahir de todo, e os inimigos a nos perderem o respeito, e a sustentarem-se de prezas que hoje fazem em nós; e por naõ gastarmos o tempo em contar de avarentos, os quaes deixamos com suas miserias, tornemos aos Capitães liberaes, que por o serem foraõ famosos no mundo. Lêmos do grande Baccho, que foi o primeiro que começou a mostrar sua liberalidade com os soldados, o qual, além de lhes pagar o seu ordinario, lhes fazia mercês de dinheiro, corôas, armas, estatuas, e outras cousas semelhantes, com que os trazia taõ contentes, que os intrataveis montes do Oriente povoados de féras bravas, e gentes indomesticas, e ferozes, atravessavam com muito gosto, e com elle o fizeraõ senhor da India, que foi o primeiro estrangeiro, que por armas a conquistou. Nenhuma outra cousa fez ao grande Alexandre ser taõ grande no mundo senaõ sua liberalidade, engeitando trinta mil talentos de ouro, e muitos Estados, que seu inimigo Dario lhe offereceo em dote com sua filha (segundo conta Curcio); o que sendo estranhado de seu amigo Parmeniaõ, lhe respondeo: » Se eu fôra tu, acceitára isso; » mas sou Alexandre mais cubiçoso de honra, que de

di-

dinheiro; e lembrou-me, que eu era Rey, e naõ mercador. Aqui me poderia deter em vituperar alguns Viso-Reys, e Governadores da India, que deixáraõ de ser Capitães, e se fizeraõ mercadores, largando da mão as obrigações de seu cargo, e descuidando-se das Armadas, e de tudo o mais, por fartarem seu appetite, e mercanceando com o dinheiro delRey, pelo que deixam de fazer Armadas importantes; e quando as fazem, saõ fóra de tempo, como já disse, por terem em si o dinheiro. Por huma cousa naõ quero passar: he muito para se significar a ElRey o com que cada dia o enganam, e he, que como elles tem dinheiro em si, por este modo fingem muitas vezes necessidades no Estado, entaõ fazem que tiram dinheiro do seu cofre, e o emprestam aos Officiaes para as Armadas, e tiram Certidões, que emprestáraõ a ElRey tantos mil pardáos, naõ entendendo elle esta falsidade, e que nenhum vem de Portugal que traga cousa que possa emprestar. Oh senhor, dizei estas verdades a ElRey, para que saiba o que passa, e castigue quem o engana; porque taõ mão he o enganarem-no a elle, como enganar-se elle: e deixando isto, tornemos á nossa ordem da liberalidade dos Capitães. O grande Pompeo com esta virtude sujeitou todo o Ponto, Armenia, Syria, Cilicia, a grã Mesopotamia, Fenicia, Palestina, e Judéa, Arabia, e muitas outras Nações, trinta e nove Cidades, que deixou com presidios Romanos, afóra novecentas Náos que tomou a differentes piratas, e novecentas Cidades, que deixou sem presidio Romano, e mil Castellos, e isto segundo conta Plutarco; e diz, que da terceira vez que triumphou da Asia, a sujeitou; e que os tributos que deixou postos a estas Provincias, montáraõ cincoenta mil homens, e que trouxera ao thesouro público vasos de ouro, e prata, que pezavaõ vinte mil talentos, afóra o que repartio com os soldados; e que o que menos houve foraõ mil e quinhentas dracmas; de maneira, que pela conta de Appiano, os tributos que acrescentou sommavaõ oito milhões e meyo de ouro, e o que metteo no thesouro doze milhões, afóra o que repartio com seus soldados, que eraõ vinte mil infantes, e quatro mil cavallos, que parece que naõ bastavaõ para conquistar tantas Provincias; mas o com

que

que mais as venceo foi com sua liberalidade; porque o bom tratamento que fazia a todos, e o muito que lhes dava, dobrava as forças, e peleijava cada hum por dous, e tres dos inimigos. Diz mais Appiano, que levou Pompeo no seu exercito vinte e cinco Legados, naõ levando nenhum dos outros Capitães mais que dez: mas a liberalidade de Pompeo fazia desejarem todos de o seguir: para estas legações naõ costumava o Senado nomear parente nenhum do Capitão Mór, como diz Julio em huma Epistola a Attico, por evitarem muitos excessos, e por naõ darem aos parentes aquillo que direitamente era dos soldados; e esta foi a razaõ, por que Gelon, quando entrou no governo de sua República, se despedio dos parentes, e amigos, como homem que morria, porque entendia que se naõ podia conservar hum Reyno com os parentes andarem de permeyo; e assim he verdade; porque naõ ha mayor destruiçaõ para huma República, que haver nella excepçaõ de pessoas, e ter-se respeito á carne, e ao sangue. Aqui quizera tocar outra tecla dos parentes, e creados dos Governadores, e Viso-Reys da India, que saõ os que a comem, e destroem: mas se me cahir outra vez a lanço, direi o que sobre isso entendo: huma só cousa posso affirmar, que em quanto nella houver Governadores entregues aos parentes, irá descahindo, e declinando, como o fez o Imperio Romano, depois que se quebrou aquella ordem de naõ admittirem nas Legações parentes dos Consules, como já disse; e tornando a Pompeo (que só por curiosidade se póde ouvir isto), os Legados de que fallamos tinhaõ segunda authoridade *post Consules*. Vegecio no II. *de Re militari* (*a*) escreve, que Pompeo repartira a cada soldado de pé mil e quinhentas dracmas, e a cada hum de cavallo tres mil talentos, e aos Centuriões dobrado, e aos Legados mil talentos, e aos Prefeitos, que era a segunda dignidade, outro tanto; no que diz que dispendeo quatrocentas e vinte mil libras de prata só nos soldados de pé, e cavallo; e ha-se de saber que cada libra valia dez escudos, que fazem quatro milhões, e oitocentos mil escudos de ouro;

(*a*) Ha engano nesta citaçaõ, como se póde conhecer lendo a obra de Vegecio.

ro; e nesta conta naõ entra o que deo a Centuriões, a soldados forasteiros, a Embaixadores, a espias, e outras muitas despezas extraordinarias, que, calculando-se o que se dispendeo (segundo Appiano), fazem nove milhões, e seiscentos mil escudos, e tudo isto foi tirado daquella parte, que antigamente foi o Reyno dos Lydos. Troxe todas estas miudezas, porque notei huma cousa muito contra a dos tempos de agora, a qual he, que nem Appiano, nem Tito Livio (*a*), que contam estas grandezas, e liberalidades de Pompeo, naõ fazem mençaõ do que Pompeo tomou para si; porque estava entendido, que os Capitães daquelle tempo mais pretendiam honras que proveitos: mas os Viso-Reys, e Governadores ao contrario; venham os proveitos, as honras tenha-as quem quizer. Aquelles antigos Capitães folgavaõ da enriquecer seus vassallos, mas os Viso-Reys de os empobrecer; e tanto, que até os trinta mil cruzados, que ElRey lhes dá para repartir com elles, mettem elles em muitas partes fantasticas, e em homens que nunca nascêraõ no mundo. Conta Plutarco, que Prolomeo Philadelpho respondêra a huns, que lhe taxavam fazer taõ largas mercês, que elle naõ queria deixar de si fama de rico, senaõ de fazer a muitos ricos. E assim costumava dizer o grande Alexandre, que aquelle era bom Rey, ou Capitão, que aos amigos conservava com dadivas, e mercês, e aos inimigos attrahia a si com beneficios, e boas obras. Dionysio Siracusano (segundo Plutarco escreve) entrando em casa do Principe seu filho, o achou fazendo rezenha de muitas peças ricas de ouro, e pedraria, que lhe tinhaõ dado, e com muita paixaõ lhe disse: » Por certo que melhor eras para mercador, que » para herdeiro de Sicilia; pois tens mais nature» za de enthesourar, que de repartir, e fazer mercês; » o que te convem fazer, se queres depois de mim » herdár este Reyno; porque te affirmo, que os gran» des, e altos Estados naõ se sustentam com guar» dar, senaõ com dar, e repartir. » Cesar por onde veyo subir á Monarquia Romana, senaõ por sua liberalidade? a qual era tanta, que acrescentava o animo

aos

(*a*) Bem se vê que ha engano em citar aqui Tito Livio.

aos seus, e abatia o dos inimigos; e assim por grandeza, quando fazia paga aos soldados, lhes mandava dar dinheiro aos punhados, dizendo, que de outra maneira se enganaria na conta. Coitado de mim se houver de dizer o que nesta parte peccam os Viso-Reys da India, taõ differentes em tudo de Cesar, que elle dava dinheiro aos punhados; e os soldados da India naõ lhes podem arrancar ás punhadas das mãos cinco pardáos! Se Dionysio Siracusano víra o que vai naquelle Estado, com mais razaõ pudera chamar aos Viso-Reys mercadores, que Capitães; porque assim andam com canhenhos nas aljabeiras de receitas, e despezas, como os mercadores com os seus livros de caixa. E tornando a Cesar, que por curiosidade naõ quero passar por suas cousas, pois Vossas Mercês me tem dado licença taõ larga; conta delle Appiano no segundo *da Guerra Civil*, que depois que alcançou o Imperio, a cada soldado deo cinco mil dracmas Atticas, e a cada Capitão de turma duas vezes dobrado: era huma turma esquadra de trinta de cavallo (segundo Varro, e Vegecio), e aos Tribunos dos Milites o dobro, e a cada hum do povo huma mina Attica: e Suetonio Tranquillo, Escriptor antigo, nomêa estas mercês, que fez Cesar por Sextercios, e que distribuira quatrocentos por cada hum, o qual número Appiano toma pela mina Attica; e por sua conta a cada soldado lhe coube cinco mil dracmas, e aos Cavalleiros dobrado: e Suetonio diz, que dispendêra Cesar por cada Cavalleiro vinte e quatro mil nummos, que saõ seis mil dracmas; e que quando fizera estas despezas se acháraõ em Roma vinte mil homens; e Hircio no seu tratado da *Guerra Africana* diz, que só de veteranos havia vinte mil, e que cada hum levára de mercê cinco mil dracmas, conformando-se nisto com Appiano, que montou o que elles leváraõ dez milhões de ouro, e acrescenta mais Centurios, Cavalleiros, Tribunos, e os moradores de Roma, e das Cidades de Italia; com que fazia hum número infinito: e fallando Appiano do seu triumpho, que durou quatro dias, affirma, que o dinheiro amoedado, que hia no triumpho passava de secenta e cinco mil talentos, e duas mil e oitocentas corôas, que pezavaõ mais de vinte mil libras; e pela conta de Appiano, os talen-

lentos que hiaõ em dinheiro amoedado vinhaõ a fazer trinta e nove milhões de ouro, e que cada dez mil libras faziaõ hum milhaõ. Trouxe estas particularidades para mostrar a liberalidade, e grandeza, com que se conquistou o mundo; e como aquelles Capitães venciaõ mais com mercês, que com armas, e outras cousas. Subio Philippe pay de Alexandre a tanta grandeza com mão aberta; e muitas vezes dizia, que naõ havia fortaleza taõ forte, que se naõ conquistasse, se a ella pudesse subir hum asno carregado de ouro. Nicias com nenhuma cousa alcançou favor do povo para vir a ser senhor de todos, senaõ com liberalidade, que era officio de Capitão prudente; porque com o dar alcançou nome de Principe Liberal, e o amor, e vontade de Cidadãos. Dizia Marco Bibulo por Cesar, sendo ambos companheiros na Edilidade (que era officio de Almotacés), que tinha a Cesar em conta de Castor, e a elle de Pollux; porque assim como o templo, que estava edificado em honra destes dous, naõ tinha o nome senaõ de Castor, que assim tambem todas as sumptuosidades, e magnificencias que ambos faziaõ, todas tinhaõ o nome de Cesar, e nenhuma de Bibulo; porque isto tem as pessoas affaveis, e liberaes, ficar delles sempre eterna memoria; e os acanhados e tacanhos esquecerem como Bibulo. Themistocles, Capitão dos Athenienses, por onde veyo a ser famoso, senaõ pela liberalidade, e o naõ querer nada para si, e o dar tudo aos soldados? como lhe aconteceo huma vez, que andando na ribeira do mar (depois de huma batalha que alli teve com os barbaros, em que os desbaratou), vendo muitos de seus corpos mortos com bracceletes, e outras joyas de ouro, e pedraria mui ricas, sem fazer caso disso, disse a huns soldados: » Tomai soldados, tudo, já que naõ sois Themistocles. « Oh quem vira alguns Viso-Reys que eu conheci com outra prêza como esta! como a havia de enthesourar, requerer seus quintos, e fazer diligencias sobre alguma cousa, se lhe faltasse, que até das entranhas dos soldados as havia de arrancar! mas estes nada se pareciaõ com Themistocles. Vêde, senhores, quanta força tem a liberalidade, que vindo Alexandre conquistando a Asia, commettendo a Hircania, e os povos Marcos, o veyo buscar por sua fama Thalestris,

ou

ou como lhe outros chamaõ Minithea, Raynha das Amazonas com trezentos mil homens de guerra, a qual caminhou vinte jornadas só por ver hum Capitão taõ liberal, e de que tantas cousas ouvia, a qual (segundo conta Justino) dizem, que foi prenhe delle, o que ella muito estimou por ter hum filho de tamanho Capitão. O mesmo caso aconteceo á Raynha Sabá, que foi de taõ longas terras ver a grandeza de Salomaõ, e lhe levou muitos dons. E concluindo com esta materia de liberalidade, direi só este exemplo. Costumavaõ os Antigos famosos quando se punhaõ a comer mandar tanger muitas trombetas, para que acudissem os pobres a receber sua raçaõ; porque no repartir com elles mostravaõ sua grandeza. Isto, senhores, na India está acabado, porque os Capitães da guerra mudáraõ estylo, comem fechados, e em silencio, por naõ terem raçaõ de repartir com os soldados pobres, e aquillo que na primitiva India tinhaõ por honra, e grandeza, que era agasalhallos, e sustentallos, tem agora por infamia; que a este estado saõ chegadas as cousas! por onde eu receyo que a India naõ seja de dura.

*Fid.* Dizeis verdade, e ainda mal, porque isso he assim, e porque eu tambem o receyo.

*Despach.* Quam mal se parecem os Capitães, e Viso-Reys com estes que contastes! naõ sei que conta fazem, e em que pretendem nome.

*Sold.* Em ter, e guardar; e naõ sei se passou esta peste deste Reyno áquelle Estado, porque todos chegam a elle com esta linguagem de *quanto tens, tanto vales*. Eu estou cançado, houveraõ-me Vossas Mercês de dar licença.

*Despach.* Já nos haveis de fazer mercê de acabardes vosso discurso, e de concluir com a terceira parte, que vos ficou por dizer.

*Sold.* Ora em fim já me hei de sacrificar, pois mo mandam; e estejam hum pouco attentos.

## SCENA VI.

*Sold.* A Terceira cousa, que ha de ter o bom Capitão, he bocca prudente, que he a verdade de Plutarco. Oh que cousa taõ formosa, que he na bocca do Viso-Rey, ou Capitão, a verdade, e palavras brandas, e prudentes! porque estas depois que sahem pela bocca fóra, naõ se podem tornar a recolher: e por isso dizia aquelle Philosopho, que muitas vezes se arrependêra de fallar, e de calar nunca: e taes saõ as boas palavras, como a mesma liberalidade; porque de tal maneira póde hum Capitão dar, que lhe naõ seja agradecido, e de feiçaõ póde negar, que lhe fique huma pessoa devendo, e agradecendo tanto, como se lhe déra. As palavras saõ testemunhas do coraçaõ: o alterado, e inquieto, e tacanho nem sabe dar, nem sabe fallar: natural he ao soldado na guerra esperar pelo louvor, e pelas mercês do seu Capitão; pelo que se arrisca aos mayores perigos, e trabalho, para nelles ser visto delles, quando entende que lhe naõ faltam obras, e palavras; porque o dar he proprio de Capitão, porque sabe que fica nisso ganhando mais, que o que recebe; pois adquire o que pretende, que he fama, e gloria; e o soldado recebe o que se lhe deve, e naõ fica devendo nada; de maneira, que a boa palavra ao Capitão he hum thesouro taõ precioso, que todo o ouro do mundo fica muito atraz; nem ha tambor, nem trombeta, que mais incite os animos dos soldados, que a palavra prudente do seu Capitão: esta he muitas vezes a escada, com que se sobem soberbos muros; as armas com que se escalam Fortalezas mui grandes; as bombardas com que se desfazem poderosos exercitos, e a que mina mui inexpugnaveis baluartes; e a que desfaz fortes malhas, e colletes; a que faz todo o perigo facil, toda a carga leve, o naõ comer fartura, o naõ dormir repouso; esta he a que faz o fraco forte, e o forte mais ousado, os montes planos, e chãos, a noite escura alegre, o dia triste gracioso, e sobre tudo a morte fêa formosa; e assim taõ necessaria he na guerra a bocca pru-

prudente do Capitão, como as proprias armas; porque os inimigos vencem com ellas, e os vencedores animam-se com as palavras. Em nenhuma outra cousa mais se mostra a prudencia do Capitão, que na bocca; porque menos he na guerra bolça fechada, que bocca desmandada. Nos Proverbios lêmos, que a discreta palavra abranda toda a ira; e assim como a Escriptura diz, que a agua tibia faz vomitar o que está no estomago; assim faz a boa palavra. Dizia Diogenes, que assim como o rosto do homem, vemos qual he n'hum espelho, assim o interior da alma o conhecemos pelas palavras; e que assim como hum vaso no tom se conhece se está quebrado, ou saõ, assim tambem pelo som da palavra se conhece que tal he o Capitão. E por esta causa respondeo Socrates a hum que lhe perguntou pelo valor da pessoa de Archeláo filho de Perdiccas, que nunca o ouvíra fallar, porque a palavra do homem he o verdadeiro tóque, em que se prova sua prudencia: na bocca do homem está o bem, e o mal; tenha quantas bondades quizer, naõ tenha bocca prudente, tudo se lhe escurece, e desdoura. Pytheas grã Duque que foi dos Athenienses (segundo Plutarco), foi Principe honrado, temido, e muito esforçado Capitão; mas todas estas grandezas barrou com suas indiscretas palavras; porque aos Capitães mais se olha pelo que dizem, que pelo que fazem; de maravilha o Capitão na guerra peleja, nem arrisca sua pessoa, e com tudo a elle se attribue a honra, e gloria da victoria; porque ainda que os soldados peleijáraõ com as armas, e com as mãos, elle o fez com a boa, e prudente palavra, e governo; porque ao exercito, sem o que governa ter bocca prudente, podemos-lhe chamar sem Capitão; como Cesar chamou ao exercito de Petreyo, e Afranio, que estavaõ em Hespanha por Pompeo, o qual (segundo escreve Suetonio Tranquillo) depois que se apoderou da Monarquia Romana se foi para Durazzo; e tendo Cesar determinado de o ir buscar, deixou de o fazer por causa da invernada, pelo que se determinou passar a Hespanha, e disse aos seus: » Vamos primeiro commetter o exercito sem Capitão, » e depois iremos buscar o Capitão sem exercito: » e isto disse, porque os Capitães de Pompeo, Afranio, e Petreyo naõ eraõ prudentes na bocca; e porque Pompeo

peo tinha esta prudencia sobre os Capitães de seu tempo, por isso lhe chamou Capitão sem exercito, o qual havia por mais duvidoso de conquistar, do que os grandes exercitos de Hespanha com homens indignos de nomes de Capitães. Os famosos Escritores, assim Gregos, como Latinos, naõ se esmeravam tanto em escrever os feitos que os grandes Capitães faziaõ, como o que diziaõ; porque entendiaõ que pelas palavras se conheciaõ as obras. De Dario se escreve, que estando hum dia comendo, movendo-se práticas entre os seus sobre Alexandre, hum Capitão chamado Memnon, que naõ era prudente na bocca, metteo muito cabedal em dizer males de Alexandre, o que Dario naõ soffreo, e com ira lhe disse: » Calla-te, Memnon, que te naõ trago » comigo para que deshonres Alexandre com a lingua, » senaõ para que venças com a espada. » E por aqui se verá a differença que havia da bocca prudente de Dario á do seu Capitão, que nem do seu inimigo consentia dizerem-lhe males. Do mesmo Alexandre se lê, que ouvindo praguejar delle certos soldados, lhes dissera com huma bocca muito prudente: » De grandes Capitães he » ainda que ouçam mal, fazer bem: » e lhes fez mercê. Scipiaõ Africano competindo com Claudio sobre a senhoria de Roma, Claudio com bocca naõ muito prudente allegava seus merecimentos, e entre elles dizia: » Oh Padres Conscriptos, e nobres Senadores de Roma » (e com isto nomeava todos por seus nomes), quem » sabe taõ bem o nome a todos, dizia elle, naõ he » senaõ de amor; por onde naõ me podeis negar a Se» nhoria: » mas Scipiaõ com bocca muito prudente, disse aos Senadores: » He verdade o que Claudio diz, que » sabe o nome a todos; mas eu sempre trabalhei por » todos mo saberem a mim: » e com isto subio á dignidade que esperava. Tiberio Cesar, dizendo-lhe alguns de má inclinaçaõ, que em Roma havia alguns que praguejavaõ delle, respondeo muito prudente, que na Cidade livre haviaõ de ser livres as linguas. Muitas cousas fizeraõ ao Cesar Carlos V. famoso no mundo, mas eu hey, que a principal foi bocca prudente; e tanto, que nunca amigo, nem vassallo sahio delle descontente, nem inimigo escandaloso; e porque se em muitas cousas mostrou suas palavras prudentes, sobre todas o foi naquellas altissimas, e christianissimas que disse quan-

do

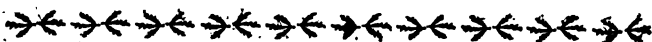
do venceo aos Proteſtantes de Alemanha, e ſe vio da outra parte do Albis: » Vim, vi, e Deos venceo: » imitando ao primeiro Ceſar; mas hum fallou como Gentio, e outro como Chriſtaõ. E concluindo eſta materia; o homem que ſe ha de eleger para governar aquelle Eſtado, ha de ter tres couſas já ditas, clemencia, liberalidade, e prudencia, que ſaõ as tres graças, a que os Poetas chamam *Aglaia*, *Euphroſina*, e *Thalia*, pelas quaes queriaõ ſignificar a couſa alegre, gracioſa, e florida; porque naõ ha couſa mais alegre que a clemencia, nem mais gracioſa que a liberalidade, nem mais florida que as palavras prudentes. E porque devem Voſſa Mercês eſtar enfadados, iſto he tempo, dem-me licença: e certo que naõ cuidei que me eſtendeſſe tanto; mas o fervor me foi embebendo as horas.

*Deſpach.* Foi-mo elle furtando a mim, que tomára ouvir-vos até á manhã; porque me diſſeſtes couſas, que naõ eſperava ouvir da bocca de hum ſoldado; e ſabeis dar taõ boa razaõ de tudo, que á manhã nos vejamos; porque convem ao ſerviço delRey ſaber de vós as couſas que he neceſſario mandar prover no Eſtado da India para ſua ſegurança, e qual he mais neceſſario conquiſtar-ſe primeiro Ceilaõ, ou Achem, porque ha cá differentes pareceres.

*Sold.* Naõ ſei ſe tenho talento para tanto; mas pois Voſſa Mercê me diſſe que era ſerviço delRey, *farei*, como lá dizem, *das tripas coraçaõ*, *e tirarei forças da fraqueza*, e eſta noite paſſarei eſſas couſas pela memoria, para ſaber dar melhor razaõ dellas.

*Fid.* Tendes-me encantado! confeſſo-vos que me embaraſſaſtes com o que vos ouvi, porque tocaſtes em materias mui graves, e de muita ſubſtancia. A' manhã, querendo Deos, me tornarei para cá, porque vos quero ouvir, para eſtar preſente neſſas materias, quando ſe tratar dellas em conſelho.

*Sold.* Iſſo eſtimarei muito; porque como Voſſa Mercê ſabe tanto daquelle Eſtado, ir-me-ha allumiando em algumas couſas: por ora fique Deos com Voſſas Mercês.

TER-

# DIALOGO
## DO
# SOLDADO PRATICO,
### QUE TRATA DOS ENGANOS, E DESENGANOS DA INDIA.
## TERCEIRA PARTE.

---

### ARGUMENTO.

*Ao outro dia á tarde se foi o Soldado para casa do Secretario, como ficárão com elle, e já o achou com o mesmo Fidalgo praticando sobre as cousas, que entre todos se tinhaõ tratado o dia d'antes, louvando a liberdade com que o Soldado fallava, e a experiencia que tinha de todas as cousas daquelle Estado, e entrando, lhe disse o Fidalgo:*

### SCENA I.

*Fid.* POdeis-vos gabar, senhor Soldado, que esta noite nos tirastes o somno a ambos, com cuidarmos em quantas cousas nos dissestes; tanto para ficarem escritas, que isso estavamos agora, o senhor Secretario, e eu dizendo, e só por isso mereceis que se vos faça huma grande mercê.

*Sold.* Naõ he taõ pouco fazer eu perder o somno a Vossa Mercê, quando lho naõ fez perder o governo da India, e o pezo daquella máquina: e certo que naõ sei qual he o Governador que gosta do que come, e que

que tem horas de repouso com tantos cuidados, quantos pela razaõ devia ter; e muitas vezes estive cuidando se lhes viria isto de terem perdido o sentido das cousas, ou de se lhes dar de todas muito pouco; porque vi chegarem novas de estar Maluco muito apertado, Malaca de cerco, e que os Malavares tomáraõ hum poço de ouro aos vassallos delRey, e que na sahida que fez o Capitão Mór do Malavar em hum rio dos inimigos lhe matáraõ duzentos homens, e em outro desastre cem, e que tomáraõ huma Náo da China carregada de ouro, e dar-lhes disso taõ pouco, como se fôra huma palha. Em fim, senhores, os adagios das velhas saõ evangelhos pequenos, e aquelle que diz: *Onde naõ ha dono, nem dó*; he muito certo: estes senhores que governam, naõ saõ donos da India, doe-lhes muito pouco; estaõ com o tento em irem ricos, o mais passe por onde passar, que elles vem-se com as costas sans, e os pobres dos moradores ficam com ellas quebradas: pois os Capitães Móres das Armadas vos gabo; recolhem-se com os focinhos quebrados, e com alguns Navios perdidos, e ao entrar da barra de Goa he tanta a bombardada, que naõ ha quem se ouça; e ao sahir em terra, tanta pluma, e tanta bizarrice, como se deixáraõ destruido o mundo; e nas Certidões, como já disse, tudo saõ gabos que fizeraõ, que destruíraõ, e que gastáraõ tanto. Ora vejam Vossas Mercês se he verdade o que digo do pouco sentimento que todos tem das cousas: Vossas Mercês naõ querem senaõ tirar-me tantas vezes a terreiro para me fazerem apaixonar.

*Despach.* Isso que dizeis he assim, que eu tenho em meu poder essas Certidões: e ainda he peyor, que se acertaõ de andar em requerimento dous Fidalgos, que foraõ Capitães de Armadas, quando fallaõ comigo em segredo, naõ diz nenhum de outro senaõ mil affrontas; que naõ soube ser Capitão Mór; que lhe tomáraõ Navios; que naõ deo boa guarda ás cafilas; que lhe perdêraõ os soldados o respeito; que lhe matáraõ os Malavares tantos homens; que naõ gastou nada; e elle tudo o que diz do outro lhe succedeo peyor; e eu estou com muita paciencia ouvindo tudo sem lhe responder.

*Sold.* Ahi verá Vossa Mercê o que eu digo; pois como os despachais?

*Despach.* Deo-me Deos tal condiçaõ, que por importunações me tomáraõ minha mulher. Confesso-vos que me enfadaõ tanto, que lhes dou tudo pelos naõ ver, nem ouvir.

*Sold.* De maneira, que por importunações vos metteis no inferno; bofé que he isso muito bom! e eu com os braços, e com as pernas chêas de cutiladas, e de espingardadas em serviço delRey, que porque naõ fui importuno, fique por despachar, he boa justiça essa! Os cargos, e Fortalezas dàm-se a quem mais serve, ou a quem mais importuna? Se tal he, eu avisarei aos soldados que naõ curem de papéis, nem de arriscarem as pessoas, senaõ de aprenderem na escola dos enfadonhos, pois essa doutrina val tanto neste Reyno; e pela ventura se vos disser muitas vezes, que olheis pela India, que se perde, que mandeis bombardeiros, artelheria, Galleões, dinheiro, e soldados, e tudo o mais do que está falta, que me mandeis metter no tronco por enfadonho; naõ me entendo com isto! Quem falla verdades, prezo por sobejo; quem requere mentiras, despachado por importuno: ora dai-me algum regimento para levar na aljabeira á India, para os homens saberem o como ham de requerer: Vossa Mercê metteo-me nisso em grande confusaõ; naõ cuidei que me faltava isto saber, porque já o tenho percebido no coraçaõ; pois dous soldados que vieraõ comigo requerer, andando por vossa casa, e dos outros Despachadores, hum delles fallava tudo o que queria, dictava despachos, e fazia juramentos, que tremiaõ as carnes, chamava-vos huns táes, e quaes, que naõ despachaveis senaõ quem vos dava, e tantas cousas destas lhe ouvi, que lhe disse algumas vezes: » Olhai cá, fuaõ, » ou vos ham de despachar estes homens por naõ vos » ouvir, ou ham de mandar metter-vos no hospital por » doudo: » e assim aconteceo, que este está já despachado á sua vontade, e diz que o agradece á sua lingua. E outro que acertou de ser sezudo, brando, bom homem, muito bom Cavalleiro, que levou até agora seu negocio por termos muito honrados, e de paciencia, e que fugio de importunar, este que esteja hoje ainda por despachar, tendo dobrados serviços do outro;

e as-

e assim algumas vezes disse à este homem: » Olhai » que se, esses termos vos ham de fazer nojo, gritai, » fallai, porque aqui dam mais a quem mais falla, » que a quem mais peleja. » Ora vejam com que gosto viráõ os homens a buscar quem tem obrigaçaõ de lhes fazer justiça, se elles vem taõ claramente estas injustiças? Ora peza-me de naõ ter idade já para me metter n'huma Religiaõ; porque o mundo me tem desenganado para esperar delle nenhum bem. Quero-vos contar huma historia que me aconteceo andando de Armada na enseada de Cambaya: desembarcando na Cidade de Goa, estando eu fallando com hum mercador Gentio muito rico, veyo outro metter-se na conversaçaõ; e perguntando eu com quem fallava, e que homem era aquelle? respondeo, que era hum grande Cavalleiro, e quando os Turcos xaqueáraõ Mascate muito bem peleijára; e andando elles roubando pela povoaçaõ, estava em cima da terra muito alta, e dalli praguejava, e dizia muitas ruindades: cahio-me aquelle negocio tanto em graça, que muitas vezes o contei por galanteria: agora digo, que muitos Fidalgos, e soldados, que cá despachastes muito depressa, peleijáraõ como este Gentio de cima da terra, deitando brabosidades contra os inimigos; e eu, que andei com a espada núa, e chêa de sangue, entre elles peleijando com muitas feridas, que esteja por despachar. Tal he o mundo como isso; o bom he logo peleijar de bocca, e deixar estar as mãos.

*Despach.* Por certo que tem isso muita graça; folguei muito de ouvir esse conto, e de o saberdes trazer tanto a proposito, e cuido que fallais em tudo muito a ponto, e que muitos peleijáraõ na India dessa maneira, que me vem cá tambem matar com a bocca; de maneira, que eu, e os Turcos corremos muito risco com esses.

*Sold.* Naõ se cance Vossa Mercê, que estes que digo nem ham de matar a elles, nem a vós; satisfazem-se com aqui sonharem que peleijáraõ muito bem; parece-lhes que foi assim, e requerem pelo que imagináraõ, e naõ pelo que fizeraõ.

*Despach.* Que vos hei de dizer? digo minha culpa; entregaõ-me hum feixe de papéis, que eu os naõ lerei por hum Condado; e porque estaõ com a opiniaõ de

soldados velhos, e antigos, salvo-me na fé dos padrinhos, e despacho-os pelo que pedem, e naõ pelo que merecem; ora daqui por diante ficarei ensinado á minha custa.

*Sold.* Será isso á custa delRey, e minha; porque lhes dais os seus cargos sem ordem, e merecimentos, e a mim negais o que com tantos requeiro. Ora deixemos isto, e vamos ao primeiro, que ficámos hontem de nos ajuntar aqui, que foi para tratarmos das cousas que he necessario mandar prover para segurança daquelle Estado, no que eu desejo de ver, e entender neste Reyno muito de proposito, ainda que me naõ despacheis a mim, nem aos outros; porque o bem commum precede ao particular.

*Despach.* Isso he de Christão, e folguei muito de vo-lo ouvir; porque outros muitos ha, que tomáraõ naõ se tratar nunca senaõ do que releva a elles, e o mais que se perca tudo.

*Sold.* Naõ sei se abrange isso tambem a Vossas Mercês; porque com saberdes o estado em que está a India, quando parece que no despacho ha de sahir que se deixe tudo, e que se acuda muito depressa a ella, porque se naõ perca, e que se ordena huma grossa Armada, e obriguem a ir á India muitos Capitães, que entendem a guerra, muitos bombardeiros, artelharia, e dinheiro, vejo arrebentar com quatro Náos carregadas de provisões de alvitres para vós, e para vossos criados; e muitas Leys contra os pobres dos moradores, sem nenhum fundamento, nem proveito delRey, nem daquelle Estado.

*Despach.* Que vos hei de fazer? que cuidam cá que acertaõ nisso; porque o escrevem assim os Viso-Reys, a cujas cartas se dá muito credito pela obrigaçaõ que tem de fallarem verdade ao Rey, e trabalharem de pôr remedio ás cousas, que virem ir desordenadas.

*Sold.* Eis-ahi, senhor, como he tudo: escreve hum Viso-Rey, que naõ he bem que andem os homens em palanquins, e que naõ tragam pagens Portuguezes, e que naõ respondam aos homens que estam ausentes, que naõ paguem soldos velhos, nem liberdades das caixas senaõ na India, havendo que dais alvitres de poupar, e outras trezentas cousas muito para rir; e se

vos

vos escrevem os homens livres, e que temem a Deos, e saõ leaes a seu Rey, que acudais á India, que se perde, zombais disso, e cuidais que vos enganam; e ao outro que damna aos homens, acudis com tanta provisaõ, que he pasmar. Dizei-me, senhor Secretario, que fundamento se tem neste Reyno a naõ responderem aos ausentes, sendo justiça; nem responderem primeiro a estes, que ficam no serviço da India, que aos que se vieraõ della em tempo que pela ventura ha muita necessidade de homens? e se naõ merece mais o que actualmente serve a seu Rey, que o que deixou seu serviço? todos podem vir a este Reyno requerer; se muitos homens ha que naõ tem posse para isso, logo perderáõ seus merecimentos os soldados velhos; e as liberdades das caixas, que lhes pagavaõ neste Reyno, e que se mandam pagar na India, quem o ha de fazer, se me naõ pagam o meu soldo, que actualmente venço, porque havendo de me dar quatro quarteis para o anno, naõ recebo mais que dous? e como se póde na India sustentar hum soldado com vinte pardáos por anno? isso he pôllo a risco de furtar, ou se ir para os Mouros, como muitos já fizeraõ. Estas cousas por certo que naõ fazem o Rey pobre, antes o enriquecem; porque pagando o que deve a quem o serve, enthesoura thesouros muito grandes de Misericordia para com Deos, que por isso lhe conservará seus Estados em paz, e quietaçaõ, e lhos acrescentará em seus rendimentos. Ora quero, senhores, saber, que nojo faz ao casado, que tem seus moços, andar no seu palanquim, achando-se indisposto, ou tendo o seu cavallo enfermo?

*Despach.* Tudo isso que dissestes he santo; mas que vos ha de fazer ElRey, se da India escrevem, que o rendimento della basta para tudo; e quanto a despacharem neste Reyno os homens que estam presentes, e naõ se fallar nos ausentes, he para que os que andam neste Reyno se tornem para a India, que ha lá necessidade delles.

*Sold.* Eis-ahi a justiça: despachais os que aqui estam para se tornarem, e os que lá ficam servindo, que padeçam! antes para se fazer justiça se havia de tratar primeiro do despacho dos ausentes, pois estaõ continuando no serviço; porque se virem que se faz assim, naõ

naõ se viráõ os homens de lá, e naõ dareis aos que cá estam mais do que merecem, para que se tornem.

*Despach.* Assim o concedo eu. Tambem esse negocio de se naõ fallar em ausentes, naõ deve estar taõ fechado, que se naõ despachem todos os annos muitos, e sempre se parte com todos. Em quanto ao que dizeis dos palanquins, he máo costume, e parece que andam nelles os homens affeminados, e a essa conta os Fidalgos naõ tem cavallos para acompanharem seus Viso-Reys, e com isso parece que se habituam a huma vida molle, e que naõ he trajo de soldado.

*Sold.* Está isso muito bem, e assim he que eu sou o que mais estranho que todos, pois por esses peccadores naõ ham de pagar os casados innocentes: esses outros he muito bem que naõ andem em palanquins, e que os obriguem a ter cavallos, e que o que naõ acompanhar o seu Viso-Rey, seja castigado; e a estes Fidalgos naõ se lhes ha de pôr outra pena, senaõ que percaõ seus despachos, e que outros os naõ pudessem merecer; porque das mais penas zombam; e com o entrar em perder despachos, eu vos dou minha palavra, que ande taõ a ponto, que lhe naõ possa o provido detraz delle arguir de peccado. E mais, senhores, sabei que esta ley de palanquins, depois que passou á India, foi hum ninho de guincho, como lá dizem, para os criados dos Viso-Reys; porque eu vi haverem estes licença para os homens de negocio andarem em palanquins; e a mim me disseraõ alguns, que lhes custára a vinte, e a trinta pardáos. E estes homens, como compram todas as cousas das bolças dos nescios, pagam tudo largo, e muito mais largo com o entrar em diligencias; porque eu sei alguns que em relhos de ouro, e collares de pedraria, gastáram com as amigas dez, e doze mil cruzados; e assim depois quebráraõ, e fugiraõ com grande somma de dinheiro das partes: e com eu avisar a alguns amigos disso, naõ sei que dom tem estes homens sobre o dinheiro alhêo, que andam ás rebatinhas, a quem lho dará primeiro, e ainda para lho tomarem os peitam: por onde certo que cuido todo o dinheiro da India he mal ganhado, e que permitte Deos, que o diabo o leve

ve por estes canes, e por outros. Ora deixando isto, grandes penas para quem andar em palanquim, e para os que se escusam do serviço delRey nenhuma! Em verdade, senhores, vos digo, que desejo de me fazer doudo, para me desentoar nesta materia. Vi alguns mexelhões, que como andáraõ dous verões por Capitães de Navios, já naõ querem senaõ Galé; e se lha dam, já ao outro anno naõ querem acceitar senaõ Armadas de Capitães Móres; e se o foraõ hum veraõ do Norte, já para o outro o naõ querem ser, senaõ do Malavar; de maneira, que cada hum se quer vestir da sua livre vontade, e naõ da do Rey, a quem servem; e para isto naõ ha ferros, nem troncos, que estes merecem melhor que Armadas: tomára hum Viso-Rey de tanta fé, para que em se hum escusando do serviço, o embarcasse logo em huma Náo com huns grilhões nos pés, que entaõ eu vos segurára que os outros se recolhêraõ; nem isto hey medo que sejá remedio, antes temo, que em estes chegando a este Reyno, além de os despacharem com Fortalezas, lhes deis hum entretimento pelos ferros que levou: e por isso, senhores, deixai-me, que me fazeis irar contra todos os Despachadores, em tempo que venho labutar com elles.

*Despach.* Sobre isso que dizeis dos que se escusarem, tem ElRey provído muitas vezes, porque de tudo he informado.

*Sold.* Nada sei disso; se lá foraõ provisões, os Viso-Reys as sumiriaõ, porque nunca se usou dellas; e assim os castiga Deos naquillo em que peccam; porque assim como naõ cumprem as Provisões delRey, assim lhes naõ cumprem as suas, nem lhes guardam seus regimentos; e daqui nasce desacreditarem-se as Leys, e terem-lhes pouco respeito. Muitas vezes vi apregoar na India algumas, que se naõ guardavaõ mais de tres dias; e certo que parece isto jogo de meninos, ou dos despropositos. Sahe o Viso-Rey com huma ley sobre pagens, e diz, que os Capitães de Ormuz, Sofalla, e Malaca poderáõ trazer quatro pagens, e os das mais Fortalezas dous, e todos os mais Fidalgos hum; isto durou seis dias: sahe outro com outra ley, que naõ tragais gualdrapas: olhai este desproposito. Outro manda, que naõ tragais diante dos cavallos Cafres com

sombreirinhos de mão, que lhe tomavaõ a chuva no inverno. Naõ houve mais que apregoar, e parar: certo que quando isto via, que cuidava que se fazia aquillo só para que se soubesse quem era o Viso-Rey, e que folgava de se mandar apregoar pelas praças. Ouvi de mandado do Viso-Rey, fuaõ, homem: Joaõ, sey (respondia eu ao porteiro); vai-lhe dizer, que faça alguma ley contra os Malavares, que nos tomam todos os annos vinte, e trinta Navios. Huma vez me aconteceo ir em Goa a cavallo com hum Fidalgo velho, e vir pela rua hum tambor, que parecia que vinha rompendo batalha, e o cavallo do Fidalgo começou-se a inquietar, o que elle sentio muito, e passando pelo que tangia o fez callar, e lhe perguntou cujo era, e onde hia? ao que respondeo, que do Governador; e que hia lançar hum pregaõ: ao que o Fidalgo lhe disse: » Vai-lhe dizer que vá beber de » tal, que os Malavares andam senhores do mar, e » elle anda cá pela Cidade quebrando nos as cabeças » com o seu tambor; que mande apregoar, que nenhum » Malavar navegue, que isso he o que releva; e que » esseoutro que vás apregoar he parvoice, que nem » importa, nem se ha de guardar. »

*Despach.* Naõ está essa historia má, e bem fôra isso que dizeis, fazer-se Ley contra os cossarios; mas elles naõ lha guardaraõ.

*Sold.* Nem a elles lhes dará huma palha disso.

*Despach.* Dizei-me, senhor, que respeitos houve para este Viso-Rey defender pagens?

*Sold.* Fazer pito a alguns Fidalgos, que naõ eraõ despachados com as Fortalezas dos quatro pagens: e sabeis o que isso montou? que hum que trazia quatro metteo logo oito, e ninguem lho perguntou.

*Despach.* Que damno faz trazer hum Fidalgos muitos pagens?

*Sold.* Antes cuido que he serviço de Deos, e delRey; porque vem todos os annos nas Náos duzentos meninos, e se naõ tiverem quem os recolha, como fazem estes Fidalgos, morreráõ ao desamparo: e assim se vaõ creando por estas casas, e depois se fazem soldados, e honrados; e quando seus amos entraõ em suas Fortalezas, fazem-lhes bem, e partem com elles, e muitos vem a ser ricos; e assim a terça parte dos mora-

dores honrados das Fortalezas da India foraõ destes assim: este he o mal que lhes faz esta creaçaõ, e o bem que lhes quer fazer quem lhes quer tirar este remedio.

*Fid.* Dizeis muito bem, e assim he; que na India os mais dos moradores foraõ criados dos Capitáes, que nella estiveraõ, e no cabo dos seus tres annos cada hum deixa seus dous pares delles casados, e ricos. Este Viso-Rey, que quiz defender isto, deo-lhe a paixaõ.

*Sold.* Essa faz muito mal aos que governam aquelle Estado, porque por ella fizeraõ algumas grandes injustiças; e affirmo-vos, senhores, que chega isto a tanto, que ousarei affirmar, que houve Viso-Rey que estimava mais satisfazer seu appetite, que sua obrigaçaõ, e que lhe dava muito pouco de pôr a India em hum balanço, só por cumprir com sua paixaõ. Perguntar-me-heis de que vem isto? vem de cuidarem, que em quanto estam naquelle lugar lhes he licito mostrarem seu poder até contra Deos, se posso dizer isto; porque bem contra elle se faz o que se faz contra a justiça.

*Despach.* Essa materia he de importancia, e por isso ide de vagar com ella, porque me tereis muito prompto a vos ouvir.

*Sold.* Já que assim he, ouçam-me Vossas Mercês.

## SCENA II.

*Sold.* COmeço por aqui: quer hum Viso-Rey huma cousa destas; diz-lhe o Desembargador livre, o Theologo virtuoso, que o naõ póde fazer; entra logo o diabo, e diz-lhe: faze, que tudo podes; e assim tomam taõ mal dizerem-lhe, que naõ póde, que lhe parece já lhe tiram o governo das mãos. » Como » naõ posso, diz elle, se posso tudo quanto ElRey » póde? » e diz muito bem naquillo que se inclue, quanto lhe disseraõ os outros; porque ElRey naõ póde fazer injustiças: se se isso naõ remedêa, eu dou por perdido tudo. Quer hum Viso-Rey batter moeda falsa, que assim lhe posso chamar, pois damnifica o po-

povo; val o cobre a quarenta xerafins o quintal; battem os basarucos a razaõ de sessenta, e setenta; vem os Mouros da outra banda, que trazem o olho em nossas cousas, e vendo o excessivo ganho, battem logo lá em terra firme grande quantidade de basarucos, e á formiga a mettem em Goa; na qual ganham hum poço de ouro, porque ainda a fazem mais pequena. Vem os Mercadores das vaccas, padeiros, botiqueiros, hortalóes, e todos os mais; ou naõ querem tomar a moeda, ou valendo trezentos réis hum xerafim, pedem trezentos e sessenta; accrescentam hum basaruco na medida de arrôz, no peixe, na carne; o padeiro faz o paõ de menos pezo, e assim por esta maneira, todas as mais cousas, com que os pobres perecem, e clamam; acodem logo com o remedio, que he abatter na moeda tres basarucos, que valham dous, que he grande roubo; e assim o povo padece, e o criado do Viso-Rey, que abatteo o seu cobre, fica com os cinco, e seis mil cruzados de ganho; e se lhe quereis ir á máo, e dizeis, que naõ póde batter aquella moeda, ri-se de vós, e zomba de todos.

*Despach.* Pois que determinam Fidalgos taõ honrados? vam lá para deitar a perder a India? porque se naõ attenta nisso; e porque os naõ castiga ElRey?

*Sold.* Já eu disse ao que lá hiaõ alguns delles; naõ queira que lho diga tantas vezes, o bom he baralhar este jogo, e naõ passar mais avante.

*Fid.* Todos desejamos de acertar; mas nem a todas as cousas se póde acudir com o rigor que dizeis: que havemos de fazer que nos himos lá remediar? e se cá tornamos sem dinheiro, naõ nos fallaráõ a proposito. Ora quanto ás penas, que dizeis que se ponham aos que se escusam de servir, naõ póde ser, porque El-Rey necessita os homens.

*Sold.* Essa vos nego eu já; homens que fogem do serviço, e de se embarcarem nas Armadas, e de soccorrer as Fortalezas, naõ se ham mister para nada. Mas quero-vos tambem satisfazer a isso; dissimulai com estes, por naõ fazer tanta execuçaõ, com naõ mandardes todos os annos a ElRey hum rol destes, a que podemos chamar vadios, para o tempo dos despachos se lhes naõ responder. E que mayor castigo quereis, que fazellos vir a este Reyno, e tornar sem o despa-

pacho, para que os outros se envergonhem, e se naõ escusem? eu vos dou minha palavra, que se isto se fizer haja tanta emenda, que pasmem todos; mas se elles vem, que com isto lhes dam tanto sem se embarcarem, como aos que continuavaõ suas Armadas, fazem muito bem naõ se cançar. Vós, senhor, despachais a estes, como ainda agora dissestes, por enfadonhos? fazem muito bem de viver á sua vontade, e naõ se cançarem, como eu toda a minha vida fiz, que nunca quietei senaõ os tres mezes do inverno, e ainda nesses tive mayor trabalho, que nas Armadas; porque peleijava com a fome, que he o inimigo contra quem naõ val esforço, nem armas; que nas Armadas naõ faltava hum prato de arrôz com huma cavallinha salgada; que estes saõ os regalos em que lá servimos a ElRey: e certo que se a vida de huma fusta se tomára em penitencia de peccados, que naõ sei mais dura vida dos Padres do ermo; porque se dormiaõ no chaõ, era dentro em huma lapa quentes, e reparados das inclemencias dos tempos; se comiaõ hervas cozidas, e com hum pedaço de paõ duro, tinhaõ muitas consolações espirituaes, com que se sustentavaõ, e viviaõ mais de cem annos; se naõ bebiaõ vinho, tinhaõ aguas de fontes suavissimas, que os consolavaõ: mas os soldados todo o anno, ou toda a vida, dormem em hum banco da fusta descubertos á chuva, e ao Sol; hum prato de arrôz que comem, he cozido com muitas pedras, e pó; e a agua que bebem he dos tanques, taõ fedorenta, que póde causar peste. Ora vêde se era isto bastante penitencia, se a passára por meus peccados! mas nós soffremos tudo, porque naõ temos outro remedio.

Nas Repúblicas bem ordenadas tudo se encaminha a bem, e tanto se trabalha por remediar cousas pequenas, como as muito grandes. Se vos cahe hum pequenho argueiro no olho, em quanto o naõ tirais inquietais-vos todo; assim o faraõ cousas muito pequenas no olho da vossa República: se lhe naõ acudirdes ao argueiro pequeno, tralla-heis sempre inquieta: *de pequena bostella se cria grande mazella*, dizem as velhas. Se vos cahe huma pequena pedra no sapato, faz-vos manquejar: cuidais que isto naõ he nada; que argueirinho deixardes an-

dar,

dar (*a*), e os homens viver á sua vontade, importa pouco. Sabei, senhor, que nisso vai tudo: porque se naõ ha de attentar em huma República pelo soldado que naõ tem nada, donde lhe vem andar com tanto ouro, tanto velludo, tantos pagens Portuguezes, que he pasmar? pelo Fidalgo mancebo, que vem do Reyno sem hum cruzado, querer logo ter casas de trinta de alugueis por mez, cavallo ajaezado de prata, caprazões ricos, e quando entrarem por suas casas parecer entrar por hum deserto, ou casas de encantamento; na casa dianteira quatro cadeiras, na camara hum esquife em que dormem, e todas as mais casas poderse nellas esgrimir, e jogar a pella? Pois para que he isto, e para que se dissimula com este argueiro no olho, porque se naõ tira? pois estes para sustentar isto ham de buscar todos os meyos illicitos que puderem, e enganarem a donzella, a viuva, e deshonrarem a casada, e por aqui se vem a estragar a vossa República. Quando a India florecia, nenhum destes Fidalgos mancebos tinha casa, nem cavallo, pousavaõ cinco, e seis com hum Fidalgo velho, ou que tinha acabado de sua Fortaleza, ou que estava para entrar nella, sem terem mais que hum pagem, e hum Boi (*b*) para o sombreiro, e assim viviaõ taõ registados, que era muito para louvar a modestia daquelle tempo; e de maravilha achaveis hum destes em huma baixeza, nem se casavaõ, como hoje fazem, com quatro cruzados, que logo se lhes acabam. Os soldados cinco, e seis tambem em huma casa terrea, de que pagavaõ dous pardáos por mez, e alli se negociavaõ com só duas capas, e duas esquipações, e hiaõ fóra aos dias, comiaõ huma raçaõ, se lha dava o Fidalgo velho, senaõ sobre a espingarda lhes fiavaõ arrôz, e azeite para se allumiarem; naõ faziaõ vilezas, nem os achaveis devassando as ruas; e tanto que havia Armadas, cortiaõse de passear pela Cidade. Contar-vos-hei huma galanteria a este proposito de huma mulher corteză. A esta foi hum soldado de noite bater á porta, sendo o Viso-Rey na Armada, e perguntando ella quem era, lhe res-

(*a*) He fielmente como se achava no manuscripto.
(*b*) *Boi* chamam na India ao criado, que leva o *chapeo* de Sol. Vej. Bar. Decad. 3. Lobo: *Corte* Dialogo 9.

respondeo, que gente de paz, ao que ella apressada tornou, dizendo: » Bem creyo; porque quem anda em Goa sendo o seu Viso-Rey na guera, bem de paz » he: » e assim aos soldados daquelle tempo lhes fazia Deos mercês; e de maravilha se embarcavaõ, que se naõ recolhessem com muitas prezas, e com muitos parös tomados; hoje, muito ao contrario, naõ ha quem os faça embarcar; passeam por Goa todo o inverno; e tanto que entra o veraõ, e que se querem fazer Armadas, sommem-se logo; e tanto que sabem que deram á véla, tornam logo a apparecer, sem haver Viso-Rey que lhes pergunte por isso: e quando se as Armadas recolhem, se sabem que ham dè mandar soccorros a Maluco, Malaca, e Ceilaõ, alguns das Armadas deixam-se ficar pelas Fortalezas de Canará, e os de Goa se escondem pelos covîs, ou foróes; e assim de maravilha succede cousa boa: naõ ha quem peleije, nem quem soccorra as Fortalezas: sabem-no os Viso-Reys, vem que faltam soldados na paga; e depois de partidas as Armadas os vem passear pelas ruas muito lustrosos, e naõ inforcam quatro para terror dos mais: e certo que cuido a alguns lhes dá pouco que vam os soldados, nem que venham, porque naõ fazem Armadas, mais que por cumprimento. Escrevem ao Reyno, que fizeraõ tantas Armadas, os successos dellas, sejam quaes forem, porque lhes dá disso muito pouco: acudí, senhores, a isto.

*Despach.* Acudirá Deos alguma hora, e tambem o Rey o fizera, se o naõ enganaramos por nossas pretençóes. Mas tornando ao que importa, e ao que he necessario prover-se na India, que he o para que hoje nos ajuntámos, nos dizei as cousas de mais importancia para se significarem a ElRey.

*Sold.* Diz Vossa Mercê bem: deixemos os despropositos de que hia tratando. A primeira cousa em que se havia de entender he nos excessos dos trajos dos soldados, e ordenar que andem como taes, naõ como rufiães; faça-se Ley, que os Viso-Reys pareçam Capitães Geraes, como o saõ; porque folguem todos de parecer soldados, e que andem em corpo, calçóes a meia perna de cotonia, ou guingaõ, espada curta, quando muito prateada, talabartes de couro, e ferros, e naõ com tanto calçaõ de veludo, tantas espadas douradas, tantas

tas tranças de ouro, e tantos passamanes, e guarnições de ouro, e prata, que pasmo donde lhes isto vem. Este he o argueiro no olho, senhores, que vos dizia, e de se dissimular com isto vindes ás vezes a perder ambos os olhos; e de naõ tirardes esta pedrinha do sapato vindes a perder hum pé: certo, senhores, que folgáreis de ver hum soldado do meu tempo com hum sayo de guingaõ pardo, ceroulas de cheila, gibaõ do mesmo, coura de couro golpeada, gorra de milaõ, espada curta em talabartes d'anta; e muito mais folgáreis de os ver peleijar, que vos pareceriaõ taõ gentís homens, que vos perderieis por elles; o que tudo hoje he ao contrario; porque cuido que os soldados de hoje, de alguns digo, que muitos ham de primor, mas fallo dos enfeitados, e que naõ trazem o ponto senaõ nas louçanias, e assim dos que ao encontrar dos Malavares trabalham por se ir, salvo porém aquillo de que tanto cabedal fazem. A outra cousa, em que se havia de mandar prover, e de que se faz taõ pouco caso, he naquillo que já tratámos, de guardarem os Viso-Reys as Provisões, e Regimentos do Rey; porque nisto está todo o bem, ou todo o mal: manda ElRey huma Provisaõ, que se façam embarcar para o Reyno todos os homens de naçaõ, e todos os estrangeiros, pelos haver por prejudiciaes ao Estado: pregoa-se a Provisaõ para que se embarquem naquellas Náos; fazse isto com tempo, porque o tenham de se saberem negociar: e como elles estam interessados na terra, e vivem nas delicias que já disse, lá se negocêam em segredo, e passam-lhes provisaõ de espera por mais hum anno, e vai-se esquecendo o negocio de anno em anno, e elles ficando na terra contra vontade delRey, e em grande prejuizo do povo.

Passa ElRey outra Provisaõ: que sirva fuaõ de Veador da Fazenda, o outro de Secretario, e certo Letrado de Ouvidor Geral, Juiz dos Feitos, Procurador da Corõa, e outros: como isto vem aos Viso-Reys, que as recolhem em seus escriptorios, dissimulam com ellas, e dam os cargos a quem elles querem, que nunca saõ senaõ aos que lhes a elles relevam, e outros naõ sabem o que lhes ElRey manda: em fim, senhores, que se houver de trazer todas as cousas, será hum infinito, porque infinito he o poder que os Viso-

so-Reys tem tomado; o bom he dobrar aqui a folha; porque toca a muitos.

*Fid.* Ainda que vós foreis Secretario dessas cousas, naõ soubereis mais dellas. Isso he assim, mas muitas vezes se engana o Rey com esses homens, e os Ministros deste Reyno dam tambem o que querem a quem querem; porque esses homens saõ de sua obrigaçaõ, e querem-lhes pagar com isso.

*Sold.* Está assim muito bem! seja como fôr, manda ElRey, faça-se: *rou, rou, faça-se o que ElRey mandou*: cumpràm o que lhes mandam, obedeçam, e rescrevam, e elle mandará o que for de seu serviço. E quem vos disse a vós, que naõ houve tambem alguns Viso-Reys, com que se ElRey enganou bem? por isso deixáraõ de os receber, e obedecer? ElRey póde fazer do seu o que quizer, sem lhe pedirem conta disso. Sei-vos, senhores, affirmar, que houve Viso-Rey, que escrevendo-lhe ElRey, que se servisse de hum certo Official, porque assim o havia por seu serviço, quanto mais instancia nisso fez, tanto peyor foi, porque como elle queria dar o cargo a hum de sua obrigaçaõ, pelo mesmo caso, que sentio em ElRey gosto de se servir do outro, por esse mesmo o desapossou, e se servio do que quiz; e o que peyor foi, que avisáraõ ao despachado, que o queriaõ matar; pelo que se fosse para o Reyno, e por isso se accolheo a hum Mosteiro, donde se embarcou timido, e escondido.

*Despach.* E assim passou isso sem castigo?

*Sold.* Rio-me desses castigos; pagou depois os ordenados a seus herdeiros, e da desobediencia ficou taõ saõ, como hum pero. Castigue ElRey rijamente quem lhe naõ guarda suas Provisões, começar-se-ham as cousas a encaminhar para bem, e naõ haverá tantas desordens.

## SCENA III.

*Despach.* ORa deixemos essas miserias, cuido que naõ tem remedio, e tratemos do que hontem ficámos sobre qual destas cousas será mais necessario con-

quistar, se Ceilaõ, se o Achem; porque muitos ha de parecer, que Ceilaõ he mais importante por ser mais á porta, e a Ilha ser grande, e abundantissima de tudo, e capaz de sustentar quantos Portuguezes ham espalhados pela India: sempre ouvi dizer que os Reys passados deraõ por Regimento aos primeiros Governadores, que se a India padecesse naufragio, se recolhessem os Portuguezes a Ceilaõ, e que dalli se tornariaõ a reformar, e a recuperar o Estado. Outros dizem, que de mais importancia he o Achem para segurança de todo aquelle mar, e de nossas Fortalezas de Maluco, e Malaca, e trato da China, e Japaõ, porque com sua Fortaleza em seu porto se segurava tudo: agora queremos ver o que vos parece disto.

*Sold.* Esse fundo he mui alto para minha fraca bateria. Eu sou soldado pobre, sei da minha espingarda; que isso he de Capitães experimentados: mas com minha pouca sufficiencia, pois Vossas Mercês mo mandam, direi o que sei, e o que ouvi a velhos antigos.

Primeiramente digo, que o valeroso Capitaõ, e Viso-Rey D. Francisco de Almeida, governando o Estado da India, mandando-lhe ElRey fazer algumas Fortalezas, lhe respondeo; que as com que a India se havia de defender eraõ muitos Galleões, muitas Armadas, e bem providas, e muito boa soldadesca; que as Fortalezas eraõ curraes, e quanto menos houvesse, tanto a India sería mais prospera, e teria mais poucas obrigações: e eu assim affirmo ainda agora; porque muitas Fortalezas ha, que naõ servem mais, que de fazer despezas, e estarem mal providas, e arriscadas a huma desventura: e entaõ se tomam hum curral destes corre a fama pelo mundo, que tomáraõ na India huma Fortaleza a ElRey: e se me dixerdes, que cinco, e seis Fortalezas destas se ordenáraõ por alguma boa occasiaõ que entaõ havia, e que depois ficáraõ assim para as darem em satisfaçaõ a outros tantos homens que servíraõ; está isso muito bem; mas como podeis pelo respeito particular arriscar huma cousa tamanha, como a honra do Estado, que depois vem a montar muito? O que estas Fortalezas gastam cada anno que saõ quatro mil pardáos cada huma (que sahem do Estado; porque ellas naõ rendem nada) dai-os aos

pro-

próvidos, e ficaráõ satisfeitos, e o Estado desobrigado dellas, e de seus sobresaltos; porque para fazérem pagar as pareas, que saõ quatro fardos de arroz, e para comprar outro, basta huma Armada sobre suas barras, que elles ham de temer mais, que as Fortalezas, que tendes sem soldados, e sem munições. Se as de mais importancia, em que consiste todo o pòder, e rendimento do Estado, de que já fallei em outra parte, tendo tanto cabedal para se poderem sustentar, e reformar; estam piedosas, e quasi no chaõ; cómo quereis sustentar outras, que vos naõ rendem cousa alguma, antes vos fazem despezas? Se me disserdes, que algumas ha, como saõ Mombaça, Mascate, Moçambique, e Sofala, que eraõ necessarias, porque se naõ mettessem alli Turcos, e para sustentarmos a posse das minas da prata, e ouro; isso vos concederei; mas haveilas de ter taõ bem providas, como as de Ormuz, e Dio, naõ tanto pelo que rendem, como pelo que importam; mas assim a seu alvedrio, e sem ordem, he naõ terdes conta com o serviço delRey: e fallo assim, porque fallando por estes termos com Vossa Mercê, o faço com todos os que disso tem a culpa.

*Despach.* Todos a temos; nós cá de naõ sabermos o cómo isso lá está, e em naõ avisarmos a ElRey, e os Viso-Reys em naõ olharem por cousa taõ importante, e em que lhes a elles vai a cabeça; porque essa perdeo D. Jorge de Castro de noventa annos com os mayores serviços da India, porque entregou a partido a Fortaleza de Chale, em que elle teve menos culpa que os outros, que nós cá despachamos.

*Sold.* Tres idades das minhas havia mister para dizer o que vi, e o que lá vai, e por humas cousas me esquecem as outras: mas quero deixar isto, e responder a Vossas Mercês á pergunta que me fizeraõ, de qual era por ora mais importante; conquistar-se Ceilaõ, ou Achem? Digo, senhores, que ambas essas cousas saõ mui necessarias; mas para se poderem conquistar, como he razaõ, primeiro o ham de fazer ás minas da prata da Chicoua no Reyno de Monomotapa, cousa taõ sabida, taõ ricas, e prósperas, que excedem a todas as do Mundo: porque eu vi fazer algumas vezes a experiencia nas pedras que de lá trouxe Vasco Fernan-

mil cruzados de ouro, que baſtam, e ſobejam para ſuſtentarem os ſeiscentos homens de ſoldo, e mantimento; porque pagando-ſe-lhes quatro quarteis por anno, em que monta vinte e quatro mil cruzados, tirados dos cem mil, ficam ſetenta e ſeis mil cruzados. Deſtes ſe ham de mandar outros ſeſſenta mil cruzados para outros mil barês de roupa, ſobejam dezeſeis mil cruzados, que ſe mandaráõ todos os annos á India a empregar em vinhos de paſſas, conſervas, ameixas paſſadas, amendoas, e outras couſas deſta ſorte para os enfermos; porque como os homens tiverem paõ, e vinho, na terra ha gallinhas, e carnes em abaſtança; e aſſim naõ adoeceráõ ſenaõ poucos; porque o que os mata he fome, e lançarem-ſe ás Cafras. Os vinte mil cruzados, que ſobejam do primeiro cabedal, tambem ſe ham de mandar empregar á India em roupas para gaſtos, e deſpezas, e alguma parte delles, ou ametade á Coſta de Melinde para ſe comprar a roupa de Pate, que he a de ſeda, e algodaõ, de que os Reys, e ſenhores ſe veſtem, que val muito no Reyno de Monomotapa para fazer preſentes aos ſenhores do Reyno, e ainda ſobeja muita quantidade de dinheiro para as deſpezas dos trabalhadores, e os officiaes, e para as materias do Forte, que ſe fizer ſobre as minas, em que ſe deſpenderá pouco pela barateza das couſas.

Eis-aqui com hum cabedal de oitenta mil cruzados feitas as deſpezas de ſeiscentos ſoldados continuos para quantos annos quizerem, os quaes ſe ham de ir ſevando todos os annos com cento e cincoenta das Náos do Reyno; e como as minas eſtiverem deſcubertas, e com preſidios ſobre ellas, ſería de parecer, que ſe déſſe licença geral para toda a peſſoa que da India quizeſſe ir em Navio ſeu ás minas com roupas, farinhas, vinhos, conſervas, e ficára aquillo taõ próſpero, e farto, que ſe façaõ povoações de Portuguezes, e Chriſtáos da terra, com que fique aquillo outra Nova Heſpanha, e della puderáõ penetrar eſſe coraçaõ da Cafraría até a outra parte de Angola, com o que ſe faça communicavel o mar Atlantico com o Indico; porque tenho para mim que ha menos de duzentas leguas de traveſſa. E eu vi na Feitoria de Moçambique regiſtada huma carta, que o Governador Franciſco Barreto eſcre-

veo

veo a ElRey, andando na conquista deste Reyno de Monomotapa, em que lhe dava conta; que fôra á costa de Melinde a fazer certos negocios, e que estando no Reyno do Atondo lhe affirmáraõ huns Mouros antigos, que dalli até o outro mar da outra Costa haveria quinze, ou vinte dias de caminho; ao que ElRey lhe respondeo, que trabalhasse de mandar descubrir aquillo; porque mais o estimaria, que as minas.

Eis-aqui, senhores, os proveitos que se tiraráõ de se descubrirem estas minas por esta fórma, que disse: Faraõ o Estado taõ prósperos, que possa commetter todas as conquistas que quizer, e os vassallos taõ ricos, como os da Nova Hespanha, e a Igreja Romana enriquecida com tantas terras mettidas debaixo da sua obediencia; porque logo toda esta Cafraria se ha de converter á Fé de Christo, e tomar suavemente o jugo sem repugnancia. Ora a terra he taõ próspera que dará trigo, cevada, gráos, e todos os mais legumes, e as creações de gados grossos, e miudos saõ mais, e mayores, que em todas as outras partes do mundo; pois que mais ha que desejar, nem que esperar? Poder-se-ham plantar todas as frutas do mundo, e darem-se mais prosperamente, que em outra parte; far-se-ham formosas vinhas, porque as uvas que ha em Sofala saõ preciosas, e eu comi alguns cachos dellas ferraes, como as de Abrantes. A hortaliça he excellente; dar-se-ham olivaes mui prosperos; porque a gente da companhia de Nuno Velho Pereira, que se perdeo na Costa do Cabo da Boa-Esperança, e que atravessou toda a Cafraria, achou azambujeiros com a fructa como azeitonas; pois a montaria de porcos, veados, coelhos, e lebres, e tudo o mais, deve ser mui próspera pela fertilidade da terra. Ora como formos senhores destas minas de prata, logo o seremos das do ouro de Botonga, das de Macapá, e de todas as mais. Ha muita lá, e algodaõ para se fazerem pannos, e têas, ha em fim tudo quanto a Europa tem, e o que na Europa se naõ sabe; e por isso fazem pouco caso de cousa tamanha. Mas huma cousa quizera perguntar a Vossas Mercês, que he, como se pratica neste Reyno de conquistas de Reynos daquellas partes, se neste Reyno se poz em pareceres largar-se a India, porque

era

era prejudicial ao Reyno sustentar-se, e se conquistassem os Reynos de Africa, que sería de mayor credito, e proveito?

*Fid.* Naõ dizeis mal; pois affirmo-vos que sobre isso houve grandes altercaçoes neste Reyno, e muitos pareceres, e naõ está isso ora taõ claro de sustentar a India, que naõ haja algumas dúvidas entre bons entendimentos, e representadas mui licitas, e urgentes razões; mas porque esta execuçaõ já agora custará muito, se dissimula.

*Sold.* Bofé, senhores, que naõ sei que razões póde haver para se largar hum Imperio, que cuido naõ ha no mundo outro mayor, e assim em grandeza, jurisdicçaõ, e Cidades formosissimas, como em riquezas, e Christandade; porque ainda que naõ fôra mais que por esta, haviaõ os Reys de gastar todos seus thesouros pela sustentar; porque póde ser que por isso lhe sustenta Deos ha tantos annos o Reyno de Portugal, e os favorece em todas as mais conquistas que commette, e o tem a elle, e aos seus vassallos postos no cume da roda da fortuna com a grande piedade que nisso tem usado, e com as maravilhosas façanhas que seus vassallos tem obrado naquelle Estado, na conservaçaõ, e defensaõ daquella grande Christandade: parece-me, senhores, que estais cá mui alhêos do que aquillo he; pois sabei, que por toda a India, desde Sofala até Japaõ, ha mais de dous milhões de Christãos, afóra o grande número que cada dia sahem das pias do santo Baptismo. Pois isto, senhores, quereis que se desampare? por certo que desamparará Deos a quem tal lhe entrar no pensamento; e posto que eu seja hum soldado pobre, e idiota, hei de fallar sobre isto largo; porque para isso confio em Deos me purifique a lingua, como fez ao Profeta, para bradar, e gritar em materia de tanta importancia, e honra sua; e assim irei cifrando as razões que dam os que fallam por parte da conquista d'Africa, e despejo da India, e as que as favorecem, e dam para isso; e sobre todas darei as minhas, se Vossas Mercês me quizerem ouvir; se naõ mandem-me alevantar, que o farei com muito gosto.

*Despach.* Naõ mandarei por certo; antes vos obrigarei, por serviço de Deos, e delRey, dizerdes tudo o que

em-

entendeis nesta materia com a liberdade com que até agora fallastes.

*Sold.* Ora dem-me Vossas Mercês attençaõ para me naõ interromper.

## SCENA IV.

*Sold.* COmeçarei, senhores, pelas razões que se dam para ser melhor conquistar-se Africa, que a India: dizem estes, que para o Reyno ser próspero, ha de ter duas cousas; fructos, e gados em abundancia para sustentaçaõ dos póvos; porque naõ estejam com o trabalho, e oppressaõ, que lhes dará em os esperar de fóra. Segunda razaõ: que ha de ter minas de ouro, e prata, e outros metaes, para sustentaçaõ da paz, e proseguimento da guerra; as quaes cousas todas tinhaõ os Reynos da Africa em grande abundancia, e os Reynos de Féz, e Marrocos tanto paõ, cevada, legumes, gados grossos, e miudos em tanta quantidade, que podiaõ partir com os vizinhos, e a esta conta todas as mais cousas necessarias para o uso humano, como linho, algodaõ, mel, cêra, assucar, muitos fructos, de que a mayor parte se dam sem cultivar a terra, e que as minas de ouro de *Tivar* (*a*), de que dizem vai grande quantidade a Marrocos, saõ mui prósperas, e que os montes claros naõ saõ pobres dellas; mas que se naõ cavaõ, e que o ouro que vai das minas de S. Jorge cada anno era cousa taõ grande, que chegou a espantar os Embaixadores do Malavar, quando D. Vasco da Gama os trouxe da India, que lhe mostrou o cofre delle, de huma caravela que entrou, o qual quando muito levava vinte mil cruzados em cadêas, e manilhas, e outras peças, que avultam muito; o qual ouro da Mina, dizem fizera rico o Reyno, e que com elle se começaraõ as conquistas dos

(*a*) As minas, de que aqui falla o A. naõ podem ser outras que as de Tombut, ou de Tocrur; em lugar da qual palavra he provavel que o Copista escrevesse *Tivar*; pois encontramos no manuscripto muitos outros nomes proprios ainda mais desfigurados.

dos Lugares da Africa; e que ElRey D. Joaõ dera ao Imperador Carlos V. com sua irmá a Imperatriz Dona Isabel novecentos mil cruzados em dobroes, tudo de ouro da Mina, e naõ em drogas da India; e para engrandecerem esta riqueza, trazem as fábulas das Maçans de ouro das Hesperides da costa de Africa, e outras cousas destas; a que responderei brevemente. Digo, senhores, assim: eu vos naõ nego que os Reynos da Africa tenhaõ tudo o que dizem, e quanto he necessario para a vida humana, sem haverem mister nenhuma cousa dos vizinhos. A isto digo, que tudo vem a redundar em paõ, e vacca, e que seja mais tudo o que quizerem, ouro, minas, e tudo quanto pedirdes por bocca; e isto quem o havia de conquistar, e com que poder, se os Romanos nunca puderaõ senhorear Africa, trabalhando nisso tantos annos com tantos exercitos poderosos? Scipiaõ Africano, porque destruhio Carthago, senaõ pela naõ poder sustentar? Os Imperadores de Roma, e os de Alemanha, que saõ defensores da Igreja Romana, como naõ intentáraõ essa conquista, quando os Mouros Arabios se senhoreáraõ de Africa, e de tamanha Christandade, como por toda ella havia, e com tantos Bispados, cujos Bispos sabemos que acudiaõ aos santos Concilios? E com que poder queriaõ estes senhores, que os nossos Reys conquistassem tantas Provincias, e Reynos, e com que gente taõ pouco exercitada na guerra, que nem huma espingarda sabiaõ levar ao rosto, nem cavalgar em hum cavallo, nem manear huma lansa? Se para alguns soccorros, que quizeraõ mandar á India, algumas vezes para ajuntarem tres mil homens, tiravaõ das cadêas do Reyno, até os que estavaõ senteneceados á morte; e algumas vezes que esses poucos lugares que tinhamos em Africa, fóraõ cercados de Mouros, com que trabalhos, e receyos os mandastes soccorrer? Por certo que arriscada esteve Arzila estando nella o Conde de Redondo; porque perdeo a Villa, e se encurralou no Castello, e sempre se perdêra, se Deos lhe naõ levára acaso alli D. Joaõ de Menezes com huma Armada. Dizei-me quanto vos custou soccorrerdes Mazagaõ? A Fortaleza do Cabo de Guer naõ vo-la tomáraõ? Naõ largastes Azamor, e outras duas, ou tres Fortalezas, que na Costa de Africa tinheis? E essas

que

que sustentais na India hoje, naõ estiveraõ arriscadas ao mesmo? Na Mamora naõ esteve perdida toda a potencia, e Fidalguia deste Reyno, estando todas estas Cidades á borda de Goa, onde lhes podiaõ os soccorros desembarcar dentro em casa? Que trabalhos dera ao Reyno, se tivera Cidades, e Fortalezas pelo Sertaõ dentro? Por certo que lhes naõ saberiaõ dar remedio; quanto mais que me haveis de dizer: com que poder queriaõ esses senhores que se conquistasse tamanho Imperio, como o de Africa; se vimos ElRey D. Affonso V., com o mayor que Portugal podia dar de si, desbaratado, e perdido, e ir pedir soccorro a França? Dez mil homens, vinte mil homens, que passem a Africa, que ham de fazer, ou quem os ha de sustentar? cousa he de que se podem rir os homens. Trazem por exemplo, que já chegámos a pôr as lanças nas portas de Marrocos: isso he hum assalto repentino, chegar, e fugir. Naõ vos lembra, senhores, verdes desbaratados aquelles dous valerosos Capitães Nuno Fernandes de Atayde, e D. Joaõ de Menezes com a melhor Fidalguia do Reyno, Capitães taõ experimentados, que naõ sei se houve outros que lhes aventajassem de entaõ para cá? Os nossos Reys passados, primeiro que mandassem descobrir a India, naõ lançariaõ suas contas? Pois muito primeiro tinham posto as mãos no descobrimento da Costa de Africa, e na fundaçaõ, e tomada das Fortalezas, que naquellas partes temos; e se lhes fosse melhor conquistar Africa, que a India, como haviaõ de communicar primeiro este negocio, e medir as forças do Reyno com as de Africa, sabemos tambem, que depois de muito praticado este negocio, desenganados da conquista de Africa, commettêraõ a da India, na qual Deos nosso Senhor lhes fez muitas mercês, como sabemos. E se quizerem ainda insistir em sua opiniaõ os que vituperam o descobrimento da India, perguntar-lhes-hei, que se isso naõ fôra de tanto mais proveito, que a conquista de Africa, vituperando, e anniquilando as drogas da India, como commettêraõ os Reys Catholicos, e depois o Imperador Carlos V. o descobrimento das Molucas, sobre que tantos desgostos tiveraõ com os nossos Reys, sendo tantas vezes primos, cunhados, e parentes, naõ tendo aquella Ilha mais que cravo,
no-

nozes, e maçã, sendo mui pobre de todas as mais cousas, e tanto, que de farinha de arvores se sustentam? Para as senhorearem, mandárão descobrir novos estreitos por meyo de hum vassallo perturbador, e alevantado contra o seu Rey: pois se para isto faziaõ tanta diligencia, e houve tantas guerras, e despezas, que fizeraõ por aquelle grande Imperio da India, taõ rico., que naõ saberei dizer de cem partes huma: que mayor riqueza quereis que o proveito das finas, e curiosas roupas daquellas partes das duas pescarias das formosissimas, e riquissimas perolas da costa de Manar, e Ilha de Barem? Deixo outras muitas que ha pela India. Quem vos poderá encarecer a riqueza dos mineiros da pedraria da Ilha de Ceilaõ, rubins, olhos de gato, safiras, jazotos (*a*), robas; amatistas, e todas as mais sortes della? Quem naõ sabe a grandeza das minas de finissimos diamantes do Reyno de Bisnaga, donde cada dia, e cada hora se tiram peças de tamanho de hum ovo, e muitas de sessenta, e oitenta mangelins (*b*)? Pois que direi dos finos, e preciosos rubins de Pegu, que houve muitos de muito grande valor, e que aquelles Reys traziaõ ferrados pelo meyo, e dependurados nas orelhas por arrecadas; e affirmáraõ-me, que de noite resplandeciaõ? Poderá dizer isto aquelle admiravel, e riquissimo ornamento, que ElRey D. Manoel mandou ao Santo Pontifice das primicias da India, que espantou tanto mais, que o cofre da mina ao Santo Collegio dos Cardeaes, que se naõ atrevêraõ a lhe pôr preço, avaliando-o em quatrocentos, quinhentos, e seiscentos mil cruzados, e alguns em mais? Pois o hum só no mundo (*c*) sc. o deste nosso Rey D. Sebastiaõ, cousa foi que admirou os Principes, e Imperadores do mundo. Deixo as pedras particulares, que da India vieraõ; a de D. Antaõ de No-

(*a*) Talvez seja erro do manuscripto em lugar de *jacinthos.*

(*b*) *Mangelim* he pezo, por que na India se pezaõ os diamantes.

(*c*) No manuscripto estava *o hum só no mundo o Reo deste nosso*, &c. A palavra *o Reo*, bem se vê que naõ podia ajustar aqui de modo nenhum. E como em outros lugares, em que o manuscripto tinha hum *R*, claramente se via ser erro do Copista, por *sc.*, abbreviatura de *scilicet*; lembrou que o mesmo poderia ser neste lugar.

Noronha, a de Francisco Barreto, a de D. Antonio de Noronha, que está em poder do Conde de Cascaes seu genro, e outras de sessenta, ou oitenta mangelins, pelas quaes se dava por cada huma sessenta, ou oitenta mil pardáos; e assim se naõ achava Rey, e senhor na Europa que as pudesse comprar. Pois que vos direi das riquezas, que vossas mulheres, e filhas, e que as Raynhas da Europa trazem em seus collares, cintos, braceletes, pendentes, anneis, botoaduras, e em todas as mais partes, que naõ tem estimaçaõ? vieraõ-vos de Africa, ou da India? Vamos ás minas de ouro: quaes do mundo chegam á quarta parte das que já disse de Monomotapa, e outras de Africa, das quaes todos os annos sahem para a India duzentos mil maticaes de ouro, que saõ mais de quinhentos mil xerafins, afóra mais de duzentos barês de marfim, que valem derredor de oitenta mil pardáos; e o que he muito para admirar o mundo, que ha bar de trinta dentes, bar de vinte, bar de dez, e bar de cinco, e seis; pela qual conta cuido que vem todos os annos daquellas partes ao redor de tres mil dentes, para os quaes era necessario morrerem cada anno mil e quinhentos elefantes? Pois da China vos digo eu poder-se-ham carregar Náos de páes de ouro de feiçaõ de batéis, que tem cada hum ao redor de dous marcos, e assim valerá cada paõ duzentos e oitenta pardáos, de que viráõ sómente oitocentos cada anno; porque antes querem os Mercadores trazer seda solta, peças de damascos, setins, taferás de todas as côres, e outras muitas sortes de sedas de ouro, e de prata, porcellanas, muitas, e mui differentes mercadorias, em que se interessam muito. Naõ fallo na grande prosperidade das minas de Monancabo na contracosta de Malaca, donde he mui sabido, que hiam todos os annos a Malaca muitas embarcações de remo carregadas de ouro; e ainda depois de nós entrarmos na India havia Chatins, que saõ mercadores que naõ fallavaõ senaõ por barês de ouro, que tem cada bar quatro quintaes: e sobre todas as grandezas se podem contar por mais admiraveis as de humas Ilhas, que ficam ao nascente de Solor, onde temos Fortaleza, e huma grande Christandade, administrada pelos Padres de S. Domingos, á qual Ilha foi ter desgarrada huma embarcaçaõ com hum Por-

tu-

tuguez, ou dous, e viraõ tamanha quantidade de ouro, que pasmáraõ; porque as armas á feiçaõ das nossas armilhas, ou escudos, as azagayas era tudo de finissimo ouro; e segundo presumpçaõ ficam estas Ilhas pegadas ás de Salomaõ, que descubrio Alvaro de Mendanha, senaõ forem ellas. Pois que vos direi da Cidade de Barcelor na Costa Canará, que ainda em tempo que a India se descubrio, havia muitos chatins, que saõ mercadores que fallavaõ por candiz (*a*) de pagodes de ouro, que he huma moeda como tremoços, que tem a figura do pagode desta gentilidade, e val cada hum mais de quatrocentos reis, e o candil de hum quarteiraõ de trigo desta nossa terra? Deixemos a prata, que vem do Japaõ todos os annos na nossa Náo do trato, que lá vai; pois que a carga della toda se comuta por elle em barês, e montam mais de hum milhaõ de ouro. E da que vem da Persia, e de todos aquelles Reynos do Sertaõ á nossa Fortaleza de Ormuz a comprar todas as cousas, que da India vaõ em dez, e doze Náos, que chegam carregadas de drogas, roupas, aguila, sandalo, camphora, porcellanas, e outras muitas sortes de cousas ricas, que todas se comutam por larins, por cavallos, por alcatifas, damascos, brocados, e outras louçanias; que vos hei de dizer, senhores? Cança o entendimento em fallar nas riquezas do Oriente. Se naõ dizei-me: onde mandava ElRey Salomaõ suas Armadas a buscar ouro, e todas as mais cousas preciosas para o Templo; á India, ou a Africa? he seguido entre os Authores de melhor nota, que da Costa de Africa hia toda a immensa quantidade de ouro, que carregavaõ os Navios, que Salomaõ mandava de Esiongaber, hoje chamado Suez, porto pretencente ao Gran-Turco no Mar-Roxo (4. Reg. 1. 22.), e Moque conclue com outros, que este parecer se póde confirmar com a authoridade dos Setenta Interpretes, que traduzem Ophir por *Sophira* (*b*) (3. Reg. 9. 28.). Como as liquidas se mettem muitas vezes humas pelas outras, se póde colligir, que sahiaõ os Navios

(*a*) *Candil*, he medida, que corresponde a meia Tonelada.
(*b*) No manuscripto estava em lugar desta a palavra *Econtiga*.

vios desde Esiongaber, ou Suez a Sophala, que, segundo os Setenta, naõ differe muito de Sophira. E Thomás Lopes com outros na sua *Viagem da India* diz, que os habitadores de Sophala se louvam de ter livros do tempo de Salomaõ, e que os Israelitas navegavaõ todos os tres annos para estas partes, e que he dellas que tiravaõ todo o ouro. Holstenio sup. Ortelio., verbo *Ophir*, he do mesmo parecer, e diz que Ophir, ou Sophir, he o mesmo, e naõ he grande corrupçaõ a de tomar este Sophir por Sophala, visto a sua riqueza, e proximidade ao Mar-Roxo. (Anton. Vitré Tabul. Sacr. Geogr. Dapper., e outros) Pois por lá mais perto tinha aquellas Provincias, e mais á mão que as da India para mandar buscar estas riquezas, se as lá houvera. E que conquistáramos estes Reynos, que vos deraõ paõ, e vacca, como já disse; mas a India que nos dá, vós sabeis: deixemos aos Viso-Reys, e Governadores, e vamos aos Capitáes de Ormuz: tiram em tres annos duzentos, trezentos mil pardáos; Sophala pretence á Africa, Mombaça he tambem na mesma Costa; Malaca cem mil, Dio, Chaul setenta, oitenta mil, e o mesmo Mascate; huma viagem do Japaõ setenta, oitenta mil pardáos cada huma. E a este respeito todos os mais cargos da India. Mostrai-me aonde poderiaõ tirar de Africa em tres, em dez, nem em mais annos tanto, como da menor destas Fortalezas? E se me disserdes, como dizeis, que nenhum dinheiro desse que vem da India se logra, e que neste Reyno ha poucos Morgados, e casas feitas delle; a isso vos responderei, que elles tiram das Fortalezas tudo o que disse; e se o diabo lho leva pelos excessos que fazem, que culpa vos tenho eu? Contentem-se elles com menos, accolher-lho-ha o estomago, e naõ se queiram fartar tanto, que se ponham a risco de vomitar.

Ora authorizemos estas riquezas da India, mas lêde Arriano, Author Grego, e achareis, que só os direitos das fazendas da India, que lhes entravaõ pelo Estreito do Mar-Roxo, quando o Imperio do Egypto era dos Romanos lhes montava sete, ou oito milhões de ouro, e alli achareis nomeadas todas as sortes de roupas, drogas, pedraria, perolas, e todas mais louçanias que hiaõ do Oriente; e depois que aquelle Impe-

pe-

perio se perdeo, e veyo a poder de Soldões; quem os sustentava, e enriquecia, senaõ os mesmos direitos das fazendas da India? E depois que nos fizemos senhores della, e que lhes começámos a impedir o commercio que traziaõ pela via do Mar-Roxo, o sentíraõ tanto, que logo mandáraõ Embaixadores ao Papa, a requerer-lhe fizesse com os Reys de Portugal, que lhes naõ impedissem seu trato, é romagem da casa do seu Mafamede, se naõ, que destruiria a Casa santa de Jerusalem, o Santo Sepulchro, e todos os mais Lugares sagrados: e assim o Soldaõ, que naquelle tempo reinava, mandou logo á India para lançar os nossos fóra della aquella soberba Armada, de que foi por Capitão Mór Mirocem, a qual o valeroso Capitão, e Viso-Rey D. Francisco de Almeida destruio na barra de Dio; e depois dos Imperadores Othomanos ganharem aquelle Imperio, quanto trabalháraõ por nos deitar fóra da India, para lhes ficar aquella navegaçaõ, e rico commercio desimpedido? E assim em tempo do Governador Lopo Vaz de Sampayo naõ despedio contra nós huma poderosa Armada de Galés, que todas se consumíraõ antes de sahirem do Estreito do Mar-Roxo pelas differenças que seus Capitães tiveraõ entre si? Depois naõ mandáraõ setenta e tantas Gallés, Náos, e Galleões sobre Dio, sendo Nuno da Cunha Governador, que todas se recolhêraõ desbaratadas, e com mais das duas partes da gente morta, sobre terem por si todo o poder dos Reys do Oriente, que os convocáraõ em nosso damno? Depois quantas vezes mandáraõ outras Armadas, que todas se lhes perdêraõ, gastando nestas jornadas excessivas riquezas; porque os ciumes que tinhaõ das grandes da India, lhes fazia ter em pouco as despezas de seus thesouros? Ora já que alguns reprovam esta conquista, praza a Deos, que naõ juntem ainda os Reys da Europa isto que vós vituperais; como já tentáraõ alguns por industria de grandes Pilotos, que se lhes offerecêraõ a descubrir passagem por cima dos Lapones, de Gothia, e Norvegia, e de longo da costa Tartaria hirem descobrir sahida ao mar do Japaõ; pois o que tantos cubiçáraõ, e que vos compráraõ a pezo de ouro, estimais taõ pouco, que estais arrependidos de vos ter penhorado em cousa tamanha! Certo

que

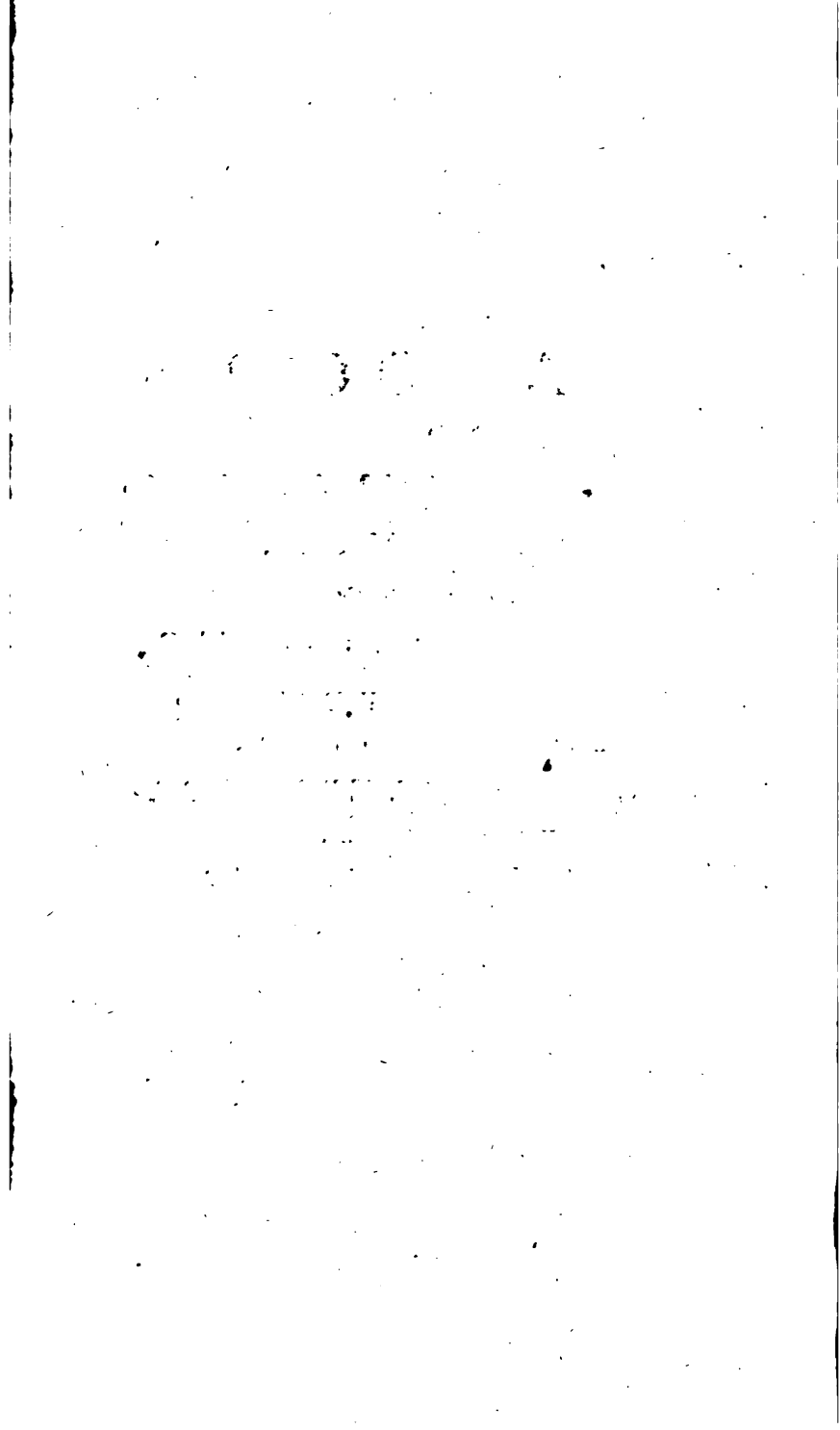
que os que isto estranham haviaõ de pôr os olhos em que este descubrimento foi mais por ordem Divina, que por industria humana. Que entendimento era capaz de alcançar, que dos ultimos fins do Ponente se podia ir a descubrir o principio do nascimenro do Sol, sem haver noticia do caminho, nem a que parte haviaõ de navegar, sem astrolabio, carta de marear, nem outros instrumentos nauticos, que depois se usáraõ? Naõ está por isto logo bem entendido, que Deos foi o Piloto, e que elle guiou o valeroso D. Vasco da Gama por hum caminho, que com hoje estar taõ sabido, e continuado, causa tamanho terror, e espanto? Com muita razaõ podemos dizer neste negocio, que nos tirou Deos do Egypto, e que nos trouxe a terra de promissaõ. Que mais bemaventurada terra, que aquella em que naõ houve nunca peste, fomes, frios, calmas, tudo taõ temperado, que naõ ha mais que desejar? Onde ha esta felicidade neste vosso Egypto em que estais? Lembro-vos quantos terremotos teve a India, achareis as ruinas, os sinaes do grande estrago que fizeraõ; vêde quantas pestes crueli{ss}imas, que de huma pancada só nesta Cidade de Lisboa morrêraõ della sessenta mil pessoas; quantas fomes, e miserias tendes padecido? Na India os mais puros, e excellentes ares do mundo, fruitas, aguas de fontes, e rios, as melhores, e mais salutiferas de toda a terra, paõ, cevada, todos os legumes, todas as hortaliças, gado grosso, e miudo, que póde sustentar o mundo, tudo o mais maravilhoso; o peyor que lá ha, somos nós, que fomos damnar a terra taõ maravilhosa com nossas mentiras, falsidades, burlas, trapaças, cubiças, injustiças, e outros vicios que callo. Ora dou-vos que deixasseis de conquistár a India, e que vos mettereis por essa Africa dentro; e se vos succedêra mal, e naõ viesse aquella conquista a effeito, que sería de tantos infinitos homens, como tem passado a este Estado? Por certo, que nos comeriamos cá huns a outros; e quando por derradeiro remedio quizesseis descubrir a India, quem vos disse que daria Deos a outro o que tinha guardado para Vasco da Gama?

Se fizereis resenha dos mimos que nosso Senhor fez ao Povo de Israel, quando o tirou do Egypto, e dos que nos fez a nós na passagem daquella terra da promis-

missaõ da India, acharemos que os nossos foraõ muito avantajados. Aquelles guiava-os de dia cubertos de nuvens contra a aspereza do Sol, e de noite com luminarias celestes; o mantimento era orvalho do Ceo, aquelle manná taõ precioso, que lhes sabía a tudo o que queriaõ: mas com estes mimos lhes deo outros trezentos mil descontos; que mayores? que em jornada de pouco mais de duzentas leguas os trouxe quarenta annos por desertos intrataveis, por caminhos perigosos, com sobresaltos de inimigos, pelos castigar com isso de ingratidões que usáraõ com o mesmo Deos, e o trocarem por hum bezerro, a quem fizeraõ adoraçaõ, que a elle se devia; e assim os castigou por isso, que de seiscentos mil, que sahiraõ do Egypto (isto só de homens que podiaõ tomar armas), só Josué, e Caleb entráraõ na terra de Promissaõ. Nós os Portuguezes naõ assim; porque como Deos nosso Senhor tinha determinado mandar dilatar, e prégar sua santa Ley por aquellas partes da India, e que os nossos fossem os Authores de cousa tamanha, que foi o mayor mimo, e mercê de todos os que fez aos Filhos de Israel, abrio-lhes caminho por meio desse Oceano por distancia de seis mil leguas em seis mezes de jornada, sem risco, nem perigo; porque as tres Náos que a isso foraõ, todas tornáraõ a este Reyno. Pois como quereis que hum Estado que Deos guardou para vosso só, o deixeis a inimigos da vossa Fé, que vo-lo teraõ a fraqueza, e pouquidade; e poderáõ cuidar os Gentios, e Mouros, que o Deos que adoramos naõ tem poder para nos sustentar nella, e que nós desconfiados delle, deixámos cousa tamanha, e taõ cubiçada de tantos Reys, e senhores do mundo.

Deixemos já as grandes riquezas que nos tem dado, as quaes naõ tem estimaçaõ; o que mais podemos estimar saõ as occasiões que nos Deos nosso Senhor deo naquellas partes, para polas grandes, e memoraveis victorias que nellas alcançámos, virmos a ser taõ temidos nellas, e taõ alevantados em fama entre todas as nações do mundo, que nos podem ter muitas invejas. A muitos deo a India muitos haveres, e riquezas; mui ricos homens foraõ della; mas em nenhuma das Historias achareis memoria feita destes, por mui alevantados que fossem em sangue, e dignidades; e muitos vereis de me-

mediano nascimento sublimados nellas por seus feitos; que lhes podem ter grandes invejas os mais ricos do mundo. Pois terra que vos deo tantas cousas, riquezas, e honra, ha a quem entre no pensamento, que será bom largar-se? Naõ o creyo certo, senaõ se for no de algum infernal inimigo de todo o bem, e honra: por isso, senhores, naõ temos que fallar neste negocio, que será caso contra a Divina Magestade, e poder-nos-ha castigar mui rijamente por largarmos tamanha jurisdicçaõ, como a Igreja Catholica Apostolica Romana tem por todas aquellas partes; porque se o Rey por largarem huma Fortaleza aos inimigos, ainda que se vejam sem remedio, manda cortar a cabeça a seu Capitaõ, e o ha por alevantado, e lhe confisca seus bens; que fará a quem largar tanta Fortaleza, tamanha terra, taõ grande Christandade? Por certo que os castigue até a quarta geraçaõ. Naõ fallo nisto mais; porque hey medo do Ceo; e assim dou tambem fim a este discurso, e nós o façamos tambem a esta conversaçaõ, por ser já tarde; e as outras materias ficaráõ para outro dia; e dem-me Vossas Mercês licença para me recolher.

# DIALOGO
## DO
# SOLDADO PRATICO
## PORTUGUEZ,
### COMPOSTO
## POR DIOGO DE COUTO,
### GUARDA MOR DA TORRE DO TOMBO
### DO ESTADO DA INDIA,
## ENTRE HUM GOVERNADOR
### NOVAMENTE ELEITO,
## E HUM SOLDADO ANTIGO.

# DIALOGO DO SOLDADO PRATICO PORTUGUEZ.

## PROEMIO DA OBRA.

Ui natural he aos homens quererem ſaber as couſas que eſtaõ por vir, em tanto, que muitos fracos na Fé, ou que carecem da verdadeira que devem ter, por niſſo conſeguirem ſeus máos deſejos, procuraõ por meyo do demonio alcançar o que a elles he occulto, e ſó a Deos convem ſaber; e como o demonio he pay da mentira, fazendo-ſe ſeus ſervos, e offendendo o Senhor, ficam ſempre enganados; porque o demonio todas as falſidades, que vende aos homens neſta vida enfarda-las em huma verdade pouco proveitoſa para que ſeja crido no mais, que faz ao ſeu máo propoſito a outros homens, que por querer alcançar, e ſaber couſas que naõ ſabem bem, pelas naõ terem nunca viſtas, nem praticadas, por virem a ter dellas verdadeira informaçaõ, trabalham effeituar ſeus deſejos por meyos de homens que as viraõ, tratáraõ, e praticáraõ, como ſe verá no preſente Tratado de hum Viſo-Rey, eleito no Reyno por S. Alteza para o governo do Eſtado da India, que por ſerem partes taõ remotas, e em que nunca fôra, deſejando ſaber della, e raſtejar a verdade de algumas couſas, que podiaõ-lhe ſer proveitoſas para o que cumpria a bem de ſeu

ſeu cargo, lhe correo á memoria, que por ninguem podia ſer ſatisfeito, conforme a ſeus deſejos, ſenaõ por hum Soldado ſeu ſervidor, que aquelle anno viera da India, nas quaes partes reſidira, e ſervira quarenta annos, com o qual já algumas vezes praticára, e entendêra delle ſer homem de muita experiencia na terra, aſſim nas couſas da guerra, como do governo, e fazenda de S. Mageſtade; e mandando hum pagem ſeu, que o foſſe chamar, o Soldado tambem, como ſeu ſervidor, tanto que ſoube que era eleito Viſo-Rey para a India, ao meſmo tempo que o mandava chamar, entrou pela porta a viſitallo, e dar-lhe os parabens da mercê que lhe era feita, ſe ella he tal que a merece, e ficou deſta maneira a couſa a propoſito para o que o Viſo-Rey deſejava ſaber do Soldado; e tanto que o teve de preſente, por eſtarem ſós, começou a praticar com elle o que queria, e o Soldado reſpondendo o que entendia nas couſas, que lhe eraõ perguntadas pelo Viſo-Rey, o qual começou, dizendo aſſim:

*Viſo-Rey.* Muito boa ſeja a voſſa vinda! aſſentai-vos: tomo a bom prodigio eſta voſſa viſitaçaõ a tal tempo; porque, como dizem, a mayor parte das couſas eſtaõ feitas no bom principio dellas: agora vos mandava chamar, porque temos muito que fallar em couſas que importam, que pela experiencia que ſei tendes dellas, comvoſco, antes que com outrem, as quero communicar.

*Soldado.* Naõ póde ſer mayor bemaventurança para my, que preſtar eu para ſervir a Voſſa Senhoria em alguma couſa, como foraõ ſempre meus deſejos.

*Viſ.* Agradeço-vos muito eſſa boa vontade, e aſſim tendes vós certo em mim o que cumprir a voſſa honra, e peſſoa quando me houverdes miſter, e agora dá o tempo de ſi poder-vos eu fazer alguma couſa.

*Sold.* Acreſcente Deos os dias da vida, e eſtado a V. S. para que ſempre faça mercês aos ſeus.

*Viſ.* O para que vos mandava agora chamar vos direi, e naõ me pezará terdelo em ſegredo por poucos dias, porque aſſim he neceſſario. ElRey noſſo ſenhor ha por ſeu ſerviço, que o vá ſervir por Viſo-Rey eſte anno, e me manda fazer preſtes minha peſſoa, e couſas que me ſaõ neceſſarias para a jornada, e tambem lhe dê

por

por apontamentos as cousas que para ella devem de prover, que cumprem a seu serviço: e porque sei muito certo; pela experiencia que tendes dessas partes, me podereis fallar, e fazer algumas lembranças proveitosas, vos rogo que tomeis este trabalho de me espertardes, e fazerdes, e lembrardes o que vos parece que me cumpre assim para o caminho, como para o mais da terra, porque em tudo folgarei de tomar vosso parecer; porque pelo amor que me tendes, me fallareis verdade.

*Sold.* Bom conselho houve em Roma; e bem se mostra nesta eleiçaõ, que tem nosso Senhor o coraçaõ de Sua Alteza nas mãos, pois o escolheo para o governo do Estado da India, e naõ de balde se diz: *Voz do Povo, voz de Deos*; porque já muitos dias ha que anda pelas praças, que vai V. S. á India: mayor parte desta cousa deve de vir de os homens lançarem seus juizos, como sempre costumam fazer, e naõ acharem neste Reyno pessoa que tenha as partes, que convem a quem ha de governar tamanho Estado, como V. S., em verdade, experiencia da guerra, muitas vezes Capitão no mar, e terra, muita renda, poucos filhos, amigo de Deos, e dos homens, e taõ apurado em bons costumes, que parece que os plantará de novo naquelles em que os naõ houver.

*Vis.* O mais de tudo o que dizeis, e o melhor he o que Deos nosso Senhor ha de pôr da sua parte em me aconselhar, ajudar, e favorecer, para que nas obrigações do cargo, faça seu santo serviço, e de Sua Alteza.

*Sold.* Ainda assim está certo que se naõ póde salvar V. S. com os homens da India; porque dizia Nuno da Cunha, que eraõ como os doentes de colera, que tinham os gostos taõ damnados, que tudo o que lhes davam a comer lhes amargava, posto que fosse assucar; e sabe Deos, que por ver a V. S. neste perigo naõ mostrei muito mayor contentamento com esta nova que me deo, por me fazer mercê; porque ainda naõ vi nenhum Viso-Rey, nem Governador, que se salvasse de ficar ou mal com os homens por amor delRey, ou com El-Rey por amor dos homens, como disse Affonso de Albuquerque quando, chegando á Barra de Goa, vindo dos Rios, lhe deraõ nova que tinha por successor Lo-

po Soares: mas ainda foi ditoso, que se accolheo á Igreja, e naõ andou por casas de escrivães, e procuradores, nem se vio prezo, nem sua fazenda tomada, nem por juizes de seus trabalhos, e serviços os homens que nunca os tiveraõ, como tem acontecido a muitos: por onde fará máo sizo o homem, a quem a colera, ou necessidade naõ for causa de tomar sobre si tamanha, e perigosa carga, como he o governo do Estado da India; e quando S. Alteza para isso o escolhe, escusa-se de acceitar taõ trabalhosa, e perigosa honra; porque a verdadeira honra mais está em merecella, que em possuilla.

*Vis.* He verdade o que dizeis; mas ahi naõ ha homem neste nosso Portugal, que naõ haja mister o Rey, e que lhe esteja bem naõ fazer o que lhe mandam, mayormente os que tem casa, e bens da Corôa, que querem que fique a seus filhos.

*Sold.* Assim he como V. S. diz: por onde está certo que sempre haverá quem acceite estes trabalhos, e quem os requeira; huns porque tem bens, outros porque os naõ tem, e os desejam; e por isso diz o Italiano: *Cosi va il mondo*: e querello emendar he a mayor graça das graças.

*Vis.* S. Alteza me manda fazer prestes quatro Náos das que andam nesta carreira, e duas novas, das quaes escolherei á que me melhor parecer para nella ir: e pois as tendes todas vistas, folgarei que me digais em qual dellas me devo embarcar; porque eu estou em tomar huma das novas, que mas gabam de grandes, e fortes.

*Sold.* Só Deos saberá disso escolher; mas eu da minha vontade em Náo que fez já viagem, e tem mostrado de si as condições, a que os homens do mar chamam *manhas*; porque á mulher para casar, e á Náo para se haver de embarcar, naõ he máo saber-lhas, se possivel for; e quanto ás Náos esta he a regra geral, e que dá muito descanço aos Officiaes, e passageiros, terem já experiencia della.

*Vis.* Assim he verdade, que tambem das Náos se requere experiencia para se haver de fiar dellas a pessoa na viagem do mar, como he necessario dos homens, de que algumas cousas se ham de fiar, ou encommendar.

Sold.

*Sold.* A das Náos he agora a que mais se procura, e naõ dos homens, porque neste tempo anda por senhora do campo, a adherencia, ou hum naõ sei que, a que chamam: *Por dar, dam*: donde vem, que do principal he o menos de que se trata; que naõ póde ser mayor cegueira no mundo, que nas cousas em que naõ vai, como he hum alfayate, hum sapateiro, e outros officiaes mechanicos, se naõ pôr tenda sem carta de examinaçaõ passada pelos juizes dos seus officios, estando na mão do povo servirem-se dos que melhor souberem fazer: e permittir-se aos homens pôr tendas de governar, e capitanear, *julgar* (*a*), e pastorear grandes póvos, que ham de manter em paz, e justiça, naõ tendo mais partes idoneas para os cargos que servem, que serem filhos de seus pays, ou criados dos que lhes houveraõ as mercês; e depois de acabarem, e terem feito o damno, tiraõ a pesquiza, que fôra melhor tiralla delles, antes de serem encarregados dos cargos, para que naõ eraõ: e porque este mal he já velho, curse o tempo, que he mestre de vicios. E quanto á sua embarcaçaõ, tome V. S. meu parecer, que tenho por bem; porque vi lá Náos mui mal escançadas, sepulturas dos homens, vasos de desastres; e podendo nomear muitas, sómente lembro a V. S. a Náo Flamenga, que ou por por peccados dos passageiros, ou pela Náo ser mal afortunada, das desaventuras, e trabalhos, que se nella passáraõ em duas viagens, que naõ acabou, se pudera fazer hum triste summario.

*Vis.* Ahi naõ ha boa, nem má fortuna, nem cousas mal escançadas; os máos, e os bons successos saõ os segredos de Deos, por que se obram as cousas como Elle ha por seu serviço; que sería erro querellas julgar pelas opiniões dos homens, que carecêraõ da verdadeira Fé, como foraõ os Gentios, donde descendemos, e nos ficou esta imaginaçaõ do máo dia, e do bom dia, e tomar agouro de algumas cousas, que naõ póde ser mayor abusaõ: mas com tudo em huma dessas Náos, direis qual vos melhor parecer, me embarcarei.

*Sold.*

(*a*) No manuscrito estava *vilgar*.

*Sold.* A Náo Santa Clara dizem que he agora o melhor páo da carreira; e nesta deve de ir V. S.

*Vis.* Sou contente, porque sempre fui amigo das cousas, ás quaes homens pöem bom nome.

*Sold.* Nella levará nosso Senhor a V. S. a salvamento, como todos desejamos.

## CAPITULO I.

### *Da Náo.*

*Vis.* POis já temos a Náo, que Piloto levarei comigo; porque tambem, como sabeis, nisto vai muito.

*Sold.* He verdade; mas venha o demo, e escolha entre estes que agora ha, que este Reyno está muito falto destes Officiaes, havendo nelle os melhores, que se podem achar em todo o mundo; e veyo esta falta de Pilotos, e homens do mar das muitas Náos que saõ perdidas nesta carreira, de annos para cá, por nossos peccados; mas dizia Domingos Fernandes, Piloto Genuez, que foi hum dos bons desta carreira, nas boas viagens que fazia, por naõ tirar o seu a seu dono, nem querendo sua gloria: *Deos as leva, Deos as traz.*

*Vis.* Visto está que sem Deos, nada he feito; mas os homens saõ obrigados em suas cousas pôrem sempre da sua parte, quanto for possivel, tudo aquillo que possa aproveitar nas cousas que ham de fazer, deixando o mais na mão de Deos, que em tudo disponha o que houver por seu serviço; assim tambem nisto eu, como homem, he razaõ que busque, e escolha o melhor Piloto, posto que Deos he o verdadeiro em todas as cousas.

*Sold.* Tudo tem V. S. em casa, porque o Piloto da mesma Náo, que foi, e veyo, he hum bom Official, e nesta conta o tem todos do seu mister; e tenho sabido outra bondade delle de homens, que com elle vieraõ, que naõ tem condiçaõ de marinheiro, que he esta tambem boa parte, que por ella lhe soffreria outras manqueiras que tivesse; porque estes homens se tem condiçaõ de marinheiro, he mais perigosa sua navega-

ção que hum olho de boi no Cabo da Boa-Esperança, se se toma com as vélas altas.

*Vis.* Que chamais vós *olho de boi*?

*Sold.* Naõ ouvio V. S. dizer de hum fuzil, que deo na volta do Cabo de Boa-Esperança na Armada de Pedro Alves Cabral, que por naõ amainar logo, por naõ terem experiencia delle, que tanto que dá naquella paragem, se ajunta hum tempo novo, e tormentoso, se perdêraõ quatro Náos, humas á vista das outras, e as que ficáraõ foi porque naõ levavaõ os traquetes de gavea, e as mezenas dadas; e deste desastre nasceo o aviso, que se dá por regimento, que naquella paragem naõ dem as Náos as vélas perigosas.

*Vis.* Em toda a parte he bom o resguardo, mayormente no mar; naõ digo eu essas vélas tomadas, mas nas que ficam ter para esse olho de boi mais olhos, do que se pintam a Argos; porque no mar cada hum he atalaya da sua vida, e a deve vigiar; porque naõ póde haver perigo que a todos naõ caiba sua parte: por onde de todos se deve tomar parecer nas cousas que for necessario, ao menos dos homens que forem para isso.

*Sold.* Isso he o que os Pilotos, e os Officiaes das Náos naõ soffrem, e naõ he mais necessario para se naõ fazer huma cousa, ou naõ se fazer bem feita (*a*), que haver homens que a lembrem, ou digam primeiro; porque o tomam logo em caso de honra, como homens que naõ sabem que cousa he honra, e fazem-se amoucos, mas que se perca a Náo.

*Vis.* Que quer dizer *amoucos*?

*Sold.* Homens que se determinam a morrer com matarem a todos os que puderem, como se costumam nas partes de Malaca, que chamam *amoucos* pela linguagem da terra.

*Vis.* Boas estam as vidas dos coitados dos homens postas nas mãos desses taes.

*Sold.* Por isso gabei a V. S. este Piloto, que naõ tem condiçaõ de marinheiro; porque os que acertam de a ter, tem-se mais trabalhos com elles, que com a jornada, por mais trabalhosa que seja. Ninguem lhe acertou á cara como Francisco Pereira Pestana, que vindo nesta carreyra, acertou de levar hum destes Pilotos

(*a*) No manuscrito estava: *para se fazer huma cousa naõ se fazer bem feita.*

tos rebelões; e porque S. Alteza condemna em trezentos cruzados o Capitaõ que injuriar Piloto, logo dante-mão lhos atou em huma bolça ao prepáo com huma meya haftea de lança groffa; e parece que para favor de feu direito lhe faria alguma oraçaõ, a qual aproveitou taõ pouco, que toda-via o bom do Piloto mereceo muito bem os trezentos cruzados, e que lhos naõ puderaõ os herdeiros tirar como propriedade, que foi vendida por menos de ametade do jufto preço.

*Vif.* Nunca lhe dôa a mão! huma doudice como effa, faz a muito Pilotos, e Meftres fefudos; porque em tudo hei de tomar voffo parecer, por naõ andar provando vinhos, quero que vá comigo effe Piloto, que na mefma Náo veyo.

*Sold.* Acerta V. S. muito niffo, e o tempo lhe deu por teftemunha; porque elle he Piloto agora hum dos melhores Officiaes defta carreira, e por effe o tem todos.

## CAPITULO V.

### *Pilotos de fobrefellente.* (a)

*Vif.* COftumam os Vifo-Reys levar comfigo Pilotos de fobrefellente; e hum Veador da Fazenda meu amigo, depois que fe moveo efta minha jornada, me diffe, que me havia de inculcar o melhor Piloto defte Reyno para ir comigo, o qual era grande efpherico, e que tinha alguns principios de Aftrologia, e homem que zombava de todos eftes outros que querem fallar na navegaçaõ, e que por fua mão fe emendavaõ agora as Cartas de marear.

*Sold.* Por bom preço o tem vendido a V. S.; deve fer coufa fua; e oufava apoftar, dizendo que he neceffario, para que vá, fallar-lhe S. Alteza a voffo requerimento, que de outra maneira naõ quererá ir; e por aqui trazem a agua ao moinho; e como for chamado de S. Alteza, verá V. S. como vende as fuas verças; por-

(a) Nefte Capitulo, e em os mais que fe feguem, eftava no manufcripto primeiro o argumento, que a palavra *Capitulo*.

porque hum homem destes, como se ha mister poucas vezes, quando vem o seu dia faz valer o seu foro mais que a propriedade; e se á mão vem, quererá nesta jornada ficar Cavalleiro de Christo com lhe lançar S. Alteza o Hábito, porque ha já mais destes, dos que se achárao nos desbarates dos Alcaides Sesta feira d'Endoenças com D. Joaõ de Menezes, e com o Conde de Borba no cerco de Arzilla; e porque se nunca diz, que para bem saberem as cousas ha mister mais que sabellas, eu naõ sou nada amigo destes Pilotos das pousadas, destes que tem grandes mappamundos, e que cuidam que trazem a esphera mettida no bucho; que de olharem sempre para o Sol, e para a Lua, e para ás Estrellas, e os Ceos donde correm, dam mais topada, que huma besta que embica; e nunca vi a nenhum destes em Não, que se naõ perdesse como o Grão Joaõ de Lisboa, e o Barbosa; tambem estes eraõ Cavalleiros de Christo, e chamavaõ-se Deoses do mar, e sempre deraõ com as Nãos em terra, donde perdêraõ as vidas juntamente com muitos, e as fazendas: eu sou muito amigo de Pilotos para o mar, que comecem nellas de pagens a grumetes, e de grumetes a marinheiros, e dahi só subindo por seu curso até chegar de grão Mestre a Piloto, porque a experiencia destes he hum saber vivo, e naõ pintado conhecimento, da terra, do mar, das aves, dos sargaços, das trombetas, dos lobos, do Cabo de Boa Esperança, e dos fundos donde lançam seus prumos, das aguas marcadas, das Costas; até os peixes que correm com a Não, os que pescam lhes servem para informaçaõ de sua viagem, e da paragem aonde estam, e quando se fazem com Ilhas, ou baixos, naõ sómente pela altura, e caminho que fazem, sabem se lhes ficam a barlavento, se a sotavento, mas ainda do caminho que fazem ás vezes sobre a terra se aproveitam para o saber, e a outras cousas que, por naõ enfadar a V. S., deixo de dizer, de que esse grão Piloto, de que dizem a V. S., naõ deve ter nenhuma experiencia, e se he tal como lhe dizem, que o haveria por mais necessario neste Reyno para a determinaçaõ da demarcaçaõ de Maluco, que homens, e Pilotos, que queiram vender leguas ao seu Rey, e fizeraõ por força rematar em limites alheyos, estando nos nossos.

Vis.

*Vis.* E eu creyo que me naõ he necessario para minha viagem; mas tenho entendido deste meu amigo, que tem obrigaçaõ a este homem, e que se quer ajudar de mim nesta conjuncçaõ de tempo para o negociar á vontade; como suspeito isto, pois terá de pôr o mais de sua parte, naõ me dá nada fazerem o necessario para o que lhe a elle cumpre, e porei de minha casa o que puder com S. Alteza; porque, como dizem, *faze-me a barba, far-te-hei o topete.*

*Sold.* Dessa maneira vá muito embora, que para a jornada de V. S. eu o tenho por desnecessario; porque a cousa que mais damno faz na guerra, e na tormenta, he o mandarem muitos.

## CAPITULO III.

### *Do Secretario do Viso-Rey.*

*Vis.* E Eu hei de levar Secretario comigo; e queria que provesse S. Alteza deste cargo, por ser taõ junto a mim, hum homem da minha obrigaçaõ, e que vive com S. Alteza em fôro honrado, e que teve todas as partes que convem á serventia do cargo, que nelle cabe muito bem, senaõ houverem por impedimento ser da minha appresentaçaõ, e cousa minha.

*Sold.* Algum tanto se ha de pôr os olhos nisso; mas para V. S. naõ haverá caso forte; e se S. Alteza lhe faz essa mercê, faz o que se naõ fez a ninguem, senaõ a D. Duarte de Menezes, segundo minha lembrança, e Nuno da Cunha; e destes parece que ficou na opiniaõ de alguns máos de contentar, que naõ era serviço de S. Alteza os taes homens da obrigaçaõ, e sevadeira dos Viso-Reys, e Governadores, a qual Ley se naõ guardou no Viso-Rey D. Pedro: ainda que nisto ha homens da contraria opiniaõ, dando por razaõ, que he cousa mui necessaria em hum Viso-Rey servir-se de Secretario que lhe tenha obrigaçaõ, e mais amor, que o seu interesse, para lhe fallar verdade desenganado nas cousas que houver de fazer, como Official que ha de servir do fiel da balança

ça dos negocios; porque hum Viso-Rey he homem de carne, e naõ divino, e póde errar, e acertar, segundo a informaçaõ que tiver dellas, naõ póde ser taõ universal em tudo ao menos nos primeiros annos; para o que lhe he necessario hum Secretario, que, além de ser cousa sua, tenha experiencia da terra, e dos negocios della, e que conheça os homens, e as qualidades, e serviços seus, e que, como homem que anda pela praça, ouça ó que diz, para delles se poder aproveitar em seu serviço quando cumpre, e desta maneira naõ se poderá errar o negocio, e naõ correrá por informações de homens suspeitosos, e certidões de outros, que as passam mais por fazer em suas pessoas, que por nellas fallar verdade: o Viso-Rey mette-se em huma camara só com o Secretario ao despacho, e quando elle naõ he o que deve ser, do despacho ficam as gagens, e o Viso-Rey com o descredito, e culpas de mal feito, em que ás vezes tem tanta culpa, como El-Rey de Aragaõ, sem haver na cousa emenda, porque *guarde-vos Deos defeito he.*

*Vis.* Eu naõ poderei quando bem me estiver ter comigo quem me desengane, se os requerimentos saõ justos, honestos, ou prejudiciaes ao serviço de S. Alteza?

*Sold.* Ainda isso naõ hei por seguro, porque ha homens taõ previstos nos negocios, que ajuntam as figuras que lhes servem; o peyor he que logo o Secretario se ha de guardar de V. S., dizendo, que o desacredita, e que lhe toma o seu officio, e a sua honra, e que ao seu despacho naõ ha de estar ninguem, que se ha de fiar delle o que S. Alteza fiou, porque estando só poderá fazer seu officio, e fallar verdade do mal, ou bem dos homens em segredo para naõ ganhar inimigos; finalmente saõ taõ ciosos nisto, e nas outras cousas que calo, que ham que lhes faz hum Viso-Rey injúria se despacha huma petiçaõ por si sem dizer á parte: *Dhi-a ao Secretario, que me falle*; e faz-lhe disso peccado; e eu haveria por virtude despachar as partes no joelho; mas o moinho andando ganha, e estes homens naõ se contentam com doze mil reis que tem de ordenado, afóra os percalços que tem de sua escriptura, que importa muito; e outras mercês de batriz, e alvitres; porque quem mais perto está do fogo, mais azinha se aquenta, sempre põe os olhos no que tiraraõ do cargo

go os paſſados, e naõ querem ver ſe foi mal, ou bem levado.

*Kiſ.* Se o Secretario que ſervir comigo levar peitas, e naõ cumprir com a obrigaçaõ do ſeu cargo, como he razaõ, naõ caſtigarei aos Officiaes da juſtiça, e fazenda, que o meſmo fizerem?

*Sold.* Quem diz a V. S. que o naõ póde fazer? mas no tempo de agora mais ſaõ os males que ſe diſſimulam, que os que ſe caſtigam; porque ás vezes val mais a deſculpa dos culpados, que a verdade dos leaes; o que fazeis por virtude, fazem entender que o fazeis por odio, ou outro máo reſpeito; quanto mais que os Officiaes deſte tempo tem dado hum entendimento a eſte nome *peitas*, que lhe naõ dera melhor Bartholo para favor de ſeu direito: cnido que eſtá provado pelos Padres Confeſſores da Companhia, que ſaõ os mais rigoroſos que agora ha em caſos de reſtituiçaõ; porque diz o Italiano: *fata la Lege, penſata la malicia*; e dizem, que peita ſe entende a que ſe toma da parte antes de a deſpachar, e concerto que com ella fazeis por ſeu deſpacho; mas ſe eſtas duas couſas naõ intervierem no negocio, ſe a parte foi deſpachada ſimpleſmente, e á boa fé lhe foi feita mercê; porque o mereceo a Deos, ou a S. Alteza, póde muito bem, depois de deſpachada a parte, gratificar, e agradecer ao Deſpachador o beneficio recebido, e que ſe o naõ fizer ſerá havido por ingrato, e máo homem da Côrte, e tem por couſa averiguada, que bem póde huma parte dar huma peça que valha vinte cruzados a hum Secretario pelo papel que lhe fez, do que ha de lavar huma tanga; pois ſabe o que delle ha de pagar, ſenaõ eſcreveo niſſo engano, e ſe dera a tanga naõ lhe pediraõ mais; donde he de crer, que o mais que ha, he de ſua liberdade, e liberal vontade, e que o faz por deixar as rodas untadas para lhe correr melhor outro negocio quando o tiver; porque ſe aſſim naõ fez, dam por razaõ, que ſaõ os gaſtos grandes, e que ſerviraõ os cargos pelo governo ſómente, e naõ tem eſpadas de ouro, barriz, e gomiz de prata, anneis de diamantes, alcatifas ricas, colxas de ſeda, e outras peças, que ſaõ taõ boas, como o dinheiro de contado, onde ſe naõ toma por ſer couſa vilá, e baixa; mas eu os deſculpo, por quam agradecidos, e obrigados

dos ficam ás pessoas de que allegam cousas, e recebem; porque se saõ Capitães, e pessoas ausentes, lhe fica o Secretario servindo ante o Viso-Rey de procurador bastante, quantas vezes os avisaõ de cousas importantes á sua honra, e fazenda, e por serem segredos de justiça naõ deviaõ descubrir.

*Vis.* Naõ me espanto de nada do que me dizeis, porque mayores milagres do que esse, faz o rapaz do interesse em homens cubiçosos; e assim que sois de parecer, que mais ha de ter o Secretario para o que cumprir á minha honra, que ser cousa minha, e naõ me parece mal; mas tudo isto se alcança em tres dias, e eu da minha parte irei entendendo tambem a terra, e os negocios della; que assim foraõ todas as cousas; que a experiencia naõ nasceo com os homens, os tempos, e os negocios lha deraõ.

*Sold.* Em tres dias? oxalá em tres annos! e assim ireis onde o vereis; porque eu espero a V. S. no cabo de seu tempo dizer outra cousa bem differente: porque o Viso-Rey D. Affonso creado foi na Corte dos Reys, e Capitaõ nas guerras, e que sempre mandou; e disse, estando por Viso-Rey na India quando chegou: » Agora posso dizer, que me tira o Viso-Rey o go- » verno da India, porque se mais cedo viera, tirára-o » a Simaõ Ferreira, e a Vasco da Cunha, e a outros » que me aconselharaõ: » e assim he, que naõ permittem nossos peccados que nos governem os Viso-Reys mais tempo, que aquelle que o fazem com o saber alhêo, e como entendem a terra; e os negocios della, e sabem os merecimentos dos homens, e o para que podem prestar, e servir, os mandaõ vir, como D. Affonso queria dizer nas palavras que disse.

*Vis.* Parece-me que estou vendo isso que me dizeis com os olhos; mas ha cousas no mundo que naõ tem remedio, nem soffrem emenda, e he louquice querer acudir a males alhêos com perigos proprios; passarei por os trabalhos que passáraõ os outros.

*Sold.* Porque naõ lhe pareça que vai nisso mais, que o gosto de ser servido de cousa sua, porque á custa da Fazenda de S. Alteza, faça V. S. do Secretario que levar mais que seu; e o tempo lhe dou por testemunha (*a*).

M CA-

---

(*a*) He fielmente como se achava no manuscripto.

## CAPITULO IV.

### *Do Ouvidor Geral da India.*

*Vis.* HA-se de prover o Ouvidor Geral para levar comigo.

*Sold.* Veja V. S. o homem que lhe dam para servir nesse cargo, porque he muito importante por ser o principal da justiça, e que ha de correr com elle nos despachos, em que tanto vai, como saõ vida, e fazenda dos homens, pelo que deve trabalhar, que se dê a pessoa o cargo a quem bem esteja por sua authoridade, vida, e bons costumes.

*Vis.* Eu tenho obrigaçaõ a hum Letrado neste Reyno, a que sempre encommendei minhas cousas, e mas fez com muito cuidado, e amor, e cuido que por isso nunca lhe fartei a mulla de cevada, e sinto nelle que deseja ir comigo, e já por duas vezes mo tem recommendado; mas quer ir honrado, e acreditado, e fazme crer por boas razões, que cumpre a minha consciencia servir-me delle neste cargo de Ouvidor Geral, e pedillo a S. Alteza; porque assim como até aqui teve cuidado de minha fazenda, o espera de ter de minha alma, e ouvirá na administraçaõ da justiça que me he recommendada.

*Sold.* Os cargos desta calidade naõ saõ os que se ham de pedir, nem requerer; mas antes com muito cuidado o Principe deve buscar homens para elles, que tenham letras, e idade, e bons costumes, e conhecidos por tementes a Deos; e que em outros casos semelhantes fossem já encarregados neste Reyno, e dessem boa conta delles, e mostra de si; e sabe V. S., em quanto isto tenho, que seria de parecer, que andasse sempre este cargo em pessoas que S. Alteza tivesse conta, e esperasse fazer-lhes muitas honras, e mercês.

*Vis.* Pois este meu amigo, a que faltam algumas cousas que dizeis, sem azas salta do chaõ para o poleiro de Procurador, para Ouvidor Geral da India, e cuido que nunca se ElRey servio delle senaõ huma vez; por con-

tem-

templaçaõ de hum Desembargador do Paço, o mandáraõ á Chamusca, a tirar huma devassa de hum, que por querer mal a hum seu vizinho, de noite lhe arrancou hum, ou dous enxertos, que tinha plantados.

*Sold.* Segundo alguns Letrados saõ desarrazoados, pelos favorecer o tempo, havia de dizer, que nessa jornada fez tanto serviço a S. Alteza, que merece que o façam Chanceller do Reyno. ElRey naõ sabe mais disso do que se faz na China, porque Letrados, e se cá isto for, e que vivem de procuratorio, naõ ham por honra andarem debaixo das abas dos Desembargadores do Paço, e Casa da Supplicaçaõ, e Fazenda, e de serem seus cativos; donde vem, que como S. Alteza ha de mandar fazer algumas diligencias que cumpre a seu serviço, cada hum destes senhores appresentam o seu, e chega a braza á sua sardinha, porque lhe servem de ninho de guincho, com que tem a casa chêa de patos, e chacina das marrans, e presentes da Beira, e outras cousas que dá a terra; e como nos cargos se mostram homens de prol; e prendêraõ hum ladraõ, que na feira furtou hum asno, e correraõ no alcance a outros, o qual o mettêraõ em casa do Prior de Rates, que por lhe resistir o houveram por emprazado, e mandáraõ os autos á Corte; ficam desta cavalgada para tanto, que lhes parece que lhes deve ser dado lugar de Desembargador, ainda que entrem no Desembargo para o dia de S. Seteijo, com os cargos da justiça da India estam pedindo huns de mais bico revolto, por todos serem de muito negocio, e importancia, e em que os providos delles se fazem ricos em pouco tempo.

*Vis.* Pois naõ saõ os officios da justiça para se adquirir com elles dinheiro, nem enriquecer, se naõ se fizerem della fazenda para a vender a quem a ha mister.

*Sold.* Naõ poderei dizer com verdade, que esse trato tenham os Officiaes da justiça da India; mas como tenham grossas ordinarias, e a terra consente serem todos mercadores da solosa até o grou, fazem suas fazendas, respondendo-lhes seus empregos melhor, que aos outros homens pela necessidade que delles podem ter os que lhos feitorizam.

*Vis.* Nem isto tenho por taõ bom, como vos a vós pa-

rece, que póde ser; porque naturalmente os homens que fazem fazendas, quer suas, quer alhêas, sempre tem contendas, e demandas, que determinam por justiça, e naõ seraõ bons Juizes, nem daraõ sentença contra a Fazenda do homem que lhes feitorizou a sua, e lha acrescentou.

*Sold.* Nisso quero ter parecer, porque he em caso de consciencias alhêas: mas no requerimento do cargo para este seu Ouvidor naõ deve V. S. de pezar o tempo em cousas que lhe naõ sahiráõ á vontade, e deve trazer homem comsigo, que lá lhe fará mercê; porque o tempo tem muito que andar, e vá de cá intitulado por Licenciado do Visó-Rey, e tenha algumas horas de só com elle, para o acreditar com a gente da terra; e no mar faça-o Ouvidor da Náo, para lhe naõ esquecer o officio, como diz que aconteceo a hum cozinheiro do Marquez; e lá na India o fará Juiz em casos de suspensões, e mandallo-ha tirar residencias de Fortalezas, e assim o irá honrando, de maneira, que virá julgar na Meza grande, e poder-lhe-ha V. S. fazer mercê da Ouvidoria de Malaca, ou de Ormuz, que saõ as mais proveitosas; e ainda isto he pouco para o de que póde servir com favor de V. S.; e com isso lhe será melhor, que a serventia de Ouvidor Geral, e outros cargos da Meza grande, que estaõ ao presente providos em homens de muitos merecimentos, e acreditados na terra, e de muita experiencia nos negocios della, e que de si tem dadó em tudo mui boa conta; que por serem taes fôra proveitoso á terra naõ haver mudança nelles, porque huma verdade quero que saiba V. S. de mim, que os Officiaes de justiça em seus cargos, e Religiosos em seus habitos, em nenhuma parte do mundo ha outros que lhes façam a ventagem em cumprirem com suas obrigações, conforme ellas; porque se o contrario fôra, a terra he taõ pequena, que tudo se sabe, e os homens da India saõ taes, que nem a si perdoam.

*Vis.* Parece-me que me aconselhais bem, e fallais desenganado; porque naõ he de minha profissaõ de escolher, nem apresentar a S. Alteza homens para cargo de julgar: levallo-hei como me dizeis; lá tudo se fará bem, que naõ tenho juizo sobre mim; e quando o mal fôr muito, no primeiro regozilho de guerra, fa-

lo-hei Capitão de huma bandeira, que me naõ engeitará com dizer, que as letras naõ despontam o ferro da lança; porque ahi naõ ha nenhum Letrado taõ observante em sua profissaõ, que naõ queira ter huns artafins de Cavalleiro; e dizem que neste tempo naõ ha taõ illustres Capitães, como houve nos passados; porque naõ saõ juntamente Cavalleiros, e Letrados, como Cesar, e outros.

*Sold.* Naõ estam de má opiniaõ os que essa tem; se o Letrado tiver tanto curso nas armas, como nas letras, que se possa chamar Doutor juntamente *in utroque*.

## CAPITULO V.

### *Do Veador da Fazenda Geral da India.*

*Vis.* O Veador Geral da Fazenda da India, sois de parecer, que o mande S. Alteza deste Reyno provído, como se já fez algumas vezes?

*Sold.* Darei nisto meu parecer a V. S.; mas ha de ser com a condiçaõ, que ha de crer de mim, que o mal, ou bem que nisso disser, naõ he o contrario do que sinto, e entendo. Os Veadores da Fazenda, que deste Reyno foraõ provídos, nunca os vi na India fazer das pedras pam, se naõ foi para si. Affonso Mexia de Sousa parecia dos homens que cumpriaõ com as obrigações de seus cargos o tempo que serviraõ: e naõ haveria por inconveniente ir deste Reyno provído Veador da Fazenda, se a pessoa que o for tiver as partes que convem á serventia do cargo, em ser homem limpo, e abastado, e approvado em sua vida, que servisse cargos da Fazenda para dos negocios ter alguma experiencia, que he o melhor de todas as cousas; e que naõ seja filho de homem de baixa maneira, porque hum destes tira ao cargo a mayor parte da preeminencia, e acatamento, que S. Alteza quer que lhe tenhaõ; porque os homens da India saõ largos no viver, e no fallar; e tambem se acertar de ser pratico nas cousas da Fazenda; põe todo o negocio della nas Leys de Roma, e convertem a recadaçaõ em pleitos,

e de-

e demandas; e gaſtam mais papel em Regimentos, do que ha em Veneza; donde, por ſeguirem ſua natureza, vem a dar mais oppreſsões aos homens, que proveito á Fazenda de S. Alteza.

*Viſ.* Como aſſim! he verdade que os homens de baixa calidade ſerviraõ já eſſes cargos na India?

*Sold.* Eu naõ trato de fallar em prejuizo de partes: ſe iſſo quer ſaber, ſeja de outrem, e naõ de mim.

*Viſ.* Pois tambem vos quero eu dizer huma verdade: os homens, que tiverem as partes boas, quaes dizeis, naõ quereráõ ir á India, ſe naõ ſe forem mal aconſelhados; porque cá no Reyno tambem ha em que Sua Alteza ſe ſirva delles, e naõ quereráõ paſſar os trabalhos, e perigos do mar, afóra os que lá ham de ter com a obrigaçaõ do cargo; ſenaõ ſe S. Alteza lhes der por iſſo tanto, que lhes cuſte mais o carreto, do que val o proprio, couſa que de outra maneira faraõ máo ſizo de irem á India.

*Sold.* Pois, ſenhor, os que para iſſo ſe ham de offerecer, ou requerer o cargo, naõ lhes aparo, nem lhes vou, e aceitallos-hia de má vontade; porque naõ vaõ a outro fim, ſenaõ a buſcar dinheiro; e os que o buſcam, poucas vezes fazem o que devem, e o cargo he de calidade, que quem o houver de ſervir com pôr os olhos no intereſſe, e naõ na honra, e mercê, que ſe lhe fará ſervindo bem, naõ póde fazer o que deve ao proveito de Deos, e de S. Alteza, e bem das partes, como he obrigado; e por tirar eſtes inconvenientes, devia S. Alteza de deixar o provimento deſte cargo para os Viſo-Reys o proverem na India em homens de boas calidades, abaſtados, e experimentados nos negocios da terra, e acreditados nella, que os haverá para iſſo, porque deſtes taes ſerá melhor ElRey ſervido delle; e tambem fica licença a hum Viſo-Rey quando fizerem o que naõ devem para pagar-lhes ſua ſoldada, e dizer-lhes que ſe vaõ embora, e pôr-lhes ramalho, como em atolleiro, o que naõ poderá fazer aos que de cá forem providos; porque o Governador Lopo Soares quiz fazer huma couſa como eſta em ſeu tempo, com razaõ, ou ſem ella, a hum Veador da Fazenda, e cuſtou-lhe caro; porque os Governadores eſtam ſervindo na India; e naõ podem andar encadernados ás culpas que ſeus inimigos lhes pöem neſte

Rey-

Reyno para se desculparem dellas, e naõ ha já ninguem taõ virtuoso, e zeloso da justiça, que a queira fazer, sabendo que ha de passar por isso persegulções; mas algumas vezes acontece fazerem-se ambos de huma consciencia o lobo, e a golpelha, e tudo isto acontece por culpa delRey, que he o cavide, donde todas as culpas do mal feito se dependuram; porque os homens sezudos, a que he pouquice chorar males alhêos, conformam-se com o tempo, e fazem muitas vezes o que podem, e naõ o que entendem; porque naõ querem que se diga por elles: *Por bem fazer mal haver.*

*Vis.* Naõ estais de máo parecer, e cuido que se tem por bom, e que se querem aproveitar delle, para que ande este cargo sempre em homens da India, de que S. Alteza tenha informaçaõ, que saõ aptos para isso.

*Sold.* Ainda isso naõ he o que eu approvo; porque ás vezes essas informações saõ más, ou boas, segundo cada hum tem amigos em Palacio, e *de longas vias, longas mentiras*; e de algumas cousas feitas desta maneira vi eu já na India fazer mais espanto, do que fazer tremer a terra, por verem homens providos de cargos por essas informações, para que elles eraõ menos do que eu sou para Duque de Veneza, e assim o mostráraõ no tempo que serviraõ mal, e foraõ tomados em muitas fraquezas, e erros, que a morte delles, e o tempo lhes descubrio, e por isso bom seria o provimento deste cargo ser dos Viso-Reys; porque de mais perto, e com melhor informaçaõ, encarreguem delle pessoa que seja para isso, pois ha de ser o principal que o ha de ajudar nos trabalhos; mas isto ha de ser á condiçaõ que pois S. Alteza o naõ proveo por naõ errar, que naõ errem os Viso-Reys no provimento delle, e naõ queiram ser como hum Governador que eu vi, que provendo de Veador da Fazenda a hum homem, que lhe foi estranhado por naõ ter calidades para o cargo, dizem que respondeo: » Se naõ » for bom para Veador da Fazenda delRey, selo-ha » para a minha: » e se isto assim ha de ser, melhor soffreráõ os homens os erros do seu Rey, porque he fazenda sua, que naõ os erros dos Governadores, e Viso-Reys, quando nas cousas naõ cumprem com sua obri-

obrigaçaõ; conforme ao serviço de Deos, e de S. Alteza.

*Vis.* Taõ pequena alçada quereis que tenha hum Viso-Rey, que naõ possa fazer hum Veador da Fazenda á sua vontade, e homem que elle folgue de honrar?

*Sold.* Eu naõ lhe tiro o poder, senaõ que o faça, e que seja bem feito, quanto nelle for possivel, sem ter outro respeito senaõ ao serviço de S. Alteza, e naõ dar orelhas a rogos de Prelados, e ajudas de Religiosos, que no provimento de hum cargo destes, ou de outro semelhante a estes que vagam, andam mais negociados, que na festa do dia do Santo do seu hábito.

*Vis.* Que he o que me dizeis? tambem lá ha essas invençóes? já lá chega essa enfermidade?

*Sod.* Pois de que mal morrem os Viso-Reys, senaõ de naõ serem senhores de si, nem de seu parecer? porque ainda o cargo naõ vaga quando achareis mais homens em casa dos Prelados, e nas claustras dos Mosteiros, do que se achaõ para confissões em hum Jubileo, e naõ sómente para cargos, mas já naõ ha ahi negocios, que naõ corram por elles; porque suas caridades, e virtudes naõ se sabem despedir das importunaçóes dos homens mal attentados, e sobejos, que querem negociar seus máos negocios por servos de Deos.

*Vis.* Bem aviado logo vou eu com elles, que sou de minha condiçaõ mui pouco amigo dessas invençóes; e maneira de negociar!

*Sold.* Eu darei a V. S. hum muito bom remedio para se livrar destes trabalhos, de que se aproveitou o mais sezudo Viso-Rey, que nunca foi á India, que foi Dom Pedro Mascarenhas; sabe V. S. que fez? tanto que chegou á India, e se vio perseguido de requerimentos de Religiosos, e Prelados; que lhe traziaõ mais petiçóes, que o Secretario; como os teve juntos todos, fez-lhes huma falladinha, da qual era a substancia: que o encommendassem a Deos em suas oraçóes, e lhe deixassem servir seu cargo, de que havia de dar conta a Deos, e a seu Rey; e que lhe naõ appresentassem petiçóes, nem fallassem em negocios, nem em confirmaçóes de cargos, nem provimento de outros, que só-

men-

mente lhe requereſſem o neceſſario para o provimento de ſuas couſas, e obras, porque o faria de muito boa vontade; e o mais promettia naõ fazer, nem lhes dar para iſſo entrada em ſua caſa.

*Viſ.* E como tomáraõ elles iſſo? Naſceo dahi algum eſcandalo?

*Sold.* Mas agradecêraõ-lho muito; e aſſim como o pedio, aſſim o fizeraõ; porque já diſſe a V. S., que forçados das importunações dos homens ſe mettem em negocios, de que lhes vem ſerem havidos por importunos.

*Viſ.* Porque naõ fazem os Viſo-Reys o que fez D. Pedro Maſcarenhas?

*Sold.* Porque os mais delles cuidam que o mal, e o bem eſtá no contentamento, que elles ham de ter ás Ordens, e do que ham de eſcrever a S. Alteza.

*Viſ.* Deſſa maneira vai a couſa? bem negociado eſtou eu!

*Sold.* Melhor o ham de elles ſer de V. S., porque lhes ha de fazer a vontade em tudo o que quizerem; e ſe naõ nunca lhe falta na caſa de hum Regedor cortezaõ com que ſe vinguem no pulpito, onde eu vi já Prégador taõ ſolto, que dous ſermões daquella ſorte baſtavaõ para ſe fazer hum motim de gente de outra naçaõ, que naõ fôra Portugueza.

*Viſ.* Em que tempo de que Governador foi iſſo?

*Sold.* A muitos aconteceo; mas póde V. S. crer, que naõ era no de Martim Affonſo, porque era juriſdicçaõ, e Governador, e Papa; e bem o moſtrou em como ſe houve com o Cuſtodio de S. Franciſco em Goa.

*Viſ.* Ainda agora haverá no mundo, quando cumprir, outro Martinho Affonſo; e confeſſo-vos, que ſe me altera o pulſo, e que eſtou eſquentado do que vos tenho ouvido.

*Sold.* Naõ comece V. S. logo de cá a ſentir os trabalhos que na India ha de ter; porque eu tenho os Religioſos por taes, que naõ ha de poder viver ſem elles, e que ha de folgar de em tudo lhes fazer a vontade em obras, e palavras, e ainda os naõ ha de acabar de contar; porque eſtando o Conde Viſo-Rey em Cochim ſe pôz interdicto na Sé de portas fechadas por tardarem aos Padres com ſeu pagamento, por falta de dinheiro, e naõ de boas palavras, e promeſſas do Conde

de

de Viso-Rey, que lhes pagaria do primeiro que houvesse; e quando os soldados virão as portas da Sé fechadas tantos dias, e a razão porque, dizião: » Porque nos não amotinaremos quando nos tardar com a » paga, pois o fazem Conegos, que tem melhor de » comer do que nós. »

*Vis.* Como se houve o Conde Viso-Rey com esse máo ensino?

*Sold.* Como filho de seu pay, e como homem a que Deos deo tanto saber, e galanteria, que em nada pôde errar; que lançando a cousa a zombaria, com graças os envergonhou de maneira, que se lhes vierão lançar aos pés, e pedir perdão com o Bispo; que me parece, que se contasse a V. S. por extenso a cousa como passou, de contentamento se lhe iria a febre, que diz que tem.

*Vis.* Creyo isso, e muito mais pelo que sei delle; mas porque não percamos o tempo, nem pervertamos a substancia do nosso negocio, tornemos a elle. Eu no vosso parecer estou na cerca do provimento do cargo de Veador geral da Fazenda, e assim o espero dizer a S. Alteza, quando for tempo para isso.

*Sold.* Creyo que muitos achará V. S. desse meu parecer, que tenho por bom, sob reverencia daquelles que o melhor entenderem.

## *Do Veador das Fazendas das Fortalezas.*

*Vis.* Pois já temos concluido, dizei-me: os Veadores da Fazenda que andam pelas Fortalezas, ha differentes opiniões se he serviço de S. Alteza havellos ahi; e porque me achei já nesta pratica, folgarei de saber de vós, do que parecer estais nesta causa.

*Sold.* Tambem V. S. quer que esses martyres tenbam dia de que se faça commemoração delles: direi nisso o meu parecer, mui confiado que hei de achar muitos do meu voto, como não forem pessoas suspeitas: V. S. ha de ter por muito certo, que as cousas que Martim Affonso de Sousa, sendo Governador, approvou boas, e proveitosas á Fazenda de S. Alteza, que o são real-

men-

mente; porque além do bom saber que Deos lhe deo em tudo, e a experiencia que tinha da terra, foi discipulo de Nuno da Cunha, com que se póde allegar em todas as cousas bem ordenadas da Fazenda, como com S. Paulo na Igreja de Deos: elle se servio delles, e os achou proveitosos para o descuido dos Feitores, e ousadias do Capitão, e prejuizo da Fazenda de S. Alteza, de que huns, e outros faziaõ como sua, e acudiaõ mal ás necessidades do Estado, cuja carga carrega sobre os Viso-Reys: por onde dizia Martim Affonso, que para ElRey ter fazenda na India havia de ter muitos para arrecadar, e hum só para gastar, e assim o fizessem em tempo; donde veyo pagar passante de cem mil titulos de dividas dos Governadores, e ter em deposito cincoenta mil . . . . (*a*) das rendas da terra quando veyo D. Joaõ de Castro.

*Vis.* Naõ tenho por muito o que dizeis; porque em seu tempo foi a idade dourada na India com tanto dinheiro, quanto lhe veyo ter á mão do thesouro daquelle Capitão Mouro, que vós sabeis melhor o nome que eu, que me naõ lembra, e por isso nem grato, nem graça.

*Sold.* Esse dinheiro esteve sempre guardado, e mettido n'hum cofre, e eu o vi; e bem me deve V. S. de crer, pois que seja lembrado que o trouxe quando veyo a este Reyno com isso, e o deo a S. Alteza, e eraõ seiscentos mil pardáos de ouro, segundo minha lembrança; por onde está claro, que tudo o que fez foi do que poupou das rendas do Estado da India pelas saber gastar, e dispender, e melhor mandar arrecadar por estes Veadores da Fazenda; que saõ huns ajuntadores do dinheiro de S. Alteza, e tragem-no ao Chafariz delRey, onde elle he necessario para se dispender nas cousas de seu serviço pela ordenaçaõ dos Viso-Reys. E mais huma cousa apontarei por parte delles, que sendo Officiaes, a que tantos tem fastio, e que tem tantos inimigos por o serviço de S. Alteza, nunca póde fazer a malicia dos homens, que lhes puzeraõ na serventia de seus cargos culpas, por que verdadeiramente fossem condemnados por ellas, e que se

(*a*) No manuscrito achava-se este mesmo claro, como final de falta de palavra.

se vio ser feito dantes a Capitáes por naõ fazerem o serviço de S. Alteza, e o impedirem, como V. S. ouviria dizer.

*Vis.* Bem está isso que dizeis; mas dizem delles que lançam o pé além da mão, e que se entremettem nas jurisdicções dos Capitáes, e que de todo os desacreditam, e querem elles ser tudo na terra em que estam; o que S. Alteza naõ ha por seu serviço.

*Sold.* Naõ vem dahi o mal de alguns Capitáes, que muitos delles daraõ isso, que chamam honra, credito, e jurisdicçaõ, por dinheiro, e fazenda, que isto he o que vaõ buscar á India; mas como estes Veadores da Fazenda nunca vaõ pelas Fortalezas, que naõ levem provisões para se cumprirem os Regimentos de S. Alteza; de que alguns dos Capitáes recebem perda, e naõ daquillo, que ainda vem bem, e verdadeiramente da serventia de seus cargos, senaõ do que estam em posse levar á Fazenda de S. Alteza, sabe-lhes mal tirarem-lho; e tambem em parte alguns se encolhem com os ter na terra de cousas, que feitas (*a*) nella, e naõ querem testemunhás de seus erros, de comprarem por menos preço o que ham mister do que val, e venderem por mais o que tem por vender; lançando a fazenda pelas casas dos mercadores, como carne de touro, naõ pagando os direitos de S. Alteza, de sua fazenda, e de seus amigos, e apaniguados; e levando direitos de outras, que salvam por suas; e tolhendo que ninguem compre o que elles querem comprar, nem comprem a ninguem o que elles tem para vender, para o que trazem pela terra huns feitores, corretores destas virtudes, que ficam já carregados em receita de Capitão em Capitão por Mestres de peccados, os quaes tomam sobre si, que pagaraõ no outro mundo por elles; porque naõ fazem senaõ o que os Capitáes Mouros faziaõ na terra em seu tempo; e o que fizeraõ os seus antepassados.

*Vis.* Assim que por essa razaõ, mór isca de males que fazem, crem que ficam soltos de culpa, e pena; e bem parece que dessa maneira teraõ tanto dinheiro em pouco tempo, porque, segundo vejo, naõ se acha nas

(*a*) He fielmente como se achava no manuscrito, em que parece haver alguma falta.

nas prayas como arêas; e das razões que dais vindes ter estes cargos proveitosos á Fazenda de S. Alteza.

*Sold.* Sabe V. S. como isto está claro; e entendeis que levando o Conde Viso-Rey por Regimento, que naõ houvesse ahi Veadores da Fazenda nas Fortalezas mandou vir os que serviaõ, e aos Capitáes proveo com alguns poderes, que lhes pareciaõ necessarios para elles poderem mostrar que fariaõ o serviço de S. Alteza muito bem; mas isto sahio pelo contrario, e deraõ alguns com o rabo pelo mais alto; porque, como diz o Castelhano: *Cabeça derrama el sezo*: e como o Conde Viso-Rey vio, que o punhaõ de cerco, e que entulhavaõ a cava de seus descuidos com boas razões, proveo de Veador da Fazenda das Fortalezas, que soffrêraõ mal; e quiz Deos que para a cousa naõ vir a mais mal, que naõ foraõ Letrados, que saõ homens menos pacientes com os Capitáes; porque entendem melhor quaes saõ os casos de Lesa-Magestade, e sabem melhor formar hum auto, que hum destes outros homens da profissaõ das armas, quando saõ offendidos dos Capitáes por o serviço de S. Alteza; e com tudo naõ gabo naõ se castigarem as offensas feitas aos Officiaes, e mais de tal preeminencia, por razaõ de seus cargos, e serviço, para que haja quem folgue de o servir, e olhar para sua Fazenda com a mayor fidelidade.

*Vis.* Os Viso-Reys, em cujo tempo isso aconteceo, naõ acudíraõ a isso com fazer justiça?

*Sold.* Sim; mas fazem-no de vagar, porque dizem, que a dilaçaõ cura, e que morre o asno, ou quem o tange; e deixaõ o caso posto em termos para o successor que lhe succeder no cargo, o qual por naõ ser já a pessoa que foi desobedecida, toma conhecimento da cousa, e pergunta muito miudamente os martyrios do coitado para se matar de riso, e diz, que supplicará ao Santo Padre, que o ponha no meyo dos Martyres bemaventurados: mas de huma cousa faço certo a V. S., que se huma destas acontecêra em tempo de Martim Affonso, que se houvera de castigar, e tomar a offensa sobre si; porque era taõ pontual a ser obedecido, e fazer cumprir seus mandados, que dizia Rui Vaz Freire, estando por Capitáo em Malaca em seu tem-

po

po : » Cumpra-se esta Provisaõ do senhor Governador ; » porque me escreve, que se naõ cumprir, que elle vi- » rá cá em hum catur fazella cumprir ; e assim como » elle diz, tenho eu por certo que o fará : » e por isso *bem sabe o demo cujo frangalho rompe* ; e S. Alteza está longe, e a obrigaçaõ dos Viso-Reys he acudir a semelhantes cousas, pois por sua máo, e por seu mandado vaõ os Veadores da Fazenda servir ; e quem os offende, o faz a elles, que estam em nome de S. Alteza ; mas *por razaõ* (a) isto pouco quando já os mandam servir, os entregam aos leões ; porque eu vi hum Viso-Rey depois de ter mandado hum Veador da Fazenda a Malaca a fazer certas diligencias necessarias, que S. Alteza lhe mandava fazer por seu Regimento ; e praticando com alguns Fidalgos, e homens como sería já recebido, e hospedado do Capitão, diziaõ todos : mal ; porque se o Veador da Fazenda havia de fazer o que S. Alteza mandava, que naõ podia deixar de ser muito mal tratado : sabe V. S. o que respondeo ? » Lá se » avenhaõ ambos : » que foi huma muito má resposta para Principe de justiça, que mandava hum homem fazer o serviço de S. Alteza, conforme ao que trazia por Regimento ; que he certo que houve parentes do Capitão, que lhe escrevêraõ, que se o Veador da Fazenda, que lá houvesse de fazer alguma cousa, que naõ fosse, senaõ matallo, porque com isso teria menos trabalhos : taõ pouco he S. Alteza senhor de sua Fazenda, que ha por bem matarem-lhe os Officiaes, que para arrecadaçaõ, e acrescentamento della ordena ; e de feito todos levam a morte comsigo nos Regimentos, e diligencias, que lhes os Viso-Reys mandam, se as ham de cumprir ; e sendo a culpa de quem o manda, queixam-se de quem o faz, que parece fraqueza.

*Vis.* Vamos com a jornada avante ; porque até aqui foi o caminho taõ bom, que naõ taõ sómente o senti, mas tambem folguei de o andar ; o tempo me ensinará lá o que hey de fazer.

*Sold.* Isso tenho eu por melhor, porque o tempo muda as cousas : por onde muitas vezes as cousas que hoje saõ proveitosas, a manhã vem a naõ servirem.

CA-

(a) Talvez deveria estar escrito *porque zelam*.

## CAPITULO VI.

### *Do Escrivão da Matricula.*

*Vis.* Escrivão da Matricula tambem se ha de prover para levar em minha companhia; por que o que está na India acaba seu tempo, e ha muitos que pedem este cargo, e pedem-me favor, e seu regimento; que saõ estes para mim huns trabalhos grandes, porque naõ queria justificar consciencias de homens, de que nunca fui confessor, nem confesso.

*Sold.* Se fallar a V. S. S. Joaõ Evangelista, ou Baptista, que pela verdade que disse foi degollado, naõ tenha nisso nenhum pejo; porque nestes cabe bem esse cargo, e o serviraõ como cumpre ao serviço de Deos, e de S. Alteza.

*Vis.* Os Reys nunca se serviraõ de Santos: a homens se ha de dar, e a peccadores, como todos.

*Sold.* Pois dessa maneira houvera melhor naõ haver matricula na India.

*Vis.* Nisso me pareces que estais desarrazoado; reprovar essa cousa, de que tantos annos ha se usa, e por que corre o negocio da India por ella tanto ao proposito; porque se assim naõ fôra, naõ faltára já quem a S. Alteza mostrára por seu serviço naõ haver ahi matricula, e buscar-se outro remedio para o negocio de que ao presente serve.

*Sold.* E quem disse a V. S., que naõ haverá já homens deste meu parecer, e que se trata cada dia de quam damnosa he a matricula a seu serviço, e Fazenda? e quero dizer huma heregia; naõ me accuse á santa Inquisiçaõ: tenho que o primeiro inventor da matricula na India, se entendeo della o de que havia de servir, terá no inferno mayores penas, que o inventor da polvora, e artelheria, que tanto mal tem feito no mundo: e quer V. S. que lhe pinte a matricula de que servio na India? de hum passo de Tabelliães, em que continuadamente se fazem traspassações, doações, empenhamentos, pagamentos, cambios, vendas, tratos, e distractos, casa que se fez para soldada dos pobres ho-

homens, que ganhárao por seu serviço em preço de vinte na mão por cento na matricula; e havia logea em Goa de hum Mercador, que se chamáva Saldanha, onde se vendiaõ, e compravaõ a estes preços as cousas, naõ soldo; e nesta casa o hiaõ buscar os poderosos que tinhaõ valia para lhes ser feito delle pagamento; e assim o que ganhavaõ os pobres, e de pouca valia, pagava-se aos ricos, e poderosos: este Saldanha quando morreo, em poucas regras fez seu testamento, por naõ ter herdeiro necessario, e deixou a santa Misericordia de Goa por herdeira, por verba, que dizia assim: *Deixo toda a fazenda que me for achada por minha morte á santa Misericordia; e se Deos houve por bons mèus tratos, seja gastada por minha alma, e tanto que naõ, pela de cuja for*: e o discreto Castelhano, porque entendeo que muitas cousas permittem as Leys, e costumes na terra, que façam os homens nesta vida, de que Deos na outra lhes há de pedir conta (*a*).

*Vis.* Já isso está provído, que naõ haja matricula para mais, que para fazer os descontos dos pagamentos das pessoas, a que forem pagos seus merecimentos.

*Sold.* Bem sei eu que está já provido, mas sei que o guardam mal; porque *lá vam Leys, onde querem Reys*; e a matricula he o melhor jardim, que tem os Viso-Reys da India: ainda agora compram soldados Christáos, e Gentios rendeiros a S. Alteza as quantias, que dizem que perdêraõ em suas rendas por provisões, que para isso ham; e assim Officiaes da Fazenda para pagarem o que ficarem devendo em suas contas; e tambem quando se ham de pagar mil pardáos de soldo, que se ficáraõ devendo a hum sobrinho do Viso-Rey, ou a outra pessoa, a que quizer fazer essa mercê, naõ ha mister que os tenha vencidos em seu titulo, senaõ comprallo a dez homens, a que se fazem dez provisões para ser paga a quantia que vendêraõ cada hum, e vai-se o comprador com as dez provisões á matricula, e feitos os descontos, paga-os o Thesoureiro ao comprador. Tambem ha outra invençaõ, que está approvada por Theologos, que possam pedir o soldo emprestado a quem o tem, e fazer-lho pagar com tal condiçaõ, que lhe emprestem este dinheiro por hum certo tempo, e que ao tempo que lhe pagarem, lhe

dem-

(a) Parece haver aqui erro no manuscrito.

dem menos a quarta parte, que hê o que se póde levar por tirar esta dúvida da mão dêlRey; que por taõ máo pagador tem S. Alteza! e naõ ouvíra assim dizer se tivesse Officiaes, que olhassem por seu credito, e alma, como saõ obrigados.

*Vis.* Ides-me dizendo tantas cousas malfeitas de que serve a matricula, que me tendes feito sentir taõ mal della, como vós, e ser do vosso parecer.

*Sold.* Pois mais direi a V. S.: a matricula serve de estarem vencendo nella homens mortos de muitos annos, e outros, que andam entre os Mouros, que andam a chacinar fóra do serviço de S. Alteza, onde vencem moços de menor idade, a pezar do Regimento de Sua Alteza, escravos, cativos, aleijados, e naõ em serviço de Deos, e de seu Rey, senaõ de corrimentos, e cutiladas, que lhe deraõ na gualtaria: hum só bem tem a matricula, que achaõ nella os homens honrados cortezia, que se acertam naõ terem seu titulo vencido, quando lhes mandam pagar, lhes fazem o desconto por inteiro, com huma verba, que o venceráõ pelo tempo em diante; e elles leva-os Deos para si confessados, e commungados, primeiro que fiquem em conta com S. Alteza; e esquece-lhes fazer disto razaõ, e aos Officiaes tambem lhes esqueceo o erro que fizeraõ: e tambem ha de crer V. S., que este Escrivaõ da matricula, que naõ he em seu officio soberano, senaõ subdito ao Viso-Rey; e que mal, ou bem que he necessario que faça o que lhe mandar por suas provisões, e que naõ póde fazer mais que apertar as mãos, e olhar para o Ceo, cuidar em seu officio, e no juramento que tem do cargo; que se o quebrar, que perde a alma; cuida que se naõ faz o que lhe mandam, que perde sua fazenda, e he remedio de sua vida, mulher, e filhos, e que se póde ver em trabalhos; porque *quem tem casa de vidro, naõ bota pedras a' seu vizinho*; e no meyo destas affrontas, toma o coitado por remedio tomar a provisaõ que lhe appresentam para fallar com ella ao Viso-Rey, e appresentar-lhe os inconvenientes, que tem para fazer obra pela provisaõ, e sahe respondendo, que se vá embora, e faça o que lhe mandam; porque sem embargo de ser contra Regimento de S. Alteza, póde mandar, e fazer: e vai-se pouco satisfeito; e por contestar com sua consciencia,

cia; dá parte da causa a seu Confessor, e o Padre taõ virtuoso he, que lhe aconselha, que naõ cumpra a provisaõ passada, pois he contra serviço de Deos, e de S. Alteza, e que largue antes o cargo, que fazer hum peccado mortal: o conselho he verdadeiro, e de homem que tem já mettido no Mosteiro todo o vinho, e azeite, e vesteria que ha mister para aquelle anno, e que o paõ naõ o compra na praça: finalmente toma o Escrivaõ a matricula por valhacouto, que mal, ou bem, fez o que lhe mandou seu Viso-Rey, e que já tem cumprido com sua consciencia quanto nelle foi, o qual exame lhe era pouco necessario, pelo que tenho visto, e me passou pelas mãos: porque andando hum Feitor de S. Alteza dando conta, lhe naõ recebêraõ huma provisaõ de hum Governador, porque fizera hum certo pagamento contra fórma do Regimento de S. Alteza, e seria por ser o Governador já neste Reyno; e requerendo ordinariamente que lhe fosse levada em conta a provisaõ, articulou, que elle era Feitor de S. Alteza, e que cumprira a provisaõ por ser do seu Governador, que em tudo tinha os poderes de S. Alteza, assim na Justiça, como na Fazenda; o qual artigo foi perguntado por testemunhas, e jurei, que os Governadores, e Viso-Reys da India na Justiça, e na Fazenda tinhaõ os poderes taõ inteiramente, como Sua Alteza; e que muitas vezes faziaõ na Justiça, e Fazenda o que S. Alteza naõ fizera, se na India estivera; fez-se graça de testemunho; e a provisaõ foi levada em conta, porque está determinado por Desembargadores, que o Principe que he dador de Ley a póde quebrar; e que pois os Viso-Reys tem os poderes de Ley, que o que naõ puderem fazer ordinario, por ser contra alguns Regimentos, ou Provisões de S. Alteza, o podem fazer de seu poder absoluto do Principe. Este foi o voto, que deraõ ao Viso-Rey D. Constantino para algumas licenças, que deo por traspassações, e vendas de cargos, que S. Alteza tanto defende; e depois por sentença, em tempo do Conde Viso-Rey, elles mesmos julgáraõ as traspassações por nullas.

*Vis.* Naõ vos espanteis disso, porque para fazer huma cousa, e outra, achavaõ Leys em seu favor; porque as Leys saõ como o panno de linho, que naõ tem aves-

avesso, nem direito, mais que aquelle que lhe o alfayate dá na costura, e os Letrados ás Leys com só entendimento; e por isso cada hum olhe por si: e pois taõ corrente estais no negocio da matricula, folgarei que me deis vosso parecer de como esta cousa poderá correr, sendo Deos, e S. Alteza servido, sem esta ordem que se teve até agora.

*Sold.* O peyor officio que ha no mundo he ser author de novidades, que muitas vezes, por alguns respeitos, naõ contentam á muitos homens, porque a cousa que se faz para contentar á muitos, he a que descontenta a muitos: huma só cousa quero que fique na memoria a V. S. de quantas lhe tenho ditas da matricula, que está nella toda a conta da India, que naõ se lhe póde tomar conta: e perdoe-me V. S. naõ lhe dizer o que entendo como isto pudera ser para se evitarem tantos males, e peccados, como se fazem por meyo da matricula, e tanta perda, quanta recebe a Fazenda de S. Alteza; porque eu quero tambem vender o meu saber, pois sou mal pagó do meu serviço; porque a ordem da matricula, ou ponto de gente, foi huma maneira que ElRey quiz ter para ser servido dos homens fiado, quando lhes naõ quizesse pagar mez entrado, mez sahido, ou aos quarteis, para que por dividas em seu titulo tivessem o seu vencimento certo; e este comprar fiado sempre custou caro a quem o faz, como V. S. bem sabe, e ha ahi cousas, que em hum tempo saõ boas, e em outro tempo damnosas: a matricula na India quando nella naõ havia mais que dous, ou tres mil homens, que gastavaõ o tempo do inverno, e do veraõ nas Armadas da Costa da India, e no Estreito, e naõ tinhaõ outra vida, entaõ servia; mas agora que ha quinze, ou dezeséis mil homens repartidos por Fortalezas, Cidades, Villas, e Castellos de S. Alteza, e outras que elles por si fizeraõ em terras, e Lugares de inimigos, que já estam povoados com filhos, e netos, e huns, e outros vivem como naturaes com fazenda de raiz, e muita renda, vivem negociando seus proveitos, como abelhas, e para as Armadas de S. Alteza acham-se muitos para receber, e poucos para servir, estando vencendo sempre na matricula, e roubando a Fazenda de S. Alteza, sem nunca o servirem sendo necessarios: naõ ha Principe no

mundo, que tenha tanta despensa ordinaria, e taõ desnecessaria; porque tarde, ou cedo, tudo vem a pagar, porque para tudo ha remedio, senaõ para a morte.

## CAPITULO VII.

*Das cousas necessarias para a India.*

*Vis.* QUe vos parèce que me será necessario, e proveitoso para esta minha jornada, para o requerer a S. Alteza, e seus Officiaes?

*Sold.* O principal he levar V. S. dinheiro, e tres vezes dinheiro (como disse o Inglez no Conselho a seu Rey), ou cabedal de que se faça; mayormente se a pimenta naõ ha de correr por contrato, como até aqui correo; porque as rendas da India naõ bastam para as despezas ordinarias, quanto mais para encrescimento; e se naõ põe remedio neste mal, ainda haverá quem diga, que para que serve sustentar o Estado da India, e que os que lá estaõ se avenham, ou livrem por seu direito: e isto entendeo assim D. Christovaõ Mascarenhas quando acceitou ir á India, com saber primeiro que dinheiro lhe haviaõ de dar para levar, e o que lhe haviaõ de mandar no tempo que lá estivesse; e deraõ-lhe o que pedio, para que fosse servir; o que creyo que naõ faraõ a V. S., porque vi o anno passado na India huma carta de hum senhor deste Reyno, que escrevia a hum seu amigo, e dizia: *As novas desta terra saõ, que com tomar tudo o que de lá vem, dam tudo quanto para cá pedem*; por onde parece, que donde cá naõ daraõ nada a V. S.

*Vis.* A mim muito me vai nisso, como sabeis; lembral-lo-hei; mas sei que para o apercebimento desta Armada pedem emprestado, e que forçados da necessidade estiveraõ para naõ mandar Viso-Rey.

*Sold.* Assim que *cá, e lá fadas más ha*, quero contar a V. S. hum dito do Cedacaõ, que foi hum Capitão do Hidalcaõ, homem de grande preço, e saber, e muito antigo, perguntando a hum Embaixador, que lhe foi nosso, pelas forças do nosso Estado, o Embaixador lhas me-

medio por boa medida, e depois que acabou de ouvir, lhe perguntou: como estavamos de dinheiro? o Embaixador lhe disse, que muito pouco. Respondeo o Cedecaõ: » Pois quem tem pouco dinheiro, de nada » póde ter muito. »

*Vis.* Disse verdade, que o dinheiro he o verbo da guerra, e de todas as cousas: e nestes seis annos que embora hei de levar, que gente se fará para lá?

*Sold.* Dous mil homens, que parece que basta; porque vai muito para a gente ir sã, e bem tratada no alojamento; porque a viagem he comprida, e trabalhosa, e differentes chuvas, aonde a gente mata huma a outra; e tambem hiraõ mais seguros se retardarem no caminho mais do tempo acostumado, de naõ terem tanta falta de agua, e de mantimentos: e seria de parecer, que naõ fosse toda a gente de armas, senaõ alguns homens do mar, bombardeiros para ficarem servindo na India, do que ha muita falta; porque eu vi já em Goa na Ribeira de S. Alteza quinhentos homens do mar que serviaõ, e pagos por ponto, e agora naõ ha cento e cincoenta, que he huma grande falta para o que cumpre ao bem do Estado, cujas forças, e defensaõ delle está na Armada do mar, e bombardeiros. Muitas vezes me disse o Condestable Mór, que naõ havia cento e vinte para servir nas Armadas, e destes os mais pouco destros no officio: pois nas Fortalezas eu sei, que mais de tres naõ tem, e esses saõ condestaveis velhos, e doentes, mal pagos, e descontentes; e esta gente quer antes ser bem paga, e privilegiada, e naõ lhes dá nada poderem andar de noite carregados de ferro, nem com armas offensivas, e defensivas, porque só naõ temem senaõ do pobreza.

*Vis.* Pois se isso assim he, como se fazem na India Armadas de cento e tantas vélas, com que vaõ buscar a Armada do Turco?

*Sold.* Fazem; mas porque ellas saõ desta maneira, disse hum Mouro, que havia de ser homem de guerra, e de experiencia nella, quando vio o Viso-Rey D. Garcia com a Armada que fez para ir buscar o Baxá do Turco que estava sobre Dio, que nunca víra mais formosa Armada de madeira; porque entendeo, que para Armada taõ grossa naõ levava gente necessaria para

nel-

nella pelejar; porque naõ levava quatro mil homens de peleja, e Armada para oito mil; e mais dissera se soubera como hia amarinhada de Mouros infiéis, e mal provída de bombardeiros, que he o mais necessario para a guerra do mar: mas nestas faltas supprę Deos nosso Senhor com os bons successos que dá; e quer V. S. que lhe prove ser isto assim? veja com quanto trabalho se armaráõ neste Reyno cem vélas, e as mais dellas grossas, e petrechadas, e concertadas como convem a ponto de guerra; pois se isto he trabalhoso, e custoso fazer neste Reyno, que he hum mar magno; que espera V. S. que seja no Estado da India, que he a seu respeito hum pequeno regato?

*Vis.* Visto está que ahi naõ ha no mundo Estado sem necessidades, e trabalhos, por onde em tudo se provê como o tempo padece, e menos vezes como he necessario (*a*): naõ fazem mais despeza, pois vam no conto dos dous mil homens; e seria de parecer, que os bombardeiros fossem duzentos, e mandasse S. Alteza lá na terra dar-se comedias em Damaõ, ou em outros Lugares que montassem pouco mais, ou menos, que o que podiaõ ter de seus soldos, do que se ficasse pagando; e levassem deste Reyno suas mulheres; e que estariaõ melhor empregadas nestes as mercês, que em negros a que saõ dadas; e muitos homens, que para nenhum serviço prestam alli aposentados, serviráõ de soldados, e de povoadores para povoar a terra, e de geraçaõ limpa Portugueza, e naõ de filhos que tem mais parentes em Gambaya, que de Tra-los Montes, que pelo tempo em diante podem vir a ser suspeitosos, e quando forem necessarios para o servirem em huma Armada importante á defensaõ do Estado, alli estaraõ mais certos, e mais perto, que em Alemanha.

*Vis.* Bem creyo que naõ poderei acabar isso por agora com o Conselho; porque as cousas bem feitas fazem-se de vagar, dará Deos vida a S. Alteza por muitos annos, e será homem, e olhará pelo bem, e Estado da India, e que tem huma das mayores cousas que se ora sabe, que tem Principe Christaõ.

*Sold.*

(*a*) Aqui ha falta; porque estas primeiras palavras parecem do Viso-Rey; e as que se seguem, que suppõem antes alguma cousa dita, já saõ do Soldado.

*Sold.* Tambem deve V. S. levar artilheria grossa; que he lá muito necessaria; convem a saber, leões, esperas, e alguns canhões, que nos tem dado a entender a experiencia, que de si derao essas vezes que se peleijou com aquelles (a) ....... necessarios, e proveitosos, porque fazem a chegada com os canhões forçados, que aquelles trazem por coxia, e os Turcos quando tomam huma Armada em calmaria, dam-lhe batteria postos sobre o remo, e chegam-se tanto, quanto baste para fazer damno sem as nossas peças, que tiram pedra, lhe poderem chegar, e gasta-se a muniçaõ, e a polvora, e pilouros de balde, e os Navios nossos, que levam esperas, e leões, naõ taõ sómente affastam os inimigos de si, mas fazem-lhes damno; e tambem a Cidade de Damaõ que se fortificar ha mister artilheria, e a Cidade de Baçaim para os seus pomparosos, e fortes baluartes, e cerca nova, porque se lhe naõ póde dar da que he necessaria para a Armada do mar, para que ainda falta.

*Vis.* Na India naõ ha fundiçaõ em que se possam fundir essas peças?

*Sold.* Sim, a melhor que póde ser, e Mestre della; que se naõ sabe agora quem lhe tenha ventagem; mas naõ lhe mandam fazer senaõ peças pequenas, e naõ faz tantas, que mais se naõ gastem, e percam os Navios de Mercadores, que se perdem, e tomam os inimigos, que ham por interesse, que dam aos Almoxarifes; e por aqui vai a artilheria de S. Alteza, que tanto importa.

*Vis.* Parece-me bem vossa lembrança, tomalla-hei para a fazer a S. Alteza, e mandar o que houver por seu serviço.

*Sold.* Que deve querer S. Alteza senaõ o que cumpre tanto ao seu Estado, como he naõ haver falta de artilheria na India?

CA-

(a) Este mesmo vazio havia no manuscrito.

## CAPITULO VIII.

### *Da embarcaçaõ de Fidalgos.*

*Visf.* ESTou posto em hum trabalho grande, que os mais dos homens Fidalgos querem mandar seus filhos comigo á India; porque como naõ ha já Africa, naõ lhes podem dar despezas para outras partes, e o tempo está de maneira, que naõ ha homem taõ abastado neste Reyno, que possa sustentar mais que hum filho, ainda com trabalho, e todos os querem lançar nessa India ás más fadas, e ha de ser trabalho para mym agasalhallos, porque todos querem ir comigo.

*Sold.* Dos que lá haviaõ de mandar, porque os naõ póde a terra sustentar, levará V. S. os menos que puder, e os que tiver mais obrigaçaõ, e naõ se metta em mais trabalhos, e poupe-se para outros mayores, que na India ha de ter com essa gente Fidalga, onde saõ melhor fadados, do que V. S. cuida; porque seus pays sabem isto, como diz o Castelhano, naõ fazem pouco em lançar sua carga em outro, e mandam-nos á India, aonde S. Alteza os sustenta muito differente, do que os seus pays o podem fazer em casas de grandes aluguéis com pagens desbarratados, gentes bem ataviadas; que dizia o Conde Viso-Rey pelos Fidalgos da India, que sempre andavaõ ás cannas: pois os imperiaes de seda, mercasotas, e capas de escarlata, naõ se acharáõ mais em festas, e em jornadas de Principes; e por já parecer mal ao Conde da Castanheira, disse a Dom Diogo de Noronha, na sua embarcaçaõ, que lhe beijava as mãos por parte deste Reyno por se embarcar para a India sem roupa de seda, e capa de escarlata; e ha mancebos Fidalgos taõ ditosos, que em sahindo do ninho, e casas de seus pays, lhe manda dar Sua Alteza na India para sua despeza trezentos, ou quatrocentos cruzados, ou tres, ou quatro mil por anno, que he huma boa mercê, e que se antigamente dava a Fidalgos velhos no serviço, e chêos de muitas cans; e por isso naõ ha dinheiro que baste á India por as

gran-

grandes despezas que S. Alteza faz, cuidando que naõ he seu o que dá na India; e o peyor he, que quando V. S. se quizer servir de alguns destes, naõ nos haveis de achar mais que com sua pessoa ainda de meya vontade, e pedem de novo pagamento de suas dividas, e dinheiro para seu apercebimento, de maneira, que saõ ricos para viver, e pobres para servir; e por estes taes, se disse, que *pejam como Cidade, e servem como Aldêa.*

*Vis.* Em que gastam o de que lhes faz mercê S. Alteza?

*Sold.* No que disse a V. S., e outras cousas que naõ digo, porque *se naõ falla discreto o que se naõ diz honesto*; e tambem naõ quero ser perluxo, porque a brevidade em todas as cousas foi sempre louvada, quando se naõ diz menos do que he necessario; e ainda que tudo o que tenho dito hey por menos mal; porque os homens mancebos no decurso de sua vida saõ como as Náos, que por muitos annos navegaõ, de dez em dez annos naõ tem prégo dos com que sahíraõ do estaleiro; e assim elles com a idade mudáraõ suas mocidades, e costumes que tem; mas o peyor he, que nenhum quer ser soldado, todos querem ser Capitães, porque dizem, que o serviço de soldado he muito, e que naõ tem nome, nem preço para o requerimento das mercês com S. Alteza; por onde já nas Armadas que fazem naõ tratam dos Navios que naõ saõ necessarios para a jornada, senaõ dos Fidalgos, a que ham de dar embarcaçaõ, as quaes as naõ tomam para mais, que para levar os seus moços; e os soldados ficam na terra, e as mercês que lhes fazem naõ lhas medem pela despeza da gente que levam, senaõ pelo appellido que tem, e por aqui se vai o dinheiro de S. Alteza; e como se naõ faz armador que naõ seja do Viso-Rey, nenhum quer ir debaixo de outro, ainda que seja Capitão mór do mar, e naõ se póde El-Rey delles servir, que todos logo mudam as moradas, e appellidos, e honras de seus pays, e naõ põem os olhos na pouca idade, e serviço, e experiencia que tem da guerra, que para mandar he a parte mais necessaria; porque ainda que sejam castiços, e tenham animo para afilhar os inimigos com mais ousadia, que os lebréos de cavallos do Rhodano,

que

que filhaõ páo á serpe (a); os que ham de ser Capitães muito lhes convem mais ter que esforço; porque os homens mancebos, por muitas partes boas que tenham, saõ como as fructas da terra, que por excellentes que sejam, em quanto naõ saõ de todo maduras, nunca tem o seu gosto perfeito; e para acudir a este desmancho, parece que se havia de pôr em regimento as idades que ham de ter os homens para os fazerem Capitães, que em outras cousas que menos vai ao Estado da India se provê; porque muitos vi já, que para serem acertados com o soldo, naõ tinhaõ idade conforme ao Regimento: e desta maneira tirais mais fructo das Armadas, do que se tirou de algumas que se fizeraõ por culpa dos Capitães mancebos; porque indo o Conde Pól deste Reyno por Capitão de huma Armada para a Turquia, diziaõ os Venezianos, que a Armada era poderosa, mas que o Capitão era joven; e era já perto de sessenta annos: sejam Capitães Fidalgos velhos, creados na guerra, e que tem experiencia della, e das cousas passadas, que muitas vezes servem para as presentes, pois os ha na terra casados, e fronteiros de tanta nobreza, que lhes naõ ganha ninguem; e os mancebos sirvam, e dem experiencia de si; que os que querem mandar, e ser obedecidos, primeiro ham de saber servir, e obedecer, e lá virá seu tempo, em que o mandar lhes esteja muito bem.

*Vis.* Naõ tenho condiçaõ para me dar bem com essas cousas que me dizeis, e podeis crer, que as hei de castigar muito bem, quando acontecer em meu tempo.

*Sold.* Duvida Santo Agostinho, e diz, que fará como todos: muito forte era Troya, e tomou-se; o Principe que tiver odios mal póde fazer justiça; fazem os Fidalgos da India guerra a hum Viso-Rey com os parentes que neste Reyno tem, e eu sei que hum mandou prender hum Fidalgo em sua pousada com razaõ, e logo o pay do prezo, como o soube, deixou de lhe escrever, como costumava por serem amigos; e destas cousas, e outras vem ser a justiça pouco temida, e os Vi-

(a) No manuscrito estava *libreos de cavalos rodano, que filha pão á Serpe.*

Viso-Reys naõ serem taõ venerados como he razaõ; porque de se naõ castigarem os males seguem-se outros mayores, e (a) o que dizem da justiça, serem têas de aranha, que naõ prendem senaõ mosquitos; donde se entende, que de nenhuma sorte dos Grandes fazem crime, senaõ dos Gentios, ou Mouros, ou Christãos naturaes da terra; porque ainda que hum homem de calidade commetta hum delicto, que mereça morte, naõ fazem caso, e em dous mezes lhe dam seguro real, ou perdaõ, senaõ tiver parte, e nisto saõ os Viso-Reys muito liberaes, que naõ attendem o grande damno do bem commum; mas ao bom D. Pedro Mascarenhas naõ pareceo isto bem, porque nunca quiz no tempo que governou dar perdões, nem seguros mal dados; e se lhe diziaõ, que os homens se hiriaõ para os Mouros, ou se fariaõ Mouros, respondia: » Se » elles se quizerem errar; que eu naõ hei de errar, » porque elles o naõ façam. »

## CAPITULO IX.

*Da obrigaçaõ dos Parentes, e do Capitão Mór do Mar.*

*Vis.* POis os Fidalgos na India saõ taõ custosos a Sua Alteza, e muitos delles pouco proveitosos a seu serviço, trabalharei levar os menos que puder, por seguir vosso parecer, senaõ se forem meus parentes, e criados; porque desta maneira que S. Alteza me tem feito a mercê, o mais que della pretendo he para fazer em meus parentes, e criados; porque por derradeiro estes saõ os que hey de levar, por serem meus sobrinhos que me acompanham; saõ mancebos, como sabeis, e naõ tem serviços, naõ requerem mercê a S. Alteza tambem, porque vam comigo, e lá naõ faltará em que lha eu faça em seu nome; porque, como diz o Castelhano: *Quien tiene la pluma en la mano, e se escrive del mal año, y mal año le dè Dios.*

*Sold.* A razaõ que tem com V. S. naõ he máo despacho para elles; por onde he dito commum na India, que

(a) O manuscrito, tinha: *e que o que dizem da justiça senaõ* têas, &c.

que a melhor provisaõ que se póde dar a hum homem; he Alvará de sobrinho de Governador, ou Viso-Rey; mas V. S. assim lhe faça mercê nestes que ha de levar, que lhes naõ queira pagar o parentesco com lhes fazer mercê da justiça alhêa.

*Vis.* Em que lhes posso eu fazer mercê da justiça alhêa?

*Sold.* Em lhes dardes o que estará melhor em outros de mais serviços na terra, idade, e experiencia na guerra.

*Vis.* Conforme ao Evangelho da vinha, naõ lhes faço nisso injúria, que posso dar do meu a quem quizer.

*Sold.* Mas haveis de ter primeiro pago aos trabalhadores o jornal que lhes deveis, para se naõ escandalisarem quando aos outros melhor pagardes; e isto se entende, que ha de ser do vosso, e naõ do pão, e fazenda de S. Alteza, de que vos faz seu dispenseiro, para o repartirdes pelos que o merecerem por muitos annos de serviço em Armadas, nas Fortalezas, em que muitas vezes fossem feridos, e puzessem as vidas em risco por seu serviço, guardando os preceitos da justiça distributiva.

*Vis.* Farei o que fizeraõ os outros, a que naõ cortáraõ as cabeças; porque a India he taõ longe, que quando cá chega, se bem, ou mal fez, acaba homem ó seu tempo, e como he curto, como sabeis; pór onde se perde pouco no que se fez mal feito, e no bem feito se ganha muito, ainda que naõ vistes vir de lá nenhum Viso-Rey, que por ende fosse feito Marquez; e por isso dizem as velhas: *Tudo passa, se naõ as cabeças dos pregos.*

*Sold.* Os homens das boas obras que fazem, naõ devem querer outra paga, senaõ as proprias obras; porque, como dizem: *Bastante paga he aò Juiz a boa sentença que deo.*

*Vis.* Pois, amigo meu, a D. Rodrigo, que he mais velho, queria eu lá intitular Capitaõ mór do mar, por lhe dar ordenado honrado; e tambem por razaõ do cargo o terei para lhe fazer mercês da Fazenda de Sua Alteza, e dar outros alvitres provoitosos, para que tenha de seu.

*Sold.* Cargo he esse, que nunca se deo a ninguem para

se

se aproveitar, senaõ para gastar: e saiba V. S. que isso basta para de todo se inimizar cóm os Fidalgos da India, que o recebetáõ mal, e tem razaõ; porque mal parecerá embarcar-se hum homem de muito serviço, idade, e experiencia, debaixo da bandeira do Capitão mór, a quem faltam todas estas partes, e ser mandado por mestre de menos saber, que o discipulo; e os Viso-Reys, que isso quizerem fazer, o mesmo erro lhes ficará por castigo, porque já nunca acharáõ homens de preço, que se queiraõ embarcar nas Armadas desses Capitáes Móres, e os que forem hiraõ pezados ás mercês, e quarteis, e ainda naõ bastará para se embarcarem com elles homens de opiniaõ; donde virá que quando as Armadas tornarem, màis tempo se gastará em contar as chassas que lá passáraõ, e desconcertos, que naõ os bons feitos que se nella fizeraõ; e tudo isto ha de ficar á conta de V. S.

*Vis.* Como! sois de parecer que naõ haja Capitão mór do mar na India?

*Sold.* Antes me parece proveitoso, e honroso ao Estado da India; porque huma das cousas que sempre ouvi praticar foi, que em quanto possivel fosse nunca as victorias haviaõ de sahir de Leaõ, pelos grandes gastos que fazem em suas Armadas, que he muito mais honra serem as cousas feitas por Capitáes, ficando sempre o Viso-Rey em Goa; porque faz crer aos inimigos, ainda que fique só, que com elle está o mayor poder do Estado; mas estes Capitães móres ham de ser D. Aleixo de Menezes, que foi em tempo do Governador Diogo Lopes de Sequeira; D. Luiz de Menezes, já casado, e com filhos em tempo de D. Duarte seu irmão, por quem se dizia, que o dera Deos para remediar o mar, e a terra; e D. Simaõ de Menezes, casado, e com filhos, e Commendador de Grandola, que D. Henrique de Menezes tirou de sua Fortaleza para servir o cargo, mas ainda naõ lhe quiz ser taõ liberal da Fazenda de S. Alteza, que lhe concedesse ordenado que D. Luiz tinha, que foi causa para o naõ querer servir; ou Antonio de Miranda o velho, muito acreditado na terra, e antigo, e de muito serviço nella, e que na sua mão esteve a India no tempo das differenças d'antre Lopo Vaz de Sampayo, e Pedro Mascarenhas; hum Heytor da Silveira, hum Dio-

Diogo da Silveira. Huma das cousas que muito engrandeceo, e honrou Nuno da Cunha em seu tempo, foraõ os honrados feitos, que se fizeraõ por seus Capitáes, como foi a destruiçaõ das Cidades de Surrate, e Reinel por Antonio da Silveira; o feito primeiro de Baçaim; as Armadas do Estreito de Antonio de Saldanha, sendo Capitão mór do mar; as grossas, e grandes prezas daquelle tempo; pois os tres annos que foi Capitão mór do mar Martim Affonso de Sousa, tomou Damaõ por força de armas, destruio a Ilha de Repelim, e botou o Rey fóra, deo batalha ao Samorim em campo em favor delRey de Cochim nas terras do Balagate, tomou a poderosa Armada do Ratemar no Cabo de Comorim, peleijando com sua gente, e com a da terra, que era muita na Costa do Malavar, tomou no tempo da guerra mais de secenta Navios de remos, em que matou muitos Mouros, e se perdêraõ todos os Capitáes, e cabeças dos Mouros Malavares; donde veyo que de entaõ para cá nunca se puzeraõ com Armapa grossa de mar para nos guerrear; e quando estes eraõ os Capitáes móres do mar, sobejavalhes gente para suas Armadas, andavaõ de veraõ no mar, e no inverno hiaõ invernar nas Fortalezas fronteiras para nellas estarem mais a proposito de guerra; e representavaõ outro Governador: mandando Nuno da Cunha Martim Affonso de Sousa de Armada, mandou a muitos Fidalgos que ficassem com elle, e naõ se embarcassem; e dizia muitas vezes, indo com Martinho Affonso (*a*), lhe tinha tirado ametade dos lobos, e Governador (*b*): e taes ham de ser os Capitáes móres do mar, que ham de ter idade, credito, pezo, e cavalleria, experiencia de guerra, e saber para mandar, que presumam os homens delle, que será Governador da terra para folgarem em tudo de o servir, e acompanhar; porque o cargo de Capitaõ mór do mar he taõ honroso, que o ha de servir homem, que seja a segunda pessoa da India, e que naõ haja de acceitar outra mercê, senaõ Governador; e naõ que em Capitão mór do mar espere ser provido da Forta-

---

(*a*) Talvez deveria ser: *e dizia muitas vezes*, rindo como *Martinho*, &c.

(*b*) Aqui tambem ha erro no manuscrito.

taleza; e seria cousa acertada os que houvessem de governar a terra terem curso de tres annos de Capitão mór do mar; e desta maneira para se embarcarem os soldados havia mister poucos pregões, que fazem conta, que servem, e acompanham nos trabalhos homem que lhos ha de pagar; mas ver hum Capitão mór do mar, que se hum Viso-Rey morre, naõ ha de estar na successaõ primeira, que sahe por Governador Capitão de Fortaleza, naõ póde ser mór corrido.

*Vis.* Antes que S. Alteza se servisse no governo do Estado da India de homens graves, e senhores de titulo, podia haver esse vosso parecer lugar; mas agora naõ ham de andar na India por Capitães móres do mar, debaixo da bandeira doutro Governador.

*Sold.* Isto está assim formoso, mas eu tratava do proveitoso; porque eu estou bem com S. Alteza se servir de homens de calidades daquelles, que lhe ganháraõ o Estado, e com elles o sustenta; porque a verdade, he servirem-se os Principes de homens cubiçosos de honra, e mercê, e que os possaõ bem castigar quando o merecerem.

*Vis.* Já parece que naõ leva isso emenda, e que correrá assim daqui por diante, e no provimento de Capitão mór do mar, em que naõ estais do meu parecer, devieis-vos de lembrar, que o Viso-Rey D. Garcia de Noronha fez a D. Alvaro seu filho Capitão mór do mar, e D. Joaõ de Castro, e o Viso-Rey D. Affonso aos seus, sendo muito mancebos.

*Sold.* Os filhos dos Viso-Reys tem outra preeminencia, e lhes tem os homens outro respeito para folgar de servir com elles; e ainda isto naõ bastou, que sempre nas Armadas que foraõ, eu vi, que as mandáraõ acompanhadas de Fidalgos velhos, e experimentados na guerra, como V. S. póde saber pelos que se acháraõ com Dom Fernando no desbarato das Galés dos Turcos.

*Vis.* *Prezo por mil, prezo por mil e quinhentos*: naõ he essa só a causa de que me ham de fazer peccado; e se me o cavallo correr bem, naõ se empregará esse desar.

*Sold.* Naõ ponha V. S. os olhos no que se lhe póde dissimular, senaõ no que ha de fazer; que as cousas

que

que fizer sejam justas, honestas, e proveitosas ao Estado, que por S. Alteza, e Deos lhe he encommendado; porque Deos a quem dá muito bem, lhe ha de pedir conta estreita do talento que lhe deo.

## CAPITULO X.

*Das más despezas que se fazem.*

*Vis.* POis dessa maneira mal me posso eu pagar do que S. Alteza me deve de meus serviços em Africa, e idas a França, e Castella, e Roma, onde se houve por bem servido de mym; se nesta mercê que me fez em pago delles hei de andar com o prumo na mão a buscar bom fundo onde surja, e naõ honrar, e enriquecer os meus parentes, e criados, pois muitos delles saõ de S. Alteza, e me ajudáraõ em meus trabalhos.

*Sold.* Dahi vem o mal á terra.

*Vis.* Por onde eu tambem queria a D. Luiz, meu sobrinho mais moço, dar-lhe huma viagem para a China, e huma Náo pela via de Bengala, e dahi a Malaca, e de Malaca a Sunda, a qual lhe darei das de S. Alteza apparelhada; e quando naõ, far-lhe-hei mercê em seu nome para ajuda de seus empregos, como outros fizeraõ; porque me dizem, que com estes favores, e ajudas minhas, tirará de lá mais de cincoenta mil cruzados, os quaes S. Alteza terá nelle quando cumprir a seu serviço muito certos, na guerra, e na paz.

*Sold.* Mais certos estam os oito, ou dez mil, que ha de custar a S. Alteza essa viagem, naõ sendo de seu serviço; e ainda isto tenho por menos mal, que essoutros de mayor contia, que Viso-Reys fazem em ordenarem Armadas, naõ sómente pouco proveitosas, mas muito desnecessarias, e que vam a risco de desastres, sómente por quererem fazer homens de gavia, ou de bandeira na gavia, e obrigarem a ElRey fazer-lhes mercês por serviços, que merecem castigar pelo pouco proveito que delles tirou, e descreditos, e máos acontecimentos das jornadas, e por estes casos, e ou-

tros,

tros, despezas desnecessarias, e grossas mercês, que á Fazenda de S. Alteza tem posto em muita necessidade, e de cada vez se vai mais individando; porque os Principes prodigos naõ ha fazenda que lhes baste, rendendo a India passante de seiscentos mil cruzados, os quaes se gastam de maneira, que naõ ha homem, por bom contador que seja, que lhes possa achar despeza; e todos os que tem zelo do bem da terra, e do serviço de S. Alteza, em outra cousa naõ praticam cada dia, senaõ como as rendas vaõ crescendo, e o Estado posto cada vez mais em mayores necessidades, e pobreza, maravilhando-se, porque em tempo do Governador Nuno da Cunha sempre andou no Malavar huma Armada grossa, e de muitas despeza, por razaõ da guerra; outra Armada hia todos os annos ao Estreito; outra Armada andava guerreando a Costa de Cambaya; e havia dinheiro para pagamento dos homens; estavaõ os almazens providos; tinha S. Alteza a Armada poderosa, em que hia a pessoa do Governador, tendo naquelle tempo o Estado menos cruzados de renda, do que agora tem, cem mil cruzados que rende Baçaim, setenta mil que rende Dio, que Nuno da Cunha por boa guerra houve para á Corôa deste Reyno nos derradeiros annos de seu governo, cincoenta mil que rendem as Terras firmes de Goa; cento e tantos mil que rendem ás terras de Damaõ, dadas por El-Rey de Cambaya novamente a S. Alteza.

*Vis.* A tudo isto que dizeis ha homens que dam por razaõ, que em tempo de Nuno da Cunha era ajudado o Estado com grossos cabedaes, que deste Reyno lhe hiaõ todos annos; por quam bom correspondente foi em todo o seu tempo da muita pimenta que mandava a esta terra, e tanto que me tendes dito, que lhes escrevia S. Alteza, que se naõ dispendia, em huma carta que lhe foi dada estando fazendo a Fortaleza de Chale: outros dizem, que ajudava naquelle tempo para as despezas grossas prezas, que se faziaõ no Estreito, e Costa de Cambaya, de que tambem viviaõ os soldados da guerra.

*Sold.* Ainda a razaõ me naõ satisfaz; porque essas prezas grossas naõ se faziaõ todos os annos, nem eraõ taõ certas, nem taõ ordinarias, como saõ os duzentos e cincoenta mil cruzados, que de entaõ para cá saõ

acrescentados na renda de S. Alteza para suas despezas; mas os que saõ mal assentados no gastar, naõ ha rendas que lhes bastem; e o peyor he, que o dispendem, e dam a quem o naõ merece; e porque Deos sempre permitte, que o que mal se dá, mal se agradece; aos que fazem estas taes mercês, lhes ficam no cabo de seu tempo pouco amigos, pondo suas fraquezas nas praças.

## CAPITULO XI.

*O porque ElRey naõ tem dinheiro na India.*

*Vis.* ASsim que sois de parecer, que as muitas, e demaziadas mercês que se fazem poem o Estado em necessidade; e ha homens que lhes dam outro sentido, que vem esta pobreza dos muitos ordenados do Arcebispo, Bispos, Inquisidores, e outros Officiaes, despezas dos Mosteiros que agora ha, e nesse tempo naõ havia.

*Sold.* Isso he voz, e parecer do povo ignorante; e nunca o que se deo a Deos, ou se dispende para seu serviço, fez pobre a quem o dá; mas sabe V. S. o que faz a S. Alteza pobre? he o que me dizia Dom Joaõ Coutinho, vindo de Maluco por Capitão, e Feitor de S. Alteza de huma Náo de carreira, que trouxera setenta mil quintaes, todos de cravo, e que chegando a Goa vira duas cousas; huma, que naõ ficáraõ quatro mil de todos elles a S. Alteza, fazendo de despeza na viagem nove mil cruzados; e a outra, que indo a Maluco por Capitão, e Feitor de S. Alteza fôra lá para homens, que naõ eraõ mais honrados que elle, a quem o Governador tinha feito a mercê de toda a carga da Náo, pois a Náo da carreira da banda da India põe cem mil cruzados de arroz, e maça, e o mesmo agora acontece.

*Vis.* A quem fazem os Governadores tantas mercês?

*Sold.* Isso pergunta V. S.? naõ lhes faltam parentes, e amigos, com os quaes saõ taõ largos da Fazenda de S. Alteza, que se póde por elles dizer: *Do pão de meu compadre*, &c. e vai nisto tamanha devassidaõ, que

da

da Folosa até o Grou todos requerem lugares, muitos os Officiaes da Fazenda, e Justiça; e o que tem he raçaõ do Paço, que quem a perde naõ ha grado; e o peyor he, que fazem mercês taõ grossas a pessoas que naõ tem calidades, serviços, gostos (a), e merecimentos; que faz aos homens parecer, e presumir que tem elles parte na caraca, e que dispensam para si; e porque o Governador Martim Affonso de Sousa era registado no dar a Fazenda de S. Alteza, pagou em seu tempo das rendas da India, que naõ eraõ tamanhas como agora, quarenta e cinco contos de dividas velhas de S. Alteza, feitas em tempo dos Governadores passados, com pagar ordinariamente aos soldados seus vencimentos aos quarteis, de que se queixam os Viso-Reys de agora do máo fôro em que os deixou póstos, e fez as despezas ordinarias ao Estado, e tinha em depósito cincoenta mil cruzados de rendimento da India; como já disse á V. S., quando chegou o Governador D. Joaõ de Castro, que lhe succedeo no cargo.

*Vis.* Naõ posso entender como isso possa ser assim, pois se vê, e está sabido, que agora que as rendas do Estado estaõ em muito mayor crescimento, naõ bastam para as despezas ordinarias, que sempre a receita fica devendo á despeza.

*Sold.* Huma cousa, e outra he verdade.

*Vis.* Pois assim he, fazia Martim Affonso milagres, e fazia de pedras páo, ou convertia a arêa em arroz, como dizem que o Apostolo S. Thomé fazia para pagar aos trabalhadores da obra de sua casa, que fez na India.

*Sold.* Agora sabe V. S. que tambem Deos obra milagres pela edificaçaõ dos homens, como obra pelas virtudes, e rogos dos Santos bemaventurados; affirmo, que cada vez que os Viso-Reys da India fizerem o que elle fez, faraõ todas as despezas ordinarias do Estado, e teraõ dinheiro em depósito para suas necessidades importantes.

*Vis.* Isso quero; e que me digais, que he o que fazia.



(a) Deveria talvez estar escrito *póstos*.

*Sold.* Dillo-hei a V. S. em mui poucas palavras; mas ha de ser á condiçaõ, que cuide muito nellas, e verá que lhe fallo verdade.

*Vis.* Estou taõ alvoroçado a ouvir-vos, pelo que nisso me vai, que a tudo me obrigo.

*Sold.* Sabe V. S. o que fez nos seus tres annos que governou? pagou muito bem o que S. Alteza devia, e naõ fez mercê a quem as naõ merecia; e sabe V. S. quam registado dava a Fazenda de S. Alteza, que hum Fidalgo, por nome Balthasar da Silva, velho em serviço, se lhe queixou, que lhe naõ fazia mercê estando pobre, respondeo, que elle naõ podia fazer mercê em nome delRey: » Porque sois Castelhano; e se vos » deve S. Alteza alguma cousa, mandar-vo-lo-hey pa- » gar sendo do vosso soldo; porque pagando-vos vossa » soldada, naõ vos devem mais tempo; » e tendo parentesco algum com elle, chamou-lhe Castelhano, porque sua máy, sendo Portugueza, casára na Cidade de Rodrigo com hum Fidalgo Castelhano.

*Vis.* Pouco he isso de fazer, se elle aproveitar.

*Sold.* Mais pouco he de dizer, que de fazer, pois que nenhum outro Viso-Rey de seu tempo para cá o naõ pôde assim fazer, senaõ D. Pedro, que por sua morte, sendo inverno, em que as rendas naõ rendem, e por razaõ da guerra do Hidalcaõ, e passada de Meale á terra firme, se faziaõ grossas despezas, tinha o thesouro dez mil cruzados em hum cofre, no tempo do seu falecimento, e já soffria darem, e dispenderem mal a Fazenda de S. Alteza, mas tem para isso emprestimos.

*Vis.* Em quanto me tendes dito vos naõ achei homem da India praguento, como todos dizem que saõ, senaõ agora: como quereis que crêa se naõ ham de contentar os Viso-Reys da India de dispender o que tem, senaõ pedillo emprestado aos pobres, e inimistarem-se com o povo, que o gastarem em cousas muito proveitosas ao serviço de S. Alteza, e em bem da República?

*Sold.* Affrontou-me V. S. no que me disse, que me faz dizer o que tenho para calar: e pois o direito permitte, que possa homem matar em sua defensaõ, tambem poderei dizer a verdade, se a falla he em defensaõ de honra. Eu vi Governador, que pedindo á Ci-

dade de Goa emprestimo, representando necessidades importantes para o bem, e defensaõ delles; do primeiro dinheiro, que de emprestimo se arrecadou, tomou quatro mil pardáos, e os deo a hum parente seu, para comprar a Balthasar Lobo dous annos que tinha por servir da Fortaleza de Cananor, em cuja vagante elle entrava, e havia de servir outros tres annos.

*Vis.* Naõ era isso bem feito; e como elle podia dar a Fazenda de S. Alteza? dai-mo a entender.

*Sold.* Dillo-hei a V. S.: mandou-lhe pagar os ordenados dous annos adiantados, dando fiança a vencellos, e com alguma cousa mais, de que lhes fez mercê em nome de S. Alteza, o aviou, e negociou á custa dos pobres; e desta maneira fazem que S. Alteza peça emprestado, por ter necessidades, e tendo-as pagas d'ante mão a quem naõ deve: e de outro emprestimo, que depois se pedio em a Cidade de Goa, foi hum amigo meu o thesoureiro; e começando a arrecadar, quando senaõ o Capitão da Guarda lhe veyo dizer da parte do Governador, se tinha algum dinheiro, que queria pagar a alabardeiros, e ao Capitaõ delles; e se tardáraõ muitos dias que lhe naõ vieraõ á mão papeis para se pagarem mercês mal dadas, e peyor merecidas: e desta maneira pedem emprestimos aos póvos para fazer Galleões, e comprar munições, e gastam-no em sem-razões; e porque assim naõ ha cousa que se naõ saiba receber, já o povo soffre muito mal esta invençaõ dos emprestimos, por saberem da maneira em que dispendem-se, que he muito differente da para que o pedem. Em tempo de D. Joaõ de Castro se pedio hum emprestimo por seu mandado á Cidade de Goa, e Dom Francisco de Lima Capitão, em Camara, fez a falla á Cidade; porém o Governador estava em Dio fortificando a Fortaleza, depois da grã victoria que lhe Deos deo dos inimigos, e para provocar a fazerem o emprestimo lhe appresentou as necessidades do Estado, e quam pobre estava S. Alteza para acudir a ellas; respondeo-lhe hum Cidadaõ, que elle emprestava mil cruzados, que queria fazer outro mayor serviço a S. Alteza, que era mostrar que elle era o mais rico Principe que havia em Christãos, e que por culpa dos que mandavaõ, e governavaõ a terra, era feito pobre, e que pe-

pedia emprestado; e fazendo-se destas palavras graça, respondeo, que naõ podia ser mais rico Principe, pois pagava o que devia, que a S. Magestade pagáraõ cinco mil pardáos d'ante máo entrando a sua Fortaleza sem os ter vencidos, e ao Capitão de Chaul outros tantos, ou mais, e ao de Baçaim, e ao de Dio; respondeo-lhe, que isso estava em costume a fazer-se aos Capitães para poderem ganhar alguma cousa em suas Fortalezas, e que para isso davaõ fiança para segurar a Fazenda de S. Alteza: ganhou mais honra nas palavras que disse, que nos mil cruzados que emprestou; e certifico a V. S., que a destes Capitáes era pago adiantado mais de vinte e cinco mil pardáos, senaõ que para lhes ser feito melhor pagamento lhos quebrava nas melhores rendas de suas Fortalezas: desta maneira naõ póde S. Alteza sahir de necessidades, e o povo das oppressões; e o peyor he, que estes emprestimos naõ se tiram por Capitáes, Thesoureiros, Officiaes, que comem de S. Alteza o pão, e o melhor da terra, senaõ do povo pobre, e de homens que naõ vencem soldo de S. Alteza, e que vivem por seus officios, sem ter ganho á porta senaõ bons cabides de lanças, e espinguardas; todas estas desventuras nascem do pouco amor que tem á terra, e ao povo os que a governaõ, e he muito para ver pedir o emprestimo para o cabedal da carga, e dar oppressaõ ao triste povo, e aos Capitães móres da carreira, o que S. Alteza lhes emprestou neste Reyno para lhe lá pagarem, lho quitam em nome de S. Alteza, e lho tomam em papéis de dividas, que S. Alteza deve aos homens pobres, que ham a trouco de fazendas muito bem vendidas, e aos Capitães das Náos tambem lhes cabe sua parte.

*Vis.* E que razaõ tem para lhes fazer essas mercês?

*Sold.* Nunca falta que dizer: huns, que na viagem gastáraõ vinte gallinhas com os doentes; outros, que perdêraõ no proprio nas fazendas por ma despeza que houve dellas; como he S. Alteza obrigado, segura-lhes o ganho; outros, por terem neste Reyno thias em Aronches.

*Vis.* Verdadeiramente de cá de fóra do jogo me parece, que me naõ armará ninguem a isso, senaõ que quem deve pague; que melhor será arrecadar a di-

vi-

vida de S. Alteza pára sua despeza, que naõ pôlo em dividas.

*Sold.* Pois se V. S. isso faz, antes dos seus tres annos acabados o mandaráõ vir.

## CAPITULO XII.

### *O que faz aos Viso-Reys naõ contentar aos homens na India.*

*Vis.* COmo assim he? porque me ham de mandar vir?

*Sold.* Porque o mal e o bem dos Viso-Reys, sempre anda na boca dos Officiaes da carreira; que se lhes naõ fizerdes tudo quanto vos pedem, justo ou injusto, logo de lá vos ham de vir ameaçando, promettendo que neste Reyno diraõ a verdade, pelo que cumpre á sua consciencia, e pelas obrigaçóes que tem a seu Rey, de que ham de ter honra, que lhes perguntem as cousas da India, que o ham de saber muito bem contar.

*Vis.* Nesse foro está esta cousa posta?

*Sold.* Mas em muito peyor: porém perdoe Deos a quem nisto tem culpa, que foraõ os inventores de tamanha desordem, da qual elles ganháraõ pouco com Deos, e com S. Alteza, e os que agora os naõ querem seguir se perdem com os homens, e naõ ganhaõ muito com o seu Rey, havendo ser pelo contrario; porque o Viso-Rey D. Constantino, o que o fez naõ ser do gosto destes homens, e de outros da India, senaõ querer que quem devia que pagasse, e que quem furtava e matava, que morresse? das quaes cousas áchou a terra de muito tempo posta em foro, que com o hyssopo de agua benta se absolvia, e como peccado venial; e a justiça ainda que seja amada de todos, ninguem a quer em sua casa.

*Vis.* Pois nos cahe debaxo da lança, por amor de mim, que me digais, que achâraõ homens da India no Viso-Rey D. Constantino de máo gosto para emendar esse avesso.

*Sold.* Dilo-hei a V. Senhoria como testemunha de vista, e naõ suspeita: ser casto, verdadeiro, naõ tomando o alheo,

alhêo, bom Christaõ, amigo da conversaõ dos infieis, muita gravidade em sua pessoa, cortez e manso ás partes a que naõ disse huma má palavra.

*Vis.* Por isso lhe acháraõ que era máo? deixe-me Deos fazer outro tanto.

*Sold.* Naõ he este o mal, que lhe acharaõ, porque este bem tem a virtude que até os máos a naõ podem negar. O donde lhe veyo o mal, dilo-hei a V. Senhoria; ser muito regiftado no dar, e dispender a fazenda de S. Alteza, ao menos aos primeiros annos, cousa que aos homens mal parecia pelo fôro em que estavaõ postos: a outra era ser muito inteiro na justiça, e pouco amigo de moderar sentenças como se costuma em Castella, mandando-as executar pela ordem deste Reyno, o que a gente lá mal recebe; porque na India naõ mataõ ninguem por nenhum caso, e trazem por adagio, quem matar seu Mouro perde seu ouro; porque neste Reyno naõ custaõ os homens nada ao seu Rey, nem os ha mister para nada; o que naõ ha lugar na India, porque lhe tem custado muito dinheiro, assim em os pôr lá, como em sustentallos á custa de sua fazenda: e juntamente o que a todos custou em geral para escandalo, foi tomar as drogas para S. Alteza; fazellas defezas, que era o mais certo páo de que viviaõ os homens da India, e que pareceo máo tiralo; *e o caõ com raiva seu dono morde*; assim que de querer olhar pela fazenda, e justiça de S. Alteza, conforme ao que levava por seu regimento, e por trazer na boca, que S. Alteza era pobre, e orfão, e que hia á India mais por seu tutor, que por seu Governador, lhe veyo naõ ser muito amado; mas já agora lhe achaõ os homens na India todas estas bondades, e as pregoam, porque o bem naõ se conhece, senaõ depois que se perde.

*Vis.* Folgo em extremo de vos ter tirado da estrada por onde me levaveis, por vos ouvir cousa com que tanto folguei, com o saber que he terra a India, onde se os Governadores, e Viso-Reys perderáõ com os homens, se em tudo quizerem fazer o que devem a seus cargos.

*Sold.* Em toda a parte ha este mal: e entendendo isto Santo Agostinho, diz, que o Official que a todos contentar, naõ póde contentar a Deos: huma só cousa quero de V. S., que faça em quanto estiver na India, sustentar o Esta-

tado com a fazenda de S. Alteza, e escuzar opprimir o povo de lho pedir emprestimo; porque para ter necessidades importantes o bem do Estado, tenha V. Senhoria por certo; que quando as houver, os homens servem juntamente com suas pessoas, e fazendas, sem lhas pedirem; e neste Reyno tem V. Senhoria o Viso-Rey D. Affonso, que quando teve novas da Armada do Turco, que entrava ao Estreito de Ormûz; e para ella se fez prestes, dissera que lhe entrava mais ouro, joyas, e prata em taboleiro pela porta, do que entraõ a cozer páo em hum forno: e ainda que disto senaõ espera como das matronas Romanas, que desguarneciaõ suas pessoas para sustentar a guerra, sempre as mulheres de Fidalgos, e Cavalleiros, e homens de obrigaçaõ ao serviço de S. Alteza, está certo offerecerem suas joyas para o que cumprir ao serviço de S. Alteza, e defensaõ da terra, como se fez a D. Affonso por quam bem justo e amado era do povo, por sua brandura e boa condiçaõ.

## CAPITULO XIII.

*De como os Governadores por successaõ fizeraõ cousas dignas de louvor, ajudados da experiencia que tinhaõ na terra.*

*Vis.* HUm Fysico he necessario que leve; naõ sei se ha de hir a meu partido, ou se ha de levar ordenado de S. Alteza.

*Sold.* Naõ sou eu de parecer, que lhe desse V. Senhoria dinheiro, senaõ que lho pedisse pelo levar comsigo; e que naõ vai taõ mal negociado hir por Fysico mór, pois todos os que este cargo serviraõ tiráraõ nos seus tres annos sete, ou oito mil cruzados.

*Vis.* Como taõ bem se pagaõ lá as curas, ou taõ poucos Fysicos ha na terra?

*Sold.* Naõ ha senaõ muitos; mas estes Fysicos móres tanto que chegaõ, por começarem servir a Deos em seus cargos, dizem aos Viso-Reys, que ha ahi Fidalgos, e Soldados doentes, e pobres, que senaõ curaõ nos Hospitaes, e naõ tem por onde paguem as suas curas, que haja por bem que as paguem em seus soldos, e o que por isso seria taõ ordinario dos passados, lhes con-

ce-

cede logo, do que ham suas curas bem pagas no ser do soldo, e de outros partidos que fazem da roupa velha, lhes manda fazer delles bom pagamento, e com esta mercê ficaõ pagos á custa alhea das curas que fazem aos Viso-Reys, e dos mais de sua casa, e tambem nunca lhes faltaõ alvitres que pedem de mercê; donde vem que os mais destes, que lá estaõ, vivem ricos, e naõ querem tornar com os Viso-Reyis que os levaraõ, porque se achaõ bem na terra, e os entregaõ á torna-viagem aos Mestres das Náos, que tenhaõ cuidado em suas más disposições de os curarem.

*Vis.* Assim que esse Fysico, que hei de levar, segundo me dizeis, para a saude do corpo, para a enfermidade da alma que seria melhor naõ o levar; e como já ouvistes, tanto tempo esteve Roma sem enfermidades em quanto se naõ quiz servir de Medicos; e bem posso tomar este conselho para mim; pois naõ sou mais que hum homem, e em morrer se perde pouco, que para isso manda S. Alteza successores em que deve de pôr homens que me succedaõ no cargo da India, e de muita experiencia para poderem governar bem.

*Sold.* Naõ permitta nosso Senhor tal, senaõ que por muitos annos accrescente os dias de vida a V. S.! porque de homens em que o governo da India esteja bem, está agora a terra taõ falta delles, que he cousa para pasmar; e he hum descuido grande para o que convem ao bem della, naõ ter S. Alteza sempre homens que tenhaõ as partes que convem a quem ha de governar, e dar conta de tamanha cousa, porque quando elles taes forem, visto está por experiencia que todo o homem que governou a India por successaõ, posto que lhe faltassem algumas partes necessarias para o cargo, sempre no que cumprio ao bem do Estado, e conservaçaõ delle, fizeraõ algumas cousas dignas de louvor, e muito acertadas: e se V. S. o quer ver, ponha os olhos nos feitos de D. Henrique de Menezes, que foi o primeiro Governador da India por successaõ, por morte do Conde Almirante, o qual entre os Mouros naquelle tempo, tornou a pôr a honra do nome Portuguez, que governou (*a*) se hia perdendo; por-

(*a*) He fielmente conforme ao manuscrito, em que se vê que ha erro.

porque como homem taõ abastado de grandes honras, como tinha ganhadas em Africa, naõ quiz hir á vante com ellas, e esteve quedo; he dito commum, que quem na honra está quedo e naõ vai a vante, fica a traz, e a perde. Pois Lopo Vaz de Sampayo, que governou por fallecimento de D. Henrique de Menezes, em todas as suas cousas trabalhou por imitalo, por lhe naõ haver inveja em casto, amigo de Deos, e nada cubiçoso, inteiro na justiça, e nos feitos da guerra, em que lhe deu Deos muitas victorias. D. Estevaõ da Gama, que governou por fallecimento do Viso-Rey Dom Garcia, que foi hum dos bons Governadores, que olhou bem pela fazenda de S. Alteza, e que melhor teve providos os almazens dos mantimentos, e munições necessarias para a guerra, intentou, e commetteo hum dos mais honrados feitos, que se na India nunca commetteraõ, em que mostrou grande animo (porque pequenos animos nunca commettêraõ grandes emprezas), como foi a jornada de Sués, em que se passáraõ grandes trabalhos, nos quaes foi taõ companheiro, como o mais pobre soldado de Armada, que fez grande espanto nos Mouros do Estreito, pelejou em alguns lugares; parece que naõ mereceo a Deos ser Anthor de tamanha obra, como commettia em querer queimar a Armada que o Turco tinha em Sués. Garcia de Sá governou por fallecimento de D. Joaõ de Castro, fez logo fincapé em ordenar Armada grossa de Rio, por estar o Estado falto de Navios, e fundiçaõ de bazaliscos, e dizia, que pois os bazaliscos, que estavaõ em Achem, metiaõ medo á India, queria ter outros tantos caens d'agua, que metessem medo a Sués, e ao Estado de Meca; e fez huma rica espingardaria para os almazens de S. Alteza, com suas Armadas ricas que lhe deraõ nome. Jorge Cabral no seu anno, que governou, entre os homens, que entendem a India, e se falla nelle como se fallasse neste Reyno em hum anno de boa novidade, porque seguio o rasto de D. Henrique de Menezes, como homem que andou em seu tempo na India, e se achou em todos os feitos que fez, e bem mostrou no Reyno de Calecut, e na famosa Armada, que fez, e apercebeo em muito pouco tempo, em que esteve para dar batalha a todos os Principes Malavares no Achem com favor, e ajuda del-

Rey

Rey de Cochim, ao tempo que chegou o Viso-Rey de Cochim D. Affonso, a quem entregou a India, e ficáraõ a cargo todas as cousas daquella guerra. Francisco Barreto que governou por fallecimento do Viso-Rey D. Pedro *dicant Paduani*, que eu sou suspeito, porque sou muito seu servidor: huma só cousa quero dizer, que se Sua Alteza o quizer mandar á India por Viso-Rey, os Pagãos lhe pagaraõ os ordenados, que taõ bem quisto e amado foi dos homens da India, o tempo que governou. Assim, Senhor, que isto he o que achareis em todos os homens que governáraõ a India por successaõ; por onde se mostra quam proveitosa seja a experiencia das cousas da India, para quem ha de governar, pois os milagres, que fez Martim Affonso de Sousa, que deste Reyno foi por Governador, de quem as fez, senaõ da experiencia que tinha da terra, do conhecimento dos homens della, dos tres annos que foi Capitão mór do mar? donde veyo que era em tudo taõ universal, que estando hum Soldado hum dia pedindo-lhe mercê, e abrazonando de seus serviços, lhe respondeo: » Naõ vindes agora de Cromandel? fal- » lai-me verdade: « disse o Soldado: » Sim; quem o disse » a V.S.? » respondeo elle: » Ninguem, mas pareceo-me » que os cordões dessa camiza que trazeis: » e foi o Governador que melhor o soube negociar com os Reys da India, e enganar Mouros de quantos a governaraõ: e muitas cousas deixo de dizer delle; porque será nunca acabar, e só com esta graça quero deixar de fallar nelle: estando Embaixador nosso na Corte do Hidalcaõ, conformando as pazes, lhe perguntou o Hidalcaõ: « que novas havia do Governador Martim Affonso? se lhe fizera ElRey seu irmaõ mercê? respondeo-lhe o Embaixador: » Foi a Portugal a salvamento, e es- » tá S. Alteza pouco contente delle no obrar em seus » negocios: » respondeu o Hidalcaõ: » Peza-me disso, por- » que te juro por minha lei, que se tivera Capitão que » soubera negociar, e enganar como Martim Affonso, que » lhe fizera mercê de ametade do meu Estado.

*Vis.* Bem creyo, que fizera isso: como a lei, e a verdade dos Mouros tudo seja mentira, sempre dera dinheiro por ella.

*Sold.* Naõ sinto eu Principe Christão, que por ella naõ desse dinheiro, e fizesse muita merçê a quem o soubes-

besse servir, como fez Martim Affonso no governo da India, que lhe foi encommendado.

*Vis.* Parece já agora menos trabalho o governo do Estado da India, mormente aos que governaõ por succeſsaõ; pois ham de ter por Coadjutor o Arcebispo, por cujo conselho se ham de governar nas cousas da terra, assim na paz como na guerra, porque o ha (a) Sua Alteza por bem de seu serviço.

*Sold.* Por mais certo, e proveitoso haveria eu o seu conselho para salvaçaõ das almas, por sua muita virtude, e bondade, que naõ para as cousas da guerra, senaõ para a justificaçaõ della, porque com o governo, e conselho dos Theologos nunca se ganháraõ, nem accrescentáraõ Estados, e os Arcebispos para mandarem, e aconselharem na guerra, como naõ for em sua justificaçaõ, devem hir a ella, porque *vista faz fé*; e muitas vezes se acontece na propria obra tomar conselho mais proveitoso como na esgrima; e tambem os merecimentos, e serviços naõ devem ser galhardos (b) por homem, que a trementina nunca queimou, nem passou trabalhos para saber soccorrer nelles os Soldados; e por Nuno da Cunha segundo Governador entender isto assim, dizia que huma das cousas que lhe pezava de se fartar, era porque o farto cuida, que ninguem morre á fome, conformando-se com o exemplo: *pouco dá o farto pelo faminto.*

## CAPITULO XIV.

### *Sobre o d'Achem, Bassorá, e Ceilaõ.*

*Vis.* Até agora se gastou o tempo em cousas muito proveitosas; mas ainda outras tenho que mais dezejo saber, por serem chegadas a honra, e fama, porque os homens sempre tem tanto trabalho na India. Ao presente ha tres cousas em que todos póe os olhos; por-

(a) No manuscrito estava *porque só ha* &c.
(b) Entendo que esta palavra foi escrita em lugar de *galardoados*.

porque parece que estaõ ameaçando o Estado, e promettendo-lhe trabalhos; convem a saber: Bassorá, Ceilaõ, e o d'Achem, e queria, ajudando-me Deos, ir de cá acostado de authoridade de S. Alteza, acabar hum feito destes, o qual houver por mais seu serviço, que parece, se haver tardança na Costa, traz damno.

*Sold.* Assim que quer V. S. ir logo deste Reyno penhorado; e pôr-se em trabalhos? naõ me parece isso mal, porque *quem bem se estrêa, bem lhe venha*; que Nuno da Cunha desta terra foi com dizer, que o mandavaõ apressadamente tomar Dio; e os ociosos da India em elle chegando chamavaõ aos da sua Armada os expressos: todavia commetteo o feito com poderosa Armada, e o batteo; mas naõ tomou por ser forte, e inexpugnavel de sua natureza, e muita gente, bastante artilheria, e grande Armada de Galés que tinha em seu porto: pelo que em todo o seu tempo outra cousa naõ fez, senaõ governar em partes o Reyno por mar, e terra; e foi a guerra tal, que a partido lhe foi dáda a Fortaleza de Dio, como temos, pela maneira que V. S. terá ouvido.

*Vis.* Tudo isso tenho sabido como passou, e bem creyo *quem porfia mata caça*, e que fez isso, e outras cousas dignas de muito louvor, que lhe foraõ mal agradecidas.

*Sold.* E que cuida V. S., que aos Reys naõ castiga Deos de suas culpas, como aos outros homens? Eu creyo, que dos Reys naõ pagarem a quem os bem servio, permitte Deos o serem mal servidos de outros, que ficam bem pagos do que naõ merecêraõ.

*Vis.* Isso he cousa que acontece muitas vezes, e vê o homem cada dia pelo olho; e se Deos tarda o castigo na mesma hora, he porque em outra lhe ha de castigar mais: mas deixando cousas, que só Deos póde remediar, folgarei que me digais muito á miude o que sabeis, e entendeis destas tres cousas que vos tenho dito, para com vossa determinaçaõ me determinar em algumas dellas com S. Alteza.

*Sold.* Muito me pede V. S., e muito me dá a entender que confia de mim, devendo ser pelo contrario; porque perguntando Maximiliano em Flandes a hum pobre, que vio ir por huma manhã de muito frio, como

podia viver, pois elle com muitas roupas forradas de martas morria de frio, respondeo-lhe: » Senhor, naõ » te espantes de mim; porque me dá Deos o frio, se- » gundo tenho as roupas: » e assim he verdade que nosso Senhor he taõ piedoso, que naõ dá aos homens senaõ trabalhos com que podem; eu assim o posso dizer por mim, conforme a hum soldado de hum arcabuz, que naõ sei mais, que para servir, e obedecer, e naõ para mandar, nem governar, nem partio Deos nosso Senhor comigo conselho, para poder dar em cousas taõ grandes, e de tal calidade; lá na India embora tomará V. S. esse conselho, e será melhor dado, e de mais perto, e mais a proposito.

*Vis.* O que vos agora peço me deis vosso parecer, naõ estorva o que eu lá posso tomar, levando-me Deos á India, que, segundo me affirmam, ha na terra poucos para conselhos; porque todos saõ mancebos de pouca idade, e experiencia, que se naõ viraõ nunca em trabalhos alguns delles, que a natureza os naõ dotou de taõ bom, que se possa tomar delles.

*Sold.* Máos, ou bons, desses se ham de prestar; porque os Portuguezes basta-lhes serem Fidalgos para prestarem para tudo, e dahi vem acertarem-se as cousas, como se acertam; porque tambem ham por melhor errar em qualquer negocio, por mais importante que seja, que preverter a ordem, que se tem nos Conselhos, que naõ ham de entrar nelles senaõ Fidalgos, e outro genero de homens naõ; por muito Cavalleiros que sejaõ, experimentados, e velhos na guerra; porque fazem do Conselho desafios de justas, e torneos, festas de Principes, onde naõ ham de entrar senaõ Fidalgos de solar conhecidos, e iguaes, ou que tenhaõ brazaõ de armas.

*Vis.* Bem me está, que por honra, e preeminencia de Fidalguia, que entre todas as nações de gente he privilegiada, delles se faça muita conta tendo elles as partes, por que o mereçam: de outra maneira poderemos dizer: *Pedro Alonso me chamam a mim; mas que aproveita?*

*Sold.* Pois ainda tenho mais que dizer a V. S.: haveis de levar de cá de S. Alteza os Conselheiros, os que vos ham de aconselhar, que de alguns vos haveis de matar de rizo; porém como os haveis de ver sem con-

conselho ter para si, bons costumes e authoridade, e muitos delles que naõ tem as unhas vermelhas dos Mouros, que mataraõ, nem por suas mortes guarnecêraõ suas sepulturas com guiões, ou bandeiras, que ganhâraõ aos inimigos por força de armas: e levareis mettidos no rol alguns Religiosos, que serviraõ já em Leigos cargos de S. Alteza, e que se mostráraõ taõ virtuosos como seus antecessores (e daqui vem que lhes deo o habito) tornallos a metter no meio do mundo mais acreditados, naõ o tomando senaõ para o deixarem; e sabe V. S. quam curiosos saõ destas cousas? que eu vi em Jafanapataõ, em hum conselho que tomou o Viso-Rey D. Constantino, hum Frade dar o seu parecer por escrito, o qual se leo perante todos os parentes, que era na folha e meia de papel; eu o ouvi muitas vezes prégar, mas naõ li na Escriptura Sagrada o que alli se mostrou, que na Antiguidade o Imperador Danibal (a) trouxe ao Capitão Pompéo ao conselho com o Graõ Cesar, e os aposentou n'huma choupana de palha, que tal era a em que o Viso-Rey Dom Constantino estava; mas soffria-se o máo agasalhado, porque era em tempo, que por ser inverno tanta agua tinha por baixo, como por cima chovia; e me juro, que foi o seu parecer taõ esforçado de todos; porque era de parecer, que o Viso-Rey fosse a Ceilaõ, para o qual effeito faltavaõ duas cousas as mais necessarias, huma, que era tempo, e outra o poder de gente; porque o Viso-Rey o naõ tinha para tamanha empreza, de que o Padre se tinha esquecido com os dezejos que tinha de hir a Ceilaõ, onde já residira, e estivera por Prelado.

*Vis.* Parece-me que andais furtando a parada, e buscais rodeios para naõ virdes fazer o que vos peço: quanto aos conselhos deixai isso em mim; porque eu os tomarei de toda a calidade de homem em quem entender, que sua antiguidade na terra, e tempo, e a guerra lhe tem dado experiencia para nas cousas della poderem dar parecer, que seja proveitoso; porque ouvi dizer que assim fazia Affonso de Albuquerque, que depois que tomava parecer com os Fidalgos e Cavalleiros, quando havia de pelejar no mar, ou na terra, o tomava com os tres Pilotos, Condestaveis, Bombardeiros,

(a) Assim estava no manuscrito.

ros, e com os mais homens do mar; como fez na tomada de Goa, onde dizem que hum homem do mar mettendo huma chuça por huma porta da Cidade por onde se hiaõ recolhendo os inimigos, fez com que se naõ pudesse fechar, e por alli foi a Cidade tomada com ajuda de nossa Senhora.

*Sold.* Assim quer V. S. que se diga por mim: *quem mete primeiro fallar Gallego*; porque he melhor obedecer, que sacrificar, direi a V. S. do negocio de Ceilaõ o que delle sinto.

## CAPITULO XV.

### *Parecer da guerra de Ceilaõ.*

*Vis.* DE Ceilaõ folgarei que me digais primeiro por ser cousa de que temos recebido mais damno, e devia ser por só..... (*a*) em pouco; porque he graõ perigo, como sabeis, ter hum homem em pouco seu inimigo.

*Sold.* O que sinto de Ceilaõ, segundo em todas as cousas que se fizeraõ tivemos máos successos de perda de muita gente, muito gasto, pouco proveito, discredito do Estado com perder do ganhado, parece-me que naõ tem justiça na causa, porque Deos nosso Senhor favorece sempre a razaõ, e quando por esta o naõ fosse, que eu mal poderei sustentar, porque naõ sou jurista; como Soldado velho tenho visto, que muita parte do nosso mal veio pelos Governadores, e Viso-Reys naõ quererem entender a guerra de Ceilaõ, e se a entenderaõ, quizéraõ-lhe errar a cura, por mais naõ poderem; porque a guerra de Ceilaõ o que tem direi a V. S., he mais longa que perigosa.

*Vis.* Naõ quero, que em taõ poucas palavras acabeis comigo, se naõ que miudamente me digais, em que a guerra de Ceilaõ he longa; e em que naõ he perigosa, e em que se lhe errou á junta.

*Sold.* Direi a V. S.: a gente que nella mandaõ estar ordinaria com Capitáes, he pouca para se defender, quanto mais para fazer damno ao inimigo, e ainda este mal es-

P

(*a*) No manuscrito havia este mesmo claro, como de falta de palavra.

está mal provido e favorecido; donde vem, que a fraquéza nossa faz ao inimigo poderoso, e vai-nos gastando e matando a gente pouca e pouca, e os soccorros saõ taõ fracos, que se póde dizer, que vaõ mais a morrer, que a soccorrer, e desta maneira nos tem custado a guerra de Ceilaõ perda de muita gente, gasto de muito dinheiro, sem tirar mais proveito, que a perda das parêas de canella, que monta hum bom golpe de dinheiro cada anno, e outros proveitos, que a terra dava, e a nossa gente; e o remedio que isto tem he trabalhoso e custoso; por onde nos acontece que perdemos a fazenda pela naõ poder grangear: esta guerra pede a pessoa de hum Viso-Rey com o Estado da India, e grossa Armada bem petrechada de tres mil homens para riba, e desta maneira ficará a guerra pouco perigosa, e muito proveitosa.

*Vis.* Isso naõ fazia o Viso-Rey D. Affonso, que foi a Ceilaõ com grossa Armada, e a gente que póde ajuntar? e com essa ida naõ tirou desses trabalhos fruito, mas antes de entaõ para cá foraõ mayores.

*Sold.* Isso he verdade, que o Viso-Rey D. Affonso deu batalha ao inimigo, pelejou com elle naõ só na Cidade, senaõ até chegar a ella teve a nossa gente varios encontros, em que pelejáraõ, passando no caminho infinito trabalho, como tambem rios a nado, minhoteiras perigosas, grandes chuvas por ser inverno, e o alojamento de gente ser no campo, o qual por toda a parte he alagadiço, que só os senecugos delle bastavaõ pera guerrear os homens, e com todos estes trabalhos o inimigo lhe virou as espaldas; e acabado de fazer isto naõ lhe ficou mais para fazer; porque os mattos, serras, grandes rios de Ceilaõ, a grandeza da Ilha, naõ consentio seguir naquelle tempo o alcance ao inimigo, nem podello tomar ás mãos, ou de todo pôr a gente da terra em tanto aperto, que commetta partido honroso e proveitoso a nós; porque a Ilha de Ceilaõ he tamanha como V. S. sabe, e em tres mezes que lá póde estar hum Viso-Rey se naõ póde correr estando pacifica, e sendo ajudada da gente da terra, e mantimentos, quanto mais quem os ha de trazer comsigo para que lhe naõ sejaõ tomados dos inimigos; porque he cousa impossivel.

*Vis.* De maneira, que pela razaõ que dais me desespe-

rais

fais de todo poder acabar esse feito, e não poder fazer mais nelle que o que fez o Visó-Rey D. Affonso, e tornar para casa com gasto feito, que ha de ser pouco, e começarem-se os trabalhos de novo.

*Sold.* Pelá razaõ que agora direi a V. S., verá que digo bem em dizer, que a guerra de Ceilaõ he pouco perigosa e longa. Na guerra de Ceilaõ saõ gastados trezentos mil cruzados, por quebrados e miudos, e dous mil homens mortos na guerra, e de enfermidades, que com trabalho della padeceraõ; tudo isto se dispendeo em nosso damno, e em favor do nosso inimigo, cobrando muito credito, havendo de nós muitas victorias; que já pelejaõ por elle; fazem-no-lo muito exercitado na guerra, e a sua gente de tal maneira, que está hum grande mestre feito á nossa custa, havendo por razaõ de ser á sua, e em tudo isto se poderá poupar, ou por melhor dizer gastar, ganhando mais honra e proveito, e com menos perda de gente deste Reyno. S. Alteza manda dar huma Armada de oito ou dez vellas grossas, em que mandará dous ou tres mil homens, e com elles hum Visó-Rey para Ceilaõ, e as Naos tornarem á carga com cabedal de cem mil cruzados para sua despeza, com pequena ajuda que lhe fosse dos tres rendimentos da India, certifico a V. S., que dentro em dous annos sem perigo, nem perda de gente fosse senhor absoluto de Ceilaõ, cortara a cabeça ao Madune, aos que quizerem ter nome de Rey; e ganhara S. Alteza hum grande Reyno e terra muito proveitosa á conservaçaõ do Estado da India; porque nella ha muita madeira para fazer Armadas, muitos mattos, remos, vergas para galés, breu, ferro, cairo, azeite, carpinteiros, serradores, ferreiros, marinheiros, o que he de natureza de homens das Ilhas.

*Vis.* Assim que quereis dizer: *Tu que naõ podes, levame ás costas*; isso fará com trabalho o Rey de Hespanha, quanto mais o de Portugal? e mais naõ parece necessario fazer este gasto; pois ha Visó-Rey na India com sua gente, e Armada grossa, homens costumados na guerra, parece que essa empreza deve ser sua, e que fica mais a proposito, sem se fazer mais gasto, que o ordinario, que o Estado tem no pagamento da gente, e concerto de Armada, em que sempre se faz, e corre como toda viva.

*Sold.* Razaõ taõ viva, e boa naõ póde ter contradicçaõ; mas naõ vê V. S. que mais se fará na guerra de Ceilaõ em dous annos com dous, ou tres mil homens, do que se fará em tres mezes, que lá póde estar o Viso-Rey da India com sete mil? que esta he a razaõ que dou, por onde lhe chamo longa, e pouco perigosa; porque pede mais tempo o feito para se acabar, que naõ poder de gente.

*Vis.* E quem me tolhe a mim estar em Ceilaõ dous, ou tres annos, e fazer o feito muito de vagar, como vós estais pintando?

*Sold.* Pergunta V. S. quem o tolhe? o inconveniente de invernar o Viso-Rey fóra da India, e a sotavento della por razaõ da Armada do Turco, que sempre trazemos ante os olhos; e ElRey nosso senhor.

*Vis.* E em que no-lo tolhe S. Alteza?

*Sold.* Dilo-hey a V. S.: em o fazer Viso-Rey da India três annos tachados; e porque o cargo se dá por taõ pouco tempo em pagamento de serviços, o em que os Viso-Reys gastam este pequeno tempo, he no que direi a V. S.: no primeiro anno he em perguntarem pelas cousas da terra, para vir dellas a ter inteira informaçaõ; o segundo em aproveitar o tempo, e em ajuntar o que podem, como fizeraõ seus antecessores; o terceiro em entrouxar os homens, de que começam ser mal servidos, e para que lhes naõ batam no bucho na entrega que ha de fazer do cargo ao que ha de vir. Crêa-me V. S., que só pelo provimento, e governo da India ser por tres annos parece a todo o homem, que da terra tem toda a experiencia, que naõ deve durar muito.

*Vis.* Pois há homens de contrarias opiniões, e que tem para si, que he cousa acertada fazer-se dessa maneira.

*Sold.* Foi essa huma invençaõ antiga, de que quizeraõ usar as Nações de homens suspeitosos, havendo que era remedio de conservar liberdade para o povo, encurtar aos poderosos o tempo de sua governança, e mando; mas naõ ouvio V. S. já dizer os grandes gritos, que dera hum pobre chagado, porque hum homem, movído á piedade delle, lhe abanára as moscas que tinha em suas chagas, dando por razaõ, que as que ti-

tinha eſtavaõ fartas, e as que haviaõ de vir eraõ famintas, e que o haviaõ de atormentar de novo? ora pois a terra, por forte que ſeja, naõ conſente a ſer lavrada todos os annos, e os lavradores ſezudos ás folhas a ſemêam; naõ póde a India dar de ſi cada tres annos o que della querem tirar os que a governam, e nella tem cargos, e porque aſſim he a terra, e a gente, e a Fazenda de S. Alteza o ſente; e parece que devemos já mais temer as neceſſidades, e pobrezas, em que o Eſtado eſtá poſto por eſta razaõ, que noſſos inimigos, por poderoſos que ſejaõ.

*Viſ.* Eſſa couſa parece que ha de ir por eſſa ordem antiga, em que foi até aqui; porque Portugal he pequeno, e o Rey naõ tem com que pague aos homens o que lhes dever, ſenaõ com a India.

*Sold.* Por eſſa razaõ de ſe dar em pagamento eſtá a terra em paſſamento; e fará Deos tamanho milagre a tornala ao bom eſtado em que já eſteve, como fez em reſuſcitar a Laſaro, de tres dias morto; e huma couſa preſumo (*a*), que ou ſentem ao Eſtado da India por couſa, ou Portugal em tanto, que ſe acharáõ nelle cada tres annos homens, que convem a quem ha de governar tamanho Eſtado; couſa que eu haverei por muito poder ſer.

*Viſ.* Aſſim que tendes concluido comigo, que o feito de Ceilaõ pede a peſſoa do Viſo-Rey da India com ſeu poder, e que deſta maneira tendes por couſa facil acabar o negocio, mas que o naõ fará ſenaõ por mais eſpaço de tempo do que lá póde eſtar, para tornar na meſma monçaõ á India, como dizeis que he neceſſario: por onde vos parece, que de Portugal havia de ir Capitão, e gente ordenada para eſte feito pela maneira que me tendes dito, á India (*b*) ir hum Capitão mór do mar a eſſa empreza com boa Armada, e gente, que baſte para o feito, e ficaſſe o Viſo-Rey na India, repreſentando nella a força do Eſtado.

*Sold.* Quando eſſe Capitão mór for dos que eu vi já na India, e foſſe apercebido, como o feito pede, teria eu

(*a*) Aqui bem ſe vê que ha erro do manuſcrito.

(*b*) Ficaria talvez remediada a obſcuridade deſta oraçaõ, eſcrevendo: *e da India*, &c.

eu por muito certa a jornada, e bom successo, com ajuda de Deos, e haverem fim immensos trabalhos, que o Estado da India tem até agora com esta guerra de Ceilaõ; daqui se seguio muita perda á Fazenda de S. Alteza, e vidas de homens em pouca honra nossa.

*Vis.* Estou taõ contente, e tem-me satisfeito tanto o que temos praticado sobre a guerra de Ceilaõ, que vo-lo naõ sei dizer: por isso se diz: *Quien las sabe, las tange*; mas de huma cousa me espanto, naõ estar entendido pelos Governadores, e Viso-Reys passados da India esta cousa, assim como praticamos.

*Sold.* Tudo isto entendêraõ todos, e lho deraõ a entender melhor, do que eu o digo a V. S.; mas naõ quizeraõ pôr em obra fazelo, antes no que acudiraõ a esta guerra foi sempre com muito descuido em o provimento, pondo a culpa ás necessidades, e por isso em tal parou ella; porque sabe V. S. como se ham os Viso-Reys da India com os trabalhos della? como acontece aos homens que ferem em lugar que naõ ha Mestre, apertam-lhe as feridas, e enxalmam lhas, dizendo: » Ide embora a buscar quem vos cure; » e elles taes, saõ, que as chagas, e feridas que sobrevêm ao Estado, nenhum quer gastar tempo em curalas, senaõ enxalmalas, de maneira, que possaõ esperar, para o que lhes succeder no cargo, as curar se quizer; donde vem que de huns, e de outros o naõ fazerem, ficam as chagas fistuladas, e as feridas com herpes, ou espasmo, que nem fogo, nem sangue naõ basta para serem curadas, se Deos por sua bondade o naõ fizer.

*Vis.* Muita culpa lhes ponho naõ cumprirem com a obrigaçaõ que tem ao Estado, que por Deos, e seu Rey lhes foi encommendado; e esta quero eu que me ponha, se cahir nesse descuido.

*Sold.* E eu naõ lhes ponho nenhuma culpa; porque eu estive na India quarenta annos, e neste tempo os que mal, e bem governáraõ, todos passáraõ neste Reyno de huma maneira, por onde naõ póde ser bem servido o Principe, que he taõ descuidado na paga dos bons, como no castigo dos máos.

*Vis.* Bem vejo que o que foi desses, o mesmo será de mim; mas com tudo, eu naõ queria que por minha

cul-

culpa desmerecesse a S. Alteza; porque quando me naõ fizer por o bem servir, e cumprir com as obrigações do cargo, ao menos ficarei ganhando com os homens, e com Deos, que haverei eu por mayor mercê, que as que posso receber de S. Alteza.

*Sold.* Certo está que quem as merece a Deos, as merece a seu Rey.

## CAPITULO XVI.

*Parecer sobre a posse, que o Turco tem de Bassorá.*

*Vis.* VEjamos o negocio de Bassorá? que remedio lhe achais, e que vos parece nisso fazer?

*Sold.* O verdadeiro que lhe sinto eu, lhe deve vir por Deos nosso Senhor, a quem a cousa se deve encommendar, que a tenha da sua mão como nós cumpre, que visto está quam pouco proveito foi sempre o remedio que os homens quizeraõ dar ás cousas já no fim dellas: depois que Bassorá está por hum Turco, o poder da India com razaõ deve temer; e assim o dizia o Governador Nuno da Cunha, que naõ receava os Turcos que haviaõ de vir de Suez á India; porque naõ podiaõ passar a ella senaõ de cem em cem annos huma vez, por quam comprida tinhaõ a jornada, trabalhosa, perigosa, e tormentosa; que quando os vissemos em Bassorá, se arreceassem, porque dalli os teriamos todos os dias comnosco ás mãos nas costas da India em oito mezes do anno, em que o tempo lhes dava lugar para irem, e virem quando lhes bem estivesse; a qual guerra nos será muito trabalhosa, custosa, e importuna, e nos encolheria dos tratos, e proveitos dos homens, e rendimdnto do Estado; ficando além disso taõ vizinhos de Ormuz, que era necessario ter sempre nella grande guerra armada para favor do Estreito, e guarda da Fortaleza, o que tudo naõ podia ser sem grandes trabalhos, e despezas, que o Estado mal podia soffrer por muito tempo; e elles, como vizinhos diante a porta, melhor nos podiaõ guerrear: esta cousa que se havia de recear, já a temos vista pelos olhos; e de como a este perigo se provê, V. S.

o tem

o tem bem visto até agora, por isso naõ quero gastar o tempo em lho contar; basta que nos troxe o tempo até vir de ambos os Estreitos, do de Suez donde cá vem fazer prezas no nosso mar, e em nossas Náos, e Navios, e do de Bassorá, onde esperaõ fazer pé para conquista de todo o Estreito de Ormuz, e, por melhor dizer, tomar a Fortaleza pelo tempo, e com suas Armadas poderem-nos encurralar (a) nas Fortalezas da India, que com razaõ lhes podem chamar fracos curraes: mas assim he razaõ que estejaõ; porque Lisboa está taõ perto para soccorrer, como está de Mazagaõ.

*Vis.* Representa-me esta fantasia os males, e trabalhos que de Bassorá nos podem sobrevir; e verdadeiramente parece, que o Turco mais senhorêa a terra por nossos peccados, que por poder, e forças humanas.

*Sold.* Naõ me espanto nada disso; porque elle conforma as obras com o appellido, e chama-se Grã Senhor do mundo, trabalha pelo senhorear e meter debaixo do seu poder, e naõ se chama senhor de commercios, nem contratações, navegações como o nosso Rey; porque Reynos naõ se ganháraõ nunca, nem guardáraõ de poder de inimigos, comprando e vendendo, senaõ morrendo, e defendendo-lhes honras e mercês, que os Fidalgos, Cavalleiros defensores do Estado, e da honra do seu Rey (b), como acontece neste nosso tempo; e porque he natureza dos homens affeiçoarem-se ás cousas a que os seus Principes e mayores se affeiçoáraõ, e exercitáraõ, vem daqui á naçaõ Portugueza neste tempo serem todos já homens de pezo, e medida, e saberem mais experiencias de algarismo, que o Nicolas, que fez a Arte de contas.

*Vis.* Naõ eraõ por certo taes, no tempo que se escreveo delles quam animosamente se houveraõ com os Romanos na defensaõ de sua Patria, debaixo da bandei-

---

(a) O manuscrito dizia assim: *tomára a Fortaleza pelo tempo com suas Armadas*, &c. Pareceo-nos que a pequena emenda de tirar hum *a*, e accrescentar a conjuncçaõ *e* restituía o sentido do Author.

(b) Aqui ha erro no manuscrito, que deixa o sentido imperfeito; e como a emenda seria muito arbitraria, naõ tomamos a liberdade de a fazer.

deira de ſeu Capitão Viriato; mas viſto eſtá, que como elles ſe começáraõ a affeiçoar á mercadoria, logo foraõ perdendo a opiniaõ de Cavalleiros, e deixando de fazer as obras porque merecêraõ ſer chamados nas Eſcrituras antigas, os mais esforçados homens de Heſpanha, dando-ſe a vicios, delicias, e perfumes, e trajos de ſeda, mais que ás armas; donde vem o que vêdes, que já com trabalhos defendem o ſeu: e naõ ſei donde vem eſte mal.

*Sold.* Da pimenta da India foi o principio delle que fez de Lisboa Florença, e Veneza com as cazas de contratações, cambios, e recambios para feiras, dinheiros tomados em intereſſe, a que antigamente ſe chamavaõ onzenas públicas, que ſaõ para Goa agora ſantidades.

*Viſ.* Naõ pode ſer mayor erro nos homens, que naõ ſaberem o que lhes cumpre, nem que mayor damno lhes faça em tudo; mas quem quereis que torne a emmadeirar eſte Reyno de novo, e pôlo em eſquadria (*a*), ſenaõ Deos? e por iſſo temos o tempo aſſim como o temos; e dizei-me voſſo parecer ácerca do Eſtado, e poder, que o Turco tem em Baſſorá.

*Sold.* Senhor, ahi naõ ha no mundo Eſtado ſem trabalhos; e desfazer o que o Turco tem em Baſſorá, couſa nos ſerá proveitoſa, e tomalo huma vez, eu o tenho por couſa poſſivel com ajuda do Senhor; mas acabado o feito, nós em caſa com victoria contando da batalha, e elles outra vez em Baſſorá taõ poſſantes, e mais do que eſtavaõ; porque os caminhos que tinhamos por dezertos, trabalho, e perigos, naõ ſaõ os que pejaõ (*b*); porque o uſo faz as couſas faceis, como vemos que trazem madeira por elles, com que tem feito as galés, e ſua armada, com guarniçaõ de artilharia, e munições, eſtando ao baſo da grã Babylonia, de cujas ajudas e ſoccorros ſe aproveitaõ em muito poucos dias, como nos tem moſtrado a experiencia; e nós com trabalho hir-lhe-hemos fazer guerra á India, de oitocentas leguas por mar, e terra: donde nada nos póde ajudar nem favorecer nas couſas que nos forem neceſſarias; eu ſou de parecer, que nos deviamos aproveitar do conſelho do Evangelho, que diz: *O forte armado guarda ſua ca-*

---

(*a*) O manuſcrito tinha *eſquadraõ*.
(*b*) No manuſcrito eſtava *os que ſujaõ*.

casa: estaremos prestes para desfazer mayores brigas, e muito perigosas que ha entre nós, e Bassorá (a), e juntamente com isso assentar com elle boa paz, pois a querem, com naõ acrescentar nada em suas forças por mar e terra, que he cousa que se póde fazer; pois neste Reyno entre Principes Christãos, e taõ parentes, o mesmo se permitte por condições de suas pazes antigas; tendo sempre dellas avisos, e respeitos á fortaleza de Ormûz, para a soccorrer com gente, e munições necessarias, que será menos custoso a quem meter o resto para a tomada de Bassorá, o qual acabado de tomar se naõ toma nada, e de novo se acorda o cão que dorme; porque o Turco he poderoso Senhor, e seus Capitães muito sagazes nas cousas da guerra, e os nossos saõ descuidados nella, que sempre a fazem com menos gosto que a fazenda.

*Vis.* Assim que tendes para vós, o que nos fez damno no principio, foi naõ acudir com brevidade ao damno, que podiamos receber ao Turco se empossar de Bassorá, se póde agora hir remediando, e soffrendo com bom recado, e naõ tomando determinaçaõ na cousa, nem experimentar o que podemos, conformando-nos com hum texto do Direito que diz que » a dilaçaõ ás vezes » he cura em muitas cousas. »

*Sold.* Eu neste parecer estou como Fysico, que faz do tempo mestre para curar as enfermidades, a que os remedios naõ saõ proveitosos.

## CAPITULO XVII.

### *Do poder do Achem.*

*Vis.* TRatemos do Achem; e he razaõ que se tenha na memoria por ser taõ nomeado neste Reyno, que os homens da India a S. Alteza escrevem (a) receyos, que delle se devem ter, a que se deve acudir com tempo.

*Sold.*

(a) Acrescentou-se a conjuncçaõ, que naõ havia no manuscrito.
(b) O manuscrito tinha *os homens da India*, e S. *Alteza escreve.*

*Sold.* Do Achem he de razaõ, que se tenha muito receyo, por quanto o temos vizinho de Malaça, que como V. S. terá ouvido, he cousa fraca, e todas as Fortalezas da India taes saõ; porque naquelle primeiro tempo em que as fizeraõ os Governadores dos lugares, que as ganháraõ por forças das armas, tinha o Estado menos poder, e nenhum rendimento, por sermos hospedes na terra, e o tempo naõ dar lugar para as fazer mais fortes; mas antes se fez muito a respeito do que agora, que se naõ faz nada sendo o Estado tamanho, e taõ rendoso; o que fizeraõ, para aquelle tempo, parecia que bastava para os inimigos, do que agora os temos taõ poderosos, e exercitados nas armas com o uso da nossa guerra.

*Vis.* Malaça naõ he cercada, como S. Alteza tem mandado ha tantos annos? porque parece que se (*a*) o está, deve ser de maneira fortificada, que naõ poderá taõ livremente ser escalada do inimigo, que naõ haja tempo para lhe soccorrer.

*Sold.* Naõ está cercada; mas taõ fraca como sempre esteve, nem nunca se cercará em nossos dias.

*Vis.* Pois Malaça naõ rende já cada anno passante de cincoenta mil cruzados a S. Alteza, de que se pódem fazer as despezas ordinarias da terra, e ficar dinheiro para se fazer a obra da fortificaçaõ?

*Sold.* He verdade o que V. S. diz, e parece que disso tem boa informaçaõ, e a esse respeito mandáraõ já lá Governadores Veadores da Fazenda, e tornaõ para a India prezos, e maltratados dos Capitáes sem fazerem nada, sómente pagar pedreiros, e cavoqueiros de vasio, e a pedra que se ajunta, como cousa de S. Alteza, cuidaõ os homens, que salvaõ a alma em a furtarem para o que ham mister, e nisto pára a cousa até agora.

*Vis.* Parece que estorva o demonio cousa tamanha, e proveitosa, e taõ necessaria, para algum máo fim e successo, de que nos Deos por sua bondade guarde! mas levando-me Deos á India, essa será huma das cousas em que com muita brevidade hei de intender.

*Sold.* Fará V. S. muito serviço a Deos, e a S. Alteza; mas ha de trabalhar, pois que quer começar a obra, que se acabe em seu tempo; porque abasta começalla

V.

(*a*) O manuscrito tinha *se está*.

V. S.; para nenhum outro Viso-Rey nunca mais mandar pôr máo nella, e tomar por achaque, que vai a obra toda errada, porque naõ na fundaraõ por as regras de Vitruvio, e tomar este achaque, e outros para naõ dar fim a taõ boa obra, por outrem ser o Author della; que desta maneira trataõ os Viso-Reys huns aos outros em suas cousas: donde vem, que huma das cousas que tem feito S. Alteza na India pobre, saõ compecilhos de obras, que huns começáraõ, cuidando que acertavaõ fazendo-as por conselho, que os outros fizeraõ pôr por terra, de maneira, que cada tres annos vêdes a India demudada, que se naõ conhece, como homem que entra em auto por muitas figuras com differentes trajos; porque naõ ha nenhum Viso-Rey, que queira conservar, e sustentar o que acha feito por outro, e que seja muito bem feito; e todos como chegaõ á terra, querem fazer homem á sua imagem, e semelhança, e ficaõ fazendo nada, e gastaõ o de S. Alteza em invenções pouco proveitosas; e Cananor está com os lanços dos muros postos por terra. Chale entra o mar nelle, estaõ já as torres solapadas para cahir por estar edificado sobre arêa, e o mar veyo comendo grande espaço, que estava affastado delle: pois Chaul já se naõ servem da Fortaleza (*a*) por huma escada, que se fez á torre da Menagem por huma bombardeira onde passa o Capitão, que todo o mais está de maneira, que naõ está para guardarem por elle: e tudo isto veyo de naõ haver quem quizesse reparar as obras a seu tempo, e até que vieraõ a naõ ter outro concerto, senaõ de novo serem outra vez edificadas. Em Cochim naõ fallo; porque se hia a Fortaleza, que fez Affonso de Albuquerque, como aquellas grandes Terraçenas, e casas que eu vi ha muitos annos chêas de pimenta para carga, e depois das Náos partidas ficar ainda muita nella para o anno vindouro; por todas se póde dizer: *hîc Troja fuit.*

*Vis.* Todas essas boas venturas que me contais se guardáraõ para meu tempo, e se naõ acudir a ellas, quiçaes (*a*) que se me porá mais culpa, que aos passa-

(*a*) Falta aqui a particula *senaõ*, ou outra que signifique o mesmo.

(*b*) O manuscrito tinha *os iguaes*.

sados, que por seus descuidos está tudo posto no estado que me tendes dito.

*Sold.* Quanto á fortificaçaõ de Malaca, se parece a V. S. que com ella porá segura Achem, tenho ainda nisso que dizer.

*Vis.* Como assim naõ se segura Malaca com se fortificar, e com o Capitão della ter o resguardo, que convem na sua obrigaçaõ, e honra no provimento de seus mantimentos, e munições, e o reter a gente que naõ seja da terra, quando lhe parecer necessario?

*Sold.* Tudo isto lhe será proveitoso; mas o receyo que temos do Achem naõ he por razaõ de quam poderoso se fez com suas Armadas grandes, e poderosas, em que está posto na ponte de todas as viagens da India para o Sul; e dado que em sua guerra nos naõ tomasse Malaca, como creyo que com ajuda de nosso Senhor, mandando-a V. S. fortificar, está certo que se naõ tomará; que lhe tira as Náos da Cafra, de Maluco, as de Banda, todas as da China, que cada huma Náo destas por si he huma perda de Malaca, e para isto naõ temos lá Armada, que com a sua possa peleijar, senaõ se for mandada da India taõ poderosa, como he necessario, que eu haverei por difficultosa cousa poder-se fazer; e posto que vá, cada vez que o inimigo sentir na nossa Armada ventagem, metterá a sua em hum dos seus portos, onde com o favor da terra lhe naõ poderáõ fazer damno algum, e ficará o trabalho, e despeza, damnificando mais em nós, que em nosso inimigo.

*Vis.* Pois esta cousa he razaõ que se tome com ella conclusaõ.

*Sold.* E eu desse parecer sou; porque o inimigo vai-se fazendo muito poderoso, e exercitado na guerra, e, como sabemos, vai-se acompadrando com o Turco; e tem intelligencias, presta-se de sua gente, e munições, fundidores, Mestres de Navios, e espinguardas; he senhor de rica terra, homem que anda victorioso: tem feito taõ temido, e honrado este nome *d'Achem* nas suas partes, que os que o naõ se prestam delle pelas muitas victorias que tem alcançado de seus inimigos, assim na terra, e Ilha Camaraõ, que senhorêa, como em outros pórtos de outra Costa, em que com suas Armadas vai guerrear, como fez agora ha poucos dias em Gen-

ta-

tava, onde cativou o Rey da terra, grande número das Almas, e rica preza: assim que para commetter este inimigo, e para se haver delle a victoria, que com ajuda de nosso Senhor está certa, ha mistêr a pessoa do Viso-Rey com huma Armada grossa, e bem petrechada de munições, e mantimentos para a jornada, que bastem para quatro mil Portuguezes, que para o effeito saõ necessarios, afóra os marinheiros, e gente do mar, remeiros dos Navios de remos, escravos, e gente de serviço; e ainda sería de parecer, que se levasse nesta Armada dous, ou tres mil homens Christãos da terra de Goa, que he boa gente de pé, gente fiel, e que com nossas costas pelejam bem: saõ muitos delles bons espingardeiros, e tambem podem servir em outras cousas que se poderáõ offerecer na mesma guerra, que sejaõ proveitosas mais ao effeito, que servindo com a lança na mão: ora a Armada em que esta gente deve ir será (*a*) grossa, e custosa, mas ainda eu tenho por certo, que será muito proveitosa.

*Vis.* Essa jornada em que tempo se póde fazer, ou que tempo ha mister para se acabar ao nosso proposito?

*Sold.* Para Malaca se póde ir duas vezes no anno, e vir em huma; convem a saber, póde-se partir em Abril, e vir em Janeiro, os que lá querem ir invernar; e os que invernam na India partem em Setembro, e vem em Janeiro em companhia dos que foraõ invernar, mas estam lá menos tempo.

*Vis.* Em qual desses tempos vos parece que será melhor partir, para que a obra naõ seja desfavorecida delle, para se effeituar cousa taõ importante, e de serviço de Deos, e de S. Alteza, e bem da India?

*Sold.* Naõ me sinto habil para taõ levemente dar esse parecer a V. S. em qual dos tempos deve partir; porque Viso-Rey que partir em Setembro tem menos tempo para o que ha de fazer, e o que partir em Abril sobeja-lhe tempo para fazer, e tempo para temer.

*Vis.* E de que se ha de temer?

*Sold.* De permittirem nossos peccados, que nos dez mezes que lá ha de estar, tenha a India huma oppressaõ de nossos inimigos, a que naõ possamos acudir como se-

(*a*) O manuscrito tinha: *ser grossa.*

ferá necessario, por termos o Viso-Rey com a Armada da India fóra della, em que está toda a nossa força; e acontecendo isto (que Deos naõ mande!), em tudo está mais certa a perda, que o ganho.

*Vis.* Para se fazerem as cousas em que tanto vai, visto está que se naõ podem fazer sem se aventurar alguma cousa; porque *quem se naõ aventurou, nem perdeo, nem ganhou.*

*Sold.* Esse dito he commum; mas aventurar o certo pelo duvidoso, naõ he sizo; e os Viso-Reys he lhes necessario terem sempre a India pelo ourelo, como os que jogam o gato repellado, e ainda assim ter olhos postos em toda a parte, e naõ socegar, para a ter guardada dos que nella quizerem fazer damno. O partir de Setembro para esta jornada parece mais seguro, para o que se póde temer dos Estreitos de Suez, e Bassorá, de que ao tal tempo haja recado; que dos cercos da India das Fortalezas, naõ tenho isso por naõ só, que humas, e outras se naõ ajudem, e soccorram.

*Vis.* Levar-me-ha nosso Senhor á India, e entaõ de mais perto, conformando-me com o tempo, me determinarei no que for mais proveitoso a bem da terra, por conselho daquelles que o melhor entendem.

*Sold.* Em quanto V. S. isso fizer, fico que erre poucas vezes ou nenhuma; porque os Viso-Reys naõ erraõ nas cousas, senaõ por haverem por fraqueza tomar conselho.

## CAPITULO XVIII.

### *Da Carga da Pimenta.*

*Vis.* JÁ ouvistes dizer: *Quem pergunta, saber quer:* e por isso naõ vos pareça (*a*) querer taõ miudamente por vós saber das cousas da India; e do trabalho que nisso vos dou ficais pago, por vos ter em taõ boa conta, que creio de vós, que em tudo me falais verdade conforme ao que naõ saõ os homens mais obrigados. Bem tendes sabido, que a cousas da India em que mais se põe os olhos he na pimenta, pelo interesse e proveito que della se espera, a qual ha já annos que tarde, e mal pouca vem a este Reyno, e tenho entendido, que os Viso-Reys, em cujo tempo correo

(*a*) Aqui falta huma palavra.

reo esta cousa mal, que nenhuma outra que fizessem na India em seu tempo, por boa que fosse, deraõ com ella perfeito gosto de seu serviço ao seu Reyno.

*Sold.* Portugal he como ostra, naõ se póde comer sem pimenta; e he muita razaõ, que do Viso-Rey que se descuidar da carga da pimenta, por sér cousa taõ importante ao bem deste Reyno, donde depende a conservaçaõ do Estado da India, nenhuma outra cousa basta para S. Alteza ter gosto do seu serviço; porque claramente parece que por descuido, e querer entender em outras cousas em que menos vai, deixaõ de acudir ao negocio da carga.

*Vis.* Eu muito folgaria, que em meu tempo resuscitasse este negocio, que já neste Reyno temos pór morto, e queria muito acertar-lhe a junta: e pois em tudo o que até aqui pratiquei com vosco, me tendes mostrado de vós quam corrente nos negocios da India vos tem feito os muitos annos que nella andastes, bem creio que tereis tambem parecer nesta cousa da Fazenda, e carga da pimenta; e como em todas as outras cousas que praticámos mo tendes dado, e por isso vos rogo que me digais esta cousa; donde vem marcar (*a*) a tantos, havendo agora na India mais pimenta que nunca houve; porque a estima della a fez crescer, e a terra donde alcançarem se (*b*) os naturaes della a semeala, pelo proveito que disso tem segundo todos dizem.

*Sold.* Essa cousa realmente passa como V. S. diz, e bastava essa razaõ para haver tanta pimenta, como sempre houve para a carga deste Reyno; mas houve neste tempo outra cousa que o estorvou, que foi o descuido que os Viso-Reys, e os Governadores tiveraõ na devacidaõ, que os homens tinhaõ em tratar nella sem serem castigados; e como S. Alteza teve muita, quando foi dos homens, naõ teve nenhuma, e veyo a cousa haver-se por taõ pouco prejudicial ao serviço delRey, que querendo hum Governador proceder contra os homens, que constava por devassas tratar em pimenta, foi aconselhado, que pelas taes culpas naõ procedesse, e perdoasse aos culpados livremente, e cuido que assim o

(*a*) Este lugar está viciado.
(*b*) Deve esta palavra ser *lançarem-se*.

o fez, dando por razaõ, que se destruiaõ ametade dos homens, e por aqui verá V. S., que ainda que digaõ mal delles, ainda ha virtuosos, e de bom respeito, como se mostráraõ nesta cousa.

*Vis.* Bem me está isso, se pela ventura naõ fizerem dessa virtude fazenda para a venderem no perdaõ dos culpados; mas se isso me aproveitar no meu tempo, hei de trabalhar por evitar essa devacidaõ em que os homens estaõ postos, de todos tratarem em pimenta, e tambem me dizem, que ajudará nisso muito a paz do Samorí, e amigar-me com esses Reys, e Senhores de Malavar, de cuja terra nos vem a pimenta, e se assim he, podeis crer, que nada me ficará por fazer do que entender, que possa aproveitar para este negocio da carga correr a meu proposito; porque eu entendo muito bem quanto nisso vai á minha honra, e contentamento, e o que mais entenderes que nisso devo fazer, folgarei que mo digais.

*Sold.* O parecer que nisso tenho he bem differente do que já tive, e naõ me peza nada nelle me desdizer do que já muitas vezes disse, e approvei por bom; porque me tem provado a experiencia, que naõ estava de bom parecer, do que tinha para mim em cuidar, que huma das principaes cousas, que nos era proveitosa para haver a pimenta, era a paz do Samorí: o que agora sinto pelo contrario, que para tudo nos fez nojo a paz do Samorí, e para nada nos aproveita.

*Vis.* Cousa que está approvada por tantos, boas razões e efficazes vos he necessario para fazer a vossa boa.

*Sold.* Quero provar a V. S., como a paz do Samori nos he muito danosa, e nada aproveita; e se for nas palavras comprido, seja a culpa de V. S., pois me quer dar orelhas; que eu naõ tenho tanta eloquencia, que em poucas palavras possa dizer muito: e fundo minha má razaõ em esta; que se veja em este Reyno por as cartas geraes da India, ou os livros das cargas das Náos, que da India vieraõ com pimenta, a que foi mandada de lá nos annos em que tinhamos guerra crua de fogo, e sangue com o Samori; e no tempo da paz vinha menos.

*Vis.* Se isso assim he, naõ póde ser mayor graça, nem mayor engano do em que estaõ postos os mais dos homens, e cuidaõ que podem fallar na India.

*Sold.* A prova desta verdade está tomada ás máos; veja-se; e com isso me lanço de mais razões.

*Vis.* Ora naõ vos quero contradizer, senaõ que seja assim o que dizeis; e que razaõ me dais para isso poder ser, e poder crer sem admiraçaõ, que a paz do Samorí nos seja danosa, e a guerra proveitosa?

*Sold.* No nosso descobrimento da India, e contrataçaõ, e commercio nella de pimenta, duas nações de homens recebêraõ perda, convem a saber os Venezianos, por cuja maõ corria para os lugares, que agora tem da nossa, com o qual contrato tinhaõ feito o seu Senhorio poderoso, e rico com tal ordem, e conselho, que era para se haver mais inveja desse, que dos proveitos: os outros foraõ os Mouros, e Malavares da Costa da India, que eraõ os que por mar lhes levavaõ a pimenta pelo Estreito de Meca: daqui nascêraõ duas cousas, perda, e inveja aos Venezianos desta nossa conquista, e terem guerra com nosco os Mouros Malavares, para negociarem sua fazenda com maõ armada, como fizeraõ muitos annos, na qual perdêraõ sua força assim no mar como na terra, que sendo muitos, e muito poderosos, e havendo entre elles muito grandes Capitáes, e povo rico, que á sua custa faziaõ a guerra, veyo a cousa a tanto escahimento, que em todo o Malavar senaõ póde agora achar hum Mouro, que só possa armar hum Navio quer para a guerra, quer para fazer fazenda, nem ha homem, que tenha pessoa para o tomar o povo por seu Capitáo; porque, como V. S. sabe, os Reys saõ Gentios, e seus naturaes, e naõ saõ homens do mar; por onde o Samorí naõ punha mais cabedal na guerra que nos fazia, que dar a licença para ella; porque lhe davaõ os Mouros; e como a guerra de tantos annos os cançou com tantas perdas de armadas, mortes de muita gente, perda de muita fazenda, e ja de todo fracos e desbaratados, deixáraõ as armas confessando sua fraqueza; donde veyo que o Samorí, como perdeo o interesse dos Mouros por nos deixar fazer a guerra, folgou com a paz de que ao presente tem mayores proveitos, e com menos trabalho; porque no tempo da guerra lhe davaõ na sua costa vinte cinco, e trinta navios de remo todo hum veraõ, com que naõ sómente lhe naõ podia sahir da terra huma vazilha de pimenta; mas

ain-

ainda passear naõ podiaõ: como teve comnosco paz, logo se lhe tirou a guarda da costa, e lhe ficou mui corrente mandar toda a pimenta, que quer ao Estreito por si, e por sua avença sem serem naturaes, como temos (*a*): assim faz sua fazenda, e muita guerra com os Navios soltos que andaõ a furtar, os quaes cada anno nos tomaõ tres, quatro, cinco Navios nossos, e nos tomaõ muitos homens, e fazem muita preza sem haver mais cousa que dizer, senaõ: *no meu perdeo Maria o seu* (*b*), sem haver quem os castigue; donde os homens já mais sendo do que eramos antigamente temidos delles, e das offensas, que nos fazem sem os Viso-Reys acudirem a ellas, como he razaõ, vem a crer de nós, que procede de fraqueza nossa; por onde nos em tudo vaõ perdendo a obediencia, e cortezia; e ainda desta paz nasceu outro mal mayor para nós, se o mal naõ entendo; que com a paz que assentámos com o Samorí, o repuzemos em seu estado perfeito conforme a seus costumes antigos; porque o Samorí por linguagem Malavar quer dizer Imperador, e mayor entre os Reys Malavares, a quem todos por suas antigas Leys, e costumes devem obediencia, e serviço, e acatamento, com lhe conhecerem superioridade; esta lha naõ tinha a mayor parte dos Reys Malavares, que com a guerra que com elles tinhamos estavaõ da nossa parte; porque he natureza dos homens ser da parte dos que mais podem; e favoreciaõ a parte delRey de Cochim seu inimigo, porque eramos da sua parte por obrigaçaõ, e somos: tanto que por contrato da paz ficou nosso amigo, naõ lhe ficou mais que fazer, que confederar-se com os Reys Malavares, e perfilhar-se com alguns nos Principados da terra, conforme os seus costumes. Como agora está tirando com ElRey de Cochim, donde vem ter todos da sua parte, de tal maneira, que naõ podemos ter guerra com elle, que naõ seja com o poder de todos; nem com nenhum em particular, porque o Samorí naõ acuda, nem seja com todo o seu poder, e de seus amigos contra nós; assim que nós com a nossa paz o puzemos no estado que a elle pertencia, em



(*a*) Aqui ha falta no manuscrito, como se vê.
(*b*) O manuscrito tinha *nem eu, perdeo* &c.

em que nunca pôde ser posto de tantos annos a esta parte.

*Vis.* Por amor de mim, que me deis a entender isto por mais breves, e claras palavras; porque com as que me tendes dito algum tanto estou confuso.

*Sold.* Como naõ cahe V. S. nesta cousa que digo? naõ se vio na guerra de França com Hespanha, em quanto ella durou, muitos Senhores, que por suas antiguidades deviam obediencia ao Rey Francez, serem da parte do Imperador por necessidade, ou má vontade, e tanto que nestes poderosos Principes houve paz, tornáraõ a servir, e a obedecer ao Senhor a quem deviaõ ter obediencia, e confessar vassallagem? pois assim pinte V. S., que aconteceo ao Samorí com a nossa paz, que ficou por quieto, pacifico, e obedecido de amigos, e inimigos que tinhaõ por nosso respeito; e mais direi, que o temos feito rico, e Principe poderoso, de nos naõ temer. E, para fazer boa a minha razaõ, contarei a V. S. o que o Governador Garcia de Sá, nas suas pazes, que fez com o Samorí, lhe concedeo, que dando carga de pimenta em sua terra para duas Náos, segundo minha lembrança, pudesse mandar nellas a seu risco a este Reyno certos quintaes, e a valia delles lhe fosse de cá empregada no que elle quizesse, o qual contrato ElRey, que está em Gloria o approvasse; e sobre as condiçóes delle houve conselho, e se naõ quiz conformar, dando razaõ, que nos naõ vinha bem dar a gostar ao Samorí os proveitos da pimenta, nem fazelo rico, pois que estando pobre, e sem amigos nos dava tanto que fazer com sua guerra: o que este parecer deu, fallou por sua boca o Espirito Santo, o que nos era necessario; mas aproveitou pouco; porque se aproveita da nossa paz para se fazer rico, e seus vassallos, e de nosso descuido por nos fazer a guerra pela maneira, que tenho dito a V. S. Ora pois isto he verdade, como o he, se no tempo em que naõ era obedecido dos mais dos seus vassallos, ainda assim arreceavamos a vinda dos Rumes á India, sendo ajudados delle, e da sua gente, e Navios, quanto com mais razaõ a deviamos agora temer, pois com nossa paz o temos feito rico, poderoso, obedecido dos mais poderosos Principes Malavares, segundo seus costumes de tal manei-

ra,

ra, que com razaõ podemos dizer, que lhe demos armas contra nós, e que sua paz nós he, e foi danosa, assim para a carga da pimenta em quanto vai; como para o mais, que de taõ poderoso Principe, e pouco amigo se deve temer? Por onde estou eu melhor com sua guerra se lha quizerem fazer, como fizeraõ aquelles antigos, e bons Governadores passados, em cujo tempo neste Reyno sobejava a pimenta com lhes desfazerem suas forças, e Estado com muitas victorias, que lhes Deos deu delle por mar, e terra, como V. S. terá ouvido.

## CAPITULO XIX.

*Da despeza que faz a nossa Armada no Mar.*

*Vis.* HUma das cousas que se sente muito neste Reyno, e em que se falla, he na grossa despeza que faz o Estado da India com ter Armada no mar: donde vem, que ordinariamente se gasta o tempo, e a Fazenda de S. Alteza no concerto della, como se servisse, dando por razaõ, que assim he necessario tella prestes para estar mais a ponto de guerra, acertando de vir a Armada do Turco, porque sempre se espera, para lhe sahir ao encontro com mais presteza; e com esta esperança de sua vinda della, nos fazem a guerra com fazerem ao Estado ter grossas despezas, sem servirem de mais, que de estarem os Navios apodrecendo no rio, e comendo-se do guzaro (*a*), sem haver quem a esta cousa possa dar outro remedio, e cá nisto, pelo que tenho ouvido, sou do parecer de todos: naõ sei como estais na ordem que se nisto tem.

*Sold.* Sou de contrario parecer; porque vi sempre estar apodrecendo a Armada no mar, pelos respeitos que V. S. diz, e o mais necessario estava em Gibraleaõ; e páos naõ pelejam: que aproveita ter Armada no mar, se os mantimentos estaõ em mão de nossos inimigos, e naõ no Almazem de S. Alteza, e os biscoutos estaõ por

(*a*) Assim chamaõ na India o que nós chamamos *guzano*.

por fazer; e ha mister quatro mezes para se fazerem, e as cotonias para as vélas estaõ em Cambaya, e o cairo, e azeite no Malavar, e os Marinheiros por Bengala, e pela China, e Ormuz, e para os Navios de remos os remeiros na terra do Idalcaõ, ou do Nizamaluco, e no Malavar, donde viráõ se quizerem, ou os deixarem vir seus Principes; e as amarras, popiliames, enxarceas, vélas, e outras cousas necessarias, nunca nenhumas estam tanto a proposito, que os Navios naõ esperem por ellas tanto tempo, quanto abaste para se botar a Armada ao mar, ainda que esteja toda varada: e estando, escusaria S. Alteza melhoria de quarenta mil pardáos por anno que se gastam em remendala, e por derradeiro, nunca os Navios estaõ taes, que estejaõ para fazer huma jornada comprida.

*Vis.* A lotaçaõ de quarenta Navios grossos parece que ha mister muito tempo, e naõ póde ser taõ prestes como vós podeis cuidar.

*Sóld.* E assim o confesso: se na Ribeira de S. Alteza naõ houver mais que huma envasadura para caravelas, e outra para galeras, como ha, e ainda podres, que se fará isso de vagar; mas se houver quatro para Galeões, e quatro para Caravelas, que naõ podem custar a cinco mil pardáos; e houver os curadores, que para elles laborarem saõ necessarios, fico a V. S., que dentro em hum mez tenhaõ toda a Armada posta no mar, e toda esta muniçaõ nova estará guardada para o tempo do mez ter com menos custo, do que cada anno S. Alteza faz no máo concerto de sua Armada; porque tendo na sua Ribeira o necessario, gente para a lotaçaõ della dita Armada lhe sobeja em Goa, naõ fallo nos Portuguezes com sua escravagem, que he muita, senaõ no povo da terra, e ha vinte mil homens dentro em hum dia, e cada dia que saõ necessarios: quando esta cousa correr desta maneira se poupará da Fazenda de S. Alteza o que se gasta, e naõ estaria cada dia lançando dinheiro no mar, e com o que se nisto poupasse, que he huma boa cópia de dinheiro cada anno, se podiaõ prover os Almazens, e munições de muitas cousas necessarias para a guerra, que estivessem juntas, e a proposito para servirem, e naõ se pedirem a partida no tempo necessario por espe-

pe-

perarem humas cousas pelas outras, como muitas vezes acontece.

*Vis.* Tambem isso que dizeis se pratíca, e alguns homens que dizem, ainda naõ fôra inconveniente estar Armada varada por razaõ da presteza com que se déve acudir aos Turcos passando á India, dam por razaõ, que varada tambem se damnificam muito os Navios, por onde ham por melhor, já que se damnificam tambem em terra, estarem no mar, porque assim está mais prestes.

*Sold.* Essa razaõ dala-ham patrões, homens do mar, officiaes da Ribeira, que da perda de S. Alteza tem proveito, e comem do lavor da Ribeira, e tem razaõ; porque ainda que isto assim naõ fôra, só por se fazerem necessarios lhes convinha fazer sua razaõ boa para lhes darem de comer, e pagarem o que S. Alteza lhes manda dar, do que ainda servidos saõ mal pagos. Contarei a V. S. outra mayor graça, que os Navios que estaõ apodrecendo a quatro amarras, surtos no Rio, vencem os officiaes delles como se fizessem caminho, e alli tem sua despeza de quem as vigia, e dá á bomba os que fazem agua; mais direi: ha Navios que estam varados por naõ terem corregimento por os Mestres da Ribeira sentenceados á morte, e serem desfeitos para a casa da Fundiçaõ; e em quanto se naõ faz a execuçaõ nelles, o Mestre, e Contra-Mestre vencem de vazio; e prouvesse a Deos que estes taes officiaes fossem bons marinheiros! que ainda haveria por bem empregado o pão de S. Alteza nelles; pois as Galés que nunca servem, e estam varadas, por serem Navios de remo; aos seus Comitres a mesma paga se lhes faz.

*Vis.* Tudo creyo que assim he, como dizeis, que tanta fé tenho em vossa palavra; mas ahi naõ ha cousa, por má que seja, que naõ tenha huma razaõ boa, e desculpa por seu fundamento.

## CAPITULO XX.

### *Das Tercenas, e cobrimento da Armada.*

*Sold.* A Mim ninguem me póde negar, que no que digo a V. S. fallo verdade, por onde mostro por elle, que a mais da despeza de S. Alteza he morta, e sem nenhum proveito: pois que diremos d'ourro mayor descuido (*a*) passa de trinta e cinco annos, que a força do Estado da India, porque do tempo atraz, como o mais do negocio fosse o da carga da pimenta, e Armadas pelo mar de Cochim se fazia a tudo; e deste tempo que o Estado, e Armada se passou á Cidade de Goa, vejam os livros dos Contratos que se fizeraõ do cobrimento da Armada de S. Alteza, fico que se achem dez pezos mais de trinta mil pardáos, os quaes se dispendêraõ todos em cannal, e olas de palmeiras, que he para fogo a mais fina polvora que póde ser, e bem se vio no tempo do Governador Francisco Barreto no fogo que deu na Ribeira, e todos os annos se faz esta despeza; e por aqui verá V. S. como todos os que vaõ governar a terra mostram o pouco amor, e proveito que tem ao bem della, que com o que he gastado em palha, para melhor se poder queimar a Armada, fôram feitas humas tercenas de telha, em que estiveram Gallés, Caravélas, e outros Navios de remo muito novos, concertados, e seguros de todo o desastre; e se para os Galleóes grossos, e Náos (*b*) fôra trabalhoso, nelle mesmo se armava o cobrimento de telha, que por serem peças poucas naõ fôra tanto trabalho: e desta maneira naõ tiveramos o perigo na Armada, assim de nossos inimigos, como do que podia acontecer entre nós, e escusáram-se as despezas que ElRey tem da guarda da Ribeira, e as vigias do inverno da nossa gente com Capitáes, que andam a quem gastará mais vinho, fazendo da propria vigia o perigo; e porque todos vem ao olho, e confessam que

(*a*) Estava o manuscrito defeituoso neste lugar.
(*b*) Parece faltar aqui a particula *naõ*.

que se deve acudir nestas cousas, huns como chegam logo cordeam a Ribeira, e vem que tercenas cabem nella, porque parece cousa proveitosa ao Estado, e serviço de S. Alteza fazerem-se; outros tratam de fazer molhe onde os Navios estejaõ metidos, varados, e que em huma maré fiquem no mar com os vir tomar agua, onde estam para se escusarem, e estarem no mar apodrecendo, como estaõ; donde depende taõ grossa, e ordinaria despeza á fazenda de S. Alteza, e tudo isto praticado, e vistos os muitos proveitos que traz à tal obra, vem Setembro, e acabam-se os tres annos; e o tempo naõ deo lugar a mais, que a fallar, como accidente apressado, que naõ deo espaço ao paciente a mais, que a confessar-se. Oh quantos males padece o Estado da India por estes tres annos do governo, que naõ digo, e bem se saberia dizer, se quizesse, e prestasse para mais, que para estar esganiçando na trélla em cousas, que naõ cabem em minha jurisdicçaõ, nem saõ de minha profissaõ! mas porque desejo o serviço de S. Alteza, e bem do Estado da India, e que V. S. preceda a todos os passados, lhe faço lembrança, que o remedio de todas estas desventuras, a que até hoje se naõ acudio, como se pudera fazer, tem Deos nosso Senhor dado muito a nosso proposito, e como nos he necessario, se nos quizessemos aproveitar delle, como aquelle que tem de sua maõ o Estado da India para o acrescentar na conversaõ dos infiéis, e salvaçaõ das almas, por cujo amor veyo ao mundo, e padeceo morte de Cruz; e como claramente se vê, pela conversaõ dos infiéis, debaixo da doutrina dos virtuosos Padres da Companhia, Dominicos, e Franciscanos, que nesta obra santa se tem repartidos, que parece, segundo esta obra santa vai em crescimento, que se mostra Deos nosso Senhor vingativo, sendo misericordioso, e piedoso, e com ella quer envergonhar, e confundir as heresias, e más opiniões dos Lutheros, e dos que seguem sua má doutrina, mostrando-lhes, que no tempo em que elles por seus peccados se sahem do regaço da Santa Madre Igreja, e curral de Christo, em que se npre vivêraõ por herança, e por sua Fé, e dos seus passados, e leite que mamáraõ nas teras de suas mãis, arrebenta o amor, e o fervor do Senhor Deos em Gentios, e Mouros, a quem

po-

podiamos chamar com razaõ Caim, por naõ ser licito darlhe o pão dos filhos: seja elle muito louvado por taes segredos seus, que naõ está em engenho, nem entendimento humano alcançalos!

*Vis.* E em que nos tem Deos por sua bondade provído, como dizeis?

*Sold.* Em nos ter dado a Cidade, e terras de Baçaím, que por rendimento, e o melhor da India tem S. Alteza cem mil cruzados de renda, grande terra, e jurisdicçaõ abastada de todas as cousas necessarias para o bem da terra, e defensão do Estado da India; muita madeira barata, e a melhor que se póde achar em todo o mundo; muitos carpinteiros, muitos ferreiros, muitos marinheiros, muito azeite, todas as mais cousas, que fazem ao proposito da guerra, tem em si, e de redor de si, em tanta abastança, que he cousa muito de notar: mais tem, que faz ao meo proposito, em si limite, porto, defensão de rio, onde cresce tanto o enchente, e mingua tanto o vasante, que ha maré para toda a nossa Armada, por sua natureza em parte que fique varada; e com pouco trabalho se póde tapar, de maneira, que nunca mais entrem os Navios senaõ quando cumprir, em quatro marés ficarem todos no mar, como he necessario; assim que á nada terra, e das terecenas das aguas nos fazem molhes (*a*), que para a nossa Armada he necessario fazerem-se com tanto custo.

*Vis.* Pois isso está entendido como praticais; como os Viso-Reis naõ passaõ a Baçaim sua Armada, e poder, pois tantos bens, e proveitos se seguem?

*Sold.* Pois ainda mais tenho que dizer; que quando se os Governadores passados passáraõ de Cochim para Goa, foi por entenderem, que cumpria muito ás forças do Estado, e segurança delle estarem com o seu poder ao Norte de todas as Fortalezas da India, e por isso se passáraõ a Goa; porque dalli para todas as necessidades que sobreviessem, melhor, e com mais brevidade em tudo se pudesse soccorrer por razaõ dos tempos, que em todo o anno, assim no inverno como no ve-

(*a*) Este lugar, ainda depois de emendadas algumas palavras em que se via manifestamente o erro, fica inintelligivel.

veraõ ferem mais para a parte do Sul, que para o Norte, como eftá claro, e manifefto: ora fe ifto entaõ parecia jufto, proveitofo, e neceffario, quanto mais nos ferá agora, que nos tememos das Armadas, e poder do Turco, que temos ao Norte de nós, onde temos Chaul, Baçaim, Damaõ, Diu, e Ormüz, e ao Norte de agua (*a*), fendo fortalezas em que eftá toda, ou a mayor parte da força do Eftado da India, e que eftaõ fempre com a pedra na maõ todos os Setembros; e tendo o Vifo-Rey com fua Armada por vifinho, naõ tem coufa que temer; porque a todos póde foccorrer em menos dias, do que os inimigos ham mifter para efpalmar, e limpar fua Armada, e fe pôrem em fom de guerra comnofco; deixo tambem de dizer, que tendo a noffa Armada varada, como nos he proveitofo para tudo, com muito pouco gafto fe póde ter avifo das armas do Turco quando lá fe fazem preftes, e com que poder, por Mouros, e Judeos, para nos entaõ apercebermos conforme a nova.

*Vif.* Tudo iffo fe póde fazer; mas eu tenho por mais feguro, pela razaõ que me dais, paffarem-fe os Vifo-Reys com feu poder a Baçaim: e pois ifto eftá affim entendido, naõ fei que razaõ daráõ porque o naõ fizeraõ pois niffo proveitaõ tanto no que lhes cumpre?

*Sold.* Naõ o fazem; porque Goa he outra Lisboa em nobreza, e delicias, e os que ifto ham de aconfelhar, apartarem-fe de Goa fentilo-ham tanto, como apartar-fe a alma do corpo da carne, e fuftentaõ a coufa a maneira de jogo de *douxolo vivo*, e caia a má forte em quem cahir, que a effe rifco eftaõ; poftos porém os olhos nos feus intereffes mais que no bem commum.

CA-

(*a*) He como fe achava no manufcrito.

## CAPITULO XXI.

### *De sustentar Damaõ.*

*Vis.* SE essa mudança do estado de Baçaim he proveitosa a nós, eu confio em nosso Senhor, que dará vontade a S. Alteza para mandar que se faça; porque naõ faltaráõ homens zelosos de seu serviço, e do bem da terra, que lhe faraõ disso lembrança com verdade: e eu quero saber huma de vós; porque agora no Conselho de S. Alteza anda na furia se nos será cousa proveitosa, e possivel sustentar a Cidade de Damaõ com suas terras, de que o Viso-Rey D. Constantino tomou posse por virtude dada, que de tudo se faz a S. Alteza pela maneira que vistes, pois vos ouvi já dizer, que foreis presente a tudo; porque ha differentes opiniões de homens, que hũns dizem, que se deve largar, e outros sustentar; e humas, e outras razões naõ saõ taõ singulares, que se naõ possa homem affeiçoar a ambas as partes, e quero ver, qual dos bandos seguís, e a razaõ em que fundais vosso parecer.

*Sold.* Para eu dar o meu a V. S. nesta cousa, parece que houvera de ser com ouvir os que foraõ de contrario parecer do meu, para lhe conceder sua razaõ, se fôra melhor que a minha; mas assim de montaõ, pois o mais naõ pode ser, direi a V. S. o que entendo, como fiz em tudo o mais que me tem perguntado: se V. S. quer saber se podemos ter o Estado das terras de Damaõ com boa consciencia, isso pergunte a Theologos, e naõ a mym; porque lhe responderei o que disse ao Bispo de Goa D. Joaõ de Albuquerque, que era muito meu Senhor, e eu sou seu servidor, queixando-se de como as mais das cousas, que se faziaõ no Estado da India, nos naõ succediaõ bem como se esperavaõ, lhe respondi: » Sabe V. S. donde vem errarem-se as mais das cousas nesta terra? he de tomarem o conselho de mim se hiraõ saquear Ceilaõ, que como Soldado digo, que sim, pelo que pretendo de haver da preza, e tomarem conselho com V. S., se

» hire-

» hiremos a Sués queimar a Armada do Turco, que ha » de ficar em Goa, e naõ ir lá quem da guerra tem ex» periencia: » Quando se tomar nas cousas conselho com os homens, que dellas mais sabem pela experiencia que tem, fico que em poucas se erre, nem haja máos successos, se por nossos peccados os naõ mereçamos a Deos para nosso castigo, e emenda; e assim que do titulo com que possuimos Damaõ, e suas terras, naõ tratarei se he justo ou naõ; porque naõ sou Procurador delRey de Cambaia, nem delle por direito no-las ha de demandar; porque nas cousas desta qualidade está o direito da posse dellas nas Armadas; mas fallando a V. S. como Soldado da guerra, homem da India de tantos annos, certifico-lhe, que o Reyno de Cambaia entre os Reys da India he hum Imperio em grandes terras, em rendas, e em vassallos poderosos, e tirando o poder do Turco, desde que a India he dos Reys de Portugal, outra cousa naõ temos senaõ o poder del-Rey de Cambaia, ou por melhor dizer Rey de Guzarate, e este he o seu nome proprio, e nós chamamos-lhe Rey de Cambaia por razaõ da Cidade de Cambaia, que entre nós tem tanto nome por este Rey ser poderoso de gente de pé, e de cavallo, e poderoso no mar com suas Armadas, que Deos por sua bondade permittio, que o tempo desfizesse com novas guerras, e outros inimigos divisos em si mesmo, com quem tem ao presente o poder do Reyno partido em muitas partes com morte de seus Reys naturaes, e possuido por Capitães, e senhores pouco amigos huns dos outros com se conservarem, que querem ter Rey de taõ tenra idade, que o possaõ elles ser cada hum em suas terras sem sentirem superior; pelo que tanto que os Reys vem a quererem governar, lhes ordenaõ as mortes, e fazem outro qual lhes he necessario para tiranicamente possuirem o que tem; donde nasceu, que destas cousas todas, e principalmente da divisaõ entre elles, conforme as palavras do Evangelho, está todo o Reyno destruido e desolado de todas suas grandezas, e riquezas, e poder desfeito, como o foraõ outros grandes Estados, a que a fortuna naõ consentio permanecerem por muito tempo; e está a cousa por vontade de nosso Senhor, de maneira, que por nossa falta, e pouco poder naõ temos huma grande parte do

Rey-

Reyno de Cambaia, que o tempo no-lo está offerecendo: por onde eu sou de parecer, que as terras de Damaõ se devem sustentar, e fazer a Cidade forte ao menos com a Fortaleza boa, e por agora a Cidade, em quanto se mais naõ puder fazer, esteja com a a cerca de fangina, se assim se chama, porque eu naõ sou Francez para lhe saber o nome, que como Portuguez lhe chamo tranqueira de madeira, e naõ muito forte, nem defensivel; porque o sitio da Cidade de Damaõ he de arêa solta, donde veio a obra naõ ter a perfeiçaõ, que em outras partes, onde se fazem; e eu pûs aos baluartes hum nome, que lhes ficará por alguns annos, relogios de arêa; porque como a arêa corre toda para o chaõ, donde he necessario cada anno virar os baluartes, como relogios, ou com cestos tirarem-lha dos pés, e lançarem-lha pelas cabeças para ficarem entulhados: tem mais as terras de Damaõ huma cousa que serve muito, que no inverno de Maio até Setembro, e parte de Outubro nos naõ podem fazer guerra por toda a terra por ser alagadiça, e de rios estreitos, e apaúlada, aonde naõ póde entrar gente de cavallo nem de pé senaõ com muito trabalho, pois a guerra que nos fazem de veraõ naõ póde ser perigosa pelos soccorros, que teraõ de Baçaim, Chaul, e Diu, que saõ taõ vizinhos, que de Diu saõ dezoito leguas por mar, e de Baçaim vinte e tantas, e de Chaul trinta, e todo este caminho se anda em duas marés, e guerreando-nos Damaõ, e suas terras, como for algum ladraõ, logo ficaõ de guerra comnosco pelo mar, em que recebe muito mais perda por anno, do que montaõ os rendimentos de Damaõ, se pertenderem de os haver: as terras de Damaõ saõ as suas minas de madeira; tanto que foraõ nossas, claramente vemos, que enfraquecêraõ das forças do seu Reyno, pois que a ham de haver de nossa maõ; e sabe V. S. como isto he verdade, e como lhe temos a madeira da nossa maõ, e que de nenhuma parte a podem haver, que os nossos que lha levaõ á vender, fazem de hum tres em caminho de quinze e vinte leguas.

*Viſ.* Naõ he essa má Capitanía para fazer hum Capitáo rico.

*Sold.* Assim todos os Capitáes de Damaõ, he huma das melhores colheitas, que tem o Reyno de Cambaia para

ra huma Armada do Turco, donde estará muito a proposito para nos fazer guerra, e com ter todas as cousas necessarias para ella em muita abastança, e com a termos fortificado da nossa maõ, naõ lhe fica outra em todo o Reyno de Cambaia, que lhe sirva senaõ Cunhate, que esta razaõ he parte para o naõ largar, e que naõ fosse por mais, que naõ mostrar fraqueza, se devia sustentar, pois a terra dá para as despezas da gente; eu vi em todas as terras de Damaõ, estar nellas bom alojamento para Cavalleiros de Africa, dos lugares que se despejáraõ, em que estariaõ melhor empregadas as comedías, que em alguns que as tem; porque os mais delles naõ saõ homens que sirvaõ para a guerra de cavallo, porque se naõ creáraõ nella; e creyo, que se o Conde Viso-Rey, que na India esteve, as tivera visto, antes tomara estar nelle como em Arzilla, que o cargo que servio era tal, que se lhe naõ deve haver inveja delle; fico, que estando nelle com quatrocentas lanças, em pouco tempo fosse senhor de outra tanta terra, e mais renda assim do Reyno de Cambaya, como da terra d'outros Capitáes, que em favor da terra em que estaõ, por serem matos e serras, saõ senhores por si, tendo pouco poder, aos quaes tenho por cousa muito certa serem desfeitos, sabendo-lhes fazer a guerra como o Conde Viso-Rey soubera, pois nella se creou; mas como estas, e outras boas emprezas se perdem á mingua, e as mais das cousas da India se resolvem em fazenda, nas armas se faz pouco ou nada, pelo que até agora naõ sahimos com os pés d'agoa, e nenhumas razões que tenho dado, me parece que bastaõ para se soster Damaõ, senaõ naõ querer ser o que o despeje; porque assim fôraõ as terras firmes de Goa, que temos por nossas, como a propria Ilha de Goa.

*Vis.* Póde ser que o proprio tempo nos obrigará a fazer nossa cousa ao contrario, do que alguns sentem pelas razões que apontaõ.

*Sold.* Cousa he essa que acontece muitas vezes; porque, como dizem, o tempo faz, e desfaz as cousas.

CA-

## CAPÍTULO XXII.

### *De tratarem os Viso-Reys.*

*Vis.* OFferecem muitos Mercadores fazenda para levar a partido, convem a saber escarlatas, e pannos de toda a sorte, e sedas, e outras cousas em que parece que fará proveito; levalo-hei se vos parecer, que terá isto despeza lá na terra com ganho.

*Sold.* Certo está, que os Mercadores teraõ ganho com tal feitor, qual escolhem para a venda de suas fazendas; mas V. S. perderá, e naõ havia de aceitar tal negocio; porque diz o exemplo: *Tir-te lá ganho, naõ me dês perda.*

*Vis.* Porque isto naõ he moeda, que corre pela terra, e que todos fazem tomar fazendas fiadas a partido para levar, e quando o naõ fazem ainda querem seus parentes, e amigos, que lá sejaõ seus feitores.

*Sold.* Desses taes guarde Deos a V. S.! e lembre-lhe, que desta mercê que lhe fez S. Alteza, lhe tem inveja seus inimigos, e alguns de seus amigos, e que o ham de andar espiando, como o demonio fez a Christo para o mascabarem em sua pessoa, e honra; porque esta he a natureza da inveja; e o Governador Lopo Vaz de Sampayo foi Capitão Geral, e Governador da India a pezar de seus inimigos, e alguns de seus amigos; donde parece, que quem está posto em cargo se deve vigiar de seus inimigos, e amigos neste Reyno, afóra o que deve recear da gente da India, que he taõ chocalheira, que nada lhe fica por dizer; e oxalá naõ digaõ senaõ o que he! que seria menos mal; porque D. Henrique de Menezes foi deste Reyno por Capitão de Ormûz, e por Capitão de huma Náo, e levava sete ou oito mil cruzados de fazenda, da qual ao tempo, que foi eleito Governador por successaõ, a naõ tinha vendida por haver treze mezes, que chegára; mas tanto que foi Governador, mandou fechar a fazenda nas caxas em que fôra do Reyno, e mandou que nada se vendesse, e sahindo da Armada, huma velha Portugueza, que deste Reyno levára, abrio

abrio as caxas, e soalhou as fazendas ás janellas, e sendo disso sabedor quando veyo a botou fóra de casa, dizendo; que nas janellas dos Governadores naõ havia de haver outra fazenda a soalhar, senaõ armas, e Fidalgos, e Cavalleiros; por sua morte foi achada toda a fazenda comida de bicho, e taõ maltratada, que se perdeo nella, ganhou muito em sua honra, e naõ lhe foi achado em sua boceta mais que dous tostões, e tudo o mais eraõ moldes de cera, e de mantas, escadas, bancos pinchados, bateis, grandes padezes. E houve outros Governadores, que naõ sómente nunca tratáraõ; mas que naõ sabiaõ o preço da moeda da terra, que valia, como Lopo Soares. Pois D. Joaõ de Castro S. Alteza lhe mandou pagar dividas, que tinha posto á entrada da porta estas palavras: *Nunquam vidi justum derelictum, nec semen ejus quærens panem.* Nuno da Cunha deixou por verba do seu testamento, que pela hora em que estava, naõ era obrigado a Sua Alteza em restituiçaõ, mais que duas moedas de ouro grandes, e antigas, que houvera em Dio, que levára para lhe dar, e que lhàs dessem, que nunca tratára na India; pois os que o contrario fizeraõ, poucos Morgados vemos a seus filhos neste Reyno.

*Vis.* Tudo isto, que me dizeis, seria erro naõ dizer que he o bom; mas com a mudança do tempo se mudaõ as cousas: donde vem, que se os homens se agora vestissem dos trajos antigos, zombariaõ delles, por quam galante se tem o trajo da mercazota deste tempo; assim que conformar-se homem com elle he discriçaõ.

*Sold.* Ainda mal que veyo á ser o mundo taõ máo, que houve por máo trajo a virtude! e V. S. tem razaõ no que diz, porque saõ os homens taõ amigos de ter, que com verdade se póde dizer, que o interesse triumfou sempre de todas as cousas: donde vem que o Estado da India veyo a ter a natureza da corda, quanto mais se estende mais fraca fica; porque todos da Folosa até o Grou trazem metido em seu peito o rifaõ, que diz: *A tuerto y a derecho hasta al trecho*; e vai a cubiça neste Reyno de maneira, que naõ escreve de cá outra cousa á India o pay aos filhos, e o irmaõ ao irmaõ, amigo ao amigo, senaõ » Fazei por » trazer dinheiro, que o mais he vento; naõ vos en-

» ganem serviços famintos, porque por dinheiro havereis
» mercê; porque bem sabeis, que diz o exemplo,
» *quanto tienes, tanto vales*: e se dereis huma enxada-
» da na vinha delRey, dai doze na vossa » : e eu vi
carta de hum Senhor deste Reyno, que escrevia a
hum Governador, de poucas regras, e muito sentenciosa,
e entre algumas palavras lhe dizia » Senhor,
» de meu conselho, fazei por trazer dinheiro, pren-
» daõ-vos logo. » Nos tempos passados em chegando
os homens á India preguntavaõ: qual era a Fortaleza
mais fronteira, ou quaes eraõ as Armadas, em que se
mais merecia para servir nellas? mas agora vai a cubiça
em tanto crescimento, que em chegando perguntaõ:
quem se faz prestes para a China, Japaõ, para
Bengalla, para Pegú, e para Sunda? e todos se vaõ
para lá, que faz crer, que virá a ser o que dizem os
Mouros por nós: que ganhámos a India como Cavalleiros,
e a perdemos como mercadores.

## CAPITULO XXIII.

### *Do damno que a China faz ao Estado da India.*

*Vis.* ASsim tenho ouvido dizer, que na China se gasta a mayor parte da gente da India.

*Sold.* Sabe V. S. quanto? que estando Joaõ Barreto em hum porto da China, por Capitaõ mór, se achou em hum Domingo com seis centos homens ouvindo Missa, e vio virar (*a*) a pessoa que estava presente, que cento naõ estavaõ sem capas de escarlata, e depois ouvi isto a outras muitas pessoas, que de todo o fez crer, e cada vez vai a cousa em mais crescimento; porque além disso vaõ lá muitas a buscar a vida, e a morte: juntamente he hum valhacouto agora dos tocados da enfermidade da Santa Inquisiçaõ; donde daqui a poucos tempos a India será China, e já o fôra, se a gente da terra quizera ter com nosco mais mistica conversaçaõ do que tem; porque naõ querem de

(*a*) He como se achava no manuscrito, em que bem se vê que ha erro.

de nós, nem de nenhum estrangeiro mais que o commercio das fazendas, e que naõ façaõ assento na terra, e isto he o porque a India já naõ he despedida; mas cedo será, se he verdade o que dizem, que S. Alteza tem mandado Embaixador ao Rey da China assentar paz, e pedir lugar onde os Portuguezes façaõ assento governado por Capitão nosso.

*Vis.* E que proveito terá S. Alteza disso?

*Sold.* Di-lo-hei a V. S.: fazer cada tres annos hum Capitão rico de cento, ou cento e cincoenta mil cruzados, e do mais ficar pondo as linhas de sua casa, como faz em tudo; e se a cousa vier a effeito, espero que veja V. S. com os olhos ser esta huma invençaõ, que naõ a podéra o Turco buscar melhor para effeituar seus desejos, e com menos perigo commetter o Estado da India, que temos povoado, em que habitamos, e temos toda a nossa força, e a peyor terra de toda a que temos descoberta, e a mais pobre.

*Vis.* Pois parece que naõ houvera de ser isso assim; senaõ que na melhor se houvera de povoar.

*Sold.* Direi a V. S. donde isto veyo. O descobrimento da India todo foi fundado sobre a pimenta, e na terra onde se achou, logo alli pareceo bem fazer-se assento, que foi no pobre Malavar, e o que depois o tempo deo de si, foraõ algumas fortalezas, que Governadores fizeraõ em lugares, que se ganharaõ por forças de armas, como Goa, Ormûz, Dio, Baçaim, Chaul, Malaca, e outras, e em todas estas terras ha pouco mais que páo, e panno; e a China com as mais partes do Sul descobertas, naõ se sabe em tudo o que ora he descoberto na redondeza do mundo, terras taõ ricas, nem abundantes de todalas cousas; porque o que em todo o mundo se póde achar por partes, alli se achará junto, que parece que quiz Mercurio naquellas partes fazer feitoria de todas as cousas que tinha para vender; ouro, prata, cobre, estanho, ferro, todos os outros metaes, almiscar, ambar, bejoim, calumba, aguila, sandalo, cravo, pimenta mais que na India, perolas, camphora; e mais seda sahe cada anno da China, do que se achará de linho alcaneve neste Reyno, muito fertil, e abastado de toda a sorte de mantimentos, e de todas as frutas, que se podem nomear das nossas, e outras da terra; as mulheres mui-

to alvas, e formosas, vestem de seda tecida com rosas de ouro, e de prata, e prégaõ a cabeça com alfinetes, e grãos grossos de ouro; tem por parte de formosura os pés pequenos, donde vem que de mininas lhos metem em fôrmas de panno para lhes naõ crescerem; gastaõ o tempo em banquetes, em jardins, em jogos, e bailes, e outros passatempos, e os maridos ficaõ em casa servindo, e fazendo cada hum o seu serviço, e officio de que vivem, e deixaõ viver as mulheres á sua vontade por fazerem a sua, e outros máos, e enormes peccados; he terra em que se vive sem confissaõ, nem restituiçaõ, nem ha nella santa Inquisiçaõ para se saber como cada hum vive: veja V. S. quantos correráõ a ganhar estes privilegios demonios, que dá (*a*) misturados com grandes proveitos, e ganhos na mercancia para fazer aos homens esquecer a perda da alma, e dos bens da Gloria de Deos; donde vem, tanto que se os homens achaõ na China, que naõ tem alguma obrigaçaõ, dizem logo por si: *Mouro forro; espirito que vai, naõ torna: Ruins vindc-vos embora, ainda que primeiro esta palmeira dará peras, que eu lá vá.*

*Vis.* Parece que naõ sera S. Alteza na verdade informado dos inconvenientes da nossa embaxada, que tem mandada, nem do damno, que della possa resultar ao Estado da India.

*Sold.* O conselho, e informaçaõ foi dado pela senhora cubiça; e pelo author da obra, póde V. S. julgar o fim que dará; porém Deos he taõ bom, que porá da sua parte o que for mais seu santo serviço, e bem nosso, e o estorvará em tudo, se o naõ for.

CA-

(*a*) Parece que deveria ler-se *privilegios, que o demonio dá* &c.

## CAPITULO XXIV.

*Das muitas Náos que se perdem na Carreira da India.*

*Vis.* DEpois que entendo nesta minha jornada, outra cousa naõ trago na fantasia senaõ muitas Náos, que nellas saõ perdidas de annos para cá, de que este Reyno está taõ desfeito de homens, e fazendas; e o de que me maravilho he, que se tinha menos experiencia por ser no principio do descobrimento da India, e entaõ hiaõ, e vinhaõ as Náos a salvamento.

*Sold.* Nesse tempo punhaõ os homens todo o feito de sua viagem nas mãos de Deos, pelo que tinha nosso Senhor cuidado de tudo, como sempre costuma de ter, naquillo que com bom coraçaõ se lhe encommenda; mas depois que os homens, por sua experiencia, confiáraõ em seu saber, e quizeraõ esta gloria para si, succedêraõ-lhes todas as cousas nesta jornada, como obra de homens peccadores.

*Vis.* Sempre no mundo houve peccadores, e peccados, como agora.

*Sold.* He verdade, mas seriaõ menos contra o proximo; e como seja propria cousa do Senhor perdoar as offensas feitas a elle, fazia-o, favorencendo-nos em todas as cousas, naõ querendo nossa perdiçaõ, senaõ que vivessemos, e nos convertessemos; mas agora saõ os peccados dos homens tanto contra seus proximos, que alevantou Deos a mão de sua misericordia de nós, e nos castiga com muitas razaõ; por onde já naõ aproveita para as Náos irem, e virem a salvamento partirem cedo, nem bons Pilotos, nem irem bem remendadas, e apparelhadas de todo o necessario; porque vaõ, e vem taõ alastradas de peccados, que dizem, visivelmente fallam demonios nellas em suas tormentas, e trabalhos; e naõ eraõ assim no tempo passado, que nas tormentas lhes apparecia nossa Senhora, como quem sempre costumou apparecer, e ajudar aos que por ella chamam em seus trabalhos: ou porque as Náos naõ vaõ, nem vem ha tantos annos a salvamento, e he de crer

que

que será castigo de Deos por nellas irem Capitáes, e Officiaes da terra, que tudo o que trazem he da Fazenda de S. Alteza, e dos proximos mal havido; ou por virem carregadas de pimenta com emprestimos que os Governadores haviaõ dos homens, a que muitos delles faltava dinheiro para o remedio de sua vida; e aos orphãos se tomava o seu dinheiro, que com o ganho delle se sustentavaõ, e por lhes naõ pagarem a tempo deixavaõ as mulheres de serem casadas; e tomando-se o dinheiro, que estava em depósito, por justiça para se dar a cujo fosse, e depois das partes terem sentença em dez annos, que naõ eraõ pagos; e por virem nas Náos muitos homens pagos do soldo, que naõ vencêraõ, e logrando-se do suor alhêo por máos partidos; e porque nas Náos manda S. Alteza, que se embarquem primeiro as arcas, e alvitres de homens que estaõ neste Reyno chêos de muitas honras, e mercês, que os dos que vem da India chêos de muitos serviços, pondo sua vida no perigo do mar, e do trabalho da vigia da Náo: e como ham de vir Náos a salvamento da India, pois S. Alteza manda lavrar a seus vassallos cobre por mais preço, do que os Principes Mouros, que o ham de nossa mão, e o dam lavrado a seus vassallos? e a prata em que preço! que de huma mão para outra os Portuguezes entre si perdem mais de trinta por cento: e naõ se sabe hora moeda que Principe Christão, nem Mouro lavre para seu povo, que perca nella em seu Reyno, nem nos Estrangeiros, senaõ os Portuguezes da India; e oxalá sómente tivesse a perda com o seu Rey! mas já deste Reyno levam as Náos mais prata, do que antigamente levavaõ de cobre, por os mais dos mercadores se lançarem a este ganho; e o povo está padecendo tamanha perda, sem S. Alteza querer acudir a isso com justiça, estorvado do interesse que disso tem.

*Vis.* E que Governador foi o author dessa moeda?

*Sold.* Quem neste Reyno está com pouco de seu, e menos merece de S. Alteza; porque nunca ninguem quiz ganhar fazenda, nem honra á custa alhêa, que a naõ perdesse; porque Deos he justo Juiz em tudo.

*Vis.* Ora levar-me-ha Deos lá, e verei com os olhos todas essas desaventuras, a que agora mal sei responder;

e vê-

e verei como me recebe a terra; porque até agora parece, pelo que dizem, que naõ está mal recebido dos homens da India D. Antaõ Viso-Rey.

*Sold.* Eu naõ estive na India em seu tempo mais de hum anno; o que delle alcancei, e vi foi, que já deste Reyno hia Official em duas cousas; no negocio da justiça, em que o vi dar bom expediente ás partes, em seus despachos, e requerimentos, e ser nisto taõ corrente, que bem mostrava ser quem he; e outra, que as cousas de guerra praticava, e ordenava, como quem bem o sabia: mostrava ser homem de sua natureza bem acondicionado, e de boa inclinaçaõ, e repostas, e amigo dos homens.

*Vis.* Partes saõ essas com que os deve ter a todos contentes, que naõ será pequena dita, segundo os homens da India saõ máos de contentar, como me tendes dito.

*Sold.* Pouco lhe ham de aproveitar estas boas, que disse a V. S., e outras que tem, se lhe faltar naõ dar aos homens tudo o que lhe pedirem justo, ou injusto, assim da Fazenda de S. Alteza, como da sua justiça; porque como lhe isto naõ fizer, logo os terá maldizentes: e entendendo isto o Governador Nuno da Cunha, dizendo-lhe Manoel de Albuquerque: Porque queria Sua Senhoria naõ ter por ser servidor, e amigo Affonso de Faria, que ao tal tempo estava aggravado delle? respondeo-lhe: » Eu naõ tenho por inimigo, » homem de quem posso fazer amigo á custa de S. Al» teza, senaõ á minha: » assim que os Viso-Reys perdem amigos, por os naõ comprarem á custa de S. Alteza, e esta razaõ naõ basta para naõ serem cridos os homens em suas murmurações; donde vem ficarem mal com os homens por servirem a S. Alteza, e com S. Alteza por contentar aos homens.

CA-

## CAPITULO XXV.

### *Das obrigações do Viso-Rey.*

*Vis.* JA parece razaõ que vos naõ dê mais trabalho, do que até aqui dei nas cousas em que praticámos do bem do Estado da India; e sabe Deos que quizera ser comvosco, como os Officiaes das Náos, que depois de terem carregado a Náo, o batel o metem dentro tambem, pelo muito que lhes serve para a descarga; se vós o consentireis, em extremo folgára levar-vos comigo á India para minha descarga de consciencia; porque tenho por certo, que em tudo me fallais verdade.

*Sold.* Assim que me quizera V. S. encarregar do officio em sua casa, que nenhum Principe tem, que he de official, que lhe falle verdade! e naõ sei de que vem naõ haver este officio em casa dos Principes, senaõ que por ser pouco proveitoso naõ ha quem o peça, ou os Principes o naõ querem provêr, porque lhes naõ está bem a serventia delle.

*Vis.* A mentira, e o engano, he o que val mais entre os Principes neste tempo, e dahi veyo o dizer-se: naõ ha homens mais enganados, que os Principes, e Viso-Reys; mas, segundo vosso conselho, em nada poderei errar, folgarei que me aviseis da maneira que devo ter em meu officio no governo da India para ter contentes os homens della, com tanto que naõ desirva a Deos, e a S. Alteza.

*Sold.* Darei a V. S. huma regra principal, de que em todas as cousas de seu cargo, e obrigaçaõ se ha de servir por naõ errar, a qual he; que em todas as cousas que houver de ordenar, e fazer, dê sempre a Deos o primeiro lugar, para que todas as que fizer fiquem postas no seu sem contradicçaõ alguma; porque as cousas que se fazem justas, segundo Deos, ficam bem ordenadas; e pois vos Deos, e S. Alteza deraõ o officio de Pastor, de taõ alta preeminencia, que Christo nosso Senhor se prezou delle, dai-vos dias de vosso cuidado, e obras dignas de louvor, e vigiai-vos, que

vos

vos naõ tome o descuido, porque he mal superior; ponde todo o vosso intento em Deos, porque sobre tal sentimento ficaráõ vossas obras firmes, e boas: tenha V. S. muito respeito em favorecer, e honrar as Igrejas, e Templos em suas Festas, porque nas taes obras dareis ao povo exemplo de virtude, visitando em dias ordenados a Misericordia, e Hospitaes, mandando-os provêr com suas esmolas, que ainda que seja da Fazenda de S. Alteza, cumprindo o que ha por seu serviço que se faça, ficareis ganhando com Deos, e com os homens, gozando dos privilegios espirituaes, como que de vossa fazenda provesseis: nas obras de conversaõ do Infiéis mostrai muito zelo, e sêde favorecedor, porque a virtude ajudada, e favorecida nas obras santas se esforça, porque a gentilidade da India está certo que puramente se naõ converte á Fé, por só o respeito de Deos, e a salvaçaõ de suas almas, porque naõ saõ capazes de taõ alta mercê; por onde põem sempre os olhos no favor humano, e a esta fraqueza deve V. S. acudir com os honrar, e favorecer, de tal maneira, que os que se converterem á Fé fiquem contentes, e honrados, para que com melhor vontade os por converter se tornem á nossa santa Fé: no zelo da Justiça seja sempre muito inteiro, mas naõ pezado, tendo muito particular cuidado dos prezos, visitando-os com audiencias, e guardando-lhes sua justiça; executando-a nelles com misericordia, com tanto que naõ seja nos perdões muito largo, porque tambem perdoar a muitos he peyor que ser cruel; e porque neste tempo a gente da India he mais negociante, que guerreira, tenha V. S. bom expediente no despacho das partes, ainda que por isso percais o sóno; porque assim como Deos, e S. Alteza vos ordenáraõ para mandar a todos, tambem querem que ouçais a todos, e que sejais ás partes affavel, e brando em vossas obras, e palavras; porque o bom responder obra ás vezes mais com os corações do homens, que naõ o dinheiro. Sobre os Officiaes de Justiça, e Fazenda, que saõ membros vossos, sempre ponde os olhos em sua vida, e costumes, e vendo, e examinando, como se ham na serventia do seu cargo, favorecendo, honrando, e acreditando sempre os que bem servirem, castigando os que por suas fraquezas o merecerem para

ra sua emenda; porque dissimular males, e passar por elles sem castigo, he causa de haver muitos na Républica: tenha V. S. cuidado no conceito de sua Armada; porque saõ os bens que disso resultaõ ao Estado da India muitos; porque naõ o fazendo assim, com muita razaõ será notado de culpa; porque a Armada he huma das principaes forças da nossa força da India, e em que os inimigos, e amigos mais põem os olhos, e como negocio principal, nelle se deve occupar, e naõ o deixar por outro, que seja seu accessorio, alembrando-lhe que naõ faz pequena guerra a seus inimigos, quem bem olha pelo seu.

Do provimento dos almazens tenha V. S. muito particular cuidado; porque se se offerecer necessidade tenha nelles o necessario para a guerra, e defensaõ de seu Estado, pois nisso ganha, e naõ perde; porque as cousas, que se compram ordinarias, sempre saõ mais baratas, que as quê se compram em tempo de necessidade, e tambem estará seguro de naõ estarem na maõ de seus inimigos as cousas necessarias ao tempo, que as houver mister, que será grande perigo; porque dito verdadeiro he: *Quem na guerra que houver de fazer, quizer vencer, de longe se ha de aperceber.*

Naõ tire V. S. nunca do sentido os receyos, que deve de ter dos Estreitos de Sués, e Baçorá, e de suas Armadas, pois do Estado da India naõ tem outra cousa que com mais razaõ deva temer, e esteja sempre para elles prestes; porque he parte de victoria o apercebimento, e tambem os trabalhos, que saõ esperados sentem-se menos quando vem; porque o sobresalto dos inimigos, e cousas naõ esperadas, saõ as que fazem damno nas cousas em que ha descuido; o que confio em Deos, que naõ haverá em V. S., lembrando-lhe que ninguem possue Estado alheo, que com descuido tenha seguro.

Em quanto o tempo naõ estorvar a V. S. por alguma licita razaõ, nunca vire as costas ao Malavar; mas tenha sempre nelle postos os olhos; porque he gente indomavel, soberba, falsa, mentirosa, e de sua natureza he guerreira, e que nunca fazem virtude por natureza, senaõ por necessidade, naõ nos costumeis a soffrer-lhe offensas; porque saõ taes que presumiráõ, que

que procede da fraqueza nossa; o que delles haveis mister he pimenta para a carregaçaõ, a qual está visto, que sempre se houve delles mais com a lança na maõ, que com o dinheiro; e o cuidado da carga nunca seja ante V. S. o menor, pois sabe quanto nisso vai a este Reyno, e á India; tambem lhe lembro, que quem da carga se descarga he digno de louvor.

Trabalhe V. S. quanto lhe for possivel por trazer a gente de guerra contente, junta, paga, e favorecida, dando a cada hum conforme a seus serviços, e merecimento, de tal maneira, que se naõ possa dizer, que paga a huns com a justiça de outros, favorecendo no justo, e honesto as Cidades, e póvos, pois nelles estaõ certas as ajudas, e soccorros para todas as necessidades do Estado; por onde em tudo lhes deve guardar suas honras, e liberdades, que lhes deraõ VisoReys por seus serviços, e juntamente castigando os que commetterem culpas, e maleficios para em tudo ficardes acrescentado.

Aos Reys da India folgue V. S. fazer a vontade nas cousas que lhe requererem, como claramente naõ for contra o serviço de Deos, e de S. Alteza, e dissimulando algumas cousas suas, e que muito naõ for, posto que dellas receba desprazer, por naõ dar occasiaõ a sobrevirem outras mayores, que tragaõ damno; porque, como está dito, elles saõ os senhores da terra, e nós somos hospedes que vivemos delles; porque todas as cousas que nos servem para a nossa defensaõ, as havemos de haver da sua maõ. E todas as cousas que V. S. houver de fazer, assim da guerra, como da Fazenda de S. Alteza, folgue sempre de tomar nellas parecer, e conselho, dando orelhas aos velhos, que das cousas que tratar tiverem melhor experiencia; porque he taõ secreta cousa, que em tudo o conselho necessita, pois he melhor errar por elle, que acertar sem elle.

Naõ folgue V. S. com novidades; porque nunca as vi na India, que fossem proveitosas; mas sempre foraõ danosas: trabalhe por governar, e conservar o Estado quieto, pacifico, e em justiça; porque sempre foi mais louvada a conservaçaõ do ganhado, que ganhar alguma cousa de novo; porque como V. S. sabe as mais das cousas se ganhaõ acaso; mas para go-

vemalas, e conservalas he necessario arte, e saber, e conselho.

Ponha V. S. sempre os olhos nos Estrangeiros, que residem, e negoceam debayxo da sua jurisdicçaõ, e mande que lhes seja sempre feita justiça, e razaõ; porque alèm de V. S. cumprir com a sua obrigaçaõ, o proveito que isto tem he serem em suas terras pregoeiros do bem que lhes fazem, e da verdade, e da justiça que achaõ entre nós; porque cousa he necessaria aos póvos, que senhoream a muitos, o que naõ podem fazer com temor, acabalo com amor, e boas obras.

Os homens de que V. S. se houver de servir na India da Justiça, e Fazenda, sejam por elle mui escolhidos; porque vai muito do Official escolhido ao favorecido; e dos homens que forem prejudicados ao povo, e asperos de suas condiçóes vos naõ sirvais; nem affeiçoeis a praguentos, nem a lisongeiros, que saõ homens, que igualmente semeam peçonha nos coraçóes dos Principes da terra.

As cousas que V. S. levar por Regimento de Sua Alteza, que faça na India, como as naõ contradisser o tempo, ou houver para se effeituar algum justo impedimento, V. S. em tudo cumpra o Regimento de S. Alteza, e achando alguns impedimentos para o naõ cumprir, o escreverá a S. Alteza para nisso provèr o que houver por mais seu serviço, para escuzardes ficar posto no juizo de nossos inimigos de mal fez, ou bem fez; e pegue-se V. S. ao dito da velha, que diz: *Rou rou, faça-se o que ElRey mandou.* E porque em tudo naõ poderei ser taõ miudo como quizera, movido dos desejos, que tenho de servir a V. S., lembro-lhe que nas cousas que fizer na India, siga nellas o roteiro do Governador Nuno da Cunha, por quem dizia o bom Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, que quem quizesse bem governalá, pozesse os pés pelas suas passadas: e ouvi dizer ao Viso-Rey D. Affonso, que quando partira deste Reyno dissera ao Infante D. Luiz, que soubesse de S. Alteza se lhe mandava fazer alguma cousa na India em particular do seu serviço, e que lhe fôra respondido: que S. Alteza naõ queria mais delle senaõ, que lhe governasse a India, como Nuno da Cunha.

Vis.

*Vis.* E que fundio a Nuno da Conha, e seus filhos o seu bom serviço? tende-lo sabido, ou ouviste-lo dizer?

*Sold.* O que disso sei, di-lo-hei a V. S.: que S. Alteza, que está em Gloria, o mandou vir para este Reyno, e o mandou esperar ás Ilhas com huma Armada, em que mandou por Capitão hum homem seu pouco amigo, e feitura de seus inimigos, que tinha neste Reyno, o qual Capitão por ter mais honra, e mais fama, levava huma adoba de quatro ellos para lhe lançar nos pés, e outros exames por regimento, que fizesse em sua pessoa, creados, e fazendas, que estavam bem nelle se vendera o Estado da India ao Turco; e assim o mandava trazer, como malfeitor diante de seus inimigos; mas foi Deos servido o livrar de trabalhos, que naõ merecia, levando-o para si no Cabo de Boa Esperança; e naõ o achando nas Ilhas o Capitão, que o hia buscar, cuidou verdadeiramente que era fugido para França, e fez tantos exames, que mostrou bem com quam damnosa vontade o hia buscar, naõ podendo crer, que era morto, senaõ fugido; porque naõ lembrava ao innocente, que mentiras nunca fizeraõ fugir a ninguem, senaõ as maldades, que cada hum sabe tem feitas.

*Vis.* Baixo, e cruel genero de justiça faz o Rey, que permitte, e consente pôr os vassallos, que o serviraõ nas mãos de seus inimigos: e sentindo isto David dizia a Deos: » Vós, Senhor, me castigai, porém naõ » permittais ser castigado por mãos de meus inimigos: » e taõ obrigados saõ os Principes a fazer esta virtude, que se lê no Livro de Daniel, por ser este Propheta privado, e acceito a ElRey Dario, que estava posto em odio, e era muito invejado dos Satrapas, e Governadores do Reyno, os quaes por torpe, e falsa informaçaõ o accusáraõ, e foi sentenceado por elles á morte, e que fosse lançado na côva dos Leões, na qual sentença ElRey consentio com muito pezar, naõ o podendo escusar da pena por nenhuma via, temendo que se o naõ deixasse justiçar, o despojariam de ser Rey, ou matariam; porém, como bom suspirava por Deos, foi com o Santo Profeta até a boca da côva dos Leões, aonde havia de ser lançado, e lhe disse: » Porque creyo que o Deos em que tu crês te livra» rá deste perigo, entra confiado, que eu te guardarei » da

» da maõ de teus inimigos; » e metido o Profeta na côva o mandou fechar, e na porta pôz o seu sello Real para que naõ fosse aberta, crendo que mais podia Deos acabar com aquellas brutas alimarias, que naõ com a maldade dos homens, e assim aconteceo, que mandando abrir a porta ao outro dia, que parecia a todos que do Profeta naõ haveria nem ossos, foi achado vivo, e saõ por mercê de Deos, e seus inimigos ficáraõ envergonhados, e confundidos. O bom Rey Dario, Gentio, e sem fé, disse: » Senhor, ao » Profeta, que te servia metido na côva dos Leões, » ainda alli o quizeste guardar da maõ de seus inimi» gos, para que o naõ matassem quando vissem que » Leões o naõ queriam fazer: » Tomem exemplo os Reys Christãos, que fazendo justiça dos que o mal servíraõ, naõ os entreguem em poder de seus inimigos, porque he hum cruel genero de justiça, e com que semêam em seu Reyno odios de geraçaõ a geraçaõ, de que se segue grandes males, e pouco serviço a Deos.

*Sold.* Parece que adivinhava o Governador Nuno da Cunha de seus trabalhos, e quam mal agradecidos lhe haviam de ser os seus serviços pelo seu Rey, e da terra, a que tantos, e taõ bons tinha feito; porque estando para morrer no mar, lhe foi perguntado pelos seus, se queria que o trouxessem a este Reyno, para que seus ossos fossem postos no lugar em que ordenasse; respondeu que o lançassem ao mar com duas camaras de Falcaõ atadas nelle, para que o levassem ao fundo, e que as pagassem a S. Alteza, que naõ queria que seus ossos fossem levados a Portugal, dizendo as palavras, que aquelle grá Capitão disse pela Cidade de Roma: *O ingrata patria, non possidebis ossa mea.*

*Vis.* Já parece razaõ que vos recolhais; e por amor de mim, que antes da minha partida me venhais visitar algumas vezes; porque sempre haverá cousas, que folgue de praticar com vosco, e de agora começarei a pôr-me nos trabalhos do apercebimento da minha jornada, que quererá Deos, que seja boa, e prospera, e me levará a Goa a salvamento, para ver com os olhos o muito, que dizem da nobreza della.

*Sold.* Naõ diraõ tanto a V. S., que mais naõ seja; porque a Cidade de Goa, tirando esta de Lisboa, naõ

naõ tem S. Alteza outra como ella, nobre, e rica por fazendas, tratos, e rendimentos, e forte por armas, e Armadas, povoada de muitos Fidalgos, Cavalleiros, e Cidadãos, e gente limpa, usados na guerra, e de tal maneira de pequenos serviços; e em taõ pouco tempo está posta em tamanha grandeza, e populosa, que claramente nos mostra Deos nosso Senhor, que he elle o Autor desta obra, e muito mayor fôra com sua ajuda, se logo no principio do descobrimento da India se fizera tanto fundamento de se povoar a terra; porque se se naõ defendera, como se defendeo, que naõ fossem mulheres á India, e com tanto rigor, que eu vi o Conde Almirante mandar açoutar em Goa públicamente doze mulheres Portuguezas moças, e de bom parecer por se embarcarem na sua Armada contra sua defeza, sem lhes valer serem algumas cazadas com os homens, que as levavaõ; mas em poucos dias teve Deos cuidado de castigar a sem razaõ, que lhes foi feita: donde veyo por falta de mulheres naquelle primeiro tempo cazarem os homens com as naturaes da terra, e em parte está povoada da geraçaõ Portugueza, como em todo pudera estar. Houve mais outro inconveniente para naõ ser Goa muito mais nobre do que he, cuidarem os homens, que perdiam com seu Rey as mercês, que lhe mereciam por seus serviços, por se cazarem na India, havendo de ser pelo contrario, que por cazarem, e fazerem assento na terra, houvera de ser occasiaõ para com melhor vontade Sua Alteza lhes fazer mercês conforme os seus serviços, e qualidades; porque para os trabalhos, que ao Estado da India sobreviessem, melhor os terá na terra honrados, e ricos com as obrigações de suas mulheres, e filhos, que naõ postos neste Reyno em quintas, logrando o que trouxeraõ da India, e houveraõ de mercês, que lhes foraõ feitas com pedirem de novo outras.

*Vis.* Já agorá se naõ estranha cá serem homens Fidalgos, e de preço na India; porque ha cazamentos nobres por honra, e por fazenda, o que naõ havia lugar no principio do descobrimento da terra; por onde os que já agora nella fizerem assento naõ devem perder nada com os homens, e com seu Rey.

*Sold.*

*Sold.* Nosso Senhor ajude, e favoreça a V. S. em todas as suas cousas, como seus servidores dezejamos.

*Vis.* E a vós tenha em sua guarda, e dê vida para seu serviço. Amen.

FIM.

# CATALOGO

*Das obras já impressas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e dos preços, por que cada huma dellas se vende brochada.*

---

O mesmo para o anno de 1791, 1. vol. 4. - - 360

XI. Paschalis Josephi Mellii Freirii Institutionum Juris Civilis Lusitani Liber primus de Jure Publico, jussu Acad. in lucem editus, 1. vol. 4. - 480

XII. Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Industria em Portugal, e suas Conquistas, 1. vol. 4. - - - - 800

XIII. Collecçaõ de Livros ineditos de Historia Portugueza, dos Reinados dos Senhores Reys Dom Joaõ I., D. Duarte, D. Affonso V., e Dom Joaõ II., 1. vol. fol. - - - - - - - - - - - - 1800

XIV. Avisos interessantes sobre as mortes apparentes. - - - - - - - - - - - - - - - - - gr.

XV. Tratado de Educaçaõ Fysica para uso da Naçaõ Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco de Mello Franco, Correspondente da mesma Sociedade. - - - - - - - - - - - - - - 360

XVI. Documentos Arabicos da Historia Portugueza, copiados dos originaes da Torre do Tombo com permissaõ de Sua Magestade, e vertidos em Portuguez por ordem da Academia, pelo seu Correspondente Fr. Joaõ de Sousa. - - - - 480

XVII. Observaçoẽs sobre as principaes causas da decadencia dos Portuguezes na Asia, escritas por Diogo de Couto em fórma de Dialogo, com o titulo de Soldado Pratico; publicadas de ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa, por Antonio Caetano do Amaral, Socio Effectivo da mesma - - - - - - - - - - - - - - - - - 480

XVIII. Flora Cochinchinensis: sistens Plantas in Regno Cochinchina nascentes. Quibus accedunt aliæ observatæ in Sinensi Imperio, Africâ Orientali, Indiæque locis variis. Labore, ac studio Joannis de Loureiro Regiæ Scientiarum Academiæ Ulyssiponensis Socii: Jussu Academ. R. Scient. in lucem edita. 2. vol. in 4.° maior. - - - - 2400

*Estaõ debaixo do prélo as seguintes.*

Actas, e Memorias da Academia Real das Sciencias, 1. vol. - - - - - - - -

Memo-

Memorias Economicas da mesma; 2.° vol.
Taboadas Perpetuas Astronomicas para uso da Navegaçaõ Portugueza.
Obras ineditas Poeticas de Pedro de Andrade Caminha.
Collecçaõ de Livros ineditos de Historia Portugueza, dos Reinados dos Senhores Reis D. Joaõ I., Dom Duarte, D. Affonso V., e D. Joaõ II., 2°. vol.
Tratado de Educaçaõ Fysica para uso da Naçaõ Portugueza, por Francisco José de Almeida, Correspondente da Academia.
Diccionario da lingoa Portugueza.
Synopsis Chronologica de Subsidios, ainda os mais raros, para a Historia, e Estudo critico da Legislaçaõ Portugueza, por José Anastasio de Figueiredo, Correspondente da Academia.

*Está para imprimir-se.*

Paschalis Josephi Mellii Freirii, Inst. Juris Civilis Lusitani, Lib. secundus.

---

*Vendem-se em Lisboa nas logeas de Borel, e de Bertrand, e na da Gazeta; e em Coimbra tambem pelos mesmos preços.*